

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

VAGNER DE SOUZA RODRIGUES

**RELIGIOSIDADES NOS CORPOS? ESTUDO DE IMAGENS E
SÍMBOLOS RELIGIOSOS NAS TATUAGENS DE ADOLESCENTES
DA FASE DE NOVO HAMBURGO**

São Leopoldo

2023

VAGNER DE SOUZA RODRIGUES

**RELIGIOSIDADES NOS CORPOS? ESTUDO DE IMAGENS E
SÍMBOLOS RELIGIOSOS NAS TATUAGENS DE ADOLESCENTES
DA FASE DE NOVO HAMBURGO**

Tese de Doutorado
Para a obtenção do grau de
Doutor em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática
Linha de Pesquisa: Práxis teológica e
espiritualidade em comunidades de fé e
sociedade

Pessoa Orientadora: Dr. Iuri Andréas Reblin

São Leopoldo

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R696r Rodrigues, Vagner de Souza
Religiosidades nos corpos? Estudo de imagens e símbolos religiosos nas tatuagens de adolescentes da fase de Novo Hamburgo / Vagner de Souza Rodrigues; orientador Iuri Andréas Reblin. – São Leopoldo : EST/PPG, 2023.
214 p. ; 31 cm

Tese (doutorado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo, 2023.

1. Religiosidade. 2. Adolescência. 3. Tatuagem: imagens e símbolos. I. Reblin, Iuri Andréas, orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

VAGNER DE SOUZA RODRIGUES

**RELIGIOSIDADES NOS CORPOS? ESTUDO DE IMAGENS E SÍMBOLOS
RELIGIOSOS NAS TATUAGENS DE ADOLESCENTES DA FASE DE NOVO
HAMBURGO**

Tese de Doutorado
Para a obtenção do grau de Doutor em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia, Religião e
Linguagens

Data de Aprovação: 14 de março de 2024

PROF. DR. IURI ANDRÉAS REBLIN (PRESIDENTE)
Assinado digitalmente

PROF. DR. ONEIDE BOBSIN (EST)
Assinado digitalmente

PROF. DR. CHARLES KLEMZ (EST)
Assinado digitalmente

PROF.^a DR.^a KATHLEN LUANA DE OLIVEIRA (IFRS)
Docente visitante

PROF. DR. RENATO FERREIRA MACHADO (DOM BOSCO)
Docente visitante

Assinado
digitalmente por:
Iuri Andréas Reblin
Data: 09/04/2024
20:50:23 -03:00



Assinado
digitalmente por:
Oneide Bobsin
Data: 10/04/2024
11:16:53 -03:00



Assinado
digitalmente por:
Charles Klemz
Data: 10/04/2024
17:46:02 -03:00



Dedico ao Senhor - que é Pai, Filho e Espírito Santo - por ter me dado graças de chegar até aqui com sapiência, alegria e saúde! Dedico a minha namorada e esposa Nina Gabriela, e aos meus filhos Heitor e Samuel, que acompanharam minha trajetória com paciência e amorosidade. Dedico a Faculdades EST, que apostou e confiou na minha capacidade. Dedico a todos e todas que, de alguma forma, me apoiaram e me ajudaram.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e a minha família (minha esposa Nina, meus filhos Heitor e Samuel); ao meu orientador professor Dr. Iuri Reblin, pela orientação e pelo olhar cirúrgico na pesquisa; ao meu amigo e colega professor Dr. Charles Klemz, que me ajudou bastante com referências, formatação e dicas durante o processo; e ao meu Diretor Dr. José Silon Ferreira, pela compreensão e olhar sensível, me concedendo tempo para me dedicar à pesquisa.

Meu muito obrigado!

*A miséria é a pior forma de violência e a
ignorância é a pior forma de miséria.*

Flávio Sholles

RESUMO

O tema da pesquisa trata de um estudo das religiosidades apresentadas nas tatuagens dos corpos dos adolescentes da Fase de Novo Hamburgo, através de imagens e símbolos religiosos. Através de uma pesquisa bibliográfica e de campo (social), foram aplicados questionários a um universo de quarenta adolescentes. Dos quarenta, dez eram sem tatuagens, respondendo o porquê de não terem uma tatuagem. Os trinta restantes responderam perguntas sobre suas tatuagens e suas religiosidades, constituindo gráficos com dados (estatística básica) não quantitativos. Durante a aplicação dos questionários, foram selecionados cinco adolescentes dos trinta tatuados, para uma entrevista semiestruturada a partir de tópicos semiestruturados. O resultado das entrevistas foi gravado em áudio e digitalizado como ferramenta metodológica para a pesquisa. Além disso, houve registro em diário de campo durante as seis visitas na Fase de Novo Hamburgo – quando auxiliou na constituição da descrição etnográfica densa, do primeiro capítulo. Os dados foram utilizados nos três capítulos, ou seja, os gráficos, o diário de campo e a gravação das entrevistas. Apenas as fotos das tatuagens coletadas durante as entrevistas foram utilizadas apenas no segundo e terceiro capítulos. Os principais autores utilizados foram Clifford Geertz (cultura e religião), Erik Erikson (adolescência e desenvolvimento humano), José Bittencourt Filho e Adilson Schultz (religiosidade e religiosidade popular), Silvana Jeha (Tatuagem) e Mircea Eliade e José Maria Mardones (imagens e símbolos). Quanto aos achados, as tatuagens como um todo, apresentam as relações socioculturais dos adolescentes divididas em quatro categorias, relacionadas a um estilo de vida. Ou seja, as tatuagens que expressam *elementos considerados sagrados e/ou religiosos para eles*; as que fazem parte do *cotidiano* - relacionadas ao lazer, mas também com momentos de reflexão e busca de sentido; as que demonstram um alvo, como *um sonho de vida* – que neste caso é ter muito dinheiro; e os *obstáculos ou inimigos* que ameaçam o alcance de tais objetivos, ou seja, o Estado, representado pela polícia. Além disso, pôde-se perceber que há uma *imitação simbólico-cultural*, quando se toma emprestado a imagem e símbolo do outro; Da mesma forma, o compartilhamento de memórias em comum cria e fortalece o senso de pertencimento comunitário, o que faz com que não só estes indivíduos que estiveram longe de seus lares possam ainda se sentir parte daquele núcleo social, mas também cria um novo laço comunitário entre eles. Quanto às religiosidades e tatuagens, as abordagens e contatos com os adolescentes permitiram um mapeamento e uma percepção das religiões que se dizem vinculados, as quais estão relacionadas à matriz religiosa brasileira e à religiosidade popular. As demais tatuagens, estão associadas a questões culturais, representadas pela cultura de massa e/ou cultura pop.

Palavras-chave: Adolescência, Religiosidade, Tatuagem.

ABSTRACT

The research theme deals with a study of the religiosities presented in the tattoos on the bodies of teenagers from the Novo Hamburgo Foundation for Socio-Educational Service - FASE, through religious images and symbols. Through bibliographical and field (social) research, questionnaires were administered to a universe of forty adolescents. Of the forty, ten were without tattoos, answering why they didn't have a tattoo. The remaining thirty answered questions about their tattoos and their religiosity, creating graphs with non-quantitative data (basic statistics). During the application of the questionnaires, five teenagers out of the thirty with tattoos were selected for a semi-structured interview based on semi-structured topics. The results of the interviews were audio recorded and digitalized as a methodological tool for research. In addition, there was a field diary recorded during the six visits in the Novo Hamburgo FASE – which helped to create the dense ethnographic description of the first chapter. The data were used in the three chapters, that is, the graphs, the field diary and the recording of the interviews. Only the photos of tattoos collected during the interviews were used only in the second and third chapters. The main authors used were Clifford Geertz (culture and religion), Erik Erikson (adolescence and human development), José Bittencourt Filho and Adilson Schultz (religiosity and popular religiosity), Silvana Jeha (Tattoo) and Mircea Eliade and José Maria Mardones (images and symbols). As for the findings, the tattoos as a whole present the sociocultural relationships of adolescents divided into four categories, related to a lifestyle. In other words, tattoos that express elements considered sacred and/or religious to them; those that are part of everyday life - related to leisure, but also with moments of reflection and search for meaning; those that demonstrate a goal, such as a life dream – which in this case is to have a lot of money; and the obstacles or enemies that threaten the achievement of such objectives, that is, the State, represented by the police. Furthermore, it could be seen that there is a symbolic-cultural imitation, when the image and symbol of another is borrowed; Likewise, sharing common memories creates and strengthens the sense of community belonging, which means that not only can these individuals who have been far from their homes still feel part of that social nucleus, but it also creates a new community bond between them. As for religiosity and tattoos, the approaches and contacts with teenagers allowed a mapping and perception of the religions that are said to be linked, which are related to the Brazilian religious matrix and popular religiosity. The other tattoos are associated with cultural issues, represented by mass culture and/or pop culture.

Keywords: Adolescence, Religiosity, Tattoo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Irmãos metralha em um dos adolescentes tatuados.....	85
Figura 2 - Tatuagem sobre família	92
Figura 3 - Tatuagem sobre família	92
Figura 4 - Tatuagem sobre família (afeto)	93
Figura 5 - Padrasto com tatuagens religiosas sobre fé e família que cometeu crimes contra a própria família.....	111
Figura 6 - Relatos sobre os crimes do padrasto com tatuagem de "fé" e "Família".	112
Figura 7 Australiana que tatuou rosto de Serial Killer	114
Figura 8 - Outro ângulo da australiana que tatuou rosto de Serial Killer	115
Figura 9 - Melhor ângulo do rosto da Tatuagem de Serial Kiler da australiana Britnee.	117
Figura 10 - Jovem Elton com a tatuagem da Nossa senhora.....	161
Figura 11 - Diamante com coroa representando homenagem (afeto) aos pais.....	163
Figura 12 - A mão com o terço e o pombo representando o Espírito Santo.....	163
Figura 13 - Tatuagem da cruz junto do terço.....	164
Figura 14 - Coruja (sabedoria) e Cruz.....	165
Figura 15 - Frase religiosa e a cruz.....	167
Figura 16 - Frase religiosa e a cruz.....	167
Figura 17 - Anjo com saco de dinheiro e metralhadora	169
Figura 18 - Pentagrama ou signo de Salomão	174
Figura 19 - Olho de Hórus	174
Figura 20 - Pentagrama místico	176
Figura 21 - Pentagrama satânico invertido (com o Bode)	178

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - O que simboliza para os adolescentes suas tatuagens.....	77
Gráfico 2 - As tatuagens dos adolescentes da Fase de Novo Hamburgo	83
Gráfico 3 - O porquê de resolverem ter uma tatuagem	95
Gráfico 4 - O porquê de não ter uma tatuagem.....	98
Gráfico 5 - Considerações livres e subjetivas sobre tatuagens	99
Gráfico 6 - O que os adolescentes tatuados julgam ter relação suas tatuagens.....	107
Gráfico 7 - Resumo das tatuagens encontradas envolvendo religiosidades e espiritualidades	109
Gráfico 8 - Análise do que os adolescentes julgam suas tatuagens terem relação.	110
Gráfico 9 - As religiões dos adolescentes	140
Gráfico 10 - A rotina familiar envolvendo a questão espiritual e religiosa dos adolescentes da Fase	144
Gráfico 11 - Rotina familiar envolvendo a religião	145
Gráfico 12 - Aquilo que consideram como Deus e Sagrado.....	159

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	21
2	DESCRIÇÃO ETNOGRÁFICA DENSA	25
2.1	INTRODUÇÃO.....	25
2.2	AS VISITAS, CONTEXTOS, DESAFIOS, JORNADA	26
2.2.1	A primeira visita	26
2.2.2	A segunda visita	36
2.2.3	A terceira visita.....	47
2.2.4	A quarta visita.....	63
2.2.5	A quinta visita.....	65
2.2.6	A sexta visita	67
2.3	RESUMO DO CAPÍTULO	68
3	IMAGENS, SÍMBOLOS E TATUAGENS	71
3.1	INTRODUÇÃO.....	71
3.2	PANORAMA SOBRE AS TATUAGENS.....	71
3.3	IMAGENS E SÍMBOLOS.....	76
3.4	OS ACHADOS (TATUAGENS) NA FASE DE NOVO HAMBURGO	83
3.5	O SUBTERRÂNEO DA TATUAGEM	100
3.5.1	O Inconsciente da Tatuagem.....	104
3.6	RESUMO DO CAPÍTULO	117
4	ADOLESCÊNCIA E RELIGIOSIDADE	123
4.1	INTRODUÇÃO.....	123
4.2	O CAMINHO DA DESIGUALDADE SOCIAL.....	123
4.3	INFÂNCIA, ADOLESCÊNCIA E CONTEXTO SOCIAL	131
4.3.1	A infância e o contexto social	132
4.3.2	A Adolescência e o contexto social.....	136
4.4	RELIGIOSIDADE E TATUAGEM	140
4.4.1	Religiosidade Popular.....	153
4.4.2	Religiosidades nas tatuagens dos entrevistados	160
4.5	RESUMO DO CAPÍTULO	180
5	CONCLUSÃO	189
	REFERÊNCIAS.....	201

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo investiga quais religiosidades são apresentadas nas tatuagens dos corpos dos adolescentes da Fase de Novo Hamburgo, através de imagens e símbolos religiosos.

Inicialmente, foram aplicados questionários a um universo de quarenta *adolescentes e jovens*¹ entre 13 e 20 anos. Dos quarenta adolescentes, dez foram os sem tatuagem alguma; e entre dez a trinta com quaisquer tatuagens, para uma seleção de cinco adolescentes com tatuagens com imagens e símbolos religiosos. O critério de exclusão ficou em 5 adolescentes com tatuagens que tenham imagens e símbolos religiosos – ficando isso como essencial para a entrevista semiestruturada. Entre os trinta adolescentes foi possível selecionar as cinco tatuagens com imagens e símbolos religiosos.

Após a aplicação dos questionários, foram identificados cinco adolescentes os quais foram convidados a participar da pesquisa, tendo como critério o impacto da imagem ou símbolo religioso tatuado em seus corpos. Através de uma pesquisa bibliográfica e de campo (social), foi feita uma observação participante e entrevista semiestruturada a partir de tópicos semiestruturados, onde foram registrados em diário de campo e durante a gravação das entrevistas, os achados durante a permanência e convívio com os 5 adolescentes participantes (sujeitos) da pesquisa.

Após a coleta de dados, os resultados foram organizados em gráficos, apresentando amostragem e análise através de uma estatística básica (não quantitativa), com porcentagem de resultados acerca do entendimento geral dos adolescentes sobre o porquê daqueles símbolos em seus corpos. Da mesma forma, pensando em atingir objetivos mais específicos dentro deste foco geral, a pesquisa, primeiro, visa compreender o significado de imagens e símbolos religiosos nas tatuagens dos adolescentes da Fase de Novo Hamburgo; segundo, identificar qual o significado dessas tatuagens para os adolescentes internos; terceiro, investigar entre os não tatuados o porquê de não ter uma tatuagem; e por último, analisar as imagens e os símbolos religiosos das tatuagens dos adolescentes, fazendo uma reflexão

¹ Todos do sexo masculino.

paralela com o contexto social e religioso dos mesmos, bem como das suas relações de parentesco.

Os riscos foram mínimos, podendo haver uma possível exposição emocional ou psicológica – que, aparentemente, não houve, já que se teve todo um cuidado para que não houvesse riscos, como a *exposição da identidade dos adolescentes*² participantes, conforme recomenda a Resolução 466 e 510.

As motivações iniciais eram de cunho pessoal, pelo fato de trabalhar na FASE de Novo Hamburgo (RS-Brasil), como professor de História, entre 2009 e 2011 (depois novamente em 2018 e 2019) e como Agente Socioeducador entre 2012 e 2013. Mais especificamente, a inquietação ocorreu a partir da percepção de tantas tatuagens envolvendo imagens e símbolos religiosos nos corpos daqueles adolescentes e, ao mesmo tempo, uma curiosidade a respeito daquelas marcas nos corpos, aparentemente, contraditórias às suas práticas sociais. Posteriormente, durante o início dos estudos de doutoramento, pôde-se perceber que este trabalho poderia contribuir às demais pesquisas acadêmicas e na formulação de possíveis Políticas Públicas futuras. Além disso, a relevância social da pesquisa poderia agregar valores ao Estado de Arte que envolve a temática, podendo apresentar como são as religiosidades de adolescentes reclusos, vulneráveis socialmente, deste tempo – apontando suas humanidades, convicções e fragilidades, presentes em todo ser humano. Quer dizer, além de analisar a religião como um sistema cultural,³ é importante compreender a dimensão do processo social, da construção social envolvendo o conhecimento, as ideias e crenças destes adolescentes os quais fazem parte de uma parcela da realidade, como um produto da vida humana.⁴

Assim, o primeiro capítulo contempla uma *descrição etnográfica densa*⁵, relatando as observações em campo, através do que foi registrado em diário de

² Tanto adolescentes como funcionários receberam nomes fictícios.

³ GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989, p. 101-142.

⁴ SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo : Brasiliense, 2006. - - (Coleção primeiros passos; 110) 12ª reimpr. da 16ª. ed. de 1996. p. 23, 44-45.

⁵ Ferreira se utiliza de Geertz (2008), para afirmar que “a descrição densa, no estudo etnográfico, se dá através da observação, análise e estudo denso de estruturas superpostas de inferências e implicações, onde o etnógrafo constrói e reconstrói seu caminho.” (FERREIRA, Jessica Kelly Sousa. **Estudo do tipo etnográfico e tecnologias: descrição densa de aulas como o uso de dispositivos móveis e facebook no ensino médio**. Universidade Estadual da Paraíba. IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB, 2014, p. 02. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enid/2014/Modalidade_1datahora_04_11_2014_19_47_15_idinscrito_434_46fe4e560dac404d9b19e2d561246cc3.pdf. Acesso em: 04 abr. 2024).

campo, questionários e entrevistas, entre novembro de 2022 e abril de 2023 – além de duas visitas (uma em julho e outra em setembro de 2023) do dia da família – totalizando seis visitas as quais foi possível, além de observar, questionar, entrevistar e conversar com pessoas do contexto interno da FASE.

Em duas dessas seis visitas, ocorreu uma breve fala sobre família, desenvolvimento humano e identidade, a partir de um convite da Escola Bento Gonçalves – situada no interior da FASE de Novo Hamburgo. Esses dias são considerados especiais, intitulados “dia da família”, quando os adolescentes recebem as visitas dos familiares, realizam apresentações e, por último, além de terem um tempo para conversar com suas famílias, realizam uma refeição juntos (almoço), preparada pelas professoras da escola Bento Gonçalves.

A Fase de Novo Hamburgo é uma casa de internação cercada por uma grande muralha, localizada na Av. Intermunicipal, dentro do bairro Canudos. Os guardas (Policiais Militares), caminham sobre a muralha armados; e pelo que se pôde observar, o funcionamento ocorre 24h, com aproximadamente 45 funcionários por turno, envolvendo equipe técnica, agentes socioeducadores, professores e demais servidores.

O segundo capítulo trata das tatuagens, imagens e símbolos encontrados em campo, ou seja, os achados no geral, envolvendo todos os adolescentes participantes da pesquisa (através de fotos e gráficos constituídos a partir dos objetivos da pesquisa), dialogando com o estado de arte sobre a temática. Durante a pesquisa, além da aplicação do questionário, foram tiradas fotos das tatuagens mais interessantes dos adolescentes da Fase de Novo Hamburgo e – posteriormente, foram selecionados os cinco adolescentes que serão tratados no terceiro capítulo.

O capítulo inicia com um breve panorama sobre as tatuagens, apresentando parte da história das tatuagens e o trânsito de representação das marcas corporais. Posteriormente, trata das imagens e símbolos dialogando com os achados em campo. Quer dizer, tais achados também dialogam com o conceito subterrâneo vinculado à religião e ao inconsciente das tatuagens, constituindo-se os conceitos subterrâneo das tatuagens e subterrâneo religioso das tatuagens.

O terceiro capítulo trata da adolescência e religiosidade. Como o eixo de investigação abarca um estudo das imagens e símbolos religiosos nas tatuagens dos adolescentes da Fase, é importante uma reflexão não só sobre adolescência, mas

algumas aproximações da realidade social de adolescentes que, por motivos diversos, acabam internados na Fase.

Por isso, tratar de temas e conceitos como a *desigualdade social* envolvendo as *armadilhas da pobreza* e o *darwinismo social* são importantes. Além disso, estudar a transição da fase da infância para a adolescência, incluindo questões relacionadas à influência do contexto social e da constituição da personalidade, tornam-se necessárias.

Quanto à religiosidade, o terceiro capítulo se propõe a estabelecer um diálogo entre o conceito e os dados coletados em campo (gráficos que constituíram parte dos objetivos e as tatuagens dos cinco adolescentes entrevistados). Da mesma forma, além de sondar a percepção dos adolescentes em questão sobre as religiosidades em suas tatuagens – com parte da descrição etnográfica do primeiro capítulo – o terceiro capítulo dialoga com uma parcela do estado de arte sobre religiosidade (religião e religiosidade popular).

2 DESCRIÇÃO ETNOGRÁFICA DENSA

2.1 INTRODUÇÃO

A primeira vez que resolvi pensar em uma pesquisa social envolvendo tatuagens foi em 2018, durante os estudos do mestrado. A ideia inicial era a produção de um artigo científico; mas como havia a necessidade das minhas inquietações de investigação, necessariamente, terem que passar pelo crivo do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), achei melhor desenvolver um projeto para o doutorado, em 2020.

As motivações iniciais eram de cunho pessoal, pelo fato de trabalhar na FASE de Novo Hamburgo (RS-Brasil), como professor de História, entre 2009 e 2011 (depois novamente em 2018 e 2019) e como Agente Socioeducador entre 2012 e 2013. Mais especificamente, fiquei inquietado com tantas tatuagens envolvendo imagens e símbolos religiosos nos corpos daqueles adolescentes e, ao mesmo tempo, curioso a respeito daquelas marcas nos corpos, aparentemente, contraditórias às suas práticas sociais. Posteriormente, quando iniciei os estudos de doutoramento, percebi que este trabalho poderia contribuir às demais pesquisas acadêmicas e na formulação de possíveis Políticas Públicas futuras.

Além disso, pensei que a relevância social da pesquisa poderia agregar valores ao Estado de Arte que envolve a temática, podendo apresentar como são as religiosidades de adolescentes reclusos, vulneráveis socialmente, deste tempo – apontando suas humanidades, convicções e fragilidades, presentes em todo ser humano. Quer dizer, além de analisar a religião como um sistema cultural,⁶ achei que seria importante compreender a dimensão do processo social, da construção social envolvendo o conhecimento, as ideias e crenças destes adolescentes os quais fazem parte de uma parcela da realidade, como um produto da vida humana.⁷

Assim, durante o capítulo estarei relatando minhas observações em campo, através do que registrei em caderno de campo e entrevistas, entre novembro de 2022 e abril de 2023 – além de duas visitas (uma em julho e outra em setembro de 2023) do dia da família – totalizando seis visitas as quais tive a oportunidade, além de

⁶ GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989, p. 101-142.

⁷ SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo : Brasiliense, 2006. - - (Coleção primeiros passos; 110) 12ª reimpr. da 16ª. ed. de 1996. p. 23, 44-45.

observar, questionar, entrevistar e conversar com pessoas do contexto interno da FASE.

Em duas dessas seis visitas, tive a oportunidade de fazer uma breve fala sobre família, desenvolvimento humano e identidade, a partir de um convite da Escola Bento Gonçalves – situada no interior da FASE de Novo Hamburgo. Esses dias são considerados especiais, intitulados “dia da família”, quando os adolescentes recebem as visitas dos familiares, realizam apresentações e, por último, além de terem um tempo para conversar com suas famílias, realizam uma refeição juntos (almoço), preparada pelas professoras da escola Bento Gonçalves.

A Fase de Novo Hamburgo é uma casa de internação cercada por uma grande muralha, localizada na Av. Intermunicipal, dentro do bairro Canudos. Os guardas (Policiais Militares), caminham sobre a muralha armados; e pelo que se pôde observar, o funcionamento ocorre 24h, com aproximadamente 45 funcionários por turno, envolvendo equipe técnica, agentes socioeducadores, professores e demais servidores.

2.2 AS VISITAS, CONTEXTOS, DESAFIOS, JORNADA

2.2. 1 A primeira visita

Os adolescentes da Fase de Novo Hamburgo pertencem a contextos diversos do vale dos sinos. Mas são pessoas, de modo geral, de famílias de baixa renda e com contextos familiares fragmentados e complexos, que abarcam uma série de desafios em comunidades periféricas, com histórias que envolvem escassez de recursos financeiros e humanos.

Quando cheguei na Fase para iniciar a pesquisa⁸, já havia passado por toda a burocracia documental que me permitiu acessar a instituição e ter contato com os adolescentes. Mas o clima de vigilância sempre esteve presente, não só pela equipe técnica, mas pelos agentes socioeducadores. É como se eu fosse extrapolar alguma fronteira delicada. Cuidavam onde eu iria estar e o que eu perguntava aos adolescentes, mesmo me conhecendo como ex-professor da escola e como ex-agente socioeducador.

⁸ O dia em questão foi 10/11/2022.

O clima, inicialmente, foi tenso. Entrar naquela muralha e o bater das grades a cada espaço que eu avançava, sem saber como estavam os ânimos dos adolescentes, gerou-me um desconforto – que, aos poucos, foi diminuindo. Foi passando um filme na minha cabeça, de quando lecionei na instituição e de quando trabalhei como agente. Ou seja, há no ar sempre um desconforto psicológico; uma sensação de que aquele lugar é uma “panela de pressão” ou um vulcão que pode explodir a qualquer momento.

Quando cheguei, fui recebido pelos guardas – um rapaz da faixa dos trinta anos e outro na faixa dos quarenta, ambos com um semblante cansado, como de alguém que não dormiu direito, talvez por conta do plantão noturno. Tive que aguardá-los falarem com o chefe de equipe dos agentes socioeducadores pelo rádio. Nunca vou esquecer o guarda se referindo a minha pessoa pelo rádio: “- *Tem um cara que se diz pesquisador aqui... -Ele disse que vocês já estão sabendo...! -Sim! -Um grandão barbudo.*” E eu fiz de conta que não escutei, aguardando na entrada. Logo chegou o chefe de equipe e me perguntou se eu já havia agendado com a equipe técnica. Eu respondi que sim, com a técnica Fabiana, mas que eu iria iniciar o trabalho pela escola. O chefe de Equipe Rafael me informou que a técnica ainda não havia chegado, me encaminhando até a escola.

Quando cheguei na escola, percebi que a aula estava acontecendo. A Escola Bento Gonçalves é pequena em espaço físico, mas muito bem cuidada, limpa e com instalações impecáveis. O pequeno prédio, de aproximadamente quatrocentos metros quadrados, tem nove salas de aula, biblioteca, laboratório de informática com equipamentos de estúdio de gravação, e uma parte administrativa no centro do prédio, com cozinha, sala dos professores, secretaria e sala da diretora – além de um espaço com os armários dos professores e os computadores para uso pedagógico.

As salas de aula ficam nas duas laterais do prédio, também com telhado no pequeno pátio e grades de acesso. Em cada lado, sempre vai um setor determinado. E os turnos manhã, tarde e noite determinam quais setores têm aula e pátio. No turno da manhã, no lado esquerdo de quem chega na escola, fica o setor⁹ A1; e à direita de quem chega, o setor B2. À tarde, no lado esquerdo fica o setor A2 e no direito o setor

⁹ Na FASE de Novo Hamburgo existem **5 setores**: A1, A2, B1, B2 e Setor C. Setores são instalações físicas, vulgarmente conhecidas como “alas” onde ficam os agrupamentos de adolescentes separados conforme peculiaridades distintas e pela diferença de medida socioeducativa.

B1 – e o Setor C também fica nas salas do lado direito do prédio durante o horário de aula no turno da noite.

Ao chegar na escola, passei pela grade de acesso e entrei no pequeno pátio; e conforme eu ia avançando, passava pelas salas de aula causando curiosidade nos adolescentes que estavam assistindo as aulas. Quando passei pela primeira sala de aula, percebi que estava acontecendo um atendimento da equipe pedagógica da escola com um dos alunos; e a supervisora estava conversando sobre a aprendizagem e resultado escolar do adolescente. Havia semblantes de descontentamento, tanto da professora que estava chamando a atenção sobre o comportamento e aprendizagem, quanto do adolescente, que acatava triste a bronca que levava – e havia um agente socioeducador bem próximo, atento ao que estava acontecendo e com um contato visual com a professora. É muito comum os agentes socioeducadores acompanharem o trabalho pedagógico. É porque o comportamento dos adolescentes muda na escola; lá eles se sentem mais à vontade e são tratados apenas como alunos e não como jovens infratores – o que aparenta, às vezes, um ar de indisciplina em sala de aula. E os agentes socioeducadores, por outro lado, estão sempre lembrando os adolescentes sobre o lugar que estão e a condição que se encontram, com suas liberdades limitadas; ou seja, lembram, seguidamente, que estão cumprindo uma medida socioeducativa.

Enquanto passava pelas outras salas de aula, percebi causar uma certa inquietação nas aulas. Queriam saber quem eu era, a ponto de virem na porta perguntar: “-E aí seu...? Quem é tu? ” Os professores e agentes logo chamaram a atenção: “-Vai pra dentro da sala! ” E segui até a parte administrativa da escola. Era quase hora do recreio. Fui recepcionado por uma professora chamada Antônia, muito querida e atenciosa. Me deu um abraço de boas vindas e me mostrou as mudanças estruturais da escola. Logo chegaram os demais colegas e podemos conversar até o fim do recreio – quando também os acompanhei para iniciar a aplicação do questionário junto aos adolescentes. Naquele dia era o aniversário do professor Mário. Havia torta de bolacha trazida por ele, muito saborosa. Outra professora, almoçava às 15h da tarde e havia professores e professoras novas na escola, que eu ainda não conhecia. O clima estava bom entre os professores – o que me levou a crer que não estava tão pesado em sala de aula como em outros anos que trabalhei como regente

naquela escola. Tempos difíceis aqueles; com salas de aula lotadas (10 alunos)¹⁰ e com alunos apresentando muita resistência em realizar as atividades propostas. Mas agora, aparentemente, era diferente, pois não vi nenhum professor ou professora chegar para o intervalo reclamando de aluno ou falando que estava difícil.

Quando acabou o recreio, pude entrar em cada sala de aula, me apresentar, apresentar a proposta da pesquisa e convidar cada aluno para participar. Os adolescentes, em sua maioria, gostaram da proposta e decidiram participar. Primeiramente fui no lado direito, das salas do setor B1, ou seja, aqueles adolescentes com medidas ISPAE¹¹ (Internação sem Possibilidade de Atividades Externa). E conforme entrava nas salas de aula, percebia uma desconfiança no olhar deles. Os professores e professoras que eu não conhecia e acabei tendo que entrar na sala deles, foram se aproximando mais de mim para conversarmos. Transmitem palavras de apoio e não se importavam em ceder alguns minutos para que os alunos preenchessem o questionário. A maioria dos alunos não teve muita dificuldade em preencher, apesar de eu estar junto tirando dúvidas. Quando expliquei para a turma que seriam selecionados cinco adolescentes para uma entrevista. Muitos ficaram entusiasmados, querendo ver sua tatuagem em um livro. Outros, não se importaram muito. Um deles, chamado Dirceu, enquanto os demais preenchiam as respostas do questionário, começou a conversar comigo. Era um jovem rapaz pardo, não muito magro e com um olhar bem triste. Aparentava um certo sofrimento e descontentamento em estar naquele lugar, não só pelo semblante, mas por várias vezes falar: *“-Sabe seu, quando eu sair, vou fazer outra tatuagem.... Quando eu sair vou me mudar de bairro...”*. Em poucos instantes, esse adolescente começou a falar um pouco sobre sua tatuagem e suas convicções. Ele tinha uma tatuagem do símbolo

¹⁰ É importante esclarecer que, apesar de 10 alunos parecer pouco para se considerar uma sala de aula lotada, na Fase, 10 alunos é comparado a 40 alunos em uma escola Pública de uma comunidade. Ou seja, 10 alunos é o padrão de lotação em uma escola como a da Fase de Novo Hamburgo. Primeiro, porque eles ficam empoderados na resistência em realizar as atividades. Segundo, porque se agitam facilmente comentando assuntos do setor, da rua ou de suas medidas. Todo professor e professora deve ter um jogo de cintura muito perspicaz com essa situação, a ponto de disciplinar o aluno e, ao mesmo tempo, não causar mais uma situação de conflito, dentre muitas que, de modo geral, já existem. Quer dizer, enquanto no setor os adolescentes são separados dos seus desafetos da rua, na escola, em algumas situações, ficam na mesma sala de aula, por conta de estarem na mesma faixa de ensino – o que ocasiona, algumas vezes, briga entre os adolescentes.

¹¹ Os setores A1, B1 e B2 compõem a medida ISPAE (Internação sem Possibilidade de Atividades Externas); Os setores A2 e C, comportam os adolescentes em ICPAE (Internação com possibilidade de Atividade Externa). MAUAL DO ADOLESCENTE. Fase. Disponível em: <https://www.fase.rs.gov.br/upload/arquivos/202104/05154858-manual-adolesc.pdf>. Acesso em: 07 set. 2023.

do infinito com o nome da mãe e da irmã imbricados no símbolo. Ele disse: *“-Olha seu! Minha tatuagem... é uma homenagem a minha mãe e a minha irmã; e acertei certinho seu... elas duas são as únicas que estão me apoiando agora que tô preso... e olha que fiz essa tattoo meio que por impulso, tá ligado?”*. E eu não perdi a oportunidade, e perguntei: *“-Tá, e porquê esse símbolo aí envolvendo a tua mãe e a tua irmã? Tu considera meio que sagrado pra ti?”*. E respondeu no mesmo instante: *“-Claaaro seu! É amor de mãe né seu... é amor infinito, tipo amor de Deus, e esses bagulho?”*.

O interessante em trabalhar com adolescentes é que são quase adultos, mas têm muito de infantilidade ainda. Expressam o que sentem sem saber muito como esconder. Logo já dizem se querem algo, se não estão gostando, ou por palavras, ou por expressões e atitudes. A imaturidade é o que faz muito adolescente pensar em seus erros apenas após já tê-los cometido – e que no caso de adolescentes infratores, vulneráveis socialmente, pode se tornar um grande perigo.

Quando entrei na outra sala de aula, o processo de apresentação e convite para participarem da pesquisa, foi o mesmo. Se manifestou um adolescente chamado Danilo. Tinha apenas uma tatuagem de uma folha de maconha. Era um rapaz branco, magro e de estatura mediana. Ele me olhava com uma certa desconfiança. No início, ficou meio em dúvida se iria participar. Porém, quando viu os demais respondendo, resolveu responder também. Do nada, ele diz: *“-Bá seu... sipá, será que adianta eu respondê?”* E eu questionei: *“-Claro, porque não adiantaria?”*. E ele começou a falar: *“-Ahhh... sei lá seu... só tenho uma tatuagem de folha de maconha... E tua pesquisa é sobre tatuagem de religião. Eu não gosto dessa minha tattoo. Quando eu sair daqui vou fazer outra por cima. Já me envolvi em várias treta com os homi (polícia) por causa dela. E outra, nem sei bem dizer sobre Deus... sei lá. Pra mim é só quem nos botou nessa Terra....”* e eu disse: *“-Tranquilo... escreva isso, e já está bom. Não tem problema que sua tatuagem não é religiosa para você, mas vai que outros povos como alguns povos originários (africanos e indígenas) consideravam a cannabis (maconha) sagrada, como um instrumento de auxílio no contato com os deuses, entidades, ou a mãe terra...”* E o jovem ficou pensativo. Pude perceber que aquele gatilho causou curiosidade no aluno. Então, provoquei mais um pouco: *“-Quem sabe você utiliza os recursos da Escola e os professores como auxílio em uma pesquisa sobre isso?...”* E ele não respondeu mais nada. Contudo, continuou pensando.

Nesse meio tempo, outros adolescentes questionavam com tom de deboche o colega de classe Pedro, porque tinha uma tatuagem de um ETÊ (extraterrestre).

Estavam falando: “-Cara, o que te deu em tatuar um ETÊ, velho? Tem títica de galinha na cabeça?” Enquanto os demais riam, Pedro respondeu: “Ahh... sei lá cupincha, achei tri e fiz... fui na pilha duns mano na rua”. E geral ficou rindo dele. Tivemos que acalmar os ânimos da turma, pois o aluno Pedro estava começando a ficar furioso. Situações como essa, se não conduzidas com certa cautela, podem desencadear uma briga na sala de aula. É importante lembrar que, entre eles, a malícia é muito presente. Já estavam associando o ETÊ tatuado a uma homenagem a um possível “namorado” de Pedro – o que não era verdade. Falavam só para zoar o rapaz.

Conforme eu ia mudando de sala de aula, o processo se repetia. No lado esquerdo de quem chega na escola, como já foi dito, há um pequeno pátio telhado e com grades; mas faz divisa com os dormitórios do setor A1 – o que dificulta a penetração de sol naquele lado. Essa situação contribui para que um mau cheiro seja sentido naquela parte da escola. Apesar das salas de aula serem limpas e pintadas, quando alguns adolescentes chegam, é possível sentir o mau cheiro com mais frequência. É um cheiro de roupa suja, mal lavada, que não utiliza produtos como amaciante, etc. Mas não é um padrão com todos adolescentes. São alguns que não cheiram muito bem; mesmo tendo horário de banho (que lá chamam de ducha) e podendo conviver com a higiene que a instituição oferece. Pelo que percebi, há adolescentes que recebem algum auxílio das famílias, como desodorante, shampoo, etc; e outros, por sua vez, não. Além disso, os adolescentes não muito higiênicos, de modo geral, já vêm de contextos bastante precários. Os que chegam na instituição com um mínimo de noção da importância em se manter limpo, se encontram dificuldades, aprendem com os demais; como, por exemplo, lavar o dormitório (que os adolescentes costumam chamar de “brete”), lavar e dobrar as roupas, etc.

Achei importante essa ressalva por que entrei em uma sala de aula e senti aquele cheiro desagradável, singular àquele contexto e realidade. Eram alunos do currículo (1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I, ou séries iniciais). Isso que sou acostumado a sentir cheiro de suor de alunos e alunas do 6º ano do Ensino Fundamental II após a Educação Física, que não utilizam desodorante, nas escolas que já trabalhei fora da Fase. Mas ali o mau cheiro é diferente. E durante uma explicação que eu fazia sobre o questionário, um dos alunos chamou a atenção de outro: “Bah.. que cheiro ruim, seu mucão¹²! Vai tomar banho!”. E o aluno com mau

¹² **Mucão** é o termo que os adolescentes utilizam quando se referem a outros adolescentes que cheiram mal, que não são higiênicos. E esses adolescentes com mau cheiro não costumam ter

cheiro ficou desconcertado. E percebi que alguns só podiam estar medicados, pois não falavam coisa com coisa. Lembro que eram três alunos na sala de aula, e dois com o olhar lento de um lado a outro, semelhante a uma pessoa embriagada ou dopada. Um deles, enquanto eu conversava com a professora, coçava entre os dedos do pé com o *lápiz que havia recebido*.¹³ Ele tinha cascas como de frieiras entre os dedos. Eu vi aquilo e lembrei que depois a professora teria que recolher aqueles lápis e guardar no seu material. Ali tive que praticamente ajudar aqueles dois a responder o questionário. E um deles seguidamente mostrava-se indignado com o mau cheiro do outro rapaz.

Na sala seguinte, a minha recepção foi muito boa. Percebi que, de modo geral, adolescentes com tatuagens tendem a gostar do tema de pesquisa proposto e procuram estabelecer uma conexão com a pesquisa por se sentirem pertencentes ao universo das tatuagens. Logo já querem mostrar a sua e conversar sobre o assunto. Nesta sala havia um adolescente chamado Alfredo, com uma tatuagem de *Posseidon* (deus dos mares na mitologia grega) na mão direita; e na mão esquerda, uma tatuagem de *Jesus Cristo, do coração de Jesus e de mãos em posição de oração*. Mas devo confessar, ao olhar para a tatuagem não conseguia identificar o Posseidon. Era um desenho que parecia um monstro de lava, desenhado no dorso na mão e escorrendo até a metade dos dedos. Eram tatuagens borradas, com uma tinta azul parecida com o azul de tinta de caneta. Porém, o adolescente mostrava suas tatuagens como se tivessem as melhores linhas e traços já vistos. Conforme íamos conversando, ele ia expressando que tinha as tatuagens apenas por achar bonito; e que apenas a de Jesus ele achava como algo sagrado em sua vida. Também relatou que apenas a sua mãe vai à igreja; que ele não gosta de ir, mas crê em Jesus.

Enquanto os adolescentes preenchiam o questionário, eu observava suas tatuagens. Além do Alfredo, havia mais três com tatuagens, o Jordam, Israel e Fred. Percebi que o Jordam estava meio fechado – quase que não querendo muito

muita popularidade entre os demais. Costumam ser ridicularizados pelo grande grupo. Os agentes socioeducadores acabam sempre tendo que mediar esses conflitos, orientando o adolescente quanto à higiene e exigindo que os demais o respeitem.

¹³ Na Fase, todo professor, quando assume o cargo, recebe dez lápis, dez borrachas e dez canetas, como material de dotação individual. Esses materiais são distribuídos a cada aluno em cada troca de períodos. No final de cada período, o professor deve realizar a contagem e não pode haver faltas. Caso haja, isso deve ser informado à equipe diretiva da escola, que informa a chefia dos agentes socioeducadores para fazerem uma revista nos adolescentes. Esse é um procedimento padrão e de segurança na Fase. Ou seja, um lápis ou caneta pode se tornar um **“estoque”** – instrumento qualquer pontiagudo capaz de ser utilizado para ferir ou matar uma pessoa.

responder. Ele tinha uma tatuagem da *Nossa Senhora Aparecida*, com traços difíceis de identificá-la como a santa católica. O rapaz respondeu rapidamente e com poucas palavras o questionário. Já Israel, por sua vez, se comunicou um pouco mais. Tinha tatuagens dos *Irmãos metralha*, do *tio patinhas*, da palavra *fé* e com a frase *“fique rico ou morra tentando”*. Quando terminou de preencher, disse: *“-Era isso né seu... sem Deus não semo nada”*. E eu disse: *“-É verdade.”* E ele continuou: *“Precisamo tê fé pra tudo na vida dá certo, né seu?”*. *“-Claro”*, respondi. Mas não perguntei muita coisa, pois senti não estarem muito abertos para o diálogo. O aluno Fred pediu a minha ajuda durante o preenchimento das perguntas do questionário. Respondeu com atenção quase todas as perguntas. Ele tinha uma tatuagem com o nome da esposa e, enquanto respondia, pude acompanhar o relato que escrevia sobre a morte prematura dos pais, escrevendo que seu pai era professor em uma igreja pentecostal. Vi o jovem se emocionar enquanto escrevia. Quando levantou a cabeça para me chamar, vi que havia lágrimas em seus olhos. Logo que bati o olho na folha, percebi que estava fazendo um desabafo no papel, escrevendo que agora Deus e a esposa são tudo que ele tem. Nesse momento é que surge uma vontade de perguntar o porquê da morte dos pais e por que está na Fase. Entretanto, nessa hora tive que frear essa vontade, lembrando que não é o momento de perguntar isso, uma vez que havia outros adolescentes na sala, a professora e, sobretudo, poderia ser invasivo demais. Nem sempre querem falar disso. E o recomendado pela instituição é nem tocar nesse assunto. Então, o melhor a fazer foi seguir a diante, para próxima sala de aula.

Quando entrei na sala, havia uma conversa sobre assuntos da rua, sobre suas medidas socioeducativas e sobre quando iriam embora. Os adolescentes faziam uma atividade em um papel marrom, como se fosse um cartaz. Lembro que utilizavam a régua para fazer uma margem no cartaz. Mas nem todos estavam muito envolvidos com a atividade da professora – o que é bem normal em qualquer sala de aula. Me apresentei e fui logo falando do projeto de pesquisa e sobre como a participação deles era importante. Então, percebi que algo estava acontecendo. Os adolescentes olhavam para fora da sala de aula, e o monitor (agente socioeducador) se levantou da cadeira e foi acalmando os adolescentes. *“-Entra pra sala meu!”*, disse o agente em tom firme. Pelo que percebi, alguém importante para os adolescentes havia cruzado o pátio. Poderia ser uma comitiva da Fase com algum Juiz ou Ministério Público; ou alguém da presidência da Fase de Porto Alegre. Mas depois percebi que era uma Técnica a qual atendia os adolescentes. E eles ficam atentos em tudo. Na escola, era

possível perceber que, se não sentassem em um lugar em sala de aula que pudessem estar observando o que se passava fora – quando sentavam de lado, com as costas encostadas na parede - seguidamente algum adolescente levantava, se dirigia até a porta, dava uma olhada e voltava para o seu lugar.

Naquele caso em especial, a agitação foi causada pela passagem de uma Técnica no pátio central. E mais de um adolescente foi para a porta e um deles gritou: “-*Dona Aparecida! Tem como me atender depois?!*”; e a profissional gesticulou que depois atenderia, mas que naquele momento deveria prestar atenção na aula. Mesmo o agente chamando a atenção do aluno, ele insistiu: “-*Bah... seu... estou esperando uns panos (roupas) da minha baia (casa) e preciso falá com a dona sobre uns bagulho (assuntos) da minha família, sabe seu?*”. E o agente acalmou o adolescente e os demais dizendo: “-*Tá meu, calma! Depois eu falo com ela pra ti!*”. E outro também disse: “-*É... eu também preciso seu!*”. E ele disse: “-*Tá bom, vou ver isso depois. Agora presta atenção na aula!*”. E quando os adolescentes se acalmaram e sentaram, o agente apresentou uma expressão de “haja paciência”, suspirando, franzindo a testa e fazendo cara de “olhinhos para cima”.

Situações como essa são muito comuns na Fase. Os agentes socioeducadores acabam sendo um elo de ligação com as famílias e com o contexto dos adolescentes, quando fazem esse contato com a equipe técnica. Apesar de as técnicas terem suas rotinas de atendimentos, é preciso lembrar que os adolescentes estão presos e que se alguns atendimentos demoram, os agentes acabam tendo que administrar a ansiedade de todo um setor que têm contato direto, diariamente. Fazer socioeducação, além de envolver projetos culturais e sociais, também se relaciona a um olhar atento a essas demandas. Ou seja, quando um jovem está preso, fechado em seu dormitório, e pede um favor a determinado agente, para, por exemplo, falar com alguma técnica e saber quando será atendido, e esse agente *se esforça em acatar o pedido*¹⁴ dentro do plantão de trabalho, a socioeducação ocorre. Não só isso, mas a percepção dos adolescentes quanto ao cuidado e seriedade que representa todo o trabalho envolvido e depositado neles. Assim, percebi que três fatores são importantes no processo socioeducativo, de ressocialização e que, de modo geral, acalmam os adolescentes: primeiro, eles precisam de um olhar atento; segundo,

¹⁴ É bom lembrar que nem sempre é possível acatar a todos os pedidos dos adolescentes em um plantão; mas quando percebem a boa vontade e o interesse do agente em atender à solicitação, tendem a se acalmar e colaborar nos plantões dos agentes com essa postura.

precisam de atividades que ocupem a mente e o corpo; e terceiro, precisam de uma boa alimentação, a ponto de se sentirem plenamente saciados.

Entretanto, após o alvoroço causado pela simples passagem de uma das profissionais da equipe técnica no pátio, o assunto das tatuagens e o questionário foi retomado na sala de aula. E para minha surpresa, todos os 3 alunos daquela sala tinham tatuagens e participaram da pesquisa. O primeiro que observei respondendo o questionário foi um adolescente chamado Eduardo. Ele tinha uma tatuagem dos *irmãos metralha* na mão esquerda e a palavra *família* escrita no pescoço. Enquanto preenchia, conversava com os demais. Deixou claro que sua família era evangélica pentecostal e que frequentava os cultos. Além disso, em certo momento, fotografei a suas duas tatuagens e expressou que uma era para homenagear a sua família e a outra, dos irmãos metralha, era uma apologia ao crime. Outro adolescente, chamado Lione, tinha uma tatuagem do *tio patinhas* e outra com a palavra *fé* e uma *cruz*. Os alunos conversavam, mas senti que ainda não estavam totalmente envolvidos com aquele propósito, uma vez que um dos adolescentes, o aluno Everton (com uma tatuagem do símbolo do infinito), estava bastante triste. Uma hora um deles disse: “- Não te abala meu... isso aí é assim mesmo... quando o cara cai preso tem que sabe que isso aí pode acontece...!”. E outro acrescentou: “-Bah... mas é que é foda né sangue bom; mina de vagabundo tem que sê de fé, senão depois lá na rua o bagulho fica loco”. E o aluno Everton não respondia nada, somente preenchia o questionário com poucas palavras e, rapidamente, me devolveu e ficou com a cabeça baixa. Percebi que o rapaz tinha sofrido uma desilusão amorosa. Que a namorada havia terminado com ele ou por carta ou durante a visita, provavelmente, no dia anterior. Isso é muito comum na Fase. Quando isso acontece, dependendo do adolescente, ele se abala e “pedala”¹⁵ a porta do dormitório, sendo, posteriormente, encaminhado ao UAE¹⁶.

¹⁵ **Pedalação**, é o termo utilizado quando o(s) adolescente(s) deita(m) no chão e bate(m) com a sola dos pés na porta do dormitório, causando um barulho ensurdecido. Isso acontece por questões individuais ou coletivas. Mas ambas ocorrem por algum descontentamento interno ou externo – quando recebem alguma notícia indesejada da rua. Dependendo da situação, já ocorreu de um setor inteiro pedalar e ficar “congelado” – quando todos ficam como se estivessem no UAE, vulgarmente conhecido como isolamento.

¹⁶ **UAE**, significa Unidade de Atendimento Especial, vulgarmente conhecido como Isolamento ou solitária. É uma outra parte física da casa com dormitórios iguais ao do setor, mas que não recebem regalias, como jogos no setor, materiais no dormitório (como ponto cruz, lápis e papel, etc) ou pátio. Recebem apenas uma bíblia e material de higiene pessoal. O banho de sol ocorre, mas é reduzido, se comparado com o tempo de pátio, que podem praticar esportes e atividades recreativas. Dependendo da gravidade, se for uma briga ou ameaça, o adolescente entra em CAD (Comissão

Na última sala da visita, havia três adolescentes: Djoni, Klaus e Ricardo. Era o laboratório de informática. O professor que acompanhava a atividade (Raul), era um rapaz mediano, na faixa dos trinta anos, magro e com um cabelo até a cintura. Ele estava vestido com roupas largas e camiseta preta de roqueiro. Pelo que percebi, estavam gravando um Rap no equipamento de gravação. E vi que os adolescentes estavam bem envolvidos. Essas atividades, de modo geral, cativam a atenção dos adolescentes. Eles acabam gravando e produzindo músicas de autoria própria – até mesmo com CD gravado – tudo envolvendo esse fazer pedagógico da Escola Bento Gonçalves, através de seus professores. Então, procurei ser breve. Apresentei a proposta e já começaram a preencher o questionário. Sempre que eu fazia esse contato inicial, perguntava se tinham alguma tatuagem. E, conforme a situação, fotografava apenas as tatuagens que mais me chamavam a atenção. Nesta ocasião, me mostraram suas tatuagens. Djoni tinha uma tatuagem de *diamante*, uma *mão com o terço e a pomba do Espírito Santo*, um *palhaço* e um *cifrão* de dinheiro. Klaus tinha uma tatuagem de uma *estrela de pentagrama ou signo de Salomão*, *cartas de baralho*, *cifras de música*, *o olho de Hórus*, a *palavra fé*, uma *sacola de dinheiro* e o *nome da mãe*. Já Ricardo, por sua vez, tinha uma tatuagem de *diamante* com as palavras *pai* e *mãe*. Segundo Ricardo, o amor do pai e da mãe simbolizam o brilho que o ilumina, vindo de uma joia rara e cara.

Esse foi o fim do primeiro dia de observação e aplicação do questionário. Posteriormente, a técnica Fabiana me orientou para aplicar os próximos questionários diretamente nos setores, para não atrapalhar as aulas da escola. Por outro lado, achei válido o envolvimento da escola no processo, já que a ótica de dentro da escola, é diferente.

2.2.2 A segunda visita

A segunda etapa de aplicação do questionário, ocorreu *dias depois*¹⁷. Além disso, desta vez, não foi na escola, mas diretamente nos setores. A equipe da Fase organizou um roteiro de passagem, o qual fui passando e aplicando o questionário aos adolescentes que ainda não haviam participado da pesquisa. Da mesma forma,

de Avaliação Disciplinar), quando um grupo de profissionais acompanha o fato ocorrido, fazem os atendimentos, encaminhamentos e registros ao judiciário – o que, em muitos casos, afeta na medida socioeducativa do adolescente.

¹⁷ Ocorreu no dia 1/12/2022.

neste meio tempo, alguns já haviam trocado de setor, uma vez que as medidas socioeducativas são dinâmicas. Muita coisa muda de uma semana para outra. Ou seja, além das mudanças constantes que envolvem as medias dos adolescentes, dentro da Fase, sempre há um certo frio na barriga, pois nunca sabemos o que pode acontecer. Quer dizer, trabalhar com estes adolescentes, envolve o ditado popular “trabalhar com emoção”, com adrenalina. Nunca se sabe se não haverá uma briga, uma *contenção*¹⁸, etc.

Quando cheguei, fui encaminhado à recepção, para aguardar a chegada da técnica Fabiana. Havia um agente socioeducador no rol de entrada, meio parrudo e não muito alto, cerca de um metro e setenta de altura, na faixa dos 50 anos, com barba grisalha, vestindo camiseta, bermuda jeans e chinelo. Ele sentava em uma cadeira mais alta, com uma pequena mesa e um livro que anotava quem entrava e quem saía. Outro trabalho que ele fazia era entrar em contato com o chefe de equipe dos agentes socioeducadores pelo rádio e atender o telefone quando necessário. E, por último, tinha a incumbência de apertar um botão embaixo da mesa o qual abria a porta, com trava elétrica, que dava acesso ao interior da casa de internação. Sentei no saguão para aguardar a chegada da técnica e começamos a conversar. Ali é a parte administrativa da casa, com salas da equipe técnica, da direção, cozinha e banheiros dos agentes. Também havia, próximo à cozinha e banheiros, pequenos armários de lata, que os agentes, volta e meia, abriam e pegavam pertences pessoais.

Durante a conversa, de maneira empolgada me relatou que estava para acontecer uma mudança na legislação atinente à profissão de agente socioeducador. Que teriam a opção de escolha entre serem estatutários (com estabilidade e sem Fundo de Garantia por Tempo de Serviço – FGTS) ou continuarem como celetistas – regidos pela Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) e com o FGTS. Quando vi aquela postura de tranquilidade do agente, pensei duas coisas: ou a casa está muito tranquila, ou ele é muito tranquilo e confiante no que faz. Na verdade, apesar de aquele posto fazer parte de uma escala de serviço, aparentava ser ocupado por

¹⁸ **Contenção**, em uma casa de internação, é diferente de imobilização. Ou seja, a contenção relaciona-se com um cuidado e proteção para com os adolescentes e com os agentes socioeducadores. O padrão é 5x1; ou seja, 5 agentes para conter um adolescente. Um agente segura o braço direito, um agente no braço esquerdo, um agente na perna direita, um agente na perna esquerda e o último segurando a cabeça. A contenção visa não machucar o adolescente nem os agentes. Já a imobilização, por sua vez, é quando uma pessoa precisa imobilizar a outra. E isso exige técnicas que podem vir a lesionar a pessoa imobilizada. Na Fase, o procedimento padrão é a contenção.

funcionários com alguma limitação interpessoal e física (por conta da idade) ou por possuir boa referência, com certos privilégios – o que é comum em toda organização de trabalho, ainda mais pública. Eu, sentado ali, observava o ofício daquela função de trabalho: atender o telefone ou rádio, observar e anotar quem entre e quem sai, e apertar um botão que liberava o abrir da porta, o qual emitia um som curto e enérgico (“clec!”). Havia um radinho com uma música em som ambiente (mais para baixinho, pois dava para conversar normalmente) tocando uma música do “Jorge Ben Jor” (*Chama o Síndico*). Na minha frente ficava o relógio-ponto, e funcionários entravam e saíam após baterem o ponto – poucos, uns dois ou três – e o agente que anotava e apertava o botão que liberava a porta, conversava alto, sorria e comentava o *resultado do futebol*¹⁹; até que a técnica Fabiana chegou e me atendeu.

Fui convidado a entrar na sala dela e de outras técnicas. Era uma sala com três ou quatro mesas, que mais de uma pessoa trabalhavam juntas. Conversamos rapidamente e solicitou que eu deixasse minha mochila ali e levasse apenas o que eu iria utilizar nos atendimentos. Separei os questionários, uma caneta e meu celular, para fotografar alguma tatuagem que julgasse interessante. Quando saímos da sala, que é praticamente no rol de entrada, o agente não estava sentado onde se encontrava antes. Havia uma pessoa do lado de dentro aguardando que ele apertasse aquele botãozinho debaixo da mesa que libera a porta. A mulher gritou: “-Portãoooo!!!”, e o agente respondeu do banheiro: “-Já vou!, Estou no banheiro!”, que também era bem perto do seu posto (aliás, dentro da Fase de Novo Hamburgo, tudo é perto e apertado). Como o agente não veio logo, a própria técnica Fabiana apertou o botão e liberou a abertura da porta. Quando adentramos o Pátio interno da casa de internação, percebi que já haviam escalado um agente socioeducador para me acompanhar no processo de aplicação dos questionários.

Primeiramente, fui encaminhado ao prédio dos setores A1 e A2. Entrei no pequeno rol e havia uma mesa plástica e duas cadeiras que eu utilizaria nos atendimentos. Sentei e aguardei. O agente que me conduziu se retirou e ficou no lado de fora do prédio físico, conversando com outro agente, já que havia outra agente sentada atrás de mim, na sala dos agentes socioeducadores do setor. Nisso, percebi um pequeno alvoroço para irem chamando os adolescentes para meus atendimentos. A agente socioeducadora do setor, fazia contato com outro agente que estava dentro

¹⁹ Na ocasião, o Brasil havia vencido a Suíça por 1x0, na copa do mundo, em 28/11/2022.

da ala, com os jovens. Aliás, a diferença entre o agente socioeducador e o agente penitenciário é que enquanto o agente penitenciário fica fora da ala ou galeria dos presos armado, o agente socioeducador fica dentro da ala desarmado. E lá estava o agente Otaviano, sentado em uma cadeira plástica branca, com calça jeans, camiseta branca e tênis. Eram poucos adolescentes no *setor*²⁰. Alguns jogavam xadrez, outros jogavam cartas de baralho (canastra) e outros assistiam um filme na TV. Mas o agente Otaviano sorrindo, atento e interagindo com os rapazes. Deu para perceber que o agente torcia para o time do Grêmio, e havia uma rivalidade esportiva ali, mas saudável. Apostavam sobre alguma partida que estava para acontecer. Porém, ainda assim, estava muito tranquilo, pois percebi que havia poucos adolescentes para administrar o controle psicológico de ser chaveado dentro de um espaço físico com adolescentes infratores.

A agente que ficava de fora, volta e meia entregava materiais pela grade ou por buracos existentes na parede, já que havia espaços com tijolos sobrepostos intercalados, para facilitar a entrada de ar e para quem está de fora, conseguir enxergar um pouco do interior do setor. Sentei de frente para o setor e de costas para a sala dos agentes socioeducadores – uma sala de aproximadamente 3,5 metros quadrados, com uma mesa, uma cadeira e vários armários de lata. Os armários são para os adolescentes. Cada armário tem o número do dormitório do jovem com seus pertences que não podem ficar dentro do dormitório – geralmente artesanatos, materiais de higiene pessoal trazidos pelos familiares, etc.

Logo chamaram um dos adolescentes que iria responder o questionário. O nome dele era Klaiton, e tinha uma tatuagem com a inscrição “4:20”, uma tatuagem com o nome “Deus”, uma de “duas máscaras” e outra com o “nome do pai e da mãe”. Quando ele chegou e sentou, podemos conversar um pouco enquanto ele respondia. Até que não resisti a curiosidade e perguntei: “-Cara, me diga, por que você tatuou 4:20?”; e ele respondeu: “-É a hora de fumar maconha, tá ligado, seu?”; eu respondi: “-Não. Não tô ligado... me explica melhor.” E ele disse: “-Sabe seu, quatro e vinte

²⁰ A expressão **setor**, na FASE, se refere ao momento em que os adolescentes têm um horário de recreação dentro do próprio Setor (instalação física, ala), quando saem de seus dormitórios para jogar xadrez, cartas (canastra, UNO), assistirem filmes ou séries, jogarem vídeo game ou fazerem algum trabalho com artesanato. Se uma ala tem 20 dormitórios ocupados, são liberados para recreação (setor) dividida na metade do número de jovens do Setor, que os (as) agentes chamam de “chaves” baixas e altas. Chaves baixas são os dormitórios, por exemplo, do 1 ao 10; e chaves altas são os dormitórios do 11 ao 20. Conforme a lotação, às vezes, são separados até em 3 chaves, por uma questão de segurança dos adolescentes e dos profissionais que trabalham diretamente com eles: os agentes socioeducadores. E isso serve para o setor e as idas à escola.

(4:20pm) por que é um horário que a vagabundagem fuma. Só quem é vagabundo e não trabalha, fuma nesse horário. Quem tá trabalhando, o normal é saí do trampo às cinco (17h), tá ligado seu?, mas vagabundo dorme até tarde e fuma maconha essa hora. E eu ironizei, “tentando saber” se era um padrão entre os usuários de maconha, mas ele disse que inventou a tatuagem com um amigo. Ou seja, percebeu que a rotina de quem não trabalhava e dormia tarde era acordar, comer alguma coisa e, quando olhavam no relógio, era quatro e vinte – a hora de fumar maconha. Além disso, ainda questionei: “-Cara, mas ‘4:20’ é ainda de madrugada. Deveria ter acrescentado o ‘pm’ (pós meio dia), ou tatuar ‘16:20’.” E ele respondeu: “Bah seu... nem me liguei nisso... azaaar...”. Após um pouco de conversa, deixou claro que não lembrava se frequentou alguma religião com sua família e nem lembrava qual religião; mas que, para ele, Deus é bom e afirmou fazer as tatuagens por achar bonito e para fazer uma homenagem a Deus e aos seus pais.

Após o adolescente responder o questionário, para retornar ao setor, passou por uma revista, ali mesmo onde eu me encontrava – e isso aconteceu com todos que saíram para as entrevistas. Perto da parede, havia um pequeno tapete e uma cadeira plástica. A agente socioeducadora apareceu com luvas brancas (cirúrgicas) e o adolescente tirava a roupa (bermuda, camiseta, cueca e chinelos) e colocava na cadeira. A agente conferia cada parte da roupa, cada costura; e o adolescente, despido, após abrir a boca, levantar os braços mostrando mãos e pés, se agachou e começou a vestir a roupa já revista.²¹ A situação de agentes mulheres fazerem revistas em internos rapazes é comum na Fase – embora eu não concorde com esta prática, tampouco, em outros contextos, o contrário.

O próximo rapaz tinha apenas uma tatuagem. Era o rosto de uma mulher, que ele chamou de “*bandida*”. Era um rosto bem estranho. Ou seja, dava para ver que se tratava de uma mulher, mas que tinha um olhar sarcástico - de uma pessoa que olhava encarando, querendo transmitir algum tipo de poder ou intimidação. O adolescente ouviu o que eu tinha a dizer sobre a pesquisa, mas não era muito de conversa. Respondeu o questionário rapidamente e já logo retornou. Ele escreveu na folha do questionário que a tatuagem intitulada “*bandida*”, se tratava da esposa dele. Como ele

²¹ As **revistas** fazem parte de protocolos internos da Fase. É um procedimento padrão. Toda vez que um adolescente sai do setor, no retorno, passa por uma revista, para que se tenha certeza de que não entrou para o setor com algum material que, futuramente, possa tornar-se perigoso ou até mesmo letal.

era meio introvertido, não me senti à vontade em perguntar mais sobre aquela pessoa da tatuagem, já que muitos não gostam de falar das suas esposas ou namoradas. Além disso, especificou que sempre foi à igreja com a família e que, para ele, Deus era aquele que deveria proteger as pessoas.

Na sequência, veio um adolescente aparentando estar bastante perturbado. Ele não conseguia nem escrever no questionário, pois parecia estar sob efeito de alguma medicação forte. Tive que ajudá-lo a preencher as perguntas. Ele tinha apenas uma tatuagem do *coringa*. Dos que responderam rapidamente, vieram mais quatro adolescentes: Miguel, Enzo, Iago e Kleber. Ficou claro que as atividades do setor estavam sendo mais interessantes. Miguel falou que gosta de tatuagem por achar bonito. Tinha a tatuagem de uma *âncora*, do *nome da mãe*, de uma *gueixa* e de *flores de rosas*. Expressou no olhar e em palavras seu amor pela mãe, inclusive tatuando seu nome e dizendo que considerava a mãe, através da tatuagem, um símbolo sagrado em sua vida – e que tatuagem, para ele, além de ser bonito, é algo que destaca no corpo. Além disso, afirmou que frequentava a igreja católica com os pais, mas que atualmente a mãe é a que mais frequenta; e Deus, para ele, é aquele que criou o mundo.

O jovem Enzo era outro rapaz que não conseguiu escrever na folha do questionário. Eu lia as perguntas, ele respondia e eu escrevia. Não sei dizer se era preguiça de escrever, se estava medicado ou se era semianalfabeto. Mas gostei por ele não se recusar em participar. Achei interessante o fato de, apesar de ter uma tatuagem de um *anjo* e de uma *cruz*, considera sagrado em sua vida a tatuagem do *Tio Patinhas* e do *cifrão no saco de dinheiro*, pela importância do dinheiro e das amizades. “-É que a do tio patinhas é dos meus embolamento, sabe seu? Os cupincha que me apoiaram lá fora quando eu tava mal...”, respondeu durante nosso encontro. Percebi a importância da tatuagem do Tio Patinhas mais como pertencimento a um grupo, do que representa o tio patinhas no estado de arte que envolve esse personagem – que é o capitalismo selvagem e desumano. Ali, por sua vez, o pertencimento e a subsistência pareceram mais significativos e mais sagrados que a cruz e um anjo. Nas respostas sobre seu contexto familiar envolvendo as questões religiosas e espirituais, respondeu que o pai era da umbanda e que a avó materna frequentava a igreja evangélica; e na pergunta sobre o que considerava Deus ou sagrado, relatou não saber responder. Ou seja, a hipótese mais provável é que a representação do sagrado ou divino pertença a questões práticas, como uma pessoa

que dê atenção e estenda a mão em momentos de dificuldades e de busca de sentido, independente de quem seja.

Logo trouxeram o adolescente Iago. Ele tinha uma tatuagem de *duas rosas*, do *tio patinhas*, de uma *boca (beijo de batom)* e de *palhaço*. Ele não conversou muito. Eram tatuagens com traços não muito bem definidos. A do tio patinhas e da boca eram mais fáceis de identificá-las, pois a do palhaço era bem estranha. Tive vontade de perguntar sobre a do palhaço, pelo fato de haver muitos estudos²² sobre seu significado: *matador de polícia*²³; mas resolvi não o questionar.

Quando trouxeram o Kleber, também percebi algo estranho. Era outro que aparentava estar medicado. Tive que escrever no questionário enquanto falava. Foi bem rápido. Tinha apenas uma tatuagem do *tio patinhas*, e também a considerou sagrada por conta do pertencimento a um grupo de “amigos”. “*É meus embolamento de quando eu tava no crime, seu*”; respondeu, após questionado. Relatou que seus pais até já frequentaram a igreja, mas que não frequentam mais; e que Deus, para ele, é quem dá livramento.

Enquanto chamavam os adolescentes para participar da pesquisa, também havia os que não tinham tatuagens. Esses, por sua vez, somente respondiam se tinham ou não tatuagem, e por que não tinham – o que resultou em um gráfico que será trabalhado nos capítulos seguintes.

Quando chegou o adolescente Pedro, fiquei bastante curioso e intrigado com sua tatuagem. Ele tinha uma tatuagem de um *anjo com um saco de dinheiro em uma mão e uma metralhadora na outra*. Era a única tatuagem daquele jovem. Preferi

²² GOMES, Thaywane do Nascimento AMPARO, Deise Matos do. Narrativas na carne: as tatuagens dos jovens na socioeducação. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Universidade de Brasília. **Estudos de Psicologia**, 27(1), janeiro a abril de 2022, 46-56. DOI: 10.22491/1678-4669.20220005ISSN (versão eletrônica): 1678-4669 Acervo disponível em <http://pepsic.bvsalud.org>. p. 52. Disponível em: <https://submission-pepsic.scielo.br/index.php/epsic/article/view/21629/1055>. Acesso em: 07 Set. 2023.

²³ “Pensando no papel do outro nos processos indenitários, pertencimentos e no endereçamento, sinalizamos a constância de tatuagens de palhaços, que é significado socialmente como pessoas que matam policiais. Sendo analisada pelos pares como sinal de audácia e rebeldia, porém vista pelos profissionais da segurança pública como ameaça e passível de penalidade. [...] Em contrapartida, outro jovem, como numa confissão, relatou que nunca havia matado, mas tinha feito o desenho para demonstrar coragem e força em detrimento dos atos infracionais cometidos. Na busca por ser visto como alguém perigoso, que matava e mostrava, divergindo da sua visível fragilidade física e social. Com o palhaço na carne, ele acreditava que se tornaria mais respeitado pelos colegas. [...] Cabral et al. (2020) também identificaram a presença da figura do palhaço na pele de adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto no estado de São Paulo e apontaram que a inscrição corporal desses símbolos muda como eles são identificados em suas comunidades, pela polícia, escola e pares, num tipo de reforçamento de estigmas já vividos cotidianamente.” (GOMES; AMPARO, 2022, p. 52-53).

aguardar para uma entrevista, já que foi a primeira tatuagem que me trouxe certeza na seleção entre os 5 adolescentes que participariam das entrevistas semiestruturadas. O jovem Pedro não conversou muito. Apenas salientou que sempre frequentou a igreja evangélica pentecostal com os pais. Tirei foto da sua tatuagem para, posteriormente, chamá-lo para uma entrevista.

Nesse meio tempo, quando percebi, a manhã já estava chegando ao fim. Já havia uma movimentação para o almoço – e o jovem Pedro, ao retornar para a parte interna do setor, perguntou à agente socioeducadora: “-*Ô dona, o que vai ter de bita²⁴?*”. E ela respondeu: “-*Não sei ainda. Não abri as marmitas.*” Nisso, chega um agente socioeducador com um carrinho, trazendo uma caixa de isopor grande, e disse: “-*Hoje é arroz, feijão, molho de carne, ovo e salada.*” Então, enquanto eu me organizava para sair, pude observar um pouco da rotina do adolescente Pedro entrando para o dormitório. O agente que se encontrava no interior do setor, já foi conduzindo os adolescentes para seus dormitórios. As portas ficavam abertas com o cadeado fechado. Conforme os adolescentes entravam, ele já passava fechando os dormitórios com os cadeados. Além disso, enquanto o adolescente Pedro se dirigia ao dormitório, outro, já fechado, perguntou: “-*O que tem de bita cupincha?*” E Pedro respondeu: “-*Arroz, feijão, carne, semente²⁵ e salada*”. E o adolescente, com a lateral do rosto encostando a portinhola, tentando acompanhar com a visão o caminho que Pedro percorria, respondeu: “-*Tá na mão!*”. Ao sair dali, acompanhado pelo agente socioeducador, fui almoçar fora da casa de internação, retornando no início da tarde.

Durante esse período, pude observar um pouco como funciona a dinâmica interna da Fase de Novo Hamburgo. Existe uma rotina padronizada em todos os plantões, a qual é cumprida rigorosamente nos turnos da manhã, tarde e noite. A primeira rotina dos adolescentes é acordar e escovar os dentes. Os agentes socioeducadores passam em cada dormitório entregando as escovas de dentes com seus respectivos cremes dentais. Os adolescentes se obrigam a acordar e escovar os dentes, pois devem devolver as escovas dentais e se prepararem para o café da manhã. O horário dessa rotina varia conforme a organização de cada Casa²⁶ e cada

²⁴ **Bitá** é o nome que dão à comida, provavelmente por questões que envolvem alguma ironia maliciosa, de cunho sexual.

²⁵ **Semente** é o nome que atribuem ao ovo de galinha. Como a malícia faz parte da realidade deste contexto, ovo de galinha pode ser sinônimo de testículos, por isso o nome “semente”.

²⁶ **Casa** ou **Case** é o termo popular dado às Unidades pertencentes à Fundação de Atendimento Socioeducativo (FASE) do Rio Grande do Sul que, ao todo, são 23 unidades. Disponível em: <https://www.fase.rs.gov.br/unidades>. Acesso em: 09 Mar. 2023.

Setor (instalação física); alguns setores iniciam as atividades por volta das 7h, quando têm Escola ou algum curso profissionalizante; outros por volta das 8h, quando têm setor (atividades recreativas) ou pátio, com práticas esportivas. Mas todos, dentro do turno manhã, por exemplo, em algum momento, devem acordar, escovar os dentes e tomar café da manhã (com cardápio variado, mas quase sempre café com leite quente, ou leite com achocolatado quente, acompanhado de bolo ou pão recheado com margarina).

No turno da tarde, a rotina é parecida; porém, com o almoço ao meio dia (uma marmita com cardápio variado entregue por uma empresa terceirizada e servida pelos agentes) e um lanche à tarde, por volta das 15h - café com leite quente ou achocolatado quente em dias frios; ou suco, ou refrigerantes em dias quentes, acompanhado de pão recheado ou bolo. Às vezes, a empresa terceirizada inverte a lógica, e os adolescentes apresentam descontentamento. Em todos os turnos que têm pátio e práticas esportivas, ao retornarem para o Setor, passam por alguns minutos de “ducha” – termo utilizado para os horários de banho que, no caso da FASE de Novo Hamburgo, têm os chuveiros dentro de cada dormitório; diferentemente de algumas casas da Fundação (como algumas de Porto Alegre), que têm os banheiros separados dos dormitórios.

O turno da noite, que se inicia por volta das 19h, o novo plantão de agentes separa um tempo para os adolescentes lavarem suas roupas, terem alguns minutos de setor (com os jogos de cartas e tabuleiros) e o atendimento da assistência religiosa, quando voluntariamente participam dos cultos das igrejas evangélicas e da igreja católica. Depois, por volta das 22h/22h30min, os adolescentes devem pernoitar. Nas quartas-feiras, sábados e domingos são os dias de visita. E o dia de faxina nos dormitórios e no setor são escalonados entre sábado e domingos no turno da manhã.

Quando retornei, por volta das 13h, passei novamente por todo o procedimento e protocolos durante a entrada. Esperei até poder entrar e, quando adentrei o pátio interno, o mesmo agente socioeducador do turno da manhã estava me aguardando para os trabalhos do turno da tarde. Fui conduzido ao Setor C e, desta vez, o agente socioeducador sentou bem perto de nós, durante as primeiras aplicações do questionário. Lá também haviam separado uma mesa plástica branca com duas cadeiras. O agente sentou próximo, em outra cadeira plástica branca. Foi uma sensação desconfortável, pois nem eu nem os adolescentes nos sentimos a vontade para uma conversa. Conforme eu perguntava alguma coisa, o adolescente

olhava para o agente, com certo receio e vergonha – talvez de ser confrontado de maneira “irreverente” pelo agente em momento posterior, ou ficar exposto perante os demais adolescentes, a partir do que o agente ouviu. Após chamarem dois adolescentes, logo outro agente chamou o profissional que estava nos acompanhando. Ficaram conversando na porta, e enquanto os adolescentes respondiam, observei um pouco da rotina do setor C. Os dois primeiros adolescentes não falaram muito, estavam receosos. Um tinha uma tatuagem do *tio patinhas*, que preferiu deixar claro simbolizar para ele uma tatuagem de assaltante de banco. Relatou que sua família sempre frequentou a terreira de umbanda, e que ele sempre acompanhava. Diferentemente de outros, a tatuagem do tio patinhas, para ele, não era relacionada a nada sagrado em sua vida – e considerava Deus o criador e pai de todos.

O outro adolescente tinha apenas uma tatuagem com a palavra *Família*, considerada sagrada para ele e feita como homenagem a sua mãe. Enquanto escrevia e me relatava sua trajetória religiosa com sua família, observei a relação do agente do setor com os adolescentes. O agente era um homem alto, barbudo e com cabelo comprido quase até a cintura. Usava uma calça jeans folgada e bem surrada, um tênis e uma camiseta também surrados. Conversava de igual para igual com os adolescentes, utilizando-se, inclusive, das gírias e expressões deles. “-*Larguei teu livro na tua jega*²⁷”, afirmou o agente. E o adolescente respondeu: “*Tá na mão... pode cré, seu*”. E retornou a conversar com o agente que me acompanhava. O rapaz que recebeu o livro, vinha acompanhado de outro agente que, provavelmente, o conduzia de algum atendimento ou custódia. E o jovem que estava comigo, por sua vez, logo se aprontou para retornar ao interior do setor. Relatou sempre frequentar a igreja católica e evangélica com os pais; e que considerava Deus uma pessoa muito antiga, que ajuda outras pessoas.

O próximo adolescente trazido para responder o questionário, chamava-se Jerosnel. Tinha uma tatuagem do *tio patinhas*, uma dos *irmãos metralha* e uma frase com a escrita *fique rico ou morra tentando*, que o adolescente atribuiu à prática de crimes (assalto). Tive que responder o questionário enquanto ele conversava comigo,

²⁷ **Jega**, “[Regionalismo] O mesmo que cama. ‘*Vou arrumar a jega e cair no sono*’.”. Dicionário InFormal. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/jega/#:~:text=%5BRegionalismo%5D%20O%20mesmo%20que%20cama,jega%20e%20cair%20no%20sono>. Acesso em: 08 Set. 2023.

pois o adolescente era analfabeto. Na assinatura do termo de assentimento, colocou sua impressão digital com o dedo polegar direito. O agente socioeducador nos ajudou, trazendo a ideia de o adolescente Jerosnel pintar todo o dedo com a caneta preta, servindo como uma tinta de carimbo. Após isso, encostou na folha, no campo da assinatura – funcionando bem, pois a impressão digital ficou bem nítida. Este adolescente era bastante frio. Não conversou muito comigo e relatou que seus pais nunca frequentaram nenhuma religião; apenas ele. Disse não saber definir o que era Deus ou algo sagrado para ele.

O adolescente seguinte, tinha apenas uma tatuagem com o *nome da mãe*. Relatou que, quando era pequeno, ele e a família frequentavam a igreja evangélica, mas que agora não frequentam mais. Conversamos um pouco sobre como era sua ótica sobre Deus e sua tatuagem, e ele disse: “-*Bá seu, na real, Deus pra mim é o criador do céu e da Terra. Eu converso bastante com Deus quando eu tô pra baixo, sabe seu? E a tattoo que fiz pra homenageá minha coroa simboliza tudo de bom pra mim! Minha coroa é sem palavras...*”. Na sequência, trouxeram Gilmar – um adolescente com várias tatuagens: uma *cruz*, uma *estrela*, um *coração*, um *diamante*, um *cifrão*, a palavra *Deus* em português, a palavra *fé*, a palavra *Deus no idioma Japonês* (神), um *barco* e uma *bússola*. Apesar de muitas tatuagens, Gilmar falou pouco. Apenas relatou que frequentava a igreja evangélica com a família, durante sua infância; que Deus, para ele, era um Espírito; e que as tatuagens que simbolizavam algo sagrado em sua vida era a da *cruz* e da palavra *Deus* em português.

Os últimos três adolescentes trazidos, tinham bastantes tatuagens. O primeiro, chamava-se Welington, e tinha um tatuagens com a *data de nascimento dos pais* nos dedos, a frase *fé em Deus* no antebraço direito, a frase *chora agora, ri depois* nas mãos, o *cifrão de dinheiro* no rosto e a frase *tudo passa* no pescoço. O adolescente afirmou que sempre frequentou a igreja evangélica, com os pais, na infância. Quanto ao que considera como Deus ou o sagrado, ficou pensativo e não soube responder. Além de considerar que muitas das suas tatuagens simbolizam a fé em Deus e o amor a família, relatou sua vontade em fazer mais tatuagens quando sair da Fase, por achar bonito.

O segundo, chamava-se Deivid. Tinha uma tatuagem do *tio patinhas*; uma com o *nome da filha e da mãe*; uma dos *irmãos metralha*; uma do *grêmio*; uma de *letra de música*; uma *coruja* no pescoço; uma com a palavra *família*; e uma frase religiosa no braço: “*A luz que me guia é mais forte que os olhos que me cercam*”, e

logo abaixo da frase, havia a tatuagem de uma *crúz*. O adolescente preferiu deixar claro que seu pai não era religioso, mas que frequentava a igreja Luterana com sua mãe durante a infância. Relatou que Deus, para ele, é tudo; o todo poderoso, maior de todas as divindades. Além disso, de todas as suas tatuagens, considerou sagrado em sua vida a tatuagem da coruja, pois, segundo seu entendimento, simbolizar a sabedoria.

O último adolescente, chamado Elton, tinha uma tatuagem da *nossa senhora* (Santa Católica) no braço direito e uma *rosa dos ventos* no antebraço esquerdo. O jovem se mostrou um católico praticante, relatando que sempre frequentava as missas com a família; mas que agora frequenta às vezes e nos finais de semana. Disse que Deus é que o ajuda e que está sempre com ele. Quanto a suas tatuagens, relatou que a tatuagem da santa nossa senhora é muito importante para ele, não só pelo símbolo da santa, mas que fez a tatuagem para lembrar do avô já falecido, que tinha uma igual.

2.2.3 A terceira visita

A *terceira visita*²⁸ foi direcionada às *entrevistas semiestruturadas*²⁹ dos cinco adolescentes selecionados dentre os trinta com tatuagens – lembrando que havia dez sem tatuagens, os quais responderam sobre o porquê de não terem nenhuma tatuagem. Além disso, estabeleci como critério na seleção dos cinco adolescentes, além da variedade de símbolos religiosos, a melhor nitidez das imagens tatuadas.

No dia da terceira visita, chovia muito. Não parou de chover um instante. E era uma chuva volumosa, com tempo carregado, que se via e ouvia trovões e relâmpagos. Na minha saída do carro até a entrada, me molhei bastante. Porém, logo secou, pois era um dia chuvoso, mas muito quente. Era uma quarta-feira, dia de visitas dos familiares dos adolescentes. Havia pessoas segurando fichas numéricas na entrada, aguardando até o momento do crivo das revistas. Tive que esperar alguns minutos na entrada, e fui observando aquela rotina. As pessoas chegavam com sacos de salgadinhos e refrigerantes, e uma equipe tirava o rótulo das garrafas e colocava os salgadinhos em sacos plásticos transparentes. Além disso, os familiares traziam

²⁸ Realizada dia 4 de janeiro de 2023.

²⁹ Os tópicos utilizados como disparadores nas entrevistas semiestruturadas foram: 1)Família; 2)Religião; 3)Religião para você; 4)Objetivo da religião; 5)Religião nas tatuagens; 6)A relação: sociedade, religião e Deus; 7)As Relações de Poder (relações humanas naturais e sobrenaturais); 8)Deus.

outros pertences em sacolas, como roupas e produtos de higiene pessoal para os adolescentes internos. Uma outra funcionária recebia esses materiais, fazia anotações e orientava os familiares sobre o que era permitido receber ou não. De modo geral, era possível perceber uma maioria de pessoas de baixa renda ou extrema pobreza, com roupas surradas e com aspecto não muito higiênico. Havia uma mulher em que era possível enxergar as lêndeas (ovos de piolhos) em um cabelo visivelmente maltratado. Outras, até com aspecto de banho tomado, mas com características de pessoas de baixa renda, com a experiência da escassez, conversando na fila e expondo as dificuldades do cotidiano. A maioria eram mães. Uma delas chegou alegre e brincando com as funcionárias; pelo que percebi, já era bastante conhecida pela equipe técnica e de agentes socioeducadores. E pelas conversas, seu filho estava para ser desligado – motivo esse da sua alegria. Fora este caso, contudo, o que mais me impressionou foram os semblantes das pessoas. Era uma atmosfera de tristeza total. Havia um familiar que parecia ser diferente dos demais. Era um senhor entre os cinquenta e sessenta anos, não muito alto, barrigudo e bem vestido. Percebi que tinha uma discreta corrente de ouro no pescoço, com o cabelo grisalho bem cortado e a barba bem-feita. Estava quase chorando e, em certo momento, ouvi pensar em voz alta: *“-Nunca imaginei que teria que passar por isso na minha vida...”*. E um outro rapaz que estava perto e ouviu aquilo, sem palavra alguma, fez uma expressão facial que, se fosse falar alguma frase, talvez dissesse: “fazer o que...”; ou “É complicado...”; ou “não está fácil pra ninguém...”; ou “sei como se sente, já me senti assim também...”; ou “Força!!”, entre outras. Pelo que observei, aquele senhor, possivelmente pai de um adolescente interno, estava fazendo sua primeira visita.

Depois de passar pelos guardas, já logo fui recebido pela Técnica Fabiana, a qual me acolheu e cedeu sua sala de atendimentos, na parte do pátio interno, para que eu fizesse as entrevistas. Quando entrei, passei pela quadra coberta, onde ocorrem as visitas. Havia mesas e cadeiras plásticas brancas, e alguns familiares já com alguns adolescentes. Um agente socioeducador (da chefia de equipe) avisava pelo rádio o nome do adolescente e o setor que deveria chamá-lo para a visita. Logo o adolescente saía do setor com a cabeça baixa e mãos para trás, se deslocando até o familiar. Abraçavam-se e sentavam para conversar. As conversas eram baixinhas e, conforme os familiares entravam, crianças pequenas (de colo ou já dando os primeiros passos) também adentravam o pátio interno com os familiares. Nesse meio tempo, a chuva diminuiu, mas continuou chovendo o tempo todo, sem vento.

Por conta do dia de visitas, tive que aguardar um pouco até que todos os familiares entrassem, para ver quais dos que seriam entrevistados poderiam ser chamados, pois poderia algum rapaz que eu iria entrevista ter recebido alguma visita. Nesse meio tempo, observei chegar o senhor que estava quase chorando na entrada. E logo já chamaram seu filho. Ele cumprimentou o adolescente friamente. Ao mesmo tempo que parecia transmitir um amor de pai no olhar, foi duro com o rapaz; parecia sentir vergonha e muita tristeza. Enquanto ele falava, o adolescente ficava de cabeça baixa, com boné. Não olhava nos olhos do pai. Até que o pai mandou ele olhar nos olhos. O jovem levantou a cabeça e pude ver a lágrima escorrer em seu rosto. O pai falava com ele como se fala com um homem, mesmo em tom baixinho, mas com um olhar severo; e logo se despediu e foi embora. Foi um dos últimos a entrar e o primeiro a sair. O jovem *se dirigiu ao setor de cabeça baixa*³⁰, mãos para trás, e fazia um movimento no caminhar de quem estava muito abalado e triste, balançando a cabeça e fungando o nariz por conta do choro. Essa foi uma das cenas mais tristes e comoventes que presenciei neste contexto – talvez pelo fato de também ter um filho adolescente.

Nesse meio tempo, fui informado que já poderia iniciar as entrevistas. O agente chefe de equipe escalou outro agente para buscar um adolescente por vez. Enquanto isso, fui dirigido à sala da Técnica Fabiana, para aguardar o jovem chegar. O primeiro adolescente foi o **Deivid**. Chegou na sala e sentou na minha frente. O agente socioeducador sentou do lado de fora da sala com a porta meio aberta. Deixei o celular gravando e já fomos conversando. Ele tinha uma tatuagem do *tio patinhas*; uma com o *nome da filha e da mãe*; uma dos *irmãos metralha*; uma do *grêmio*; uma de *letra de música*; uma *coruja* no pescoço; uma com a palavra *família*; e uma frase religiosa no braço: “*A luz que me guia é mais forte que os olhos que me cercam*”, e logo abaixo da frase, havia a tatuagem de uma *cruz*.

Deivid era um rapaz pardo, com dezessete anos, mas que completaria dezoito no mês de abril de 2023. Inicialmente, estava no setor B2, mas quando o entrevistei,

³⁰ Em alguns casos, situações como esta, quando o adolescente se entristece com um familiar ou enfrenta uma desilusão amorosa na visita, quando a namorada termina o namoro, o jovem entra para seu dormitório e espera acabar o horário de visita para pedalar a porta e ser dirigido ao UAE (Isolamento). O mais comum é isso ocorrer no dia seguinte, pois há um protocolo entre os próprios adolescentes: a proibição de pedalação em dia de visita; e nem ficar olhando as visitas dos demais, nos deslocamentos até o pátio e/ou durante a visita. Cada um tem que ficar focado na sua visita. Além disso, é proibido, entre eles, pedalação ou qualquer tipo de situação vexatória em dia de visita. Esse protocolo é coletivo e bastante respeitado. Caso contrário, quem o infringe, vira alvo de brigas futuras e acaba sendo excluído e malvisto no grande grupo.

já se encontrava no setor C – o que comprova a progressão na sua medida socioeducativa. Era um jovem magro, não muito alto – talvez um metro e setenta e cinco.

No que eu expliquei como seria a dinâmica das perguntas, logo aceitou e começou a falar um pouco sobre sua história e seu contexto social.

Relatou ser de São Leopoldo (RS), bairro Vila Esperança. E, como muitos brasileiros, pertencente a um contexto periférico e de família fragmentada, com os pais separados, morando com a mãe (de quarenta e nove anos), com uma irmã de quinze anos e um irmão de 14 anos. Além desses irmãos, tem outra irmã de trinta anos, já casada que, no dia da entrevista, ainda se encontrava presa; mas que sairia da prisão em fevereiro de 2023. Conforme Deivid, seu pai (de quarenta e cinco anos) que também mora em São Leopoldo, casou novamente e não tem filhos.

Quanto a sua religião, fez questão de enfatizar que sempre foi luterano; e que mesmo já visitando outras igrejas (evangélicas pentecostais) antes de estar na Fase, sempre foi luterano, indo, inclusive, com sua ex-companheira e com sua filha de seis meses. Mesmo não sabendo explicar em qual igreja luterana frequentava, relatou que apenas ele, a mãe e a ex-companheira congregavam; e que o irmão e as irmãs não gostavam de ir aos cultos. Além disso, tive curiosidade em saber se a ex-companheira (de dezoito anos) havia terminado com ele quando havia sido internado na Fase; mas não. Segundo o adolescente Deivid, *“-Quando ainda estava solto eu fazia umas mãos e chegava tarde e ela não gostava. Agente brigava muito. Mas eu saio final de semana e vejo minha filha. Está bem gordinha.”*³¹ E pelo fato de sair fim de semana, o questionei se sobrava algum tempo para ir em alguma balada, e ele disse: *“-Dou umas banda. Mas é curto. Fico mais em casa com a minha coroa. A minha coroa vem me ver nesses 8 meses que estou preso. Bá... tá loco. Prefiro ficar com minha mãe”*³² – o que duvidei um pouco. Percebi que pudesse estar tentando me contar uma história que não fosse o comprometer. Quer dizer, enquanto trabalhei na Fase como agente socioeducador, via muitos adolescentes chegarem atrasados no horário de entrada após o fim de semana e, muitos, ainda alcoolizados ou drogados. Quando chegavam, eram poucos os que se apresentavam no horário certo e sóbrios. Mas pode ser que Deivid fosse um desses poucos; contudo, nesse aspecto, não me convenceu.

³¹ Resposta nº 16 de Deivid durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

³² Resposta nº 17 de Deivid durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

Por outro lado, seguia em frente na entrevista, fazendo de conta que acreditei na sua última resposta. Quando retomei a pergunta sobre o que é religião e que tipo de religião ele se identificava quando queria falar com Deus, especificou que tem fé em Deus e que para ele “-*não tem essa aí de religião certa*”³³; que Deus é um só. Da mesma forma, afirmou já ter participado dos cultos evangélicos e católicos na Fase, quando ainda era do setor B2. E, apesar de não saber explicar direito qual é o objetivo de uma religião, para ele, acha que a religião serve para entrar em contato com Deus.

Em relação as suas tatuagens e o que simbolizam para o jovem Deivid, mesmo durante a aplicação do questionário ter considerado como sagrada em sua vida a tatuagem da coruja, por simbolizar a sabedoria, durante a entrevista, ficou em evidência a tatuagem da frase religiosa. Quando perguntei o porquê de tatuar a frase “*A luz que me guia é mais forte que os olhos que me cercam*”, respondeu:

Achei que é o que acontece no dia a dia, na vida das pessoas hoje. Várias pessoas assim na volta do cara. Não desejam assim o bem da pessoa, sabe seu? A coisa mais forte vai proteger sempre. Gostei dessa frase: ‘*A luz que me guia é mais forte que os olhos que me cercam*’.³⁴

Durante nossa conversa, quando o questionei se a referida frase fora feita com a intenção de homenagear Deus, o jovem disse que não. Ou seja, que era por uma questão de se sentir protegido por Deus, acreditando que, com aquela inscrição na pele, Deus sempre estaria com ele.

Após isso, conversamos um pouco sobre desigualdade social e sobre as relações de poder na sociedade. E não só o jovem Deivid, mas os outros quatro entrevistados consideraram que no contexto periférico que se encontram, o dinheiro é o que traz poder às pessoas (referindo-se aos traficantes que têm muitas “biqueiras”, ou seja, pontos de venda de drogas). E no caso do Deivid, não foi diferente. Relatou que precisava de dinheiro e que não queria depender da sua mãe. Sabendo das limitações financeiras que envolvem um adolescente no mundo do trabalho, pude perceber que encontrou dificuldades em conseguir um trabalho formal; e que as ofertas de salário de um jovem aprendiz, por exemplo, não eram suficientes para suprir suas necessidades – o que oportunizou, segundo o jovem Deivid, o envolvimento com práticas ilícitas. Relatando sobre essa parte de sua vida, afirmou que:

³³ Resposta nº 18 de Deivid durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

³⁴ Resposta nº 22 de Deivid durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

Há eu... tava precisando de dinheiro né seu. Nunca gostei de depender da minha mãe. Nunca gostei disso. Eu uso uma droga, sabe seu; usava. Daí eu não gostava de pedir dinheiro pra minha mãe para usar droga. Porque faltava em casa pro meus irmão e pra ela. Daí, bã, o gurizão veio em mim e disse, bã, tu vai ganhar tanto, assim, por dia e eu, bã, na hora. Daí comecei a ganhar força de dinheiro, comecei a gastar força, caí preso, tô aí. Tô saindo no final de semana. De vez enquanto dou uma banda na biquêra. É muito dinheiro. O dinheiro seduz o cara né.³⁵

Como o jovem relatou se sentir protegido com a tatuagem da frase *“A luz que me guia é mais forte que os olhos que me cercam”*, insisti, novamente, em perguntar como era a relação dele com Deus, questionando se ele falava com Deus, se sentia-se cuidado ou protegido por Deus. Então, ele respondeu empolgado que sim. Que Deus cuida muito dele, inclusive, o livrando da morte por duas vezes; mas preferiu contar apenas um desses acontecimentos:

Lembro um dia que tava fazendo uma mão lá na Santos Dumond, lá. Daí, no caso, eu tinha feito o acerto com o gerente né. Acertemo as droga tudo e tinha mais de 5 mil em droga. Eu tinha botado debaixo de um pilar de uma casa, que tu botava o braço por dentro e guardava a droga. Daí quando vê, botei tudo ali e dei uma banda na rua pra esperar o outro gerente pra pegar o dinheiro e as droga pra leva pra outra biquêra. Quando vê, entrou os hõmi dentro do beco, assim, e levaram tudo as droga. Eles chegaram e falaram pro patrão que tava preso, queriam me mata, veio dois piazão, tomaram meus bagulho, eu consegui largá por trais, saí num campo de futebol, com o pé cortado, por dentro do valão. Quando vê, tô na esquina assim, do campo de futebol, achei a casa do piazão que fez a mão comigo. Ele já me chamou na casa dele e depois eu larguei embora. No outro dia me viram e falaram: não, tu perdeu mesmo pros hõmi (eles acharam que eu tinha cheirado a droga, sabe seu?) e tá sereno, coisarada... Se eu não tivesse largado (corrido) aquele dia, ia morrê...³⁶

No final da nossa conversa, fiz uma pergunta bem ampla, aberta. Perguntei se ele tinha mais alguma coisa para relatar sobre sua história e suas tatuagens. Então, me surpreendi com a resposta: *“-Tenho a vida toda pela frente. Quero viver muito ainda. Sou um cara tri esforçado. Estou no 2º ano do EM.”*³⁷ Não que essa resposta seja absurda. É que durante esse tempo de convívio com os adolescentes da Fase, a afirmação mais comum relaciona-se a desesperança. Costumam dizer que a carreira no crime é curta e que vão morrer cedo. Mas com o Deivid, por sua vez, foi diferente – e senti sinceridade em sua resposta. E assim acabou a primeira entrevista.

O agente conduziu o jovem Deivid até o setor e trouxe **Djoni** - um rapaz pardo, magro e um pouco alto, por volta de um metro e oitenta de altura. Tinha tatuagens de

³⁵ Resposta nº 25 de Deivid durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

³⁶ Resposta nº 28 de Deivid durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

³⁷ Resposta nº 29 de Deivid durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

diamante com uma coroa e as palavras pai e mãe, uma mão com o terço e a pomba do Espírito Santo, um palhaço e um cifrão de dinheiro. Djoni tinha 17 anos e estava no 2º ano do Ensino Médio. Possuía um irmão (de 12 anos) e duas irmãs (de 23 e 24 anos). O irmão é filho do atual padrasto com sua mãe. E as irmãs são por parte de pai. Além disso, se declarou casado há quatro anos, sem filhos. Quando o questionei sobre com quem ele mora, respondeu: *“-Sempre morei com a minha mãe. Meu pai largô minha mãe ela tava de barriga ainda”*³⁸. Ou seja, Djoni mora com o padrasto, com a mãe, com o irmão de doze anos e com a esposa. A trajetória de Djoni já é de mais tempo na Fase. Desta vez vai cumprir um ano e dois meses, mesmo já tendo sido internado na Fase, por outros crimes, durante um ano e dez meses.

Na verdade, percebi uma certa frieza durante a entrevista, como se o rapaz estivesse meio irritado. Mas aos poucos o clima foi melhorando. Seu contexto familiar envolvendo a religião, era relacionado ao contexto evangélico, quando congregava com a mãe, de vez em quando. Sua esposa era da umbanda e Djoni não frequentava com ela. *“- O cara não tem nada contra, mas é a dela e não a minha. Eu participava dos culto aqui”*³⁹, falou meio que não aprovando muito que a esposa era de uma religião de matriz africana. Conforme o jovem, sua relação com Deus envolve a participação nos cultos dentro da Fase e através da oração. Suas tatuagens da pomba do Espírito Santo e do terço, as quais pesquisou no google para que o ateador as fizesse, não representam para ele um amuleto de proteção, mas uma forma de homenagem a Deus – da mesma forma que o diamante e a coroa servem para homenagear seus pais.

E pelo fato de comentar gostar dos cultos e da oração para se relacionar com Deus, afirmou refletir sobre seu futuro apenas quando *“- estava no fechado, porque pesa. O cara vai nos culto e presta mais atenção”*⁴⁰. Quando passou a sair nos finais de semana, parou de refletir sobre seu futuro e de fazer planos quando sair, sobre largar o crime. Mas afirmou *“estar legal de cadeia”*⁴¹. Ou seja, mesmo seu fervor espiritual, aparentemente, tendo se esfriado com as saídas à rua, ele tem a ciência de que estar preso é ruim.

³⁸ Resposta nº 15 de Djoni, durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

³⁹ Resposta nº 05 de Djoni, durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

⁴⁰ Resposta nº 11 de Djoni, durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

⁴¹ Resposta nº 13 de Djoni, durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

Por outro lado, mesmo reconhecendo que suas orações a Deus diminuíram após as saídas nos finais de semana, afirmou se sentir protegido e cuidado por Deus. Quando lembrou situações que enfrentou na vida, fez o seguinte relato:

Eu lembro. Uma vez que fui robá um cara e ele me guentô (reagiu), com um revolve. Ele atiro e negô. Ele me apontô, apertô e não saiu. Não sei se tava sem bala. Mas ele mirô, apertô e eu larguei (correndo). E teve mais uma. Nós chegamo pra guentá um carro e ele também puxou e começou a apertá e não saiu nada.⁴²

Além disso, quando realizei o exercício de fazê-lo refletir quem ele era e o que não podia faltar em sua história, além de relatar seu sonho em ter filhos, Djoni disse que:

Única coisa que eu consegui foi aqui dentro né seu. Consegui quase concluí meus estudo, faço curso, faço vários bagulho. Lá na rua o cara não ia fazê, o cara só tava aprontando. Aqui dentro que eu consegui estudá. Eu cheguei na 6ª série aqui. Tô quase terminando o Ensino Médio e faz um ano e sete que tô no curso do CIEE. Ganho uma grana que o cara vai gastando né, o cara adquire uns negócio.⁴³

Enquanto o jovem Djoni falava isso, e já nos dirigíamos para o final da entrevista, fiquei refletindo sobre como ele e tantos outros adolescentes chegam e saem da Fase. Um estudo interessante seria investigar o acompanhamento social após o desligamento desses jovens, através dos órgãos de Assistência Social, como CRAS⁴⁴, CREAS⁴⁵ e Centro POP⁴⁶. Ou seja, estudos capazes de mensurar essas realidades podem ser eficazes na tomada de decisões para a constituição de novas políticas públicas.

Nesse meio tempo, Djoni saiu. E demorou um pouco até o outro adolescente chegar. Fiquei observando aquela sala de atendimento e percebi várias histórias naquele ambiente. Não era uma sala de uma pessoa que chega no trabalho e vai pra lá. Mas era uma sala com marcas de um trabalho, de um processo. Havia origamis⁴⁷ na mesa da técnica, além de desenhos e poemas pendurados em um pequeno mural da sala. Fiquei imaginando quantos adolescentes já passaram por ali, e como esses profissionais administram seus sentimentos diante dessas experiências diárias. Alguns podem pensar que é uma profissão como outra qualquer; mas não é. Aliás,

⁴² Resposta nº 10 de Djoni, durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

⁴³ Resposta nº 12 de Djoni, durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023

⁴⁴ CRAS, Centro de Referência de Assistência Social.

⁴⁵ CREAS, Centro de Referência Especializado de Assistência Social.

⁴⁶ Centro POP, Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua.

⁴⁷ Arte de diversas formas realizadas com dobraduras de papel.

cada profissão tem seu valor, sua experiência e sua ótica. E ali era um lugar de muitas falas. Quantas histórias, quantos conflitos não foram tratados ali? Isso eu pensava enquanto o próximo adolescente não chegava; e, ao mesmo tempo, percebi que aquela sala tinha uma atmosfera de atenção e cuidado, pois os adolescentes, aos poucos, se “desarmavam” e falavam com sinceridade.

Logo trouxeram **Pedro**. Rapaz de dezessete anos, mediano, branco e magro. Tinha apenas uma tatuagem de *um anjo com uma metralhadora em uma mão e um saco de dinheiro em outra*. Mas não era um anjo forte e grande, como um anjo de guerra. Era um anjinho com corpo de criança, parecido com o *cupido*⁴⁸, com duas pequenas asas. Percebi que Pedro se preparou para a foto da tatuagem, pois tinha a perna cabeluda e na região da tatuagem (perto da canela), estava raspada com gilete para aparecer bem nítida a imagem. O jovem, do bairro Canudos – Novo Hamburgo, morava com a mãe e com a irmã de 23 anos antes da internação; e também tinha um irmão de 4 anos que morava com o pai e a madrasta.

Quando começamos a conversar sobre sua relação com alguma religião na infância, falou que sempre frequentava as reuniões com a mãe. Fez a seguinte afirmação: “-*Nós ia na igreja e, de vez em quando, no candomblé, sabe? como ela ia nos dois, eu ia junto. Eu ia nos cultos na evangélica e no candomblé minha mãe pagava pra jogá e vê o futuro. E ia pra se benzê, sabe?*”⁴⁹. Durante nossa conversa, pude perceber que Pedro, inicialmente, tinha interesse nos cultos e sessões da terreira apenas para conhecer; mas depois reconheceu que aquele costume poderia lhe ajudar e trazer proteção. “-*Eu tenho até uma guia também, eu tenho... de São Jorge, pá proteção...*”⁵⁰, afirmou, mesmo já tendo sido batizado na igreja evangélica quando criança. O interessante é que durante a aplicação do questionário, Pedro não descreveu essa experiência com o candomblé. Apenas na entrevista se sentiu à

⁴⁸ “A história do Cupido começa na Antiguidade Clássica, na mitologia Grega, onde Cupido era um dos deuses mais antigos do Olimpo. Sua primeira aparição se deu por Hesíodo, que o definiu como um dos três seres primais, junto com a Gaia, a Mãe Terra, e Caos, a Matéria Primordial. O Cupido é, na verdade, Eros, deus do amor e do erotismo. Era filho de Afrodite, deusa da beleza, e Ares, deus da guerra. Por ser o deus do amor, era considerado o mais belo dos deuses, capaz de despertar o amor nos mortais através de suas flechas envenenadas com paixão e amor. A figura infantil do Cupido é uma simbologia ao verdadeiro amor, eterno e imutável. Por esse motivo, ele nunca cresce e transforma. E sua companheira, Psiquê, é a entidade que significa a essência da alma humana. [...] a história que eternizou o Cupido começa do amor entre ele e Psiquê, a mais bela das mortais.” MONTEIRO, Guta. **Quem é o cupido? Um anjo ou um deus?** Disponível em: <https://www.wemystic.com.br/historia-do-cupido/>. Acesso em: 23 set. 2023.

⁴⁹ Respostas nº 05 e 6 de Pedro, durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

⁵⁰ Respostas nº 08 e 9 de Pedro, durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

vontade para expressar essa situação. No questionário afirmou sempre ter ido à igreja evangélica com os pais. Então, minha hipótese é que outros adolescentes, se fossem entrevistados, provavelmente expressariam outras confessionalidades, experiências religiosas e/ou espirituais, que não conseguiram revelar no questionário.

Quando entrei no assunto da tatuagem do anjo, meu interesse inicial era sondar a origem. Eu sabia da existência do tipo de tatuagem e da variedade de formas relacionadas àquela imagem; mas queria investigar se ele sabia disso. Então, tivemos a seguinte conversa:

Tá e esse lance da tattoo, assim, qual que foi a parada? Essa tattoo foi uma criação tua, ou já existia? Não, é que tipo assim, ele tava com uma promoção sabe? Daí ele tinha várias tatuagem, sabe? Daí essa aqui tava. Daí eu gostei e pensei vou fazê, né? E o tatuador é daqui? É. Do bairro Mundo Novo. Sô dali. Ela era pronta. Só não sei se não foi ele que criou.

Tá, mas qual que é o lance que tu achou legal do anjo, assim? Tem alguma relação de proteção ou homenagem a Deus? Há... eu fiz porque eu gostei. **Eu acho que tipo eu fiz tipo como se fosse um anjo me protegendo sabe?** Eu ia fazê ela no pescoço, mas ia fica muito exposta. Daí eu decidi fazê na perna.⁵¹

Durante a conversa, pude perceber que ele bateu o olho na tatuagem e gostou. Ele não sabia da existência dela no estado de arte das tatuagens. Conforme muitos disseram, “foi um lance de momento”, mais evidente e característico da adolescência. Além disso, salientou que a tatuagem do anjo também se relacionava a um sentimento de proteção, de um anjo o protegendo. Então, sobre essa questão de proteção de Deus através de um anjo ou através da guia de São Jorge, fomos conversando e fui sondando sobre sua percepção ética. Queria entender se suas escolhas partiam apenas de um contexto social periférico, de necessidades básicas de sobrevivência, ou se, além disso, decidiu conscientemente entrar para o crime também por alguma vaidade e imaturidade, contando com a proteção divina. Quando entrei nesse assunto, o adolescente riu. Falou que na infância passou necessidade, mas que durante a adolescência via seus amigos com dinheiro e foi seduzido pelo sentimento de ter dinheiro a qualquer custo. Deixou claro que *não gostava de traficar*⁵², e sim de roubar carros (assalto a mão armada). E essa constatação veio através de uma pergunta que nem era direcionada à extração dessa informação. Ou

⁵¹ Perguntas e respostas nº 10 e 11 de Pedro, durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

⁵² Resposta nº 14 de Pedro, durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

seja, quando perguntei: “Se alguém fosse ler sobre a tua história, o que tu acharia legal não faltar?”, ele respondeu:

Há... seu... que sô um guri bom, né... mas...né... e daí qué fazê coisa errada... Daí é bom pra aprendê né... Eu tava só fazendo coisa errada, tipo eu não ia só uma veis sabe? Numa semana eu ia umas duas veis, treis veis, fazê coisa errada (assalto) ... e não me ligava, sabe... que eu tava tipo ...ahahh,... tirando as coisa que alguém conquisto.. era tipo um serviço pra mim, sabe? Daí agora o cara pensa aqui dentro e pára pra pensá, sabe? Eu ia mais porque eles falavam né, tamo precisando de tal carro né. Eles diziam: vem, espera eles frear e te damo 2 mil, 1.500,00, tipo assim. Aí já imaginava o dinheiro né?. Aí já chamava os outros já... viu?... vamo!.⁵³

Conforme o relato de Pedro, a parte que ele diz *ser um guri bom*, foi bem curta – justamente a parte que eu esperava mais dele; ou seja, compreender o que ele via de bom nele. Mas é impressionante como têm dificuldades em perceber suas qualidades. Se esse já é um exercício que faz as pessoas pensarem um pouco antes de responder, com pessoas encarceradas é ainda mais difícil, pois a culpa torna-se um fardo pesado. E quando se trata da relação com o sagrado, mais ainda. Muitos adolescentes da Fase já me perguntaram se Deus poderia perdoar o que fizeram – o que torna evidente essa dúvida e o peso da culpa.

Outra informação interessante no relato é que não refletia sobre estar “*tirando as coisa que alguém conquisto*”, e que as práticas delituosas que ele dizia ser *como um trabalho*, podem ser associadas a uma banalização do mal ou da violência, quando a pessoa está tão acostumada a fazer o que é errado, mesmo sabendo que é errado, que acaba perdendo o filtro moral. Sobre essa questão de refletir sobre suas atitudes, Pedro relatou que o início deste exercício foi na Fase. Que reflete durante suas orações a Deus, com suas leituras bíblicas e sempre lembrando da guia de São Jorge. Sobre essa questão, tivemos a seguinte conversa:

E volta e meia, como é essa tua relação com Deus? Tu ora? Conversa com Deus? Simmm... eu tenho uma bíblia alí. E tenho minha guia de São Jorge e Ogum. **E tu conversava com São Jorge e Ogum, pedindo proteção?** Não, só usava mesmo... converso só com Deus. E isso me ajudava bastante, porque agora, a última veis quando eu entrei aqui sabe?, eu não tava usando ela (a guia). Tava na minha parede, sabe? Eu saí de casa e não tinha como pegá porque minha mãe tava trabalhando... daí podia tá usando ela.⁵⁴

⁵³ Resposta nº 21 de Pedro, durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

⁵⁴ Perguntas e respostas nº 17 de Pedro, durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

Pensando no que o jovem Pedro relata e fazendo a relação com sua tatuagem, a hipótese bem provável é de que realmente o dinheiro e a arma nas mãos do anjo, estejam relacionados, na pele (carne) do jovem, com a relação “ofício”/proteção. A sensação que tive com a resposta é de que ele só caiu preso por conta de não estar com a guia. Não parou para pensar na sua ação em si. Pensa na proteção de Deus, inclusive com livramentos, durante suas ações delituosas. Sobre essa questão ele faz o seguinte relato:

Quando nós tomemo uns tiro da polícia, me acertaram, mas de raspão né, porque eu sô sequinho, né... tomei de raspão aqui também ó (no braço). Nó tava voltando, sabe? daí nó tava de perseguição sabe? De carro. Daí nós tava em treis. Daí tipo, tinha uma barrera, sabe? e tinha, eu não sabia que tinha um beco ali perto sabe? alí pela minha rua, perto do Mundo novo, ali; Daí eles pararam: -Perdeu! Foi bom!, né os guri falaram. E eu tava no banco da frente. Daí eu não quis sabe! saí correndo por esse beco, daí já começaram a atirar...E te acertaram? Sim, porque quando pegô, sabe? Eu meio que não senti minha perna. Daí eu caí. Foi quando tu veio parar aqui? Aqui é a minha segunda vez... A primeira vez eu fiquei uma semana e saí... porque eles não podiam ter atirado em mim; eu não tava armado.⁵⁵

Conforme Pedro, após esse ocorrido, quando ainda estava na rua, foi até a igreja para agradecer a Deus pelo livramento de morte. E que pretende congregar quando sair, pois acredita que as questões espirituais e religiosas podem o ajudar a mudar suas questões sociais e morais.⁵⁶ Quanto aos estudos, encontra-se no 7º ano do ensino fundamental com dezessete anos de idade. Segundo Pedro, antes de ir para a Fase, não estudava na rua, mesmo com sua mãe sempre o orientando a estudar. Quando sair da Fase, pretende mudar de vida, já que vai fazer dezoito anos; tem planos de arrumar trabalho em um posto de gasolina. E assim terminou a entrevista com Pedro. Disse que não tinha mais nada a dizer e foi conduzido ao setor.

O próximo adolescente veio em seguida e a conversa com ele também foi rápida. Chamava-se **Wellington**, e tinha tatuagens com a *data de nascimento dos pais* nos dedos, a frase *fé em Deus* no antebraço direito, a frase *chora agora, ri depois* nas mãos, o *cifrão de dinheiro* no rosto e a frase *tudo passa* no pescoço. O jovem não falava muito. Estava meio desconfiado.

Quando começamos a conversar, disse que tinha dezessete anos e doze irmãos. Mas mora com o pai, a madrasta e mais três irmãos (de 8, 12 e 14 anos de idade). Os outros nove irmãos são por parte de mãe. Além disso, afirmou ter ido morar

⁵⁵ Resposta nº 15 de Pedro, durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

⁵⁶ Respostas nº 24 e 25 de Pedro, durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

com o pai “depois de grande” e sempre congregou na igreja pentecostal “Deus é Amor”. Disse que a mãe não frequentava sempre, e que o pai e a madrasta são mais assíduos nos cultos e atividades da igreja. Segundo Wellington, sua relação com a religião permitiu que ficasse mais tranquilo, mesmo não frequentando muito os cultos nem participando das reuniões de jovens. Para ele, a importância e sentido da religião é “*buscá a Deus*”⁵⁷; e que suas tatuagens, além de simbolizarem sua fé em Deus, representam uma forma de homenagear os pais e Deus com uma marca na pele. Atualmente, sua forma de se relacionar com o sagrado é através da oração.

Wellington, que não tem namorada nem filhos, disse que tem uma relação tranquila com os demais adolescentes da Fase; mesmo já tendo brigado três vezes neste um ano e quatro meses de internação. A frieza do jovem era notável, à medida que emitia respostas curtas. Tinha um olhar firme nos olhos e parecia estar triste e revoltado. Durante a conversa estava tranquilo, mas a revolta que me refiro era interior, no estado de espírito. Quando perguntei sobre ele, sobre o que não poderia faltar na sua história, respondeu: “*Báh, nei sei...*”⁵⁸ e, mesmo eu dando alguns segundos de silêncio, esperando o jovem continuar a falar, se calava e me olhava nos olhos friamente.

O momento que falou um pouco mais foi quando conversamos sobre as relações de poder envolvendo sociedade e o sagrado. Como os demais adolescentes, afirmou que em uma comunidade carente, com pontos de venda de drogas, que tem mais pontos de venda é o que tem mais poder – envolvendo dinheiro e também violência pela intimidação. Da mesma forma, salientou sobre a disparidade entre arrumar um trabalho formal com a metade de um salário mínimo (como jovem aprendiz) e receber a oferta de um patrão do tráfico para ganhar muito mais dinheiro, mesmo correndo riscos. E o jovem foi bem objetivo ao relatar seu envolvimento com o crime: “*Háhh... foi porque eu queria compra meus bagulho né seu... daí eu tinha que té meu dinheiro pra compra meus bagulho...*”⁵⁹. Ou seja, partiu de uma necessidade, mas não bem especificada. Não relatou direito como eram suas condições sociais, se passavam fome ou em que medida o dinheiro era escasso na família.

Quando o questionei sobre sua tatuagem “fé em Deus”, perguntando o porquê de tatuar essa frase no antebraço, afirmou que se sente cuidado por Deus, mesmo

⁵⁷ Resposta nº 6 de Wellington, durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

⁵⁸ Resposta nº 15 de Wellington, durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

⁵⁹ Resposta nº 11 de Wellington, durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

em situações que envolve a ilicitude. Quando entramos nesse assunto, os adolescentes sempre relatam situações que poderiam ter morrido, mas que foram cuidados por Deus, como um livramento. Quando falou sobre a sua experiência, fez o seguinte relato:

Báh é meio estranho né seu... É tipo eu fui vê uma mão (assalto), daí no caso, fui fazê uma mão e era um brigadiano (Policial Militar)... Daí ele não aceitô, daí ele deu tiro em nós... Ele te acertou? Não. Deu vários tiros? Deu uns treis, eu acho... pro meu lado... E nós tava entre treis também né... cada um saiu correndo prum lado, e aí um saiu de atrais de mim...⁶⁰

E passado este momento, o jovem Welington disse não ter mais nada para falar. De imediato, agradei a atenção dele e foi dirigido ao setor e ao seu dormitório.

Em seguida, trouxeram o último jovem a ser entrevistado. Logo percebi que era um adolescente disposto a conversar. O nome dele era **Klaus**, tinha dezessete anos e apenas uma irmã de cinco anos que morava com seu primeiro padrasto, em Porto Alegre. Antes da internação na Fase, morava com a mãe e com o segundo padrasto que, conforme o adolescente, é trabalhador (pintor) – diferentemente do pai biológico, usuário de drogas e envolvido com a ilicitude em Caxias, RS.

Klaus tinha uma tatuagem de uma *estrela de pentagrama ou signo de Salomão, cartas de baralho, cifras de música, o olho de Hórus, a palavra fé, uma sacola de dinheiro e o nome da mãe*. Sobre sua experiência religiosa ou espiritual durante a infância e adolescência, afirmou ser católico; “-tenho mais fé em Deus, mas minha mãe tem casa de religião. No caso minha mãe fazia tipo bagulho espiritual sabe... jogava carta, essas coisa...”⁶¹. Sobre essa questão, se considera católico, diz ter fé em Deus, mas já participou das sessões na terreira de umbanda, por sentir-se protegido. Na verdade, além desse envolvimento na religião da mãe, afirmou que a tatuagem do *pentagrama* também lhe traz um sentimento de proteção, como se tivesse o corpo fechado. A tatuagem com a palavra *mãe*, simboliza uma homenagem a sua mãe; e da palavra *fé*, da mesma forma, além de expressar sua gratidão quanto ao cuidado de Deus em sua vida, também é uma forma de homenagem a Deus. Outra simbologia interessante é a que Klaus descreve sobre a tatuagem do *olho de hórus*: “-Báh, tipo, pra mim é o olho que vê tudo né seu... tipo quem tá, sei lá, tramando

⁶⁰ Resposta nº 14 de Welington, durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

⁶¹ Respostas nº 4 e 5 de Klaus, durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

*alguma coisa pelo cara, assim, o cara sente... um bagulho assim...*⁶². Conforme o relato, não deixa de ser uma proteção com a sensação de um aviso de perigo.

Enquanto aquele rapaz falava, eu tentava fazer a conexão do seu relato com sua linguagem corporal, envolvendo as tatuagens e a forma como sentava e conversava comigo. Quer dizer, ao mesmo tempo que se abria falando bastante e, pelo que pude perceber, com sinceridade, estava o tempo todo com os braços cruzados, como se estivesse se defendendo. Além disso, me questionei: por que tanta tatuagem de proteção? Conforme ele falava, identifiquei duas situações bem difíceis que o jovem enfrentou. A primeira, se refere a dificuldade em lidar com as questões do pai biológico – por conta de não ter sido criado pelo pai e por ser envolvido com drogas e com a ilicitude. A segunda, por sua vez, relaciona-se ao primeiro padrasto, de quando ele era criança – e que não é o de Porto Alegre, pai da irmã de Klaus. Mas foram muitos relatos sobre o pai biológico. Segue a narrativa descrita pelo adolescente:

Meu pai tipo nunca tive muito contato. Só fui uma vez na casa dele e não curti muito. [...] no caso eu não vejo mais ele. Ele mora em Caxias. E no caso ele era envolvido com monte bagulho né seu. Eu fui pra lá e comecei a me envolver com uns bagulho também. Daí foi por esse motivo que entrei nessa vida né seu. [...] No caso, não foi o meu pai que mandou eu ir pra essa vida; eu via ele, assim, nesse bagulho, nessa vida aí... daí, báh, eu achei legal e pá, interessante... e acabei me envolvendo também né seu... É tipo vinha na minha cabeça que eu queria dinheiro, queria... ouro, esses bagulho... corrente... e báh... mulher essas coisa, e aí... acabei me envolvendo né seu. [...] se meu pai não usasse droga na minha frente como ele usou, assim, essas coisas, acho que eu nunca teria usado maconha e cheirado pó, essas coisa... Porque a única droga que eu nunca usei foi pedra, né seu. Se ele não tivesse usado na minha frente, eu não usaria, eu acho. Se eu não tivesse ido morar nesses lugar ai também...⁶³

Observando a narrativa de Klaus, pude perceber seu problema com a figura e referência paterna. Além da situação de se sentir abandonado pelo pai biológico e por perceber sua limitação com as drogas mais o envolvimento com ações ilícitas, enfrentou, juntamente com sua mãe, situações de maus tratos e violência doméstica na infância, por conta de um dos padrastos que já teve. Quanto a esse fato, Klaus relata que:

No caso eu tinha um padrasto né... um outro padrasto quando eu era pequenininho... O pai da menina? Não. Era um outro cara. Tipo, desde pequeno eu convivia com ele e sei lá, ele não era uma pessoa boa. Ele me batia, essas coisa, quando minha mãe saia ele cuspi na cumida, pra mim

⁶² Resposta nº 19 de Klaus, durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

⁶³ Respostas nº 6, 7, 21 e 27 de Klaus, durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

cumê, essas coisa... E bateu na minha mãe na minha frente e eu tenho uma revolta, porque báh, minha mãe é tudo pra mim né seu. Não tinha como protegê minha mãe porque eu era pequeno, tinha uns 8, 9 ano, e daí... não tinha como protegê ela né seu, e isso me dá mais revolta. E tu nunca mais viu esse cara? Não.⁶⁴

Com esses relatos comecei a fazer a relação com as tatuagens de Klaus. Conforme o adolescente, desde criança é revoltado e ficou bastante tempo sem estudar. Na visão dele, esse contexto social contribuiu para que se envolvesse com amizades perigosas e que fosse um mau aluno durante sua infância. Atualmente o jovem Klaus se encontra no 8º ano do Ensino Fundamental. Sobre este contexto, relata que:

Fiquei acho uns 2 ou 3 ano sem estudá. É que eu era muito revoltado né seu... eu cresci revoltado, não sei o que que tinha em mim. Quando eu era criança cresci muito revoltado; na escola não prestava muito atenção nos bagulho, queria brigá com todo mundo, assim... E daí nessa última escola que eu fui, eu briguei com um piá e fui expulso. Daí daí minha mãe ficou braba comigo, daí eu também discuti com ela; daí eu saí, fui na casa dum amigo meu que traficava, fui lá e pedi pra usar uma droga, agente foi lá, fizemo uma mão(assalto); daí, foi nisso que minha mãe descobriu e agente se mudô né.... Daí fui pra uma cidade vizinha alí, que é Bom Princípio; E daí eu já me embolei com outras amizade alí... E as amizade que me influenciô a usá mais ainda as droga. [...] No caso eu morava alí em São Sebastião do Caí né... Eu tinha uns amigo alí que não eram muito... báh, uns amigo que vão na igreja, e essas coisa, e coisarada... Era uns amigo que vendia droga, que matô já, essas coisa... Daí... Báh, eu fui lá, perguntei pra eles como é que eu fazia pra entrá, sabe?... pra essa vida, e pá... Alí começô daí... Daí eu comecei vendendo uma droga ali. Daí às vezes me chamavam pra fazê outros bagulho... Eu ia lá e fazia. Fazer uma mão(assaltar)? É.⁶⁵

Além do contexto social, afirmou ter tentado encontrar trabalho, e que sonha em ser militar do exército ou trabalhar com música, sendo MC (cantor de rap). Uma outra informação relatada por Klaus é que enfrentou necessidades financeiras quando criança. Mas que não deixou de tentar arrumar emprego; sobre essa situação, relatou: *“-No caso eu procurei trabalho várias vezes né seu... procurei trabalho a fú e ninguém me chamava. Daí eu queria dinheiro e pá, sê alguém na vida... tipo queria mostra pros meus amigo que eu tinha uns bagulho... e eu acabei... não tinha outro jeito, acabei... me envolvendo.”*⁶⁶

Retomando a questão da religiosidade e suas tatuagens, queria saber se ele frequentava os cultos dentro da Fase e, pelo fato da mãe pertencer à umbanda, saber se ele utilizava alguma guia de proteção. O jovem tinha uma guia e perdeu durante

⁶⁴ Resposta nº 25 de Klaus, durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

⁶⁵ Respostas nº 23 e 28 de Klaus, durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

⁶⁶ Resposta nº 22 de Klaus, durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

uma briga. Da mesma forma, frequentava os cultos dentro da Fase, quando passou a refletir sobre suas atitudes e desenvolver o sentimento de gratidão. Sobre essa questão, Klaus faz o seguinte relato: “-*Quinêm lá fora eu quase nem rezava né seu, tipo não agradecia pelo alimento, pela comida, esses bagulho. Aqui dentro eu agradeço por tudo né seu, pelo alimento, pelo café, pela saúde, pela vida, pela minha mãe*”⁶⁷. Além disso, mesmo com uma narrativa longa sobre suas experiências e desafios, afirmou sentir-se protegido por Deus diante de situações de perigo que enfrentou enquanto praticava crimes. Conforme o jovem, por três vezes percebeu o cuidado e a proteção de Deus em sua vida:

Uma que eu me lembro que eu tava traficando ali num lugar que não era nosso embolamento, daí chegou uns cara pra invadi pra matá nós. No momento eu saí pra fazê uma tele (tele entrega de drogas). Se eu tivesse alí eu ia tê morrido. E outra que tipo tava tendo uma eleição de prefeito e esses bagulho e tinha uns cara que tipo acho que era contra também, que vieram pra cima de nós com faca e um pedaço de pau e coisarada, e consegui fugi. Um amigo meu foi esfaqueado, mas sobreviveu né.⁶⁸

Assim terminou a entrevista de Klaus e o terceiro dia de visita. O jovem apenas lembrou a saudade da ex-namorada, a qual teve que terminar o namoro com ele após o pai descobrir que Klaus estava na Fase. O jovem foi conduzido ao setor e eu até o portão de saída.

2.2.4 A quarta visita

A *quarta visita*⁶⁹ tinha por finalidade a observação dos adolescentes na quadra de futebol de salão (do pátio). Como estava chovendo e os adolescentes não tiveram momentos de pátio, durante a observação, acabei conversando com alguns funcionários para tentar comparar narrativas e ter uma percepção dos adolescentes a partir da ótica de quem os vê de outro ângulo.⁷⁰ Da mesma forma, sabendo da

⁶⁷ Resposta nº 30 de Klaus, durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

⁶⁸ Resposta nº 30 de Klaus, durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

⁶⁹ Ocorrida dia 23 de março de 2023.

⁷⁰ Apesar de eu ter sido questionado pela Técnica Fabiana sobre essa conversa com funcionários, a qual alegou não estar no projeto, saliento que faz parte da pesquisa de campo em si. Como eu fui observar os adolescentes no pátio e, na ocasião da data, estava chovendo, acabei conversando com alguns funcionários, quando registrei em caderno de campo. Além disso, meu projeto abarcava a possibilidade do pesquisador ser um artesão intelectual; ou seja, às vezes, pode ocorrer a necessidade de criação de métodos próprios pelo pesquisador. Quando Kaufmann se refere ao *artesão intelectual* é justamente isto: aquele que vai criar um mecanismo próprio de investigação. “Construir o objeto científico em todas as suas dimensões, livre, se utilizando do método, da teoria, da informação, ou dos dados, sem deixar-se dominar por tudo isso.” Isso foi necessário quando

esperteza dos adolescentes em relação ao que falam e dos desafios em fazer muitas visitas cheias de protocolos e burocracias, uma breve conversa já trouxe uma confirmação das entrevistas e novos achados sobre suas histórias.

Quando cheguei, acabei ficando pelo pátio interno, em uma área coberta. A chuva era volumosa e quase não tinha movimentação na casa de internação. Então, comecei a conversar com alguns funcionários sobre os adolescentes entrevistados. Como foi uma conversa informal, conversamos ali mesmo na área coberta. Me instalei em uma sala ao lado da sala da chefia de equipe, que dá de frente para a instalação física dos setores A1 e A2. Quando conversei com os funcionários, lembravam alguma coisa apenas de Klaus, Deivid e Djoni. As primeiras informações vieram sobre o adolescente **Klaus**. Ou seja, segundo uma das funcionárias, Klaus chegou na Fase perdido e rebelde. Inicialmente era brigão e tinha uma certa liderança. Por conta disso, foi uma vez para o UAE (isolamento), se abalou e não voltou mais; então, vem se controlando para não brigar. Na verdade, o jovem ficou bastante tempo no setor A1, para não adquirir vícios de resistência com os adolescentes dos setores B1 e B2. E essa situação causa desconforto nos adolescentes dos setores B1 e B2 - como se fosse uma certa “injustiça” ou “privilégio” ao jovem Klaus, o que não é verdade. Quer dizer, cada adolescente tem um perfil e uma medida socioeducativa, e isso sempre é levado em consideração com a equipe técnica.

Conforme relatos, tem ótimo relacionamento com a mãe – que é positiva e firme com o adolescente. Da mesma forma, tem um bom relacionamento com o padrasto; e não vê o pai biológico há tempo. Dentro da Fase o adolescente Klaus vem apresentando muita mudança. Tem sido mais prestativo e preocupado em aprender nos cursos do CIEE. Pensa em fazer curso de auxiliar de veterinário por gostar de animais. Também tem interesse em servir o Exército e gosta muito de escrever. Ficou bem claro nos relatos que o jovem Klaus se preocupa com o que vai fazer quando sair da Fase. Por isso, no Setor A2 não se apresenta como um líder, mas interage com os demais adolescentes. Outra informação interessante foi que a fé mudou o

observei uma dificuldade e/ou inconveniência em acessar ambientes como dormitórios ou a parte interna dos setores para realizar as observações, já que estava chovendo no dia da minha quarta visita. Assim, tive a necessidade, em alguns momentos, de realizar uma conversa com funcionários para colher relatos do contexto e perfil dos 5 adolescentes entrevistados na pesquisa, como medida de comparação com o próprio relato dos adolescentes durante as entrevistas já gravadas. (KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva**: um guia para pesquisa de campo. [Tradução de] Tiago de Abreu e Lima Flerêncio; [Revisão de] Bruno César Cavalcanti. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes; Maceió, Alagoas: Edufal, 2013, p. 33-34).

comportamento do adolescente Klaus. Após frequentar os cultos, se identificou com a ideia de depender e confiar em um Deus de amor, misericórdia e fidelidade.

As informações sobre o jovem **Djoni** foram curtas. Conforme os relatos, veio de uma regressão de media socioeducativa (ICPAE), em que não cumpriu. Nesta segunda internação, veio com mais maturidade. Tem uma namorada chefe do tráfico em Novo Hamburgo. A família não concorda com o namoro. O jovem foi internado junto com o cunhado; e eram terríveis. Quando o cunhado foi desligado, tanto a família do cunhado quanto a do adolescente Djoni comemoraram, já que os dois juntos davam bastante trabalho. Quanto aos cultos e a fé, não souberam responder. Mas lembraram que o Klaus não frequentava muito os cultos.

Quanto ao **Deivid**, quando foi internado era bem agitado e criava problemas, por confrontar os funcionários e os demais adolescentes do setor. Era um adolescente que brigava bastante no setor, por conta de seu rompante de afronta. Quando ia para o Isolamento se perdia, quando ficava incomodando na companhia dos outros adolescentes isolados. Não exerceu muita liderança por haver outros líderes mais antigos. No início da medida, atendia as ideias de líderes para fazer coisas proibidas na Fase e no setor. Além disso, no início da medida não reconhecia seus erros; depois, começou a reconhecer – quando foi adquirindo maturidade e se acalmando durante o ICPAE. A mãe vitimizava o adolescente; e Deivid tinha dificuldades com a figura feminina, ou seja, era resistente às ordens das agentes socioeducadoras. Quando elas se impoam, o adolescente melhorou. Jogava futebol muito bem; mas havia disputas de poder durante os jogos, visto que apresentava resistência aos adolescentes mais velhos. Esta rivalidade gerou uma série de atendimentos por conta da postura nos jogos de futebol. Por último, não souberam relatar muito como era a questão espiritual e religiosa do jovem Deivid. E assim terminou a quarta visita.

2.2.5 A quinta visita

A *quinta visita*⁷¹ ocorreu a partir de um convite da Escola Estadual de Ensino Médio Bento Gonçalves, para fazer uma fala no “dia da Família”, quando os adolescentes recebem seus familiares, se apresentam e depois almoçam juntos.

⁷¹ Ocorrida no dia 8 de julho (sábado) de 2023.

O tema abordado foi “*A Função Social da Família, Escola e Religião*”. Mas logo que cheguei, percebi que as revistas aos familiares ainda estavam ocorrendo. Fiquei no salão de recepção com os professores e equipe diretiva da escola. Aos poucos, os familiares foram chegando e sentando para aguardar os adolescentes e o início das atividades. Conforme os familiares chegavam, sempre havia alguém da equipe técnica e agentes socioeducadores junto conosco no salão. Quando entrei no salão, observei que já havia toda uma logística da escola pronta. Além da exposição dos trabalhos dos alunos, foi montada uma estrutura para um teatro de bonecos.

As atividades iniciaram com atraso. Quando todos os familiares entraram, os adolescentes internos foram conduzidos do setor ao salão, para ficarem com seus familiares. O início ocorreu com a fala da diretora da escola, a qual apresentou um vídeo com as imagens dos espaços da escola e atividades desenvolvidas pelos adolescentes. O vídeo também apresentava fotos dos professores, equipe diretiva e funcionários da escola. A diretora salientou que os alunos são e sempre serão tratados como alunos, e não como menores infratores. Na sequência, fui chamado pelo microfone para iniciar minha fala. Dei as boas-vindas a todos e todas e me apresentei; falei que estava realizando uma pesquisa de doutorado e que seria breve nas minhas palavras, por conta do tempo um pouco mais curto. Dentro da temática sobre *A Função Social da Família, Escola e Religião*, abordei alguns aspectos sobre desenvolvimento humano e relações humanas na família, escola e religião, a partir de experiências de vida. Pude descrever um pouco sobre minha pesquisa na Fase e sobre minhas experiências como filho, aluno, pai e educador.

Além de refletir sobre o desenvolvimento humano a partir das experiências na família, escola e religião, pude trabalhar o conceito de *resiliência*⁷² e fazer um

⁷² "A resiliência, entendida como a capacidade de superar as situações adversas, é um esforço do ser humano de todos os tempos. Nas últimas décadas, porém, alguns pesquisadores observaram indivíduos e grupos que, sendo expostos a situações traumáticas, pessoais, familiares e sociais, conseguiam desenvolver-se bem e continuar crescendo, apesar desses acontecimentos adversos. Até observou-se que algumas crianças, adolescentes e adultos, não só são capazes de continuar projetando-se no futuro, mas também de aprender e sair fortalecidos com as adversidades ou situações traumáticas. O paradigma da resiliência, sem desconhecer a relevância dos estudos anteriores, propõe uma mudança de ótica, centrando a observação nas capacidades, dos indivíduos e grupos, de resistir e refazer-se após experiências de grandes sofrimentos. Em lugar de focar a observação nas fraquezas, sintomas, doenças, carências, tenta-se descobrir quais são os chamados “fatores de proteção” e os “pilares de resiliência”, isto é, as forças positivas do ambiente circundante e as capacidades pessoais para reagir e superar as adversidades da vida, a fim de fomentá-las e promovê-las.” (LARROSA, Susana María Rocca. A fé parece ser uma chave no desenvolvimento das capacidades de resiliência. IHU On-line (Revista do **Instituto Humanitas Unisinos**), Edição 241 | 29 outubro 2007, p.01. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/1429-susana-rocca-2>. Acesso em: 15 Abr. 2023).

fechamento sobre como é importante cada pessoa ressignificar sua vida a partir dos desafios e adversidades que surgem no caminho. No final da minha fala, pude perceber que havia pessoas emocionadas, tanto adolescentes quanto familiares.

Na sequência, dois adolescentes cantaram uma música, um rap criado por eles e a música “trem bala”, ao som de violão e voz. A canção de rap tinha uma letra que falava de “arrependimento por entrar nessa vida de crime” e de valorização da mãe. O jovem que cantou a música queria cantar mais uma que, pelo que pude perceber, estava no roteiro, mas que também teve de ser suprimida por conta do tempo curto. Em seguida, outro grupo de adolescentes iniciou a apresentação do teatro de bonecos, com uma abordagem bíblica, sobre o nascimento do menino Jesus. Após a apresentação, os pais puderam olhar a exposição dos trabalhos de robótica dos seus filhos, e acabaram as atividades no salão. Conforme tiravam fotos por famílias junto aos trabalhos, eram conduzidos ao pátio externo, na área coberta, para aguardarem o almoço, realizado pelas professoras da escola. E assim terminou minha quinta visita.

2.2.6 A sexta visita

A *sexta e última visita*⁷³, também ocorreu em um sábado pela manhã. Fui novamente convidado pela Escola Bento Gonçalves para fazer uma fala no dia da família. Desta vez, meu tema de abordagem foi “Identidade”, uma vez que se referia ao mês farroupilha.

Como na quinta visita, e pelo fato de ser um setor diferente, a diretora da escola apresentou um vídeo com as imagens dos espaços da escola e atividades desenvolvidas pelos adolescentes. O vídeo também apresentava fotos dos professores, equipe diretiva e funcionários da escola. A diretora salientou novamente como os alunos são bem tratados na escola, iguais aos alunos das escolas de fora da Fase, e não como menores infratores. Na sequência, fui chamado para iniciar minha fala. Dei as boas-vindas a todos e todas e me apresentei; falei que estava realizando uma pesquisa de doutorado e que abordaria o tema sobre “Identidade”.

Percebi que neste dia havia menos familiares e que teria mais tempo para falar. Iniciei a apresentação lembrando que somos seres únicos e diferentes uns dos outros. Quer dizer, além de uma identidade relacionada ao conjunto de caracteres

⁷³ Ocorrida no sábado, dia 02 de setembro de 2023.

particulares, que identificam uma pessoa, como nome, data de nascimento, sexo, filiação, impressão digital etc., temos uma identidade cultural: um conjunto híbrido e maleável de elementos que formam a cultura identitária de um povo, ou seja, que fazem com que um povo se reconheça enquanto agrupamento cultural que se distingue dos outros.

Além disso, fiz algumas aproximações sobre contexto social na teoria psicossocial de Erikson⁷⁴, compartilhando minhas experiências sociais, envolvendo minha história de abandono materno e paterno, quando fui criado pela avó paterna, que foi minha referência materna. Quando trouxe aspectos da personalidade e de como somos capazes de fazermos nossas escolhas, também percebi adolescentes e familiares emocionados. Fiz um fechamento abordando a possibilidade de reajustarmos a direção de nossas vidas, diante dos desafios que nos deparamos diariamente, nas vicissitudes.

Quando acabei minha fala, dois adolescentes se apresentaram, cantando duas músicas de rap e a diretora fez uma fala de fechamento. Os adolescentes e familiares foram conduzidos até o pátio externo, com área coberta, para aguardarem a horam do almoço. E assim terminou minha última visita em campo.

2.3 RESUMO DO CAPÍTULO

O relato etnográfico⁷⁵ contemplou as seis visitas na Fundação de Atendimento Socioeducativo (FASE) de Novo Hamburgo. Além de apresentar como ocorreu a coleta de dados, ou seja, a descrição densa e minuciosa dos dados coletados em campo, serviu como uma “abordagem de investigação científica para demonstrar

⁷⁴ Sobre a teoria de Erikson, o desenvolvimento vital se dá através da resolução de conflitos internos e externos que se configuram como crises em determinadas fases da vida. Na medida em que vão sendo superadas, permitem ao ser humano experimentar um sentimento maior de unidade interior, um aumento de bom juízo e um incremento na capacidade de ‘agir bem’ de acordo com os seus próprios padrões e aqueles padrões adotados pelas pessoas que são significativas para ela. Este “agir bem” é mediado pelos padrões culturais de cada indivíduo. (ERIKSON, Erik. **Infância e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971. p. 229-231).

⁷⁵ “Etnografia é a escrita do visível. A descrição etnográfica depende das qualidades de observação, de sensibilidade ao outro, do conhecimento sobre o contexto estudado, da inteligência e da imaginação científica do etnógrafo.” (MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 54. ISBN 978-85-7879-190-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf>. Acesso em: 30 set. 2023).

como esta abordagem de pesquisa traz algumas contribuições importantes ao campo das pesquisas qualitativas”⁷⁶.

Assim, o presente capítulo foi desenvolvido a partir de um estudo, pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo de quarenta adolescentes da FASE de Novo Hamburgo. Holisticamente, observou-se os modos como esses adolescentes conduzem suas vidas, com o objetivo de revelar o significado cotidiano, nos quais as pessoas agem.⁷⁷

Além do desafio de estar inserido em um campo delicado, cheio de burocracias, desconfianças e insegurança com a integridade física, preferimos fazer uma abordagem mais holística possível - “como nos diria Paulo Freire, falar com eles e não sobre eles, e isso é uma tarefa muito difícil, se não, quase impossível.”⁷⁸ Sobre este desafio, Mattos afirma que:

Ao escrevermos uma narrativa, temos que colocar os atores como eles se apresentam sob a perspectiva deles. Para isso é importante se conhecer o significado local da ação. Ao tentarmos escrever sobre o outro, o *ethnoe*, de uma maneira em que o ponto de vista dele seja considerado, estamos tocando num ponto frágil da utilização da abordagem etnográfica: a tentativa de fazer sentido, das maneiras de organização dos outros de um modo que não seja comprometedor, não seja invasor, não seja discriminatório, não seja opressor, ou não seja excludente.⁷⁹

Por outro lado, os ganhos em campo se relacionam ao processo que evidenciou como os adolescentes entendem os símbolos tatuados em seus corpos, durante a coleta de dados do questionário e nas entrevistas. As observações foram importantes para o entendimento do próximo capítulo, intitulado “*Tatuagens, imagens e símbolos*”, o qual fará uma relação com o estado de arte das tatuagens, imagens e símbolos no geral, com os dados coletados em campo (os gráficos com as perguntas atinentes aos objetivos da pesquisa, mais as fotos das tatuagens dos adolescentes).

⁷⁶ MATTOS, 2011. p. 49.

⁷⁷ MATTOS, 2011, p.51.

⁷⁸ MATTOS, 2011, p.64.

⁷⁹ MATTOS, 2011, p.64.

3 IMAGENS, SÍMBOLOS E TATUAGENS

3.1 INTRODUÇÃO

O presente capítulo pretende tratar das tatuagens, imagens e símbolos encontrados em campo, ou seja, os achados no geral, envolvendo todos os adolescentes participantes da pesquisa (através de fotos e gráficos constituídos a partir dos objetivos da pesquisa), dialogando com o estado de arte sobre a temática.

Durante a pesquisa, além da aplicação do questionário, foram tiradas fotos das tatuagens mais interessantes dos adolescentes da Fase de Novo Hamburgo e – posteriormente, foram selecionados os cinco adolescentes que serão tratados no terceiro capítulo.

O capítulo inicia com um breve panorama sobre as tatuagens, apresentando parte da história das tatuagens e o trânsito de representação das marcas corporais. Posteriormente, trata das imagens e símbolos dialogando com os achados em campo. Quer dizer, tais achados também dialogam com o conceito subterrâneo vinculado à religião e ao inconsciente das tatuagens, constituindo-se o conceito subterrâneo das tatuagens e subterrâneo religioso das tatuagens.

3.2 PANORAMA SOBRE AS TATUAGENS

A temática envolvendo tatuagens vem sendo estudada por pesquisadores e está presente em diversos nichos e camadas sociais. Mesmo sabendo que ela já existe desde a presença dos primeiros seres humanos na Terra⁸⁰, a tatuagem “parece ter sido inventada diversas vezes, em diferentes momentos e lugares do planeta, em todos os continentes, com maior ou menor variação de propósitos, técnicas e resultados”.⁸¹

Conforme Saldanha, “há relativa escassez de relatos detalhados do uso da tatuagem durante um longo período, que vai da antiguidade até o seu

⁸⁰ MATIAS, Anne Karine. SIMÕES, Anne Augusta Rocha; GALVÃO, Luis Carlos Cavalcante. **Entre Tatuagens e Criminosos**. ISSN: 2224-4131. Depósito legal: 2005-5822. 2014, p. 02. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5472800>. Acesso em: 14 out. 2023.

⁸¹ LISE, Michelle Larissa Zini; GAUER, Gabriel José Chittó; NETO, Alfredo Cataldo. Tatuagem: aspectos Históricos e Hipóteses sobre a origem do Estigma. **Brazilian Journal of Forensic Sciences, Medical Law and Bioethics** 2(3):294-316 (2013). Disponível em: <https://www.bjfs.org/bjfs/bjfs/article/view/493/2159>. Acesso em: 10 mar. 2022.

redescobrimto com os exploradores europeus,⁸² mesmo que ainda possam ser encontrados vestígios da prática. Por outro lado, deve-se lembrar que há inúmeras pesquisas sobre tatuagens e sua história – o que não é objeto principal deste estudo.⁸³ Marcelino é um dos autores que acredita que as primeiras marcas possam ter acontecido acidentalmente, isto é, “alguém com um ferimento na pele mexeu nessa ferida com as mãos sujas de fuligem e cinzas provindas do fogo. Depois que cicatrizou, observou-se que a marca havia permanecido em definitivo.”⁸⁴ Logo, os homens primitivos passaram a “fazer ferimentos no próprio corpo a fim de produzir marcas permanentes, evoluindo ao longo do tempo para a elaboração de desenhos usando espinhos e tintas orgânicas.”⁸⁵

Autores clássicos, como Heródoto, fizeram questão de relatar a existência da tatuagem em alguns povos da antiguidade. Quer dizer, “os Trácios escarnificavam os corpos, pois entre eles ser tatuado era um sinal de origem nobre.”⁸⁶ Além deste, “descreveu também um povo do norte da Europa que teria existido de 7.000 a.C. a 845 d.C denominado por eles como Picti ou Pictos, que tinham a cultura de tatuar o corpo.”⁸⁷

O termo “tau” ou “tatau”, que significa ferida ou desenho batido, é conceituado a partir do som produzido pela batida do instrumento (tronco oco) ao fazer a tatuagem. Já o termo “tattoo”, por sua vez, foi introduzido na Europa pelo explorador inglês James Cook, no seu retorno dos mares do Sul (atual Polinésia), em 1769;⁸⁸ também “podemos chamar de tatuagem toda a prática que implique a penetração de tinta ou pigmento embaixo da pele.”⁸⁹

⁸² SALDANHA, L. G. **(Re) significação da tatuagem através da moda**. 129p. Monografia (Bacharelado em moda) – Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2011, p. 19.

⁸³ Recomento uma leitura, entre outras, na dissertação de mestrado de Fernando César Marcelino, intitulada “A mensagem por trás da imagem: estudos da tatuagem à luz da análise de discurso”. O autor faz uma abordagem ampla sobre a história da tatuagem e os tipos de tatuagens na história e na contemporaneidade. Disponível em: <https://adelpha-api.mackenzie.br/server/api/core/bitstreams/2b1eb0d5-4879-4585-8a0d-02d2a296308d/content>.

⁸⁴ MARCELINO, Fernando César. **A mensagem por trás da imagem: estudos da tatuagem à luz da análise do discurso**. 380p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007, p. 64. Disponível em: <https://adelpha-api.mackenzie.br/server/api/core/bitstreams/2b1eb0d5-4879-4585-8a0d-02d2a296308d/content>. Acesso em: 22 out. 2023.

⁸⁵ ARAÚJO, 2005 apud MATIAS; SIMÕES; GALVÃO, 2014, p. 02.

⁸⁶ MATIAS; SIMÕES; GALVÃO, 2014, p. 03.

⁸⁷ MATIAS; SIMÕES; GALVÃO, 2014, p. 03.

⁸⁸ LISE; GAUER; NETO, 2013, p. 295.

⁸⁹ SANTOS, Laurício Antônio Tissot dos. **Na pele de Goi tatto**. Texto elaborado a partir do artigo “Na pele de Goi tatto”, de Laurício Antonio Tissot dos Santos, sob orientação da Prof^a Dr^a Ivana Nicola, para a disciplina História da Arte 3 (2003), curso de Artes Visuais Licenciatura, Instituto de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande. Disponível em:

Os estudos sobre o sentido da tatuagem ou o porquê de o ser humano resolver tatuar seu corpo são vastos e complexos. Antes de mais nada, o corpo como elemento de expressão humana deve ser observado, uma vez que além da existência humana ser corporal, pode-se destacar a corporeidade humana “como fenômeno social e cultural, motivo simbólico, objeto de representação e imaginário”.⁹⁰

Historicamente, pensando na cultura primitiva, o corpo, além de ser relacionado ao cosmos e às relações do sujeito com o mundo, foi identificado como corpo religioso cristão, visto como obra prima de Deus, pela aversão e ódio e pela hostilização ao prazer. Durante o período medieval, a partir da influência da Igreja Católica, o corpo tende a se relacionar com algo pecaminoso, impuro, como os desejos da carne. Somente na renascença é que o corpo enfrenta uma reabilitação, onde o antropocentrismo e humanismo passam a ter uma maior influência nas relações humanas. “O corpo é apropriado pelos artistas e passa a ser manipulado, sentido, auscultado e dissecado, surgindo aí os primeiros esboços de uma construção imaginária.”⁹¹

No Brasil, mesmo havendo relatos e registros da prática de tatuar o corpo por diversas tribos indígenas, a disseminação ocorreu no século XIX através de marinheiros ingleses durante a construção das cidades litorâneas.⁹² Por outro lado, quando se trata de tatuagens em prisões, Silvana Jeha afirma que já no século XVIII, a ilha de Fernando de Noronha abrigava presos tatuados; eram prisioneiros comuns, militares, políticos, entre outros, com tatuagens de corações, cruzes, iniciais e signos de Salomão.⁹³ Antes disso, ou seja, antes do surgimento das grandes penitenciárias, casas de detenção e correção, os quartéis e navios⁹⁴ serviam como prisões de detentos civis e políticos.⁹⁵ A partir da segunda metade do século XIX, um médico italiano chamado Cesare Lombroso e outros europeus iniciam estudos sobre o

http://www.sabercom.furg.br/bitstream/1/1432/1/Uma_breve_historia_da_tatuagem_revisado_.pdf. Acesso em: 14 out. 2023.

⁹⁰ LE BRETON, 2011a, p. 07 apud MACEDO, 2014, p. 153. (MACEDO, Sybele. Corpo e Marca: Tatuagem como forma de subjetivação. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, 14(1): 152-161, abril., 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v14n1/14.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2022.

⁹¹ MACEDO, 2014, p. 154.

⁹² LISE; GAUER; NETO, 2013, p. 297-300.

⁹³ JEHA, Silvana. **Uma História da Tatuagem no Brasil: do século XIX à década de 1970**. São Paulo: Veneta, 2019, p. 238.

⁹⁴ Conhecidos como “presingangas”, os navios transformados em cadeias foram vistos na costa do Rio de Janeiro. O termo tem origem do inglês “*press-gangs*”, isto é, navios de detenção de indivíduos fora da lei (JEHA, 2019, p. 238).

⁹⁵ JEHA, 2019, p. 238.

“homem delinquente”, associando a tatuagem a uma das características do delinquente.⁹⁶ Na verdade, os estudos do século XIX apontam a história dos tatuadores e seus clientes, os tatuados, vinculados ao debate sobre a patologia dos presos.⁹⁷ Quer dizer, os grandes arquivistas das tatuagens, até a metade do século XX, são os médicos e policiais, constituindo toda uma literatura criminológica e policial, com fichas cuidadosamente supervisionadas pelos psiquiatras, permitindo saber onde as tatuagens foram feitas, quando e quem as tatuou.⁹⁸ Da mesma forma, sabiam “a nacionalidade, o estado civil, a idade, o crime e a profissão dos sentenciados.”⁹⁹

O estudo de Jeha sobre as tatuagens nas prisões do Brasil, além de mensurar uma porcentagem de tatuagens feitas dentro e fora da cadeia,¹⁰⁰ considera a tatuagem prisional (aquela feita dentro das prisões) como uma subcultura da tatuagem.¹⁰¹ Além disso, mapeou a profissão de mais de mil e quinhentas pessoas presas; se utilizou da historiadora Jane Caplan para afirmar que “o objetivo da pesquisa do século XIX era contribuir com o debate das patologias dos criminosos, porém os dados serviram mais para testemunhar o fato de que a tatuagem era também um hábito popular entre a classe trabalhadora”¹⁰² – que hoje ainda perdura, mas se expandindo também às classes mais abastadas.¹⁰³

⁹⁶ JEHA, 2019, p. 240.

⁹⁷ JEHA, 2019, p. 241.

⁹⁸ JEHA, 2019, p. 242.

⁹⁹ JEHA, 2019, p. 242.

¹⁰⁰ Considera que do séc. XIX à década de 1970, 56% das tatuagens de presos foram realizadas dentro das prisões; e 44% fora (JEHA, 2019, p. 242). No caso da FASE, atualmente, não é permitido, por questões de saúde pública. Mas há relatos de que os adolescentes já realizaram tatuagens dentro da Fase com a utilização de agulhas e tinta de caneta. Além disso, atualmente, a FASE de porto Alegre vem realizando cursos de tatuagens dentro da FASE. Segue a notícia: “Atendendo a duas turmas, o curso será ministrado pelo tatuador Marlon Oliveira e contará com duração de três meses. A previsão é que as aulas ocorram uma vez por semana com conteúdos teóricos e práticos. Serão fornecidas apostilhas para os jovens acompanharem os módulos, além de atividades práticas em pele artificial. ‘A proposta é dar uma oportunidade aos ‘guris’, para que tenham uma qualificação e possam trabalhar com tatuagens no futuro’, resumiu o voluntário. Ele informa que, desde que passou a tatuar profissionalmente, tinha o desejo de envolver tatuagem com alguma ação social. De acordo com a Defensoria Pública do Estado, a oficina surgiu, em julho deste ano, com o objetivo de **ressignificar símbolos** entre os jovens, cobrindo as tatuagens que tivessem vínculo com algum tipo de violência ou facção criminosa.” (TEIXEIRA, Saul. **Unidade da Fase em Porto Alegre retoma Curso Básico de Tatuagem**: iniciativa é realizada em parceria com a Defensoria Pública e conta com apoio do Ministério Público. Publicação: 06/10/2023 às 10h52min. Secretaria de Sistemas Penal e Socioeducativo. Fundação de Atendimento Socioeducativo – FASE, RS. Disponível em: <https://www.fase.rs.gov.br/unidade-de-fase-em-porto-alegre-retoma-oficina-de-tatuagem>. Acesso em: 22 out. 2023).

¹⁰¹ JEHA, 2019, p. 242.

¹⁰² JEHA, 2019, p. 241.

¹⁰³ SOUZA, Fernando Lucas Garcia de. **Da Margem a moda**: o processo de desmarginalização da tatuagem - um olhar a partir da prática contemporânea da tatuagem na cidade De Três Lagoas – MS. Democracias e ditaduras no mundo contemporâneo. XII Encontro da Associação Nacional de História. Seção Mato Grosso do Sul. 13 a 16 de outubro de 2014. UFMS/CPAQ – Aquidauana –MS.

Como não se pode mensurar de maneira absoluta o que é tatuado e o porquê de determinada tatuagem, por conta da subjetivação, nem sempre há coerência entre o que se tatua e a vida social de uma pessoa; ou o fato de uma pessoa criminosa ter uma tatuagem que expresse sentimentos, crenças e símbolos que não coadunem com seus crimes ou práticas sociais. Um exemplo disso pode ser visto no seguinte relato:

Vi numa cadeia feminina uma moça que se tatuou com a sigla PCC (Primeiro Comando da Capital, organização criminosa paulista) sem nenhum receio. Outras, consideradas perigosíssimas, condenadas às penas máximas, tinham apenas os nomes dos filhos com dois coraçõezinhos, tatuagens que, atualmente, donas de casas e diretoras de empresas também têm.¹⁰⁴

Já na primeira década do século XX se defendia a ideia da falta de relação entre o que é tatuado e o que a pessoa é, de fato; ou seja, ao contrário do que “pensava Cesare Lombroso parece não existir relação constante entre a criminalidade e a tatuagem; como também parece não existir relação entre o desenho escolhido e a infração cometida”.¹⁰⁵

No século XX, mesmo ainda sendo fortemente vinculada a pessoas presas ou marinheiros, o dinamarquês, o desenhista e pintor profissional Knud Harald Lucky Gegersen é reconhecido como a pessoa responsável pela disseminação da tatuagem no Brasil. Estabelecido em Santos, no Estado de São Paulo, a partir de 1959, o popularmente conhecido como Lucky ou Mr. Tattoo inicia seus trabalhos e ensina novos aprendizes no litoral brasileiro.¹⁰⁶ Aos poucos, com o crescimento da urbanização brasileira e com a cultura pop, a tatuagem passa a alcançar outras camadas sociais, inclusive camadas da “alta” sociedade – tornando alguns trabalhos dignos de poucas pessoas serem capazes de realizá-lo, tamanho o valor cobrado por cada trabalho.

Com a pós modernidade o corpo passa a assumir um caráter mais subjetivo, especialmente com o surgimento do capitalismo, da sociedade de massa – que hoje

2014, p. 07. Disponível em: http://www.encontro.ms.anpuh.org/resources/anais/38/1410013896_ARQUIVO_Damargemamoda-FernandoGarcia.pdf. Acesso em: 20 out. 2023.

¹⁰⁴ JEHA, 2019, p. 235-238.

¹⁰⁵ CARVALHO, José Ignácio de. **Tatuagem e criminalidade**. 1908, p. 26 apud JEHA, 2019, p. 242. A Tese foi defendida por “José Ignácio de Carvalho, orientado por Elysio de Carvalho, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro,[...] na cadeira de Medicina Legal. [...] O médico se baseou no banco de dados criado por Elydio de Carvalho a partir dos registros de detentos da Casa de Detenção do Rio de Janeiro existentes no Gabinete de identificação entre 1906 e 1908”, com 6.542 presos (JEHA, 2019, p. 242).

¹⁰⁶ LISE; GAUER; NETO, 2013, p. 300.

se conhece como sociedade do consumo. Por isso, o corpo além de subjetivo e possível de fazer inscrições na pele, tornou-se histórico social. Quer dizer, no ocidente o corpo passa por um processo de resignificação, que além de uma metamorfose, modificação ou reconstrução, sustenta um hedonismo característico do mundo contemporâneo.¹⁰⁷

3.3 IMAGENS E SÍMBOLOS

No que se refere a importância dos símbolos, entender a influência cultural na formação de jovens e adolescentes também é um aspecto relevante a ser tratado. Quer dizer, Geertz, em seus estudos sobre a interpretação das culturas e analisando a religião como um sistema cultural¹⁰⁸, entende que, “no que concerne aos padrões culturais, isto é, os sistemas ou complexos de símbolos, o traço genérico de primordial importância para nós, aqui, é que eles representam fontes extrínsecas de informações”.¹⁰⁹ Ou seja - ao contrário dos genes e fora dos limites do organismo do indivíduo – Geertz aponta a influência de contextos socioculturais na formação humana envolvendo, inclusive, aspectos da religião. E se tratando de símbolos religiosos em contextos culturais, “os símbolos religiosos formulam uma congruência básica entre um estilo de vida particular e uma metafísica específica (implícita, no mais das vezes) e, ao fazê-lo sustentam cada uma delas com a autoridade emprestada do outro”.¹¹⁰ Por isso, é muito possível haver uma cópia de símbolos como um todo, ou envolvendo uma tatuagem de cunho religioso, apenas por uma determinada pessoa se identificar e tomar “emprestada” do outro.

A partir da ideia de símbolo, o Gráfico 1 apresenta o que os trinta adolescentes tatuados julgam simbolizar suas tatuagens.

¹⁰⁷ MACEDO, 2014, p. 153-154.

¹⁰⁸ GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989, p. 101-142.

¹⁰⁹ GEERTZ, 1989, p. 106.

¹¹⁰ GEERTZ, 1989, p. 104.

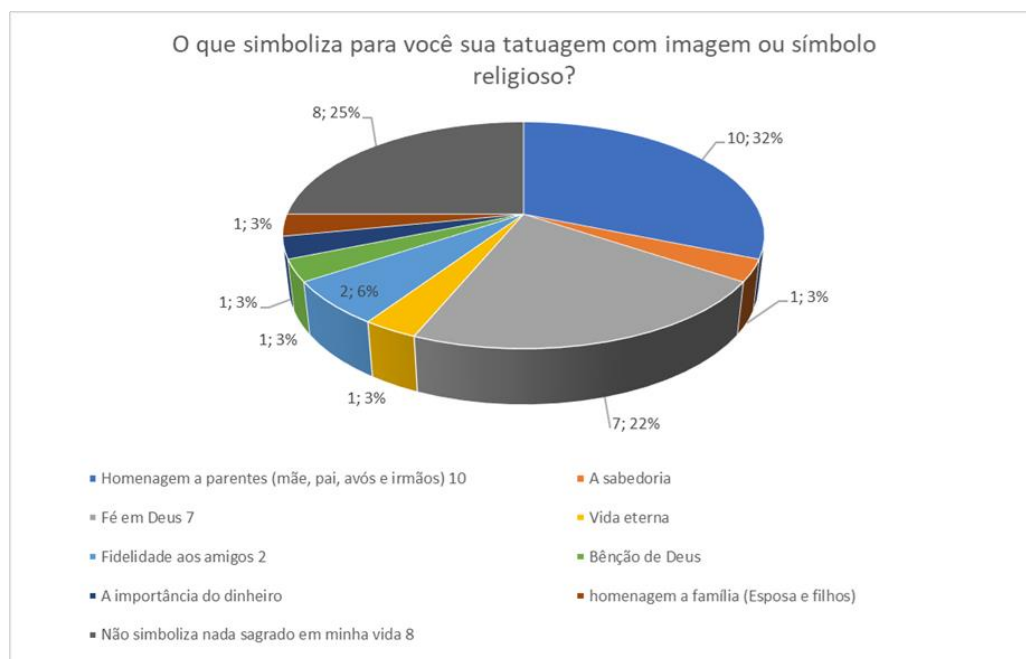


Gráfico 1 - O que simboliza para os adolescentes suas tatuagens

Fonte: o autor

Quanto ao que simboliza para os adolescentes da Fase suas tatuagens (conforme o gráfico 1), 10% considera uma *homenagem a parentes* (mãe, pai, avós e irmãos); 22% considera simbolizar uma determinada *fé em Deus*; 6% consideram simbolizar uma forma de homenagear os amigos; e 25% considera não simbolizar nada sagrado em suas vidas. Por outro lado, ficaram em 3% os que consideram suas tatuagens simbolizar *a vida eterna, a sabedoria, as bênçãos de Deus, a importância do dinheiro* ou simplesmente *uma homenagem à família* (esposa e filhos).

Conforme Pavan e Silva, os símbolos que as pessoas projetam em seus corpos e em suas peles são a “expressão de vivências que se dão na esfera da linguagem e da cultura; do mesmo modo que testemunham essas vivências, os símbolos indicam uma experimentação singular do mundo, são afloramentos de subjetividade.”¹¹¹ O símbolo, portanto, é “gerador de um vínculo entre os seres humanos. Por essa função, sua própria existência representa um ato social. Se é social o símbolo natural, profano, também é social o símbolo religioso.”¹¹²

¹¹¹ PAVAN, Maria Ângela; SILVA, Josimey C. Tatuagem: cultura de massa e afirmação subjetiva incorporadas. **Revista Signos do Consumo** – V. 2, N.1, 2010, p. 70. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/signosdoconsumo/article/view/44362/47983>. Acesso em: 02 nov. 2023.

¹¹² CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência Religiosa**: uma introdução à fenomenologia da religião. Tradução de Carlos Maria Vásquez Gutierrez — 3 ed — São Paulo : Paulinas, 2010, p. 113.

Abordar o termo “símbolo” e seus significados, “não se trata de algo fácil pois, como a ‘cultura’, o ‘símbolo’ vem sendo usado numa ampla gama de coisas, muitas vezes várias coisas ao mesmo tempo”.¹¹³ E como a pele tatuada passa a ser passível de toda interpretação dos que a observa, a concepção passa a ser o “significado” do símbolo, à medida que não é recomendável falar em uma lógica simbólica.¹¹⁴ Mais especificamente, se tratando do conceito de “símbolos sagrados” e seus significados,

[...] os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o *ethos* de um povo – o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos – e sua visão de mundo – o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas ideias mais abrangentes sobre ordem. Na crença e na prática religiosa, o *ethos* de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem arrumado para acomodar tal tipo de vida.¹¹⁵

Conforme Geertz, os símbolos sagrados são comparados a preceitos éticos e morais de um povo. Se relacionam às escolhas e ao caráter das pessoas. Assim a palavra “símbolo(s)” é encontrada, além do próprio conceito de símbolo, nos conceitos de “religião”¹¹⁶ e “cultura”¹¹⁷ apontados por Geertz. E faz sentido relacionar linguagem simbólico-religiosa com cultura, simplesmente por a cultura fazer parte de todos os aspectos de uma realidade social. Além disso, cultura, conforme Santos, “refere-se ao conhecimento, às ideias e crenças de um povo”.¹¹⁸ Da mesma forma, além de cultura ser “uma dimensão do processo social [...], é uma construção histórica [...] e produto coletivo da vida humana”,¹¹⁹ abarcando, inclusive, aspectos da religião.

Sobre o símbolo, Croatto afirma que:

O símbolo é a representação de uma ausência." Aqui é útil o exemplo do presente. O objeto que você presenteia "remete" ao afeto que você sente pela

¹¹³ GEERTZ, 1989, p. 105.

¹¹⁴ GEERTZ, 1989, p. 105.

¹¹⁵ GEERTZ, 1989, p. 103-104.

¹¹⁶ Geertz considera religião como “(1) um **sistema de símbolos** que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de fatalidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas.” (GEERTZ, 1989, p. 104-105).

¹¹⁷ Cultura, para Geertz, “denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em **símbolos**, um sistema de concepções herdadas expressas **em formas simbólicas** por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida.” (GEERTZ, 1989, p. 103).

¹¹⁸ SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo : Brasiliense, 2006. - - (Coleção primeiros passos; 110) 12ª reimpr. da 16ª. ed. de 1996. p. 23.

¹¹⁹ SANTOS, 1996, p. 44-45.

outra pessoa. [...] Tampouco se faz uma operação racional para "distinguir" o símbolo do simbolizado. Seria o mesmo que esvaecer o símbolo mediante uma "tradução", tornando-o desnecessário. O símbolo é a linguagem básica da experiência religiosa. Funda todas as outras. Tem um valor essencial que é necessário destacar mais uma vez: o símbolo "faz pensar"; o símbolo "diz sempre mais do que diz". É a linguagem do profundo, da intuição, do enigma. Por isso é a linguagem dos sonhos, da poesia, do amor, da experiência religiosa.¹²⁰

Por outro lado, quando se reflete entre a relação dos símbolos com as imagens – como aquilo não só que projetamos no imaginário coletivo, mas que imaginamos – tratar da questão simbólica sempre é desafiador por conta da subjetivação e da ditadura da imagem provocada pela sociedade de massa.

Até o século XIX, a cultura ocidental e, por sua vez, a *imagem* eram regidas pela influência greco-hebraica da “palavra”. Mesmo havendo uma influência das artes (e neste caso, principalmente a pintura), a imagem tinha uma conotação mais abrangente que a partir do séc. XX e XXI. Até o século XIX, a imagem ainda ocupava uma parte do imaginário e da memória maior que atualmente. Ou seja, as pessoas não recebiam a quantidade de informações e imagens como ocorre atualmente com a cultura de massa, “que reduz o indivíduo a um consumidor de imagens, em vez de um exercitador de seu imaginário”¹²¹, ficando, assim, sua atividade criativa seca e vazia.

Um exemplo da abrangência e da profundidade das imagens, quando observadas intrinsecamente, dentro do imaginário, é o que Eliade, de uma maneira poética nos exemplifica ao analisar a contribuição de uma música qualquer e as imagens que nos remete. Ou seja,

Constataremos que essas imagens invocam a nostalgia de um passado mitificado, transformado em arquétipo, que esse “passado” contém, além da saudade de um tempo que acabou, mil outros sentidos: ele expressa tudo que poderia ter sido, mas não foi, a tristeza de toda existência que *só existe* quando cessa de ser outra coisa, o pesar de não viver na paisagem e no tempo evocado pela música [...].¹²²

Observando a abordagem de Eliade e a realidade das pessoas tatuadas, sujeitos deste estudo, podemos refletir sobre as tatuagens e seus *arquétipos*¹²³ e

¹²⁰ CROATTO, 2010, p. 117-118.

¹²¹ MARDONES, José Maria. **A vida do símbolo**: a dimensão simbólica da religião. – São Paulo Paulinas, 2006, p.31.

¹²² ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso. – São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 13.

¹²³ “Arquétipo é um conceito da psicologia utilizado para representar padrões de comportamento associados a um personagem ou papel social. A mãe, o sábio e o herói são exemplos de arquétipos.

sobre as imagens e/ou projeções imaginárias que Eliade aponta sobre *uma música qualquer*. Como são adolescentes, em grande maioria, de contextos sociais vulneráveis, nossa hipótese parece fazer sentido. Ou seja, de que há uma inversão premeditada da realidade cultural – quando esses adolescentes de camadas sociais populares que, em muitos casos, sofreram alguma perda ou dano na sua infância, entendem que o sinônimo de “prosperidade” na vida é se tornar um cantor de rap ou jogador de futebol, ou seja, a chamada “geração ostentação”¹²⁴. Mais especificamente, as imagens que são constituídas no imaginário desses jovens a partir, por exemplo, de uma música de rap, pode ser projetado a um sonho de vida, a imagem que gostariam para uma vida futura.

Quanto aos adolescentes da Fase de Novo Hamburgo, pôde-se perceber uma intenção em se parecerem com figuras como a do MC Guime, com uma série de tatuagens com uma certa disputa entre imagens e símbolos. Porém, as tatuagens do MC Guime apresentam-se como diferenciadas, principalmente, pela qualidade do trabalho do tatuador, ou seja, são tatuagens mais caras e bem feitas – diferentemente da maioria das tatuagens encontradas entre os adolescentes da Fase, o que não impede uma análise e interpretação das imagens e símbolos.

Neste caminho, pensando na maior familiaridade das pessoas com as imagens e seus significados, Eliade afirma que:

Aconteceu a essas imagens, como Freud mostrou, o mesmo que às alusões por demais cruas às realidades sexuais: elas mudaram de “forma”. Para assegurar sua sobrevivência, as imagens tornaram-se “familiares”. No entanto, o interesse por elas não diminuiu. Pois essas imagens degradadas oferecem um possível ponto de partida para a renovação espiritual do homem moderno. Acharmos que seja da maior importância redescobrir toda uma mitologia, se não uma teologia, escondida na vida mais “banal” de um homem

Esses ‘personagens’ têm características percebidas de maneira semelhante por todos os seres humanos. Esse conceito foi desenvolvido por Carl G. Jung, psiquiatra suíço e fundador da psicologia analítica. Para Jung, esses comportamentos estão no inconsciente coletivo e, por isso, são percebidos de maneira similar por todos. Jung dizia que os arquétipos são uma herança psicológica, ou seja, resultam das experiências de milhares de gerações de seres humanos no enfrentamento das situações cotidianas. As imagens dos arquétipos são encontradas em mitos, lendas, na literatura, nos filmes e até mesmo nos nossos sonhos. Também são utilizados na publicidade. Quando um animal é utilizado em uma marca, espera-se que os clientes associem a marca às características daquele animal.” (THEODORO, Juliana. **O que são Arquétipos?** Significados © 2011-2022. 7Graus. Disponível em: <https://www.significados.com.br/arquetipo/>. Acesso em: 12 out. 2022).

¹²⁴ FRANÇA, Vera; DORNELAS, Raquel. No bonde da Ostentação: o que os “rolezinhos” estão dizendo sobre os valores e a sociabilidade da juventude brasileira. **Revista Ecopós** | issn 2175-8689 | comunicação e gosto | v. 17 | n. 3 | 2014 | dossiê. Submetido em: 10/09/2014. Aceito em: 25/10/2014. Disponível em: https://ecopos.emnuvens.com.br/eco_pos/article/view/1384/2531. Acesso em: 23 out. 2023.

moderno: dependerá dele subir novamente a correnteza e redescobrir o significado profundo de todas essas imagens [...].¹²⁵

Com a globalização e a velocidade da informação, as pessoas têm tido mais acesso à informação que na maioria dos casos; isto é, são bombardeadas por imagens, deixando os símbolos em segundo plano. Um dos estudos de José Maria Mardones, intitulado “*A vida do símbolo: a dimensão simbólica da religião*”, aponta como a situação atual enfrenta o predomínio da imagem e a anemia simbólica que gera um esvaziamento da interioridade. Nesse sentido, Mardones afirma que:

Uma primeira impressão talvez levasse a crer que a *civilização da imagem* significasse uma espécie de entronização da imaginação. É, porém, o contrário. O movimento que estamos descrevendo marca o processo de desvalorização do *imaginário* em geral e do simbólico em particular. São os fatos e sua exata reprodução e a férrea lógica que, como dirá S. Freud, nos revelam as intenções mágicas que habitam nos níveis mais profundos do nosso ser. Desvaloriza também o imaginário a avalanche de imagens e publicidade que suplanta a realidade e que faz a simulação passar por realidade. Ficamos enredados em um sistema de permuta de meros sinais que não tem mais referencial real senão aquele que o mercado e o consumo proporcionam. O ser, nestes tempos de capitalismo consumista, equivale ao parecer. A virtualidade midiática engole a realidade. O *homo virtualis*, que vive de permuta consumista, não tem que imaginar ou evocar nada; somente assimilar as sensações que o rodeiam.¹²⁶

Logo, se tratando de pesquisa social envolvendo pessoas tatuadas, uma abordagem que reflita sobre a inversão premeditada da realidade cultural e de uma manipulação do imaginário coletivo, torna-se pertinente. É importante lembrar que a overdose da informação e de imagens não se resume apenas a pessoas de classe média ou alta. Mesmo adolescentes e jovens de baixa renda enfrentam essa realidade através das redes sociais, das mídias ou simplesmente caminhando em algum centro urbano, se deparando com alguma pessoa de boa aparência, que transmitam a sensação de felicidade ou de ser “bem sucedida” simplesmente por estar bem vestida ou ter uma tatuagem bonita – sem contar se tiver um carro dos sonhos e morar em um lugar privilegiado.

Mesmo Mardones considerando que a avalanche de imagens desvaloriza o imaginário, preferimos considerar que, além de desvalorizar, ela manipula o imaginário coletivo, trazendo a reboque uma inversão premeditada da realidade cultural. Quer dizer, crianças e adolescentes que não têm acesso aos produtos que o mercado oferece, passam a condicionar a posse desses produtos à felicidade ou

¹²⁵ ELIADE, 1991, p.14-15.

¹²⁶ MARDONES, 2006, p. 19.

sentido para a vida. Mais especificamente, “a imagem se transforma em instrumento a serviço da fuga de si mesmo e da imersão no mundo dos produtos e das marcas, da simulação e da guerra comercial dos objetos.”¹²⁷

Da mesma forma que Mardones e Eliade se utilizam de C. G. Jung para apontar a crescente esterilização da imaginação e para conceituá-la, afirmando que:

[...] “Ter imaginação” é gozar de uma riqueza interior, de um fluxo ininterrupto e espontâneo de imagens. Porém, espontaneidade não quer dizer invenção arbitrária. Etimologicamente, “imaginação” está ligada a *imago*, “representação”, “imitação”, a *imitor*, “imitar, reproduzir”. Excepcionalmente, a etimologia responde tanto às realidades psicológicas como à verdade espiritual. A imaginação *imita* modelos exemplares – as Imagens -, reproduzindo-os, reatualizando-os, repetindo-os infinitamente. Ter imaginação é ver o mundo na sua totalidade; pois as imagens têm o poder e a missão de *mostrar* tudo o que permanece refratário ao conceito. Isso explica a desgraça e a ruína do homem a quem “falta imaginação”: ele é cortado da realidade profunda da vida e de sua própria alma.¹²⁸

Logo, culturalmente, *imagem*, *imaginário* (uma forma de imaginação) e *imitação* tem tudo a ver com este estudo. Quer dizer, vivemos um tempo em que os adolescentes e jovens personificam realidades através do que recebem das redes sociais e das mídias. Além disso, a obsessão pela busca de uma identidade cultural passa a ser objeto de desejo rápido, mesmo custando caro a ponto de a falta de recursos lícitos desencadear (em jovens infratores) ações ilícitas para atingir o objetivo do “ter a qualquer custo”. Entender o que move ou constitui as tomadas de decisões de um adolescente é muito complexo. Há uma gama de estudos envolvendo o desenvolvimento humano e a constituição da personalidade humana, e que uma parte será abordada no terceiro capítulo. Não se trata apenas de problemas cognitivos, deficiências ou questões governamentais. É claro que políticas públicas voltadas à formação integral do ser humano amenizam esses problemas, mas a questão da personalidade e comportamento genético envolve uma análise mais profunda e complexa – quando faremos algumas aproximações no próximo capítulo.

¹²⁷ MARDONES, 2006, p. 23.

¹²⁸ ELIADE, 1991, p.16.

3.4 OS ACHADOS (TATUAGENS) NA FASE DE NOVO HAMBURGO

A partir da aplicação do questionário, pôde-se mapear quais tatuagens fazem parte deste arcabouço simbólico, presente na pele dos adolescentes da Fase de Novo Hamburgo, conforme o Gráfico 2.

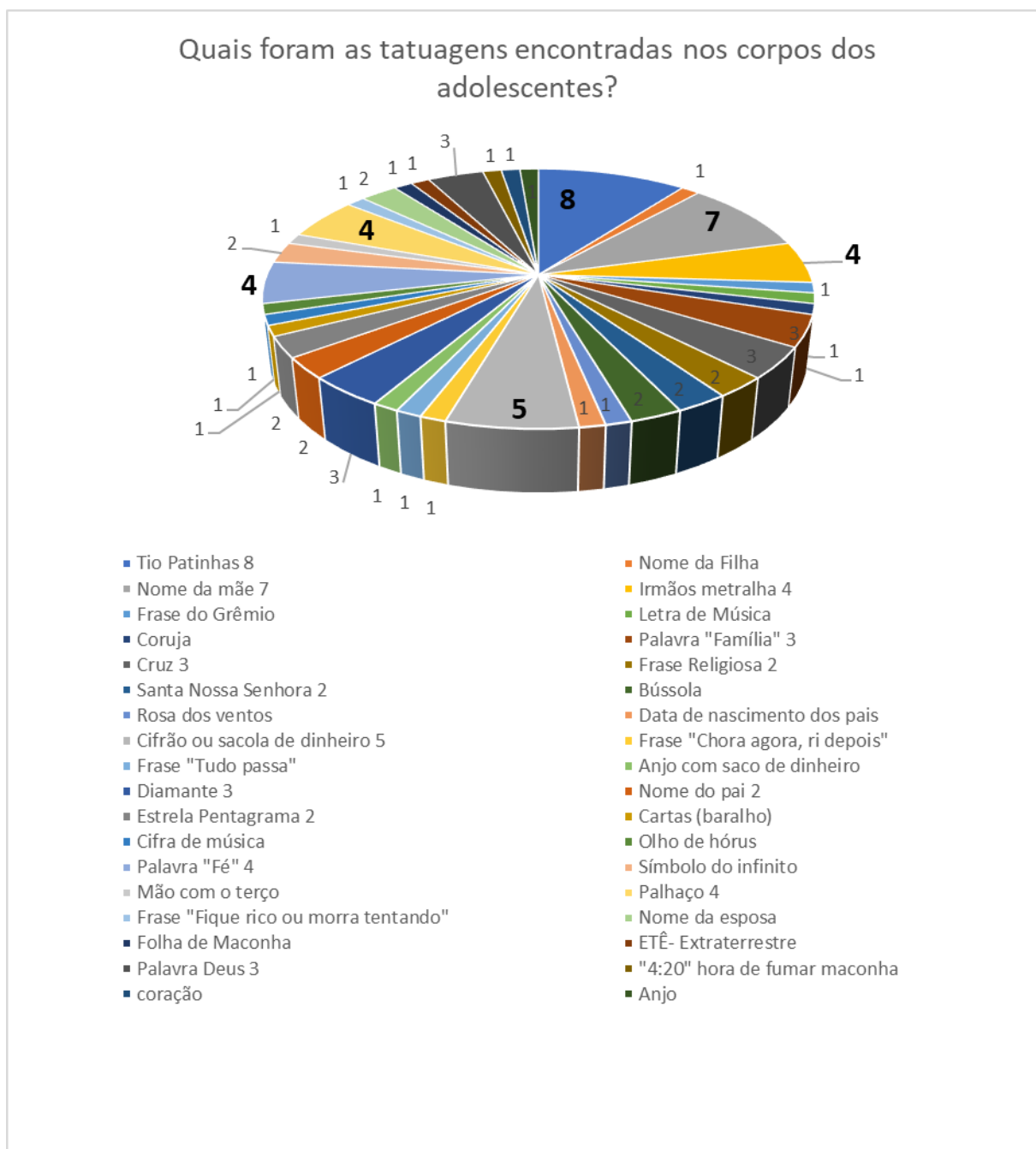


Gráfico 2 - As tatuagens dos adolescentes da Fase de Novo Hamburgo

Fonte: o autor

O gráfico 2 fora constituído a partir da quantidade de tatuagens e não pela porcentagem, uma vez que muitos adolescentes têm mais de uma tatuagem. Por outro

lado, há diferentes representações simbólicas em cada corpo, não vindo a ocorrer nenhuma possibilidade de se encontrar uma tatuagem repetida no mesmo corpo. Assim, a tatuagem com maior número de adeptos foi a do *Tio Patinhas*, presente em oito adolescentes. Na sequência, apareceu o *nome da mãe* em sete adolescentes e o *cifrão ou sacola de dinheiro* em cinco adolescentes. Além disso, foram encontradas as tatuagens de *palhaço*, com a palavra *Fé* e dos *Irmãos Metralha* em quatro adolescentes. Por último, no que se refere a quantidades de tatuagens repetidas entre os adolescentes, a palavra *Família*, *Deus* e o desenho de uma *cruz*, esteve presente nos corpos de três jovens; e o *nome do pai*, *frases religiosas*, uma *estrela de pentagrama* e a imagem de “*nossa senhora*”, em dois adolescentes.

Analisando as tatuagens do Gráfico 2 como um todo, podemos considerar que **as relações socioculturais dos adolescentes são divididas em quatro categorias**, relacionadas a um estilo de vida: as tatuagens que expressam *elementos considerados sagrados e/ou religiosos*¹²⁹ para eles; as que fazem parte do *cotidiano*¹³⁰ - relacionadas ao lazer, mas também com momentos de reflexão e busca de sentido; as que demonstram um alvo, como um *sonho de vida*¹³¹ – que neste caso é ter muito dinheiro; e os *obstáculos ou inimigos*¹³² que ameaçam o alcance de tais objetivos, ou seja, o Estado, representado pela polícia.

Ao se observar um número significativo de tatuagens do *Tio Patinhas*, uma reflexão sobre o porquê das escolhas ou sentido destas tatuagens nos corpos dos adolescentes da Fase, torna-se importante. Quer dizer, ao que parece, eles não têm

¹²⁹ São as tatuagens com palavras de nomes de entes queridos, como mãe, pai, filhos; palavras e frases religiosas, como *Fé*, *Deus*, “*A luz que me guia é mais forte que os olhos que me cercam*”; bem como tatuagens com elementos explicitamente religiosos, como *Cruz*, *mão com o terço*, *nossa senhora*, *pentagrama*, *olho de hórus*, etc.

¹³⁰ As vicissitudes cotidianas relacionam-se às paixões presentes nas vidas dos adolescentes; àquelas que realizam em momentos de lazer e que têm prazer em expor, como: frases do time do coração (*grêmio*); frases de automotivação, como “*Tudo passa*”, “*Chora agora, ri depois*”; *Cifras de música* e *cartas de baralho*. Além disso, há uma apologia ao uso e consumo de cannabis (maconha), com tatuagens de *folha de maconha* e a inscrição “*4:20*” pm que, conforme o adolescente tatuado, simboliza o horário de fumar maconha. O consumo de maconha, além do prazer do efeito da erva visa anestesiar as condições sociais que viviam em liberdade, remetendo-os a uma reflexão ou planejamento de ações futuras, sejam lícitas ou ilícitas. Da mesma forma, as tatuagens de *bússola* e *rosa dos ventos* podem significar ou um adolescente que teve que buscar orientação e sentido sozinho (e que talvez ainda busque, como que estivesse se salvando), ou remetem a um grito de socorro por sentido para a vida, por salvação.

¹³¹ O que consideramos como uma busca ou sonho de vida são expressados nas tatuagens dos adolescentes voltadas ao dinheiro, como: *Cifrão* ou *saco de dinheiro*, *Tio Patinhas*, *Irmãos Metralha*, *anjo com saco de dinheiro* e frases como “*Fique rico ou morra tentando*”.

¹³² Os quatro adolescentes com tatuagens de *palhaço* expressam o descontentamento com a polícia. Tatuagens de palhaço, de modo geral, simbolizam que o tatuado é matador de policial ou que compactua com a morte de policiais.

um entendimento do real significado do Tio Patinhas no estado de arte dos quadrinhos. Primeiramente, por terem tatuagens também dos Irmãos Metralha, que eram inimigos do Tio Patinhas e que simbolizam o oposto. Ou seja,

[...] Tio Patinhas é um personagem que reproduz a mentalidade dominante, os valores burgueses. É um personagem axiológico, ou seja, que materializa uma determinada configuração dos valores dominantes. O dinheiro é o valor fundamental por detrás das histórias em quadrinhos do Tio Patinhas. Além disso, a rejeição do personagem não expressa uma politização ou recusa do capitalismo e sim dos seus excessos, do capitalismo “selvagem”. O capitalismo selvagem, no entanto, apenas revela, pelo exagero, o que é comum no capitalismo em geral na sua essência.¹³³

E segundo, pensando no contexto histórico e social dos adolescentes da Fase, seria mais “coerente” um maior número de tatuagens dos *Irmãos Metralha* (Figura 1), uma vez que o “Tio Patinhas é principalmente um capitalista comercial e bancário”¹³⁴; e “os Irmãos Metralhas e outros bandidos são criminosos que desrespeitam a propriedade privada, através do roubo e outros atos ilegais”¹³⁵.



Figura 1 - Irmãos metralha em um dos adolescentes tatuados

Fonte: o autor

¹³³ VIANA, Nildo. **Tio Patinhas a saga de um capitalista**. Universidade Federal de Goiás. 9ª Arte - São Paulo, vol. 4, n. 1, 1º semestre/2015 p.35. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/nonaarte/article/view/136973/132750>. Acesso em: 09 jun. 2023.

¹³⁴ VIANA, 2015, p.28.

¹³⁵ VIANA, 2015, p.32.

Assim, ao que se pôde perceber, há um sentimento entre os adolescentes em ter dinheiro a qualquer custo, aparecendo, inclusive, entre as tatuagens observadas, uma com o inscrito: “Fique rico ou morra tentando” - além das tatuagens de cifrão ou saco de dinheiro e anjo com saco de dinheiro em uma mão, e uma metralhadora na outra mão. A frase tatuada “Fique rico ou morra tentando”, é título de um filme da Netflix;¹³⁶ mas é uma questão candente a partir da cultura de massa, quando ocorre uma imitação e/ou importação de cultura. Quer dizer, Vera França e Raquel Dornelas, no artigo intitulado No bonde da Ostentação: o que os “rolezinhos” estão dizendo sobre os valores e a sociabilidade da juventude brasileira, trata desta questão afirmando que:

[...] uma das inspirações para o funk paulista é o rapper americano 50 Cent, autor de discos com nomes bem sugestivos, como Power of the Dollar (O poder do dólar) e Get Rich or Die Tryin (*Fique rico ou morra tentando*). O funk ostentação se tornou uma febre nas periferias paulistas – e os MC's, verdadeiros reis. Um dos mais famosos, o MC Guimê, nasceu na periferia de Osasco e alcançou a marca de mais de 50 milhões de acessos em apenas um de seus vídeos. Como não podia deixar de ser, as letras de suas canções revelam um ode ao luxo. A expressão “plaque de 100”, título da música, se refere a conjuntos de notas de cem reais.¹³⁷

No entanto, de qualquer forma, esta ideia de adquirir dinheiro a qualquer custo coaduna em parte com a visão capitalista. Ou seja, o dinheiro como “valor fundamental significa que ele está acima dos seres humanos, dos sentimentos, de outros valores, etc. Isso significa a coisificação e desumanização de um ser humano.”¹³⁸ Então, mesmo não havendo um entendimento ou intencionalidade por parte dos adolescentes da Fase, tatuar o Tio Patinhas torna-se um ato de reproduzir ou imitar a violência sofrida; nossa hipótese refere-se ao que Jung afirma sobre adaptações às

¹³⁶ O filme *Fique Rico ou Morra Tentando*, tem um enredo a partir de Marcus (50 Cent), “um jovem da periferia que sofreu um atentado que por pouco não lhe tirou a vida. Em meio à sua recuperação, ele se lembra de uma vida difícil como órfão nas ruas violentas do Bronx. Sua vida muda após conhecer um ex-condenado, que luta para transforma-lo em uma estrela do rap. Dirigido pelo Jim Sheridan (indicado ao Oscar por 6 vezes e que tem em seu currículo clássicos como “Em Nome do Pai” e “Meu Pé Esquerdo”), “Fique Rico ou Morra Tentando” é um excelente exemplo de como uma história bem contada (mesmo com um roteiro mediano) é capaz de criar inúmeras sensações que vão da tensão absurda até o alívio de um momento de emoção.” (INDICA. Tv. Disponível em: <https://viureview.com.br/filme/1122-fique-rico-ou-morra-tentando>. Acesso em: 23 out. 2023).

¹³⁷ FRANÇA, Vera; DORNELAS, Raquel. No bonde da Ostentação: o que os “rolezinhos” estão dizendo sobre os valores e a sociabilidade da juventude brasileira. **Revista Ecopós** | ISSN 2175-8689| comunicação e gosto | v. 17 | n. 3 |2014 | dossiê. Submetido em: 10/09/2014. Aceito em: 25/10/2014. Disponível em: https://ecopos.emnuvens.com.br/eco_pos/article/view/1384/2531. Acesso em: 23 out. 2023.

¹³⁸ VIANA, 2015, p.27.

condições internas¹³⁹ que todos e todas fazemos. Seria como, inconscientemente, transmitissem a seguinte mensagem: “olha, já que vocês (capitalistas) fizeram e fazem parte do sistema que nos oprime e nos coisifica, que nos desumaniza, dá-nos o direito de revolta e também considerar o dinheiro como valor fundamental, acima dos seres humanos, dos sentimentos e de outros valores”(grifo nosso). Ou seja, este inside coaduna com concepções subterrâneas que envolve a vida simbólica¹⁴⁰, uma vez que este sentimento e mensagem pulsa através do convívio com estes adolescentes. E não se trata apenas de uma **anomia**¹⁴¹ gerada por ausência de regras de boa conduta, mas por um individualismo e anomia na sociedade moderna em si, com um desarranjo normativo na forma de anomia econômica, fontes das patologias sociais modernas. Durkheim, acerca do desarranjo normativo na forma de anomia econômica, faz a seguinte descrição:

A pessoa já não sabe o que é possível e o que não é, o que é justo e o que é injusto, quais reivindicações e expectativas são legítimas e quais são exageradas. Como consequência, não há nenhum limite para as aspirações dos homens [...] apetites não mais contidos por uma opinião pública desorientada, já não sabem onde parar.¹⁴²

¹³⁹ Por adaptações às “condições internas, no entanto, entende-se aquelas ocorrências que se impõem às percepções intentas a partir do inconsciente, independentemente do juízo consciente e às vezes até em oposição a ele. A adaptação às condições internas seria, portanto, a adaptação ao inconsciente.” (JUNG, Carl Gustav, 1875-1961. **A Vida Simbólica**: escritos diversos / C.G. Jung; tradução Edgar Orth ; revisão técnica de Jette Bonaventure. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2015, p. 24).

¹⁴⁰ Este raciocínio foi pensado a partir da obra “A Vida Simbólica” de Jung. Mais especificamente, “a exigência da sociedade é a imitação ou a identificação consciente, isto é, um trilhar de caminhos aceitos e autorizados. Só está livre disso quem produz um equivalente. Há muitas pessoas incapazes de produzir esse equivalente. Por isso estão presas ao caminho traçado. Se dele forem expulsas, são tomadas de ansiedade incurável e só um outro caminho prescrito pode livrá-las. Tais pessoas só podem chegar à autonomia após longa imitação de um modelo por elas escolhido.” (JUNG, 2015, p. 28). A ideia da imitação também é abordada por Geertz, com a concepção de religião como um sistema cultural; mas aqui, por sua vez, refere-se as diferentes formas simbólicas que cada pessoa imita de outra e que fazem parte das adaptações às condições internas (inconscientes) ou externas (conscientes, coletivas). Ou seja, entende-se por adaptações às “condições externas não apenas as condições do meio ambiente mas também meus juízos conscientes que formulo sobre as coisas objetivas. Por condições internas, no entanto, entende-se aquelas ocorrências que se impõem às percepções intentas a partir do inconsciente, independentemente do juízo consciente e às vezes até em oposição a ele. A adaptação às condições internas seria, portanto, a adaptação ao inconsciente.” (JUNG, 2015, p. 24).

¹⁴¹ “A anomia é um conceito desenvolvido pelo sociólogo francês Émile Durkheim para explicar a forma com a qual a sociedade cria momentos de interrupção das regras que regem os indivíduos. O termo deriva da palavra grega nomos, que significa “norma”, “regra” e precedida pelo prefixo de negação a- (“não”). Essa ausência de regras conduz os sujeitos ao isolamento perante a coletividade, gerando uma série de crises e patologias sociais.” MENEZES, Pedro. **Anomia**. Toda Matéria. Professor de Filosofia, Mestre em Ciências da Educação. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/anomia/>. Acesso em: 26 Abr. 2024.

¹⁴² DURKHEIM, E. O suicídio. São Paulo/Lisboa: Martins Fontes/Presença, 1977, p. 280.

Quando estes adolescentes são julgados, em muitos casos, pela crueldade dos atos praticados em crimes que visam uma aquisição financeira, de certa forma, assemelham-se ao capitalismo selvagem e desumano que, licitamente, explora e até mata pessoas – com o descaso e com a injustiça social; mas isso não os torna pertencentes da mesma classe social do Tio Patinhas. Quando Milton Santos aponta a força do pobre pelo fato de ter a experiência da escassez, dentre os que persistem e resistem com a força de trabalho, há os que têm uma personalidade voltada ao cometimento de crimes. Muitas vezes, o simples fato de nascer em contextos sociais periféricos, injustos, desiguais e com recursos escassos, gera, em alguns adolescentes, um sentimento de violência, de revolta, que vale a lei do mais forte. E o Estado reprime a selvageria, tornando-se o vilão na visão desses jovens – por isso as tatuagens de palhaços, ou seja, simbolizando aqueles adolescentes matadores de policiais ou simpatizantes com a morte de qualquer policial.

Por outro lado, mesmo havendo a hipótese da tatuagem do Tio Patinhas representar o pertencimento a alguma facção ou grupo criminoso, não fecha totalmente com a representação do personagem, visto que o universo ficcional do Tio Patinhas é totalmente fetichista, relacionado ao sonho americano, o sonho do capitalismo que as pessoas perseguem. “O pensamento econômico que expressa essa concepção fetichista, embora noutro contexto histórico, onde isso tinha maior racionalidade, seria a concepção mercantilista”¹⁴³. Portanto, além de o personagem Tio Patinhas não representar o pertencimento da mesma classe dos adolescentes tatuados, enfrenta uma certa rejeição no estado de arte dos quadrinhos.

Essa rejeição é derivada do fato de Tio Patinhas ser um capitalista e seu enredamento girar em torno disso. Inúmeros outros personagens são capitalistas e não geram tal rejeição, pois o seu enredamento não gira em torno de seu pertencimento de classe. Basta citar Batman (Bruce Wayne) e o Homem de Ferro (Tony Stark), para observar essa diferença, pois ambos são capitalistas mas o enredamento é distinto, não sendo extensão do seu pertencimento de classe.¹⁴⁴

Logo, os adolescentes com tatuagens do Tio Patinhas não se sentem pertencentes a uma classe burguesa capitalista, mas a sensação que se tem é de que gostariam de se tornar pessoas ricas para, além de ostentar poder, reproduzir a violência e opressão sofrida através das injustiças sociais que enfrentaram e que

¹⁴³ VIANA, 2015, p.28.

¹⁴⁴ VIANA, 2015, p.26.

ainda enfrentam. E se não bastasse, pensando nos demais símbolos e elementos que enaltecem o dinheiro – como o cifrão, sacola de dinheiro, etc, - poder-se-ia arriscar em uma afirmação que aponta esses adolescentes como idólatras ao dinheiro, considerando-o como um “deus”¹⁴⁵ ou uma “religião”¹⁴⁶ - aliás, como muitas pessoas em suas vicissitudes. Mas preferimos acreditar em um sonho ou anseio pessoal; porém, através da ilicitude.

Mais especificamente, como aspectos da religião estão imbricados na cultura, a antropologia, estudando como as pessoas vivem e convivem em sociedade, já conseguiu apontar alguns costumes socioculturais que, para alguns teólogos, pode ser uma nova forma de religião, como a ideia de religião vivida. Quer dizer, ações e/ou costumes de determinados segmentos sociais ou de indivíduos, identificados com elementos da religião, como rito, dogma ou costumes. Seria, por exemplo, como descrever o “gauchismo” como uma religião; dizer que a participação fiel das pessoas envolvidas em atividades de um determinado Centro de Tradições Gaúchas (CTGs) estarem, na verdade, participando de uma “religião” – o que envolve a ideia de religião vivida.

Júlio César Adam¹⁴⁷, em seus estudos sobre Religião Vivida, afirma que “o conceito de religião vivida é um conceito complexo e controvertido, como dirá Rössler:

¹⁴⁵ VIANA, Alexandra Peixoto; PEIXOTO, Maria Angélica; VIANA, Nildo. **As Aventuras de Karl Marx contra o deus dinheiro**. Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Inhumas, Brasil Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil. 5ª Jornada Internacional de História em Quadrinhos. 22 a 24 de agosto de 2018. Escola de Comunicação e artes da USP. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/anais2ajornada/anais5asjornadas/q_historia/alexandra_et_al.pdf. Acesso em: 11 jun. 2023. Os autores fazem uma crítica à obra: MAGUMA. **O Deus Dinheiro**. São Paulo: Boitatá, 2018.

¹⁴⁶ LÖWY, Michael. **O Capitalismo como Religião**. Versão editada da conferência de Michael Löwy na USP no dia 29 de setembro. Tradução de Luiz Roberto Mendes Gonçalves. Publicado na Folha de São Paulo, Caderno Mais, domingo, 18 de setembro de 2005. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/48350935/michellowyocapitalismocomoreligion-libre.pdf?1472281450=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DO_CAPITALISMO_COMO_RELIGIAO.pdf&Expires=1686516662&Signature=QCiB95IDi3deOjNC9mCEbD9IHlupBF3G9tLOvPMXwn4LE1s1zdg63rotctoYSowNdG6~Zu-9ZE3YRsbY58ukVmKYt2nPHivRIGoBSobS3sZ-eX4K1jyrFOJUE-dX3lUEL0IGNJkljkbjRpHhW33MTt2J1NjN~IQsT7OkfAPO0SJQpVoZ0lx2KK1p1CMhn80XC~n5xCYMTtGIB7O5zWTNZdAm4JeF~xxFDAAevCWZqfYOhd79pyValZYdF9iDYydwOfefWfN97qBcP~HuKidXTiNWn85tkq07za~6UmRCunbTK8QZ3a~7VnCi0fhQ-PZu7~ET1E1Wp3Wi9GjJ~2MkVA__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 11 jun. 2023.

¹⁴⁷ Ao relatar seus primeiros contatos com o conceito de Religião Vivida, afirma o seguinte: “Tomei conhecimento do conceito de religião vivida na Alemanha, quando realizava meu doutorado, na Universidade de Hamburgo, no final da década de 90 inícios dos anos 2000. O professor Hans-Martin Gutmann recém havia chegado na universidade e dele ouvi pela primeira vez sobre a possível relação entre teologia e cultura pop, em especial o cinema, mas também a música e a literatura. Esta combinação era para mim inusitada e estranha, ao mesmo tempo que fascinante, pois

‘a religião vivida permanece indeterminada, vaga, intratável e difícil de delimitar’.¹⁴⁸ Mesmo assim, define religião vivida como “uma forma de olhar e de perceber a religião e a teologia não em primeiro lugar a partir de suas concepções teóricas, dogmáticas e a partir da tradição da Igreja, mas, sim, a partir daquilo que a cultura e que as pessoas fazem e dizem ser religião e o religioso”.¹⁴⁹

Da mesma forma, se utiliza de Ganzevoort e Roeland para afirmar que:

os conceitos de práxis e religião vivida se concentram no que as pessoas fazem, em vez da religião "oficial", suas fontes sagradas, seus institutos e suas doutrinas. Como tal, a teologia prática tem muito em comum com o que em disciplinas como a antropologia, a sociologia e os estudos de mídia, conhecido como "a volta prática": o afastamento de institutos e textos (culturais) para as práticas sociais e culturais diárias de pessoas comuns.¹⁵⁰

Assim, Adam, tratando do conceito de religião vivida, entende que o “sagrado pelo menos implica um centro ao redor do qual nossa vida gravita, bem como uma presença que evoca reverência e paixão”.¹⁵¹ Da mesma forma, entende que “isso muitas vezes é determinado pelo contexto cultural no qual vivemos e segue o modelo de uma tradição religiosa”.¹⁵² Por outro lado, ao analisar a linguagem simbólico-religiosa das tatuagens dos adolescentes da FASE, preferimos nos aproximar do conceito “religiosidade” (que será tratado no próximo capítulo) envolvendo contribuições da psicologia social e da religião como um sistema cultural, para que não venhamos a correr o risco de afirmar que “tudo é religião”.

Em outras palavras, além de o conceito de religião vivida trazer este desconforto, engloba uma espécie de *superioridade acadêmica*. Seria como, de maneira velada, emitir a mensagem: “olha, não sei se você sabe, mas eu, como entendido neste assunto (superior a você que não consegue ver o que eu vejo) posso

possibilitava combinar duas grandezas que me cativavam profundamente: a teologia e a cultura pop. Os primeiros textos onde encontrei a ideia mais desenvolvida foram os trabalhos de Failing/Heimbrock (1998) e Gräß (1995, 2000; 2002; 2006), mais especificamente sobre religião vivida, e os textos do próprio Gutmann (1998; 2003), sobre a relação da Teologia com a cultura pop.” (ADAM, Júlio César. Teologia em movimento: perspectivas da teologia prática como hermenêutica da religião vivida a partir do cinema brasileiro. **Numen**: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 21, n.1, jan./jun. 2018, p. 114-128). Disponível em: file:///C:/Users/Vagner/Documents/Faculdades%20EST/Doutorado/Doutorado%20EST%202021%20%201/Doutorado%20Est%202020%201/Minha%20Tese%20e%20monografias/Monografia%20I/Textos%20parte%20II/22121-Texto%20do%20artigo-87779-1-10-20190206.pdf. Acesso em: 17 out. 2022.

¹⁴⁸ RÖSSLER, 1976. p. 67 apud ADAM, 2018, p. 118.

¹⁴⁹ ADAM, 2018, p. 118.

¹⁵⁰ GANZEVOORT; ROELAND; 2014, p. 93 apud ADAM, 2018, p. 118.

¹⁵¹ ADAM, 2018, p. 119.

¹⁵² ADAM, 2018, p. 119.

te dizer que tal prática sociocultural em sua vida, na verdade, é religião” (grifo nosso). No entanto, pelo fato de escolhermos um método etnográfico na pesquisa social, quando as pessoas participantes são *sujeitas* da pesquisa e não objetos, o envolvimento entre o pesquisador e as demais pessoas na pesquisa tornam todos protagonistas dos mesmos achados e aprendizados.

Logo, consideramos pertinente, durante a análise dos dados (as imagens e símbolos das tatuagens), por hora, uma aproximação maior do conceito “religiosidade e cultura” em vez do conceito ou ideia de “Religião Vivida”; não só pela sensação de *superioridade acadêmica* durante a análise de tatuagens que não tiverem tão explicitamente uma imagem ou símbolo religioso – que venhamos a ter que considerá-los como “religião vivida” – mas por uma segunda sensação de a antropologia já ter tratado desta abordagem, que agora tem um novo nome: *Religião Vivida*; e que será tratado no terceiro capítulo como *Religiosidade*.

Retomando a discussão sobre os achados, os adolescentes com as tatuagens sobre família, conforme as figuras 2, 3 e 4, apresentam uma forma de memória afetiva, formada por sentimentos capazes de conectar as pessoas ao passado e ao presente.¹⁵³

¹⁵³ PROVESANO, Felipe Bonfante. **A memória afetiva na tatuagem**: análise da representação de pessoas. Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Publicidade e Propaganda, da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. ANIMA Educação. 2021, p. 13. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/20502/1/mem%c3%b3ria%20afetiva%20na%20tatuagem.pdf>. Acesso em: 29 out. 2023.



Figura 2 - Tatuagem sobre família

Fonte: o autor

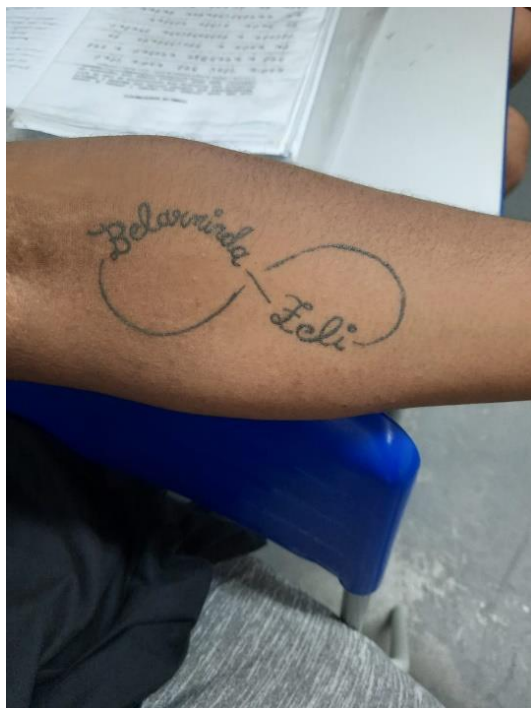


Figura 3 - Tatuagem sobre família

Fonte: o autor

As pessoas que vivem e convivem ao redor das que tatuam representações como estas (sobre família), tornam-se referência não só materna ou paterna, mas humana; e as tatuagens tornam-se gatilhos para acessá-las novamente.¹⁵⁴

Assim, enquanto a figura 2 apresenta apenas a palavra “família”, a tatuagem da figura 3 relaciona a família ao *símbolo do infinito*¹⁵⁵, representada como um amor infinito entre pais e filhos; podendo ser relacionado, inclusive, ao amor, poder e existência de Deus, para os adolescentes.



Figura 4 - Tatuagem sobre família (afeto)

Fonte: o autor

A tatuagem da Figura 4, conforme o adolescente tatuado, apresenta a família (pai e mãe) como uma joia rara, representada por um diamante. Ou seja, os adolescentes tatuam imagens e símbolos representando suas famílias na intenção de demonstrar o quão são importantes em suas vidas, como uma forma de homenageá-las. Mais especificamente, não apenas por a família não ser o único ponto de geração e “relacionamento com as nossas memórias, este núcleo é definitivamente o mais

¹⁵⁴ PROVESANO, 2021, p. 13-14.

¹⁵⁵ “Infinito é um conceito que tem diferentes significados em matemática, psicologia, cosmologia e na linguagem cotidiana. No entanto, o comum de todos os significados é que o infinito é algo cujo conteúdo é maior do que qualquer outra coisa ou um processo que nunca chegará ao seu fim. [...] A definição mais amplamente aceita de infinito é ‘uma quantidade maior do que qualquer quantidade atribuível da mesma classe’. [...] A palavra infinito vem do latim *infinitus*, sem limites. Cabe a John Wallis, matemático inglês, que é creditado com a introdução do símbolo do infinito em 1655. Derivado da representação numérica Romana para 1000 que por sua vez vem dos etruscos para o mesmo número que se assemelhava ao símbolo CIO que, às vezes, era usado para significar ‘muitos’. Outra hipótese é que deriva da última letra do alfabeto grego, ω .” TAMIR, Avraham; BÉVIA, Francisco Ruiz. **El símbolo do infinito**. Departamento de Engenharia Química, Ben-Gurion University of the Negev (Israel) e Departamento de Engenharia Química, Universidade de Alicante (Espanha). Disponível em: https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/36741/1/EI_simbolo_de_infinito.pdf. Acesso em: 26 jun. 2023.

sólido e impactante e que grande parte das nossas memórias e afetividades estarão ligadas direta ou indiretamente a eles.”¹⁵⁶

A questão da memória afetiva pode também estar relacionada com entes queridos já falecidos. Isto é, Pinho, em “*O rito (fúnebre) individual do neurótico em tempos de dessocialização da morte e do luto: uma leitura psicanalítica das tatuagens in memoriam*”¹⁵⁷, traz considerações importantes sobre o fenômeno da pele humana tornar-se uma espécie de lápide com imagens ou inscrições em memória de uma pessoa morta, geralmente um ente querido – o que não pode ser descartado entre os adolescentes da Fase de Novo Hamburgo.

A autora apresenta uma série de tatuagens *in memoriam* de entes queridos com uma série de simbologias que tratam do ser humano em contato com o luto, com a saudade da pessoa falecida e do amor simbolizado pela tatuagem em memória daquela pessoa. Além disso, mesmo se tratando de uma tese de doutorado em psicologia social, dialoga com aspectos teológicos por tratar do rito fúnebre e da significação de imagens e símbolos tatuados envolvendo elementos do *além*, do desconhecido, do transcendental – como a tatuagem de uma criança (já falecida) com asas de anjo.¹⁵⁸

Outro exemplo interessante apontado por Pinho é o fato de pessoas israelenses tatuarem o número de entes queridos mortos em Auschwitz, durante o Holocausto.¹⁵⁹ Segundo a autora, a decisão dessas pessoas em tatuar a numeração de familiares marcados pelo nazismo em campos de extermínio, não coloca em evidência uma homenagem às pessoas mortas, mas os agressores.¹⁶⁰ Por outro lado, essas tatuagens da numeração dos judeus em campos de extermínio, servia para marcar os judeus como pessoas que perderam sua identidade, onde se tornaram um número e passaram a ter uma identidade atribuída a elas – que não era a identidade real destas pessoas. Porém, quando assumem isso como um sinal de resistência e de denúncia contra os opressores, e seus descendentes associam isso a uma

¹⁵⁶ PROVESANO, 2021, p. 14.

¹⁵⁷ PINHO, Miriam Ximenes. **O rito (fúnebre) individual do neurótico em tempos de dessocialização da morte e do luto: uma leitura psicanalítica das tatuagens *in memoriam***. Tese (Doutorado – Programa de Estudos Pós-Graduados de Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, 2015. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/17124/1/Miriam%20Ximenes%20Pinho.pdf>. Acesso em: 04 out. 2022.

¹⁵⁸ PINHO, 2015, p.211.

¹⁵⁹ PINHO, 2015, p.204.

¹⁶⁰ PINHO, 2015, p.204.

memória do sofrimento dos seus antepassados, mesmo já havendo a identidade que havia sido atribuída, agora, passa a ser assumida. Então, o que anteriormente fora padronizado, agora, torna-se um estandarte, como uma bandeira de luta, resistência e significado.¹⁶¹

Ainda dentro da perspectiva dos achados, um dos objetivos foi compreender o porquê de os adolescentes da Fase resolverem ter uma tatuagem. O Gráfico 3 apresenta as respostas gerais do questionário, quando tiveram que se posicionar sobre o porquê de resolverem ter uma tatuagem.

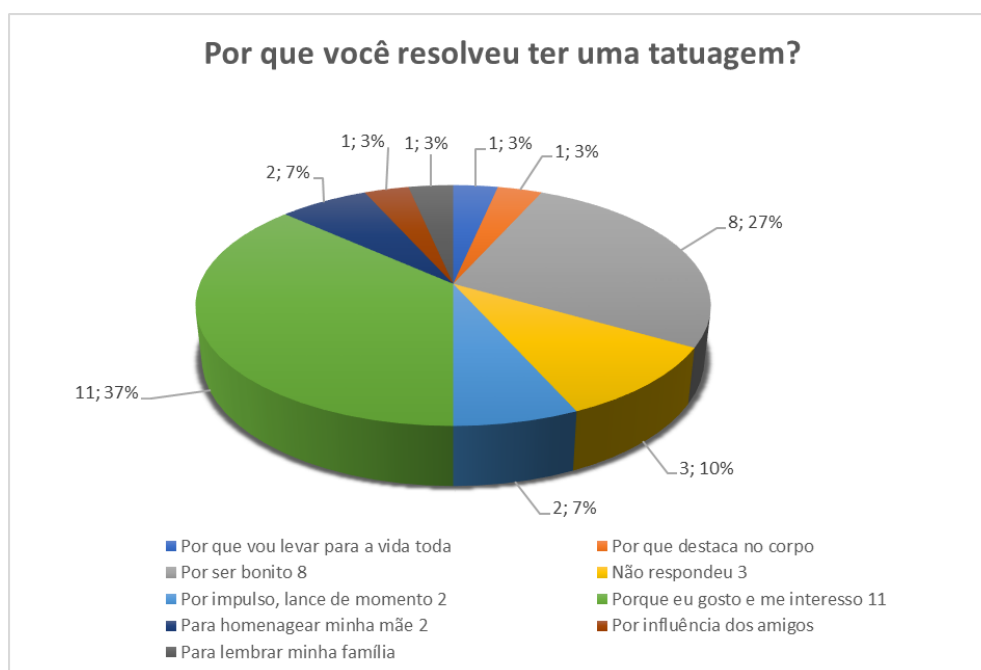


Gráfico 3 - O porquê de resolverem ter uma tatuagem

Fonte: o autor

A maioria dos adolescentes questionados ou afirma *gostar e apresentar interesse* em ter uma tatuagem (37%) ou resolveu ter por achar *bonito* (27%). *Não responderam* 10%; e 7% afirmou ter feito *por impulso, lance de momento* ou *para homenagear a mãe*. Ficaram em 3% aqueles que resolveram ter uma tatuagem *por influência de amigos, para lembrar da família, por destacar no corpo* ou por ser algo que *se leva para a vida toda*.

¹⁶¹ GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Guanabara – Rio de Janeiro, 1988, p. 28.

Observando as respostas, pode se perceber que há uma *imitação simbólico-cultural*, quando se toma emprestado do outro;¹⁶² ¹⁶³ além disso, o compartilhamento de “memórias em comum cria e fortalece o senso de pertencimento comunitário, o que faz com que não só estes indivíduos que estiveram longe de seus lares possam ainda se sentir parte daquele núcleo social, mas também cria um novo laço comunitário entre eles.”¹⁶⁴ Ou seja, tais formas de representação e outras variáveis em comum, além de representadas por formas imagéticas, tem o valor estético por si só, que com o passar do tempo podem tornar-se também um caráter de valor maior ou menor, seja ele diretamente representativo ou não.¹⁶⁵

Nem tudo que é escrito ou desenhado com determinada intencionalidade se perdura com o propósito inicial ou fica sem passar pelo crivo hermenêutico, pela interpretação. Quando o corpo e a pele se tornam uma tela artística, esse mesmo corpo e pele da pessoa tatuada torna-se passível de inúmeras interpretações. Quer dizer, pensando na arte como uma forma de expressão, qualquer pessoa pode interpretar qualquer imagem, expressão ou símbolo tatuado em qualquer pessoa. Assim, o principal questionamento ou pergunta básica envolvendo a decisão de tatuar-se gira em querer saber *qual a intenção de uma pessoa decidir tatuar seu corpo?* As respostas e o estado de arte são vastos e bastante subjetivas. Alguns a fazem por estética, por achar bonito, mas outras, com a intenção de emitir uma mensagem, um pensamento das suas crenças, conhecimentos e ideias ao mundo.¹⁶⁶

Quando se trata de imagens, símbolos ou expressões religiosas, da mesma forma, há uma intencionalidade e muita expressão cultural envolvida. Ao que parece, quando uma pessoa decide tatuar algo voltado ao campo religioso ou envolvendo a fé, subentende-se que essa pessoa tem uma determinada convicção, ou que acredita em algo profundo, tremendo ou grandioso – o que poderia ser relacionado a Deus. Além disso, dentro das denominações cristãs há interpretações mais conservadoras entre o poder ou não tatuar o corpo. Há igrejas mais conservadoras (principalmente pentecostais e neopentecostais) que não recomendam ou proíbem, apoiando-se em Levítico 19:28: “*Não fareis incisões no corpo por algum morto e não fareis nenhuma*

¹⁶² GEERTZ, 1989, p. 104.

¹⁶³ JUNG, 2015, p. 28.

¹⁶⁴ PROVESANO, 2021, p. 18.

¹⁶⁵ PROVESANO, 2021, p. 18.

¹⁶⁶ MACEDO, 2014, p. 154.

*tatuagem. Eu sou lahweh.*¹⁶⁷ Esse versículo, no entanto, pode ser empregado para isso? A primeira parte do versículo é uma proibição do rito de dilacerar ou fazer incisões no corpo como forma de luto, que também é encontrada em Deuteronômio 14.1 e atestada em Israel por Jeremias 16.6: “*Grandes e pequenos morrerão nesta terra, eles não serão enterrados, nem lamentados; por eles não se fará incisão nem tonsura*”.¹⁶⁸ Jacob Milgrom observa que “[...] a estreita associação destes ritos de luto com a adoração de Baal, como atestado em 1 Reis 18:28, pode ser responsável pela sua proibição [...]” (tradução nossa).¹⁶⁹

A segunda parte do versículo pode estar tratando de uma proibição independente relacionada com a escravatura em Israel. Nesse caso, estaria proibindo a prática legalmente aceita de marcar uma pessoa escrava israelita perpetuamente.¹⁷⁰ Outra possibilidade é relacionar essa proibição com a anterior e envolveria alguma prática pagã de marcar ou tatuar o corpo para proteção dos espíritos das pessoas mortas ou para indicar a pertença a algum grupo (religioso).¹⁷¹ Nesse sentido, Jay Sklar elucida adequadamente: “As tatuagens hoje – pelo menos nas culturas ocidentais – não têm as mesmas associações pagãs que tinham no antigo Israel, por isso os crentes não estão mais proibidos de fazê-las (assim como não estão mais proibidos de usar vários estilos de cabelo ou barba, v. 27) (tradução nossa).¹⁷²

Portanto, empregar Levítico 19:28 para não recomendar ou proibir tatuagens hoje parece ser inadequado exegeticamente, pois se desconsidera o contexto histórico-cultural do versículo, uma postura típica de leituras fundamentalistas da Bíblia. Além disso, por que Levítico 19:28 é válido hoje enquanto outras proibições do Pentateuco não o são? Outra questão relacionada refere-se à validade da lei mosaica para as pessoas cristãs hoje. Gordon Fee e Douglas Stuart elucidam: “*Somente aquilo*

¹⁶⁷ A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2000. p. 188.

¹⁶⁸ A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2000. p. 1394. HARTLEY, John E. **Leviticus**. Dallas: Word Books, 1992. p. 320.

¹⁶⁹ “[...] *close association of these mourning rites with the worship of Baal, as attested in 1 Kgs 18:28, may be responsible for their proscription [...]*.” MILGROM, Jacob. **Leviticus 17-22: a new translation with introduction and commentary**. New Haven: Yale University Press, 2000. p. 1693.

¹⁷⁰ MILGROM, Jacob. **Leviticus: a book of ritual and ethics**. Minneapolis: Fortress Press, 2004. p. 242.

¹⁷¹ WALTON, John H.; MATTHEWS, Victor Harold; CHAVALAS, Mark W. **The IVP Bible background commentary: Old Testament**. Downers Grove: InterVarsity Press, 2000. p. 144.

¹⁷² “*Tattoos today—at least in Western cultures—do not have the same pagan associations as they did in ancient Israel, so believers are no longer prohibited from getting them (just as they are no longer prohibited from various hair or beard styles, v. 27).*” SKLAR, Jay. **Leviticus: an introduction and commentary**. Nottingham: Inter-Varsity Press, 2013. p. 250.

que é explicitamente renovado da lei do Antigo Testamento pode ser considerado parte da 'lei de Cristo' no Novo Testamento [...]".¹⁷³ Em relação à tatuagens não há nenhuma proibição implícita ou explícita no Novo Testamento.

Por outro lado, uma pergunta que surge a partir de Apocalipse 19:16 "Um nome está escrito sobre seu manto e sobre sua coxa: *Rei dos reis e Senhor dos senhores*."¹⁷⁴ Como foi feita essa inscrição na coxa de Jesus? Pode-se dizer que é uma tatuagem? Uma leitura mais atenta desse versículo deixa evidente que o "nome" não está diretamente escrito sobre a coxa de Jesus, mas na parte do manto que cobre a coxa (ou seja, o *kai* é apositivo, indicando que coxa redefine manto).¹⁷⁵ Por conseguinte, não se trata de uma "tatuagem celestial" como traduções como a Bíblia de Jerusalém dão a entender.

Retomando a questão das tatuagens envolvendo os adolescentes da Fase, entre os adolescentes não tatuados, responderam no questionário apenas uma pergunta, direcionada ao porquê de não terem uma tatuagem, conforme o Gráfico 4.

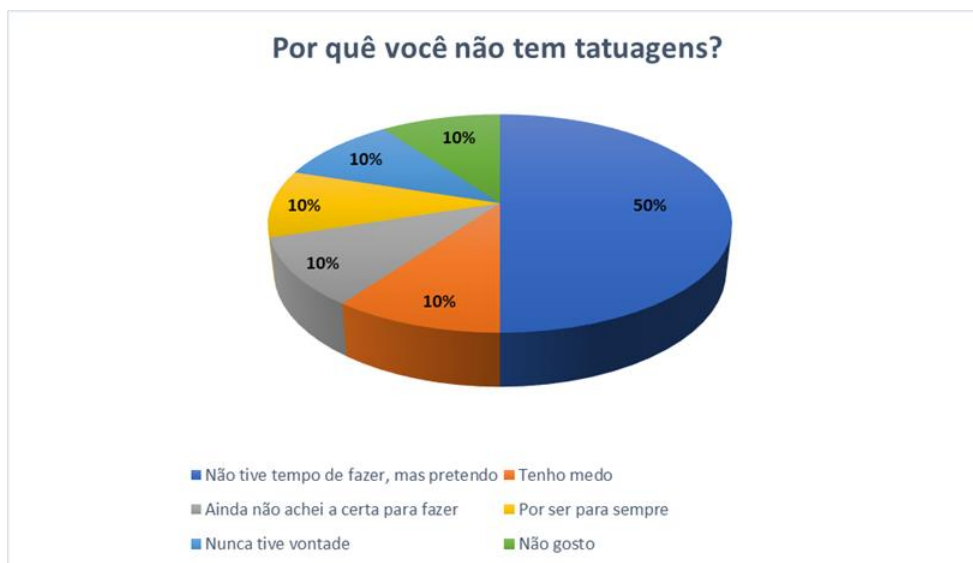


Gráfico 4 - O porquê de não ter uma tatuagem

Fonte: o autor

¹⁷³ FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lêes?**: um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica. 4. ed. rev. e ampl.. São Paulo: Vida Nova, 2022. p. 141.

¹⁷⁴ A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2000. p. 2163.

¹⁷⁵ OSBORNE, Grant R. **Apocalipse**: comentário exegético. São Paulo: Vida Nova, 2014. p. 767; KOESTER, Craig R. **Revelation**: a new translation with introduction and commentary. New Haven: Yale University Press, 2014. p. 759.

Dos adolescentes questionados, 50% afirmou não ter feito por falta de tempo, mas que pretende fazer; e as demais respostas ficaram em 10% cada uma, afirmando; ainda não achei a certa para fazer, nunca tive vontade, tenho medo, por ser para sempre e não gosto.

Dentro do questionário havia uma pergunta aberta, a qual solicitava para os adolescentes escreverem livremente o que quisessem sobre tatuagens, ou seja, considerações livres e subjetivas sobre tatuagens. A partir do Gráfico 5, pôde-se mensurar uma maioria de adolescentes gostarem de tatuagens apenas pela questão estética, ou seja, por *acharem bonito* (43%), ou por considerarem como algo *legal* (21%). Não responderam 9%;

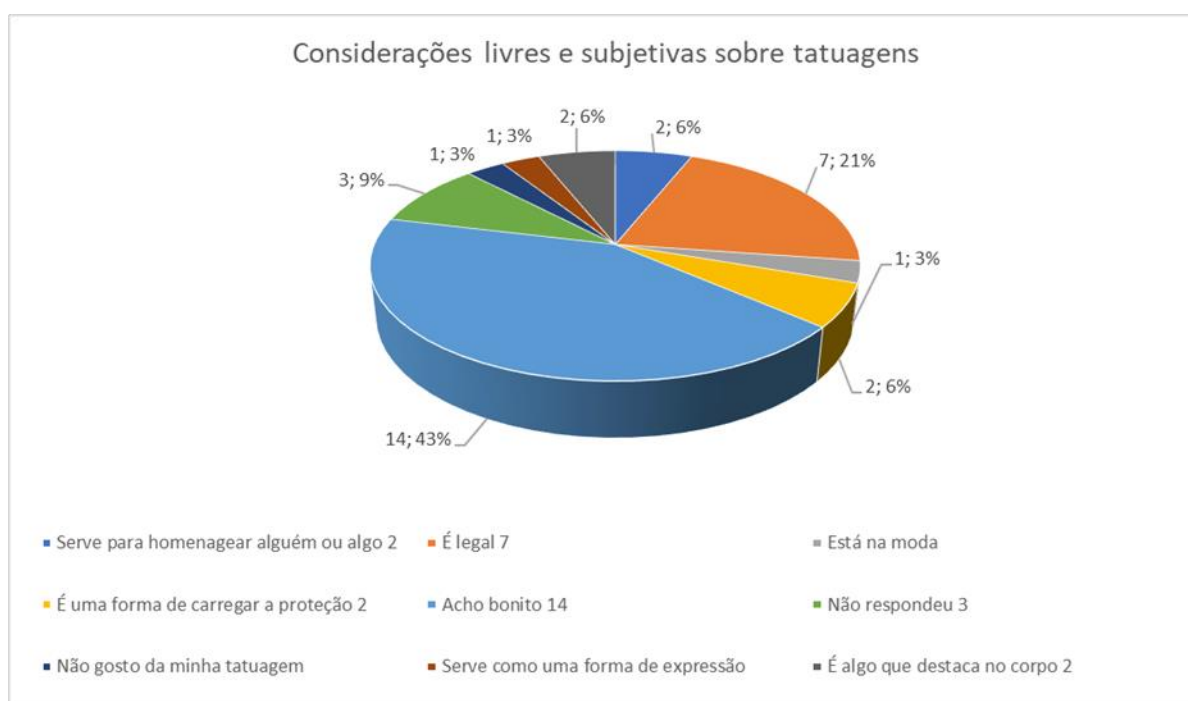


Gráfico 5 - Considerações livres e subjetivas sobre tatuagens

Fonte: o autor

Os que consideraram *uma forma de carregar a proteção*, como *algo que destaca no corpo* e que serve para *homenagear alguém*, ficaram em 6%; Por último, ficou em 2% as respostas apontando a tatuagem como *algo que destaca no corpo*, que *está na moda* e que *não gosta da própria tatuagem*, conforme o gráfico 5.

3.5 O SUBTERRÂNEO DA TATUAGEM

O conceito de “subterrâneo” nos remete a algo que está enterrado. O dicionário de Língua Portuguesa define *subterrâneo*¹⁷⁶ como um “adjetivo que está debaixo da terra: caminho subterrâneo”. Na linguagem figurada, significa “*algo que se faz às escondidas: práticas subterrâneas*”. No caso das tatuagens, não se pretende abordar o aspecto figurado, como algo que se faz às escondidas, vinculado a práticas subterrâneas relacionadas a questões éticas ou morais; mas às representações que, às vezes, se escondem por trás das tatuagens, nos símbolos - nem sempre conscientes. Sabendo da profundidade e complexidade da abordagem, pretende-se fazer apenas algumas aproximações com a ideia subterrânea da tatuagem, vinculada ao inconsciente da tatuagem.

Antes de uma aproximação da ideia de subterrâneo da tatuagem, torna-se necessário um breve trocadilho com o conceito subterrâneo religioso que Oneide Bobsin trata em “*O subterrâneo religioso da vida eclesial: escuta pastoral*”; quando aborda o conceito subterrâneo religioso a partir do fenômeno fortemente vinculado às questões morais. Isto é, o conceito “subterrâneo religioso” no sentido figurado, como “*aquilo que se faz às escondidas*”, podemos trabalhar com a tese de um conceito que está no campo das escolhas e, sobretudo, da razão. São decisões conscientes que as pessoas tomam ao resolver fazer algo “proibido”, às escondidas.

A partir da obra “O subterrâneo religioso da vida eclesial: escuta pastoral”, Oneide Bobsin afirma que:

É preciso não esquecer, pois, que há sempre um mundo paralelo que perpassa toda a realidade social e pessoal. Nas empresas há o caixa dois; no casamento há, em muitos casos, a outra ou o outro; no mercado também se evidencia o lado paralelo – e a vida religiosa não é diferente de tudo isso. Mesmo assim, não falta transparência. E nas igrejas, como no mundo da política e de outras instituições, a situação não é tão diferente. Nos bastidores decide-se o fundamental, para em público se fazer a teatralização da democracia, em prejuízo da mesma. Por que reclamar das práticas religiosas ambivalentes dos fiéis, se é praxe, em todas as instituições, sejam religiosas ou civis, a prática do exercício paralelo do poder? Enfim, quem não quer passar por ingênuo deve admitir que se fale numa relação de fidelidade principal, também na esfera religioso-eclesiástica.¹⁷⁷

¹⁷⁶ DICIO, **Dicionário On Line da Língua Portuguesa**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/subterraneo/>. Acesso em: 30 ago. 2022.

¹⁷⁷ BOBSIN, Oneide. **O subterrâneo religioso da vida eclesial: escuta pastoral**. Reflexão, Campinas, 41(2):179-197, jul./dez., 2016. Disponível em: <http://seer.sis.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reflexao/article/view/3765>. Acesso em: 22 jun. 2020.

Bobsin, questiona o porquê de reclamarem das “práticas ambivalentes dos fiéis, se é praxe em todas as instituições”, justamente por se criar um rótulo no imaginário coletivo e na tradição cristã, de que um “crente” ou “cristão” não pode mentir ou viver conscientemente uma vida “errada”, por ser pecado. Essas “práticas ambivalentes” são muito presentes em narrativas e sermões neopentecostais, também como uma forma de controle social e manipulação do imaginário coletivo, apoiando-se na passagem bíblica de Efésios, quando o apóstolo Paulo exorta a igreja de Éfeso à santidade, afirmando que:

Isto, portanto, digo e no Senhor testifico. Não andeis mais como andam os demais gentios, na futilidade dos seus pensamentos, com entendimento entenebrecido, alienados da vida de Deus pela sua ignorância e pela dureza dos seus corações. Tendo-se tornado insensíveis, entregaram-se à dissolução para praticarem avidamente toda sorte de impureza. Vós, porém, não aprendestes assim a Cristo, se realmente o ouvistes e, como é a verdade em Jesus, nele fostes ensinados a remover o vosso modo de vida anterior — o homem velho, que se corrompe ao sabor das concupiscências enganosas — e a renovar-vos pela transformação espiritual da vossa mente, e revestir-vos do Homem Novo, criado segundo Deus, na justiça e santidade da verdade. Por isso abandonai a mentira e falai a verdade cada um ao seu próximo, porque somos membros uns dos outros. Irai-vos, mas não pequeis: não se ponha o sol sobre a vossa ira, nem deis lugar ao diabo. O que furtava não mais furte, mas trabalhe com as suas próprias mãos, realizando o que é bom, para que tenha o que partilhar com o que tiver necessidade. Não saia dos vossos lábios nenhuma palavra inconveniente, mas, na hora oportuna, a que for boa para edificação, que comunique graça aos que a ouvirem. E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, pelo qual fostes selados para o dia da redenção. Toda amargura e exaltação e cólera, e toda palavra pesada e injuriosa, assim como toda malícia, sejam afastadas de entre vós. Sede bondosos e compassivos uns com os outros, perdoados mutuamente, como Deus em Cristo vos perdoou.

Tomai-vos, pois, imitadores de Deus, como filhos amados, e andai em amor, assim como Cristo também nos amou e se entregou por nós a Deus, como oferta e sacrifício de odor suave. Fornicação e qualquer impureza ou avareza nem sequer se nomeiem entre vós, como convém a santos. Nem ditos indecentes, picantes ou maliciosos, que não convém, mas antes ações de graças. Pois é bom que saibais que nenhum fornicário ou impuro ou avarento — que é um idólatra — tem herança no Reino de Cristo e de Deus. Ninguém vos engane com palavras vãs, porque por essas coisas vem a ira de Deus sobre os desobedientes. Não vos torneis, pois, co-participantes das suas ações. Outrora éreis treva, mas agora sois luz no Senhor: andai como filhos da luz, pois o fruto da luz consiste em toda bondade e justiça e verdade. Procurai discernir o que é agradável ao Senhor e não sejais participantes das obras infrutuosas das trevas, antes denunciá-las, pois o que eles fazem em oculto até o dizê-lo é vergonhoso. Mas tudo o que é condenável é manifesto pela luz, pois é luz tudo o que é manifesto. É por isso que se diz: Ó tu, que dormes, desperta e levanta-te de entre os mortos, que Cristo te iluminará. Vede, pois, cuidadosamente como andais: não como tolos, mas como sábios, remindo o tempo, porque os dias são maus. Por isso não sejais insensatos, mas procurai conhecer a vontade do Senhor. E não vos embriagueis com vinho, que é uma porta para a devassidão, mas buscai a plenitude do Espírito. Falai uns aos outros com salmos e hinos e cânticos espirituais, cantando e

louvando ao Senhor em vosso coração, sempre e por tudo dando graças a Deus, o Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo (4:17-5:20).¹⁷⁸

A partir dessa passagem, entre outras, foi construído pela tradição cristã, especialmente entre grupos influenciados pelos movimentos *pietistas*¹⁷⁹ e de santidade (como pentecostais e neopentecostais), uma expectativa social no imaginário religioso coletivo – de que um cristão não pode cometer erros que denunciem sua vivência contrária às escrituras. E quando convertida, a pessoa se depara com uma série de estudos (discipulados) sobre “a nova vida” - o que o apóstolo Paulo fala sobre “andar em novidade de vida”¹⁸⁰, excluindo-se totalmente os contextos socioculturais daquela pessoa. Mais especificamente, a romantização da conversão, inicialmente, afeta e/ou corrige contradições sociais voltadas à formação humana. Contudo, com o passar do tempo, as pessoas acabam expondo sua identidade contextual. Os descendentes da imigração italiana ou alemã terão suas singularidades étnico-culturais; os lusos ou afro-brasileiros, da mesma forma, mesmo pertencentes a uma confessionalidade, em algum momento, irão expressar traços culturais do processo social,¹⁸¹ como *conhecimentos, ideias ou crenças*¹⁸² – muitas vezes, contrárias ao entendimento de “andar em novidade de vida”.

Quando Bobsin trata da relação tradição e práxis religiosa envolvendo a morte na perspectiva física x simbólica, se utiliza da obra de Jorge Amado (Dona Flor e seus dois maridos) para fazer um trocadilho com as realidades das comunidades eclesiais de confissão Luterana. O que preferimos deixar em evidência nesta abordagem, não se resume em como um membro de uma igreja evangélica lida com a morte e o “aparecimento” do morto em ambientes cotidianos, mas o que pode ser considerado subterrâneo religioso no sentido figurado – como, por exemplo, observar o sincretismo religioso tão presente às ocultas em inúmeras denominações e religiões brasileiras. Quando a pessoa – membro da igreja evangélica – utiliza-se de

¹⁷⁸ A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2000. p. 2044-2045.

¹⁷⁹ O Pietismo defendia a renovação da piedade com base em um retorno subjetivo e individual ao estudo da Bíblia e à oração. Em termos educacionais, destacou-se neste movimento a figura de August Francke (1663 – 1727) que, a partir da Universidade de Halle, difundiu seu sistema pedagógico.

¹⁸⁰ Romanos 6:4 “Portanto pelo batismo nós fomos sepultados com ele na morte para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos vida nova.” A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2000. p. 1975.

¹⁸¹ Já que não existe ser humano à parte da cultura; e Religião, conforme Geertz, é cultura.

¹⁸² SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo : Brasiliense, 2006. - - (Coleção primeiros passos ; 110) 12ª reimpr. da 16ª. ed. de 1996. p. 23.

mecanismos e/ou meios em outras religiões, às escondidas, para resolver seu impasse, é uma das abordagens que Bobsin considera como subterrâneo religioso. O trecho envolvendo esta concepção pode ser observado quando Bobsin afirma que:

Tempos depois, o pastor deixou a Comunidade, mas continuou sendo informado sobre a situação por alguns de seus membros. Dona Inês, que já havia participado de sessões espíritas depois da morte do marido, fez seguidos convites para que Wanise saísse de casa a fim de participar das atividades da Comunidade. Como as viúvas se aproximaram uma da outra, o antigo pastor ficou sabendo, por meio de Dona Inês, que Wanise estava procurando apoio num centro espírita ou terreiro de umbanda. Na versão de Dona Inês, isso estava acontecendo porque o morto tinha aparecido para ela e para os filhos, tanto na casa como na oficina. A viúva, ao contrário de Dona Flor, parecia querer sossego e pediu ajuda para que o morto a deixasse em paz e ficasse no seu lugar, conforme comentado por outras mulheres da Comunidade, próximas a ela. Jamais chegou aos ouvidos do antigo pastor pela boca da viúva; na verdade, fatos como esse chegavam a seus ouvidos por intermédio de outras pessoas. Parece que havia várias redes na Comunidade, formadas por pessoas de um determinado lugar, por laços de parentesco e pelos diversos grupos da Comunidade. Por meio dessas redes é que o pastor ficava sabendo do que se passava na vida dos fiéis, de modo que a relação entre pastor e membros acontecia por intermédio de algum amigo da pessoa que estava doente ou com algum problema. Ao autor deste artigo, isso parece revelar a dificuldade de um contato direto entre o fiel e o clérigo, o que é um dado importante e que merece ser pesquisado.¹⁸³

Mesmo sabendo da visão e pensamento confessional da sua igreja sobre não ser recomendável procurar outras religiões, dona Wanise assume o risco em prol da solução do seu problema, mas que seria resolvido em uma reunião da sua própria denominação, sem imaginar que o pastor sabia de toda sua procura em religiões de matriz africana e no espiritismo – o que preferimos chamar de *subterrâneo religioso no campo da consciência*.

Do passado sofrido que se estendia para o presente, Dona Wanise corria. Para resumir, um dia ela deu o seu grito de independência no grupo de estudo bíblico: *Quero sepultar o passado assim como sepultei o marido. Viúvo é ele, não eu*. Em nenhum momento, no estudo bíblico, ela deixou transparecer que estava participando de cultos espíritas ou afro-brasileiros para se livrar do fantasma do marido – que, na verdade, era o passado sofrido que não queria ir embora com a morte física. Ela precisava sepultar o passado e se soltar para a vida.¹⁸⁴

Preferimos acrescentar no conceito *subterrâneo religioso*, desenvolvido por Bobsin, o termo *no campo da consciência*, por ficar evidente a ideia de subterrâneo

¹⁸³ BOBSIN, Oneide. **O subterrâneo religioso da vida eclesial**: escuta pastoral. Reflexão, Campinas, 41(2):179-197, jul./dez., 2016, p.09. Disponível em: <http://seer.sis.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reflexao/article/view/3765>. Acesso em: 22 jun. 2020.

¹⁸⁴ BOBSIN, 2016, p. 10.

na forma figurada, como *aquilo que se faz às escondidas*, e percebendo que as escolhas feitas pelas pessoas, envolvendo aspectos subversivos da religião cristã, serem feitas de forma consciente. Se tratando de tatuagens, imagens e símbolos dentro do campo teológico e/ou psicológico, diferenciar o que é intencional (racional) do que realmente está escondido no subterrâneo, como aquilo que está enterrado na inconsciência, se faz necessário.

3.5.1 O Inconsciente da Tatuagem

A partir do século XIX o corpo passa a ser acessível à cultura de massa, à fotografia, às artes, sendo possível sua contemplação e democratização. Mas quanto à simbologia e relação do corpo com o inconsciente, as tatuagens são instrumentos e objetos de estudo ao expressar *o que está por trás da imagem ou símbolo*, como uma tentativa de acessar este corpo, como uma realização do desejo inconsciente. Ou seja, mesmo uma direção voltada ao aspecto religioso dos símbolos, um diálogo com a psicologia torna-se inevitável, à medida que inconsciente e fé são objetos não palpáveis, difíceis de mensurar.¹⁸⁵ Nesse sentido,

A apropriação do corpo é algo recente na cultura ocidental e a psicanálise possibilitou ao sujeito uma maior compreensão de sua dinâmica pulsional, permitindo assim o conhecimento de sua dinâmica identificatória (Fernandes, 2011). O interesse da psicanálise pelo corpo teve início com os estudos de Freud sobre a histeria, obra na qual o autor contrapõe o corpo biológico ao corpo marcado pelo desejo inconsciente e atravessado pela linguagem. O inconsciente se revela através das manifestações conversivas e de sintomas psicossomáticos; ou seja, é a linguagem inscrita no corpo que torna possível a descoberta do inconsciente.¹⁸⁶

Não só os estudos de Freud, mas de Lacan abordam a relação do corpo com o inconsciente. Platão, já na antiguidade, refletia sobre o mundo perfeito (que é o mundo das ideias, o mundo abstrato) e o mundo imperfeito – relacionado ao mundo real, o mundo concreto. Indo por esse raciocínio, é como se o corpo que vemos na reflexão de um espelho não fosse, de fato, nosso corpo real. Freud e Lacan fazem essa relação com a questão libidinal, com o gozo e energia psíquica, fonte supostas das pulsões, mola energética do sujeito. Sobre esta relação, se utilizando de uma

¹⁸⁵ MACEDO, 2014, p. 153-154.

¹⁸⁶ MACEDO, 2014, p. 154.

breve descrição etnográfica, Netto faz o seguinte relato sobre a tatuagem e sua relação com o inconsciente:

Era uma tarde quente, e eu estava agora na planície, num grande Shopping Center, tomando um café, apreciando ao longe a Cordilheira dos Andes, onde estivera, uma hora antes, passeando no Vale Nevado. Nesta estação de esqui, em Santiago do Chile, a temperatura cravava a 0 grau, mas o vento desmentia os termômetros. Na mesa à minha frente, sentava-se um jovem casal de namorados. O rapaz, em manga de camisa, ostentava sua tatuagem, onde se lia muito visivelmente, no braço direito: “I love you” e, no esquerdo, “I hate you”. Eu ficava imaginando o que se passaria na cabeça da menina, diante do namorado, com as mensagens contraditórias, impossíveis de não ver: te amo, te odeio. Signo e significante de braços dados. Sinal escrito no corpo, daquilo que está inscrito em outro lugar. No lado direito, da educação e da consciência, o manifesto que se espera socialmente. No lado esquerdo, inconsciente, latente, estranho ou sinistro, aquilo que é verdadeiro, autêntico, mas ameaçador e indizível. Impossível não lembrar aqui a afirmação de Lacan (1964, p. 30): “Se vocês me permitem acrescentar alguma ironia, o inconsciente se acha na margem estritamente oposta à de que se trata no amor”.¹⁸⁷

Além disso, o simbólico e a linguagem relacionando-se ao corpo projetam-se na luta entre o EU real e o Eu ideal que todos e todas temos. O EU ideal é muito próximo do que projetamos como corpo imaginário, aquilo que gostaríamos que fosse a realidade, o corpo ideal.¹⁸⁸ Então, a psicanálise reconhece que a natureza pulsional do ser humano “é indomável, indomesticável e ineducável, [...] e que a promessa de completude não passa de um engodo, de uma propaganda enganosa.”¹⁸⁹

Dentro desta perspectiva, inicialmente, um dos maiores questionamentos deste estudo, girava em torno das contradições entre o que é tatuado no corpo de uma pessoa e sua prática de vida; posteriormente, em contato com o Estado de Arte sobre o assunto, percebe-se que ***não há uma obrigatoriedade em existir uma coerência entre a tatuagem e o que a pessoa aparentemente é,¹⁹⁰ como uma lógica simbólica;¹⁹¹*** ou seja, entre a tentativa de projetar um ideal de vida através de imagens e símbolos tatuados (o EU ideal) e o que a pessoa realmente é de verdade

¹⁸⁷ NETTO, Geraldino Alves Ferreira. **Tatuagem:** uma escrita do inconsciente? Este artigo está publicado no livro “Semiótica Psicanalítica, Clínica da Cultura”, de Lúcia Santaella e Fani Hisgail (Org.), Editora Iluminuras, 2013, São Paulo, S.P. Criado: 01 Agosto 2016 | Atualizado: 01 Agosto 2016. Associação Livre. Ensino continuado de psicanálise. 2016, p. 02. Disponível em: <https://www.associacaolivre.com.br/blog/artigo/tatuagem-uma-escrita-do-inconsciente>. Acesso em: 01 nov. 2023.

¹⁸⁸ MACEDO, 2014, p. 156.

¹⁸⁹ MACEDO, 2014, p. 156-157.

¹⁹⁰ JEHA, 2019, p. 235-242.

¹⁹¹ GEERTZ, 1989, p. 105.

(o EU real). Um exemplo disso é possível ser visto não apenas em reclusos de baixa renda, com tatuagens religiosas contrárias aos atos que culminaram em crimes; mas em pessoas de classe média e alta que também acabam se tatuando com dizeres religiosos contrários às suas vivências e escolhas criminosas.

Quanto a ideia de subterrâneo da tatuagem vinculada ao inconsciente, o Gráfico 6 representa o que os adolescentes julgam suas tatuagens terem relação. Ao comparar o Gráfico 1 (o que as tatuagens simbolizam para os adolescentes tatuados) com o Gráfico 6 (o que julgam suas tatuagens terem relação) é possível identificar questões subterrâneas da linguagem simbólica imbricadas nos dados. Quer dizer, mesmo que 25% dos adolescentes tenham respondido (no gráfico 1) que suas tatuagens não simbolizem nada sagrado em suas vidas, no gráfico 6, quando respondem o que consideram ter relação suas tatuagens, inconscientemente, apontam elementos sagrados e uma espiritualidade ou religiosidade no subterrâneo de suas tatuagens – o que poderíamos descrever como um *subterrâneo religioso das tatuagens*, no campo da inconsciência ou no inconsciente das tatuagens.

Enquanto 25% dos adolescentes do Gráfico 1 consideram suas tatuagens não simbolizar nada sagrado em suas vidas, no Gráfico 6 apenas 8% julgam suas tatuagens terem relação com “outros” - que não tem nada a ver com alguma espiritualidade ou religiosidade.

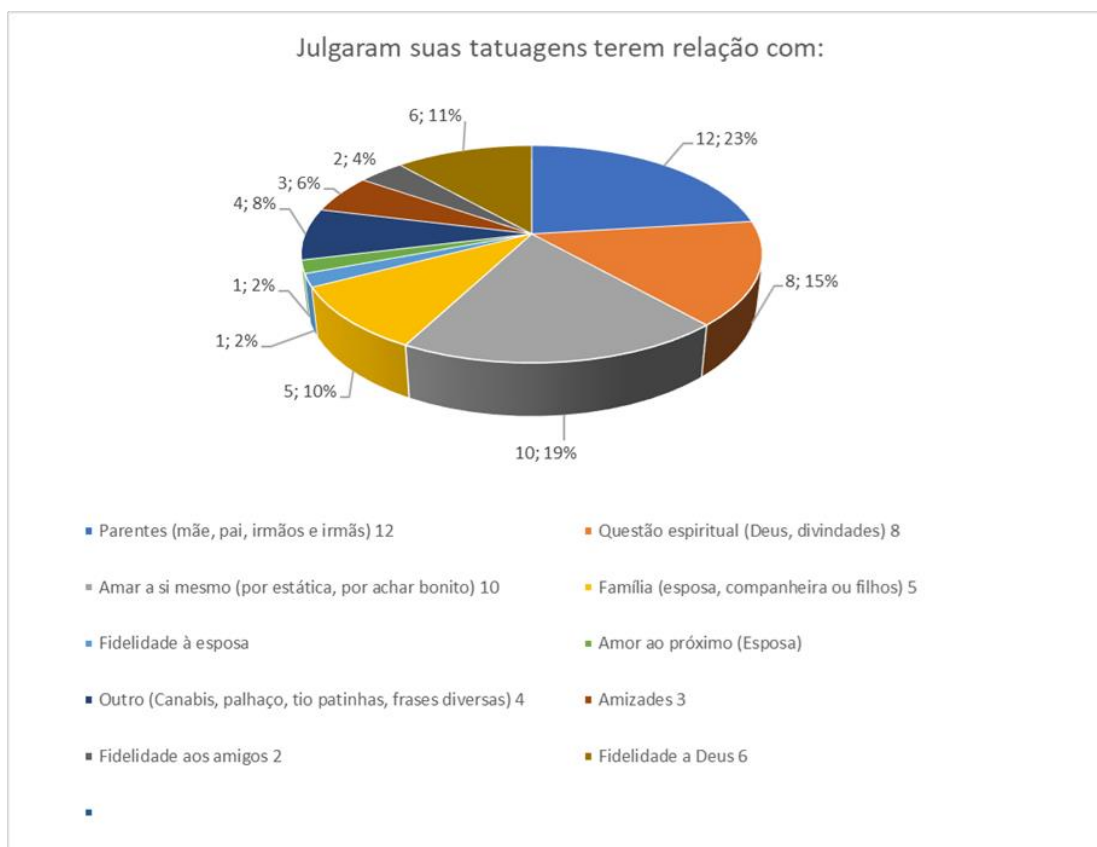


Gráfico 6 - O que os adolescentes tatuados julgam ter relação suas tatuagens

Fonte: o autor

O gráfico 6 foi constituído a partir de uma *pergunta estratégica*¹⁹², a qual conseguiu extrair percepções significativas sobre a ótica dos adolescentes tatuados, no que diz respeito ao que consideram se relacionar suas tatuagens. Assim, 23% consideram suas tatuagens terem relação com *parentes* (pai, mãe, irmãos e irmãs); 19% entendem suas tatuagens se relacionar ao *amor a si mesmo* (tem tatuagem

¹⁹² A pergunta era a seguinte: **Marque as alternativas abaixo que você tenha alguma tatuagem relacionada.**

- () Família (sua esposa ou companheira e seus filhos e filhas)
- () Parentes (mãe, pai, irmãos e irmãs)
- () Amizades
- () Fidelidade
 - () a Deus
 - () aos amigos
 - () à namorada/ esposa ou companheira
- () Questão Espiritual (Deus ou divindades)
- () Amor ao próximo, envolvendo:
 - () amigos
 - () namorada
 - () demais pessoas
- () Amar a si mesmo (tem tatuagem apenas por estética, por achar bonito)
- () Outro(s), especifique:

apenas por estética, por achar bonito); 15% entendeu suas tatuagens terem relação explícita com *questões espirituais* (envolvendo Deus ou divindades). Além disso, quanto à questão da fidelidade, 11% afirmaram nas respostas suas tatuagens terem relação com a *fidelidade a Deus*, 4% *fidelidade aos amigos* e 2% *fidelidade à esposa*. As tatuagens relacionadas às *amizades* ficaram em 6% e as que se referem ao *amor ao próximo* (esposa) ficaram em 2%.

O item da pergunta intitulado “*outro(s), especifique:*”, ficou em 8%. Ou seja, houve um número menor que considerou suas tatuagens nem serem sagradas (como no gráfico 1, que teve uma porcentagem de 25%) nem relacionadas a nenhum dos itens da pergunta do gráfico 6, que direcionavam a alguma tradição religiosa, passagem ou princípio bíblico. Então, um fator fica em evidência: o fato de algumas tatuagens estarem relacionadas a algum símbolo explicitamente religioso *não necessariamente as condiciona como algo sagrado para os adolescentes*¹⁹³, mas que podemos, através de uma abordagem hermenêutica, compreender como subterrâneo religioso das tatuagens, no campo da inconsciência ou inconsciente das tatuagens.

O debate sobre o significado e sentido das tatuagens é atual – ainda mais envolvendo o escândalo que a arte proporciona. Ou seja, atualmente os julgamentos passam não só pelo crivo da polarização e conservadorismo do sistema neoliberal que, na verdade, é global, mas pelo conservadorismo religioso, principalmente evangélico. Além disso, outro fenômeno novo é a utilização do corpo como tela artística através de tatuagens. Enquanto por muito tempo as tatuagens identificavam um grupo social na História – como pessoas presas, marinheiros, escravos, entre outros – atualmente, com a globalização e cultura de massa, é difícil identificar a que grupo social pertence uma pessoa apenas pela sua tatuagem ou pelo fato de estar tatuada – a não ser pela qualidade da tatuagem.

Assim, o Gráfico 7 apresenta um resumo do gráfico 2. Ou seja, um resumo das tatuagens encontradas nos adolescentes, mas agora separando as que se relacionam explicitamente as suas religiosidades e espiritualidades, das demais. Pôde-se perceber que 63% das tatuagens dos adolescentes da Fase são

¹⁹³ Um exemplo é a alternativa que aponta a tatuagem se relacionar à *fidelidade aos “amigos”*. Ou seja, ao mesmo tempo que, de fato, pode haver tal fidelidade no meio de convívio desses adolescentes, pode relacionar essa fidelidade, por exemplo, não necessariamente aos amigos de verdade, mas a alguma facção criminosa que obriga o adolescente a fazer determinada tatuagem após entrar para o grupo criminoso, não podendo sair após aceitar entrar. Por isso, talvez, algum adolescente possa não a considerar algo sagrado em sua vida.

explicitamente relacionadas as suas religiosidades e espiritualidades; e 37% são tatuagens não explicitamente religiosas (conforme o gráfico 7).

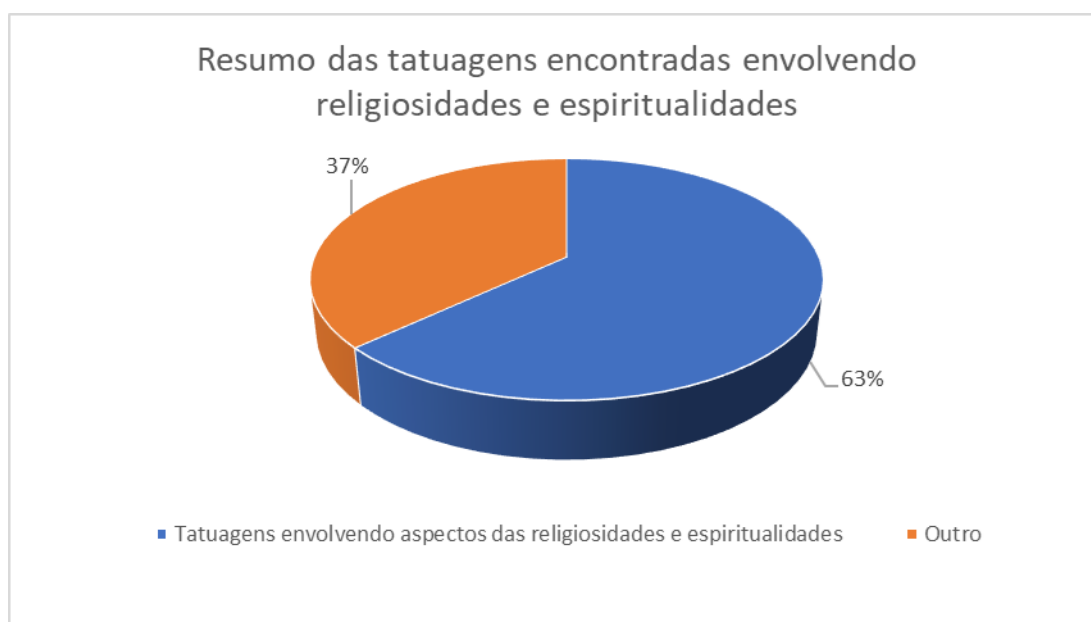


Gráfico 7 - Resumo das tatuagens encontradas envolvendo religiosidades e espiritualidades

Fonte: o autor

Contudo, é interessante uma comparação também com o Gráfico 8, que aponta uma análise resumida do que *os adolescentes julgam suas tatuagens terem relação*. Conforme as respostas dos adolescentes, pode-se perceber uma relação de 92% das suas tatuagens como aquelas que eles consideram relacionadas a algum atributo, tradição, princípio ou passagem bíblica; ou seja, relacionadas a questões envolvendo religiosidades ou espiritualidades.

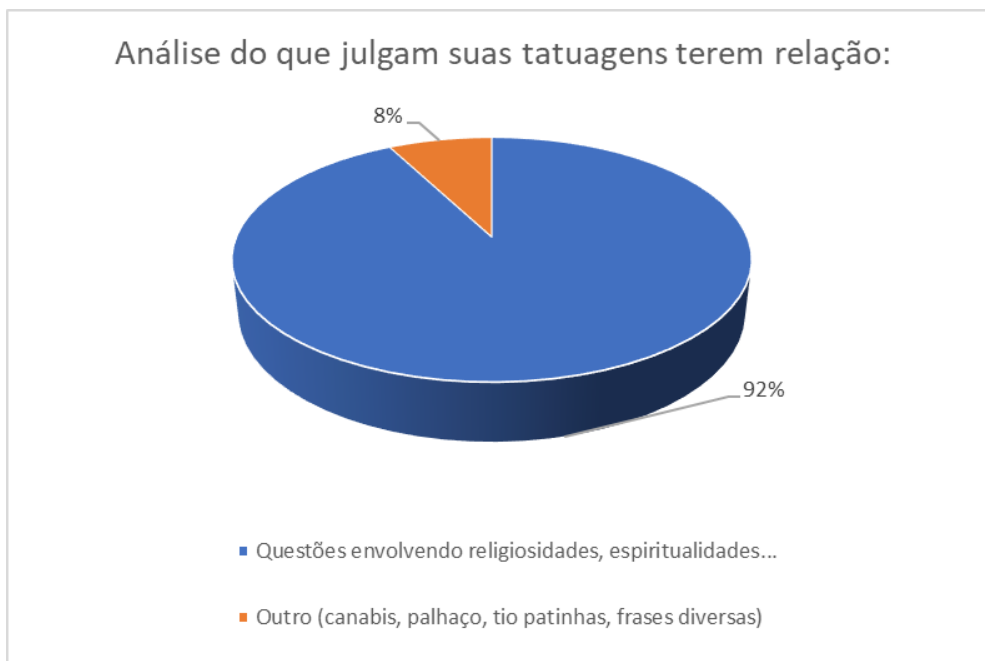


Gráfico 8 - Análise do que os adolescentes julgam suas tatuagens terem relação

Fonte: o autor

Por isso, a importância em tratar o conceito subterrâneo religioso em diálogo com a psicologia, diferenciando o que é consciente (intencional) do que é inconsciente (que está escondido no subterrâneo do aparelho psíquico que todos e todas temos, a inconsciência humana).

Um exemplo que intriga as pessoas é o caso veiculado recentemente nas redes sociais (Instagram), de um padrasto com a tatuagem no peito “Fé” e “Família”, conforme Figuras 5 e 6, que cometeu uma série de crimes contra sua família.



Figura 5 - Padrasto com tatuagens religiosas sobre fé e família que cometeu crimes contra a própria família

Fonte: Instagram¹⁹⁴

¹⁹⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CiqjRfVJtBX/>. Acesso em: 24 set. 2022.

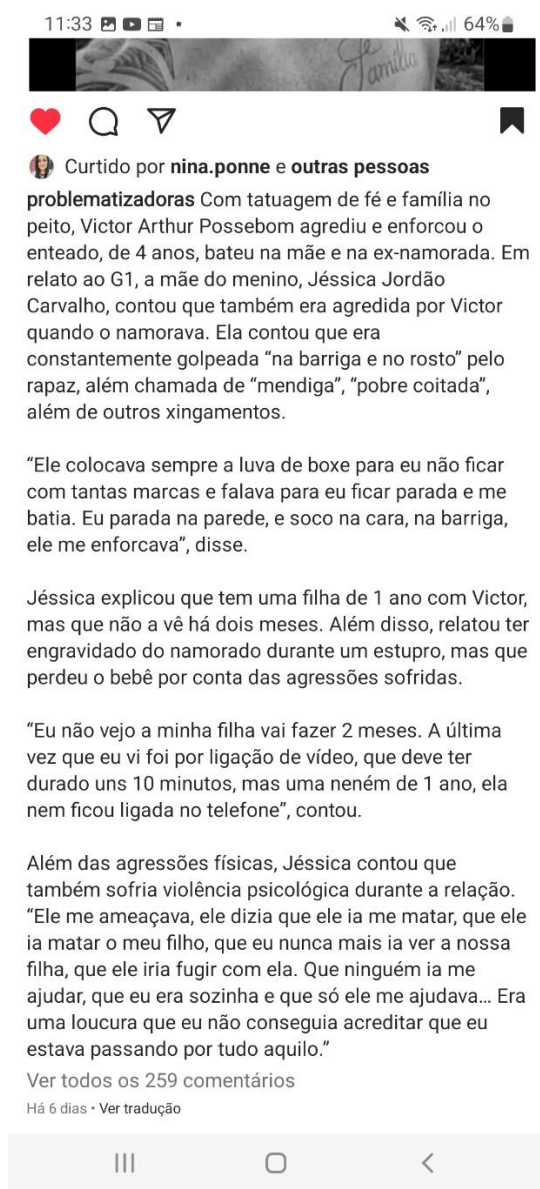


Figura 6 - Relatos sobre os crimes do padrasto com tatuagem de "fé" e "Família".

Fonte: Instagram¹⁹⁵

O homem com as tatuagens "*Fé*" e "*Família*"¹⁹⁶, apresenta pontos de contato similares aos adolescentes que fazem parte (como sujeitos) deste estudo, o que se pode chamar de um *padrão* na pesquisa científica: o fato de terem tatuagens

¹⁹⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CiqjRfVJtBX/>. Acesso em: 24 set. 2022.

¹⁹⁶ "Na noite desta sexta-feira, 16, Victor Arthur Possobom se entregou à polícia, informou o site G1. De acordo com a publicação, ele foi ao encontro da Polícia Militar junto com seu advogado e foi encaminhado para o 76º DP, em Niterói. Ele é acusado de agredir e tentar sufocar o enteado de 4 anos após gravação de câmeras de segurança do condomínio onde a família morava. Mais cedo, a juíza Juliana Bessa Ferraz Krykhtine decretou a prisão preventiva dele." (PADILHA, Alexandre. **Homem se entrega à polícia após ser filmado sufocando o enteado**: padrasto de menino de 4 anos foi encaminhado para o 76º DP, em Niterói, informou site. Diário de São Paulo. Colaborador Publicado em 16/09/2022, às 22h49. Disponível em: <https://spdiario.com.br/noticias/policia/homem-se-entrega-a-policia-apos-ser-filmado-sufocando-o-enteado.html>. Acesso em: 26 set. 2022).

espirituais e religiosas em seus corpos que, perante o estilo de vida e as relações sociais dessas pessoas, *não apresentam coerência entre a mensagem da imagem ou símbolo religioso e a conduta social ilícita*.¹⁹⁷ E isso, por sua vez, também é um fenômeno. Conforme Beneti,

[...] para abordar a tatuagem - fenômeno de massa contemporâneo - e o laço social, é necessário pensar uma clínica que considere o sujeito, o objeto olhar e a pulsão. É preciso também, uma vez que a clínica psicanalítica é uma clínica do singular, do detalhe, focar a tatuagem articulada com o social, considerando-a na sua singularidade subjetiva, o que vai além do universal fenomênico contemporâneo. Então, além da função que a tatuagem cumpre, temos que escutar a posição de cada um com relação à sua tatuagem, ao seu próprio corpo, assim como seu endereçamento ao olhar do Outro. Isso permite formular uma frase: há um sujeito do inconsciente na tatuagem, se tomamos o primeiro ensino de Lacan.¹⁹⁸

O caso do padrasto Victor Artur é bem específico: uma tatuagem de fé e família no peito e uma série de crimes contra a sua própria família – contra seres humanos. O padrão que consideramos na pesquisa é o fato de haver uma série de tatuagens voltadas explicitamente às religiosidades e espiritualidades (conforme o gráfico 2), e práticas sociais criminosas contraditórias à linguagem simbólica das imagens tatuadas.

Pensando na tatuagem como um fenômeno da cultura de massa; e que dentro de um laço social há um sujeito inconsciente na tatuagem, o exemplo da Figura 7 nos remete ao sentido inverso do processo, ou seja, não de quem projeta em seu corpo a imagem do que gostaria que fosse o ideal (o EU ideal) – como a tatuagem “Fé” e “Família” de Victor Artur e suas contradições - mas a imagem do que pode ser simbolizado como parte do “EU real” de determinada pessoa, o subterrâneo no sentido enterrado na inconsciência humana. Mais especificamente, bem colocado por

¹⁹⁷ A reflexão sobre o significado do símbolo tatuado e a conduta social é pertinente e profunda à medida que uma sociedade é regida pela sua cultura. Geertz, tratando da *política do significado*, afirma que “as ideias — religiosa, moral, prática, estética — [...] devem ser apresentadas por grupos sociais poderosos para poderem ter efeitos sociais poderosos: alguém deve reverenciá-las, celebrá-las, impô-las. Elas têm que ser institucionalizadas para poderem ter não apenas uma existência intelectual na sociedade, mas também, por assim dizer, uma existência material. As guerras ideológicas [...] devem ser vistas, [...] como a substância de uma luta para criar uma estrutura institucional para o país que um número suficiente de seus cidadãos ache conveniente o bastante para permitir-lhe funcionar.” (GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989, p.137).

¹⁹⁸ BENETI, Antônio. Tatuagem e laço social. **Opção Lacaniana online** nova série. Ano 3. Número 7. março 2012. ISSN 2177-2673. p. 06. Disponível em: http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_7/Tatuagem_e_laco_social.pdf. Acesso em: 21 mai. 2022.

Macedo, o que a psicanálise reconhece como natureza pulsional do ser humano: aquilo que é “indomável, indomesticável e ineducável.”¹⁹⁹



Figura 7 Australiana que tatuou rosto de Serial Killer

Fonte: Instagram²⁰⁰

Conforme a reportagem do Jornal O Globo no Instagram,

A australiana Britnee Chamberlain chocou a web em dois momentos. No primeiro quando postou em seu perfil no Instagram uma grande tatuagem na perna direita com o rosto do serial killer Jeffrey Dahmer, que matou 17 garotos e cuja história inspirou a série "Dahmer: Um canibal americano", exibida no Netflix. Nesta terça-feira (27), ela publicou um texto que não fala especificamente do fato, mas que toca em pontos como "liberdade de ser quem você é". Ela também tem o rosto do assassino americano Ted Bundy, que matou 30 mulheres. "Espero que você saiba que não precisa explicar suas escolhas para ninguém. Espero que você saiba que as pessoas raramente entenderão por que você faz as coisas que faz, porque elas nunca estiveram no seu lugar. Em termos leigos, ter a liberdade de ser QUEM VOCÊ É", escreveu ela, despertando revolta, mas também mensagens de apoio.²⁰¹

Assim, as tatuagens de Britnee passam a causar, primeiramente, o impacto que a arte vem desempenhando na História: a subversão e o desconforto por parte

¹⁹⁹ MACEDO, 2014, p. 156-157.

²⁰⁰ Fonte: Jornal O Globo. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CjEOzGrjfcU/>. Acesso em: 28 set. 2022.

²⁰¹ O GLOBO. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CjEOzGrjfcU/>. Acesso em: 28 set. 2022.

de setores conservadores da sociedade. Em segundo, os julgamentos. Quer dizer, da mesma forma, na Idade Média, pinturas humanistas foram consideradas subversivas aos olhos da igreja católica, causando impacto e desconforto ao clero – motivo de perseguições e julgamentos envolvendo a visão de mundo daquele tempo.

A estudante de psicologia vem enfrentando críticas, em seu país e nas redes sociais, pelas personagens que tatuou no corpo, alegando ser uma amante dos estudos sobre a mente dos psicopatas. Por isso, a notícia tornou-se polêmica; mas trata-se de algo mais profundo e complexo que juízo de valor. Trata-se não só da tatuagem como forma de subjetivação, quando o inconsciente da tatuagem está imbricado na marca do corpo, mas de não haver uma obrigatoriedade de coerência entre o que é tatuado e o que a pessoa é, simplesmente por o ser humano “não ser coerente”.

No caso de Britnee (Figura 8), por mais que se interesse pelos estudos das mentes dos assassinos em série, eles ficam em evidência como se fossem homenageados, e não as vítimas – por isso o motivo de tanta polêmica nas redes sociais. Além disso, voltando a ideia de constituição do EU real, o caso de Britnee pode ser pensado na ótica da ideia de que as marcas irreversíveis no corpo são formas de atualizar as impressões primeiras; ou seja, de “que a produção da tatuagem tenha a ver com a necessidade de estabilizar um contorno de uma imagem de si, fundado por quando da constituição do eu.”²⁰²



Figura 8 - Outro ângulo da australiana que tatuou rosto de Serial Killer

Fonte: Capricho²⁰³

²⁰² MIELI, 2002 apud PINHO, 2015, p. 207.

²⁰³ “A australiana Britnee Chamberlain, de 28 anos, decidiu gastar o equivalente a R\$ 11,5 mil para tatuar o rosto de dois famosos serial killers em sua perna direita: Ted Bundy e Jeffrey Dahmer. O

A Figuras 8 e 9, com ângulos melhores das tatuagens de Britnee Chamberlain, apresenta as imagens do rosto do serial killer Jeffrey Dahmer²⁰⁴ - que matou 17 garotos e cuja história inspirou a série "Dahmer: Um canibal americano", exibida no Netflix - e do rosto do assassino em série, serial killer americano Ted Bundy²⁰⁵, que matou 30 mulheres. Além disso, se refere ao estilo de tatuagens conhecida como *Portrait ou Realista*, caracterizada com uma representação retratista, com volume 3D e traços subliminares em alguns pontos.

tempo passou e Brit, que estuda psicologia forense, garante não ter se arrependido. Ela explicou em entrevista ao Daily Star que não endeusa os assassinos nem compactua com seus crimes, mas que é fissurada por essas mentes criminosas. 'Exibir isso no meu corpo é apenas para o meu significado pessoal, como é para alguém que tem um animal de estimação, as iniciais de um ente querido ou talvez uma piada boba tatuada', explicou. A mulher garante que, apesar de receber muitos olhares espantados, não se importa com eles, pois vive uma 'vida de autenticidade'." Fonte: Jornal o Globo. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/mulher-gasta-mais-de-r-10-mil-para-tatuar-rostos-de-serial-killers/>. Acesso em: 28 set. 2022.

²⁰⁴ "Embora diagnosticado como portador de transtorno de personalidade borderline, transtorno de personalidade esquizotípica e transtorno psicótico, Dahmer foi considerado legalmente são em seu julgamento. Condenado por 15 dos 16 assassinatos que cometeu no estado norte-americano de Wisconsin, foi sentenciado a quinze penas de prisão perpétua em 15 de fevereiro de 1992." (Página do História em imagens – Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CjECq80AzSe/>. Acesso em: 01 out. 2022).

²⁰⁵ Criado pelos avós, Ted Bundy era um garoto inteligente e perspicaz, mas cresceu acreditando que sua mãe, Eleanor, era sua irmã. Quando jovem, conheceu Elizabeth Kloepfer, um de seus grandes amores. Enquanto namoravam, ele tratava a filha dela como se fosse sua própria. A verdadeira face de Ted foi revelada no final dos anos 1970, quando ele foi julgado por diversos homicídios, em sete estados norte-americanos. No fim, ele confessou ter sequestrado, estuprado e matado um total de trinta mulheres entre 1974 e 1978. No início dos julgamentos, o serial killer alegou inocência e agiu como seu próprio advogado. Charmoso e carismático, Ted ganhou a confiança da sociedade e encheu o tribunal de mulheres apaixonadas por ele. Mesmo assim, foi sentenciado à morte por cadeira elétrica. (EMPIS, Luisa de Jesus. **Ted Bundy**: Estudo de Caso. ISPA: Instituto Universitário de Ciências psicológicas, sociais e da vida. Dissertação de Mestrado em Psicologia clínica. 2013, p. 12-20. Disponível em: <https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2544/1/14312.pdf>. Acesso em: 01 out. 2022).



Figura 9 - Melhor ângulo do rosto da Tatuagem de Serial Kiler da australiana Britnee.

Fonte: O Globo²⁰⁶

No caso dos adolescentes da Fase, a primeira impressão que se pode analisar como algo que faz parte do “EU real”, do inconsciente das tatuagens, fora a relação das tatuagens do Tio Patinhas com o capitalismo, e reprodução inconsciente da violência sofrida.

3.6 RESUMO DO CAPÍTULO

O presente capítulo pôde contemplar a ideia de que a temática envolvendo tatuagens vem sendo estudada por pesquisadores e está presente em diversos nichos e camadas sociais. Mesmo sabendo que ela já existe desde a presença dos primeiros seres humanos na Terra²⁰⁷, a tatuagem “parece ter sido inventada diversas vezes, em diferentes momentos e lugares do planeta, em todos os continentes, com maior ou menor variação de propósitos, técnicas e resultados”²⁰⁸.

²⁰⁶ Fonte: Jornal O Globo. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B9PvXWsBk7l/?utm_source=ig_embed&ig_rid=d79d8b09-2093-4849-930d-e2190b183464. Acesso em: 28 set. 2022.

²⁰⁷ MATIAS, Anne Karine. SIMÕES, Anne Augusta Rocha; GALVÃO, Luis Carlos Cavalcante. **Entre Tatuagens e Criminosos**. ISSN: 2224-4131. Depósito legal: 2005-5822. 2014, p. 02. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5472800>. Acesso em: 14 out. 2023.

²⁰⁸ LISE, Michelle Larissa Zini; GAUER, Gabriel José Chittó; NETO, Alfredo Cataldo. Tatuagem: aspectos Históricos e Hipóteses sobre a origem do Estigma. **Brazilian Journal of Forensic**

Além disso, ficou evidente que o corpo como elemento de expressão humana deve ser observado, uma vez que além da existência humana ser corporal, pode-se destacar a corporeidade humana “como fenômeno social e cultural, motivo simbólico, objeto de representação e imaginário”.²⁰⁹

Quanto às tatuagens e a questão simbólica, além da questão e representação genética, ou seja, fora dos limites do organismo do indivíduo, consideramos pertinente a contribuição de Geertz, quando aponta a influência de contextos socioculturais na formação humana envolvendo, inclusive, aspectos da religião. Isto é, se tratando de símbolos religiosos em contextos culturais, “os símbolos religiosos formulam uma congruência básica entre um estilo de vida particular e uma metafísica específica (implícita, no mais das vezes) e, ao fazê-lo sustentam cada uma delas com a autoridade emprestada do outro”.²¹⁰ Por isso, é muito possível haver entre os adolescentes da Fase uma cópia de símbolos como um todo; ou envolvendo uma tatuagem de cunho religioso, apenas por uma determinada pessoa se identificar e tomar “emprestada” do outro.

O gráfico 3 demonstra que a maioria dos adolescentes questionados ou afirma *gostar e apresentar interesse* em ter uma tatuagem (37%) ou resolveu ter por achar *bonito* (27%). *Não responderam* 10%; e 7% afirmou ter feito *por impulso, lance de momento* ou *para homenagear a mãe*. Ficaram em 3% aqueles que resolveram ter uma tatuagem *por influência de amigos, para lembrar da família, por destacar no corpo* ou por ser algo que *se leva para a vida toda*.

Observando as respostas, pode se perceber que há uma *imitação simbólico-cultural*, quando se toma emprestado do outro;^{211 212} além disso, o compartilhamento de “memórias em comum cria e fortalece o senso de pertencimento comunitário, o que faz com que não só estes indivíduos que estiveram longe de seus lares possam ainda se sentir parte daquele núcleo social, mas também cria um novo laço comunitário entre eles.”²¹³ Ou seja, tais formas de representação e outras variáveis em comum, além de representadas por formas imagéticas, tem o valor estético por si só, que com o passar

Sciences, Medical Law and Bioethics 2(3):294-316 (2013). Disponível em: <https://www.bjfs.org/bjfs/bjfs/article/view/493/2159>. Acesso em: 10 mar. 2022.

²⁰⁹ LE BRETON, 2011a, p. 07 apud MACEDO, 2014, p. 153. (MACEDO, Sybele. Corpo e Marca: Tatuagem como forma de subjetivação. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, 14(1): 152-161, abril., 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v14n1/14.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2022.

²¹⁰ GEERTZ, 1989, p. 104.

²¹¹ GEERTZ, 1989, p. 104.

²¹² JUNG, 2015, p. 28.

²¹³ PROVESANO, 2021, p. 18.

do tempo podem tornar-se também um caráter de valor maior ou menor, seja ele diretamente representativo ou não.²¹⁴

Mesmo Mardones considerando que a avalanche de imagens desvaloriza o imaginário e os símbolos, preferimos considerar que, além de desvalorizar, ela manipula o imaginário coletivo, trazendo a reboque uma inversão premeditada da realidade cultural. Quer dizer, crianças e adolescentes que não têm acesso aos produtos que o mercado oferece, passam a condicionar a posse desses produtos à felicidade ou sentido para a vida. Mais especificamente, “a imagem se transforma em instrumento a serviço da fuga de si mesmo e da imersão no mundo dos produtos e das marcas, da simulação e da guerra comercial dos objetos.”²¹⁵

Quanto aos achados, as tatuagens como um todo, apresentam *as relações socioculturais dos adolescentes divididas em quatro categorias*, relacionadas a um estilo de vida. Ou seja, as tatuagens que expressam *elementos considerados sagrados e/ou religiosos*²¹⁶ para eles; as que fazem parte do *cotidiano*²¹⁷ - relacionadas ao lazer, mas também com momentos de reflexão e busca de sentido; as que demonstram um alvo, como um *sonho de vida*²¹⁸ – que neste caso é ter muito dinheiro; e os *obstáculos ou inimigos*²¹⁹ que ameaçam o alcance de tais objetivos, ou seja, o Estado, representado pela polícia.

Inicialmente, um dos maiores questionamentos deste estudo, girava em torno das contradições entre o que é tatuado no corpo de uma pessoa e sua prática de vida;

²¹⁴ PROVESANO, 2021, p. 18.

²¹⁵ MARDONES, 2006, p. 23.

²¹⁶ São as tatuagens com palavras de nomes de entes queridos, como mãe, pai, filhos; palavras e frases religiosos, como *Fé, Deus, “A luz que me guia é mais forte que os olhos que me cercam”*; bem como tatuagens com elementos explicitamente religiosos, como *Cruz, mão com o terço, nossa senhora, pentagrama, olho de hórus, etc.*

²¹⁷ As vicissitudes cotidianas relacionam-se às paixões presentes nas vidas dos adolescentes; àquelas que realizam em momentos de lazer e que têm prazer em expor, como: frases do time do coração (*grêmio*); frases de automotivação, como *“Tudo passa”, “Chora agora, ri depois”*; *Cifras de música e cartas de baralho*. Além disso, há uma apologia ao uso e consumo de cannabis (maconha), com tatuagens de *folha de maconha* e a inscrição *“4:20”* pm que, conforme o adolescente tatuado, simboliza o horário de fumar maconha. O consumo de maconha, além do prazer do efeito da erva visa anestesiar as condições sociais que viviam em liberdade, remetendo-os a uma reflexão ou planejamento de ações futuras, sejam lícitas ou ilícitas. Da mesma forma, as tatuagens de *bússola* e *rosa dos ventos* podem significar ou um adolescente que teve que buscar orientação e sentido sozinho (e que talvez ainda busque, como que estivesse se salvando), ou remetem a um grito de socorro por sentido para a vida, por salvação.

²¹⁸ O que consideramos como uma busca ou sonho de vida são expressados nas tatuagens dos adolescentes voltadas ao dinheiro, como: *Cifrão ou saco de dinheiro, Tio Patinhas, Irmãos Metralha, anjo com saco de dinheiro* e frases como *“Fique rico ou morra tentando”*.

²¹⁹ Os quatro adolescentes com tatuagens de *palhaço* expressam o descontentamento com a polícia. Tatuagens de palhaço, de modo geral, simbolizam que o tatuado é matador de policial ou que compactua com a morte de policiais.

posteriormente, em contato com o Estado de Arte sobre o assunto, percebe-se que *não há uma obrigatoriedade em existir uma coerência entre a tatuagem e o que a pessoa aparentemente é,*²²⁰ *como uma lógica simbólica,*²²¹ ou seja, entre a tentativa de projetar um ideal de vida através de imagens e símbolos tatuados (o EU ideal) e o que a pessoa realmente é de verdade (o EU real). Um exemplo disso é possível ser visto não apenas em reclusos de baixa renda, com tatuagens religiosas contrárias aos atos que culminaram em crimes; mas em pessoas de classe média e alta que também acabam se tatuando com dizeres religiosos contrários às suas vivências e escolhas criminosas.

As tatuagens do Tio Patinhas, além de representarem o pertencimento a um grupo, foi considerada sagrada para um dos adolescentes participantes da pesquisa – o que evidenciou a subjetivação, quando nem todos os símbolos explicitamente sagrados são considerados sagrados para as pessoas tatuadas. Além de projetarem no corpo algo que gostariam que fosse um ideal de vida (Eu ideal), pode ocorrer o sentido inverso, como algo que faz parte do “EU real”, do inconsciente das tatuagens. E a relação das tatuagens do Tio Patinhas com o capitalismo, e a reprodução inconsciente da violência sofrida, ficou evidente na pesquisa.

Ainda quanto a ideia de subterrâneo da tatuagem vinculada ao inconsciente, o Gráfico 6 representa o que os adolescentes julgam suas tatuagens terem relação. Ao comparar o Gráfico 1 (o que as tatuagens simbolizam para os adolescentes tatuados) com o Gráfico 6 (o que julgam suas tatuagens terem relação) é possível identificar questões subterrâneas da linguagem simbólica imbricadas nos dados. Quer dizer, mesmo que 25% dos adolescentes tenham respondido (no gráfico 1) que suas tatuagens não simbolizem nada sagrado em suas vidas, no gráfico 6, quando respondem o que consideram ter relação suas tatuagens, inconscientemente, apontam elementos sagrados e uma espiritualidade ou religiosidade no subterrâneo de suas tatuagens – o que poderíamos descrever como um *subterrâneo religioso das tatuagens*, no campo da inconsciência ou no inconsciente das tatuagens.

Sobre a polêmica questão do crente poder ou não se tatuar, ficou evidente que empregar Levítico 19:28 para não recomendar ou proibir tatuagens hoje parece ser inadequado exegeticamente, pois se desconsidera o contexto histórico-cultural do versículo, uma postura típica de leituras fundamentalistas da Bíblia. Além disso, por

²²⁰ JEHA, 2019, p. 235-242.

²²¹ GEERTZ, 1989, p. 105.

que Levítico 19:28 é válido hoje enquanto outras proibições do Pentateuco não o são? Outra questão relacionada refere-se à validade da lei mosaica para as pessoas cristãs hoje. Gordon Fee e Douglas Stuart elucidam: “*Somente aquilo que é explicitamente renovado da lei do Antigo Testamento pode ser considerado parte da ‘lei de Cristo’ no Novo Testamento [...]*”.²²² Em relação à tatuagens não há nenhuma proibição implícita ou explícita no Novo Testamento.

Por outro lado, uma pergunta que surge a partir de Apocalipse 19:16 “Um nome está escrito sobre seu manto e sobre sua coxa: *Rei dos reis e Senhor dos senhores*.”²²³ Como foi feita essa inscrição na coxa de Jesus? Pode-se dizer que é uma tatuagem? Uma leitura mais atenta desse versículo deixa evidente que o “nome” não está diretamente escrito sobre a coxa de Jesus, mas na parte do manto que cobre a coxa (ou seja, o *kai* é apositivo, indicando que coxa redefine manto).²²⁴ Por conseguinte, não se trata de uma “tatuagem celestial” como traduções como a Bíblia de Jerusalém dão a entender.

O próximo capítulo pretende tratar das tatuagens com imagens e símbolos religiosos dos cinco adolescentes entrevistados, dialogando com o conceito de religiosidade, bem como analisando a fase da adolescência a partir do contexto social e do comportamento genético.

²²² FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lês?**: um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica. 4. ed. rev. e ampl.. São Paulo: Vida Nova, 2022. p. 141.

²²³ A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2000. p. 2163.

²²⁴ OSBORNE, Grant R. **Apocalipse**: comentário exegético. São Paulo: Vida Nova, 2014. p. 767; KOESTER, Craig R. **Revelation**: a new translation with introduction and commentary. New Haven: Yale University Press, 2014. p. 759.

4 ADOLESCÊNCIA E RELIGIOSIDADE

4.1 INTRODUÇÃO

O presente capítulo trata da adolescência e religiosidade. Como o eixo de investigação abarca um estudo das imagens e símbolos religiosos nas tatuagens dos adolescentes da Fase, é importante uma reflexão não só sobre adolescência, mas algumas aproximações da realidade social de adolescentes que, por motivos diversos, acabam internados na Fase.

Por isso, tratar de temas e conceitos como a *desigualdade social* envolvendo as *armadilhas da pobreza* e o *darwinismo social* são importantes. Além disso, estudar a transição da fase da infância para a adolescência, incluindo questões relacionadas à influência do contexto social e da constituição da personalidade, tornam-se necessárias.

Quanto à religiosidade, o capítulo se propõe a dialogar o conceito com os dados coletados em campo (gráficos que constituíram parte dos objetivos e as tatuagens dos cinco adolescentes entrevistados). Da mesma forma, além de sondar a percepção dos adolescentes em questão sobre as religiosidades em suas tatuagens – com parte da descrição etnográfica do primeiro capítulo – o terceiro capítulo dialoga com uma parcela do estado de arte sobre religiosidade (religião e religiosidade popular).

4.2 O CAMINHO DA DESIGUALDADE SOCIAL

É importante o início da discussão a partir da concepção de *determinismo do meio*, sempre influente no desenvolvimento dos seres vivos em geral. A ciência vem estudando desde o séc. XVIII essa relação na evolução e adaptação de algumas espécies – e Charles Darwin²²⁵ foi o pesquisador mais influente neste assunto. Mesmo

²²⁵ Charles Darwin (1809-1882) foi um naturalista inglês, autor do livro “A Origem das Espécies”. Formulou a teoria da evolução das espécies, anteviu os mecanismos genéticos e fundou a biologia moderna. É considerado o pai da “Teoria da Evolução das Espécies”. DARWIN, Charles. **A Origem das Espécies**: no meio da seleção natural ou a luta pela existência na natureza. vol. 1, tradução Dr. Mesquita Paul. 2003. 572 p. Disponível em: https://www.academia.edu/4592143/1A_Origem_das_Esp%C3%A9cies_Aos_LeitoresNOT%C3%8DCIA_HIST%C3%93RICA_COM_RESPEITO_AOS_PROGRESSOS_DA_OPINI%C3%83O_REL

sendo um tema que divide opiniões, o darwinismo teve suas contribuições. Ou seja, apesar de muitos autores criacionistas não compactuarem com a ideia da evolução de uma espécie para outra, não se pode negar que animais da mesma espécie, em certo momento da História, tiveram que se adaptar aos espaços geográficos distintos, conforme se movimentavam no globo terrestre durante os anos pré-históricos. Esse movimento dos animais afetou suas características físicas e aguçou ainda mais seus instintos de sobrevivência, valendo a lei do mais adaptado, ou seja, a lei do mais forte.

Neste sentido, com os seres humanos não foi muito diferente. O determinismo do meio foi influente nas características físicas e na maneira como passaram a viver e conviver em grupos, bandos e tribos. A partir do Neolítico, entre finais do VI e os finais do IV milênios a.c., quando ocorre a Revolução Agrícola e a transição do nomadismo para o sedentarismo, começa a ocorrer um aumento na qualidade de vida das pessoas e, por consequência, um aumento populacional.²²⁶ De caçadores coletores, passaram a plantar, colher e domesticar animais. Esse processo, que culminou no surgimento das primeiras cidades-estados, deu origem ao que se entende por *cultura*²²⁷ e/ou culturas. Na verdade, o conceito de cultura não é fechado, mas aberto. É um conceito amplo, uma vez que conforme os agrupamentos humanos foram se multiplicando, a cultura e a diversidade passam a acompanhar esse crescimento. Assim, não existe cultura, mas culturas. E onde há pessoas, há culturas e *diversidade*²²⁸.

ATIVA_%C3%80_ORIGEM_DAS_ESP%C3%89CIAS?auto=download&email_work_card=download-paper. Acesso em: 22 jul. 2021.

²²⁶ BITTENCOURT, Ana M. S. A Pré-História do Minho: do Neolítico à idade do Bronze. In: PEREIRA, Paulo (org.). **Minho traços de identidade**. Universidade do Minho. Braga, 2009, p. 70. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/16902>. Acesso em: 16 jul. 2021.

²²⁷ “[...] o conceito de cultura ao qual eu me ateno não possui referentes múltiplos nem qualquer ambiguidade fora do comum, segundo me parece: ele denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida.” GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989. p. 103.

²²⁸ O Conceito de “*diversidade*” também é amplo e complexo. Por exemplo, “para se ter clareza na linguagem e no significado de diversidade, há necessidade de estruturar o próprio conceito, pois o termo apresenta-se incompleto: diversidade em quê? Para os autores, apesar de haver uma confusão sobre o que constitui o conceito de diversidade, parece haver uma compreensão comum no mundo acadêmico de que se está falando de ‘diversidade de identidade’. Por esta ótica os autores definem diversidade como ‘um misto de pessoas com identidades grupais diferentes dentro do mesmo sistema social’”. HANASHIRO, Darcy Mitiko Mori; CARVALHO, Sueli Galego de. **Diversidade Cultural: panorama atual e reflexões para a realidade brasileira**. **REAd – Revista Eletrônica de Administração** da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Edição 47 v. 11 n. 5, set-out 2005, p. 4-5. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4011/401137448001.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2021.

Dentro deste raciocínio é que a ideia de *contexto social e desigualdade social*²²⁹ se encaixam. Quer dizer, a partir de fins do séc. XVIII e meados do séc. XIX, quando as Ciências Sociais se estabelecem como Ciência dentro da grande área das Ciências Humanas, a Antropologia passa a estudar como as pessoas vivem e convivem em sociedade. Mais especificamente, como a teoria de Darwin estava muito à tona, aquele contexto social influenciou uma adaptação do termo *darwinismo* também nas Ciências Sociais: o *darwinismo social*²³⁰. Portanto, durante os séculos XIX e XX, os estudos sobre como as pessoas se relacionam socialmente foram

²²⁹ A **desigualdade social**, também conhecida como desigualdade econômica, é um problema social presente em todos os países do mundo. Ela decorre, geralmente, da má distribuição de renda; má administração dos recursos; da lógica de acumulação do mercado capitalista (consumo, mais-valia); da falta de investimento nas áreas sociais, culturais, saúde e educação; da falta de oportunidades de trabalho e da corrupção. Desta maneira, a maioria da população fica à mercê de uma minoria que detém os recursos, o que gera as desigualdades. E não se pode desprezar o fato de haver adolescentes doentes nestes contextos sociais, ou seja, “a adolescência, de acordo com a OMS, é o período compreendido entre os 10 e os 19 anos de idade. Porém, mais que uma faixa etária, a adolescência é um período de transformações físicas, psicológicas, sociais e culturais percebidas de forma diferente por diferentes culturas. Há aproximadamente 1,2 bilhões de adolescentes no mundo, dos quais 87 % estão em países em desenvolvimento. A população adolescente no Brasil é de 34 milhões, o que corresponde a aproximadamente 18 % da população do País. A adolescência é comumente considerada como um período saudável da vida livre das doenças infecto-contagiosas típicas da infância e das doenças crônicas não transmissíveis associadas à idade avançada. No entanto, uma pesquisa da OMS realizada em 1990 com o objetivo de quantificar anos de vida perdidos devido a mortes prematuras e anos de vida saudáveis perdidos devido a agravos a saúde mostrou que aproximadamente 10 % das pessoas doentes no mundo eram adolescentes. Em revisão bibliográfica abrangente conduzida por Duarte e colaboradores em 2003 sobre problema mental em crianças e adolescentes na América Latina em seis países diferentes mostrou uma prevalência variando de 15 % a 20 %, e que a maioria dos jovens com agravos mentais vivia em condição de pobreza extrema. Um estudo realizado com alunos do ensino fundamental em uma escola de Ceilândia, Distrito Federal DF, Brasil verificou alta prevalência de sintomas relativos à irritabilidade fácil, tristeza intensa e dificuldade de concentração, sintomas esses que colocam em risco o desempenho e a integridade física e psicológica dos jovens, além de serem fatores de risco para comportamento anti-social.” (SOUZA, Elza Maria de; ABRÃO, Fernanda Pires da Silva; ALMEIDA, Janayana Oliveira. *Desigualdade Social, Delinquência e Depressão: Um Estudo com Adolescentes em Conflito com a Lei*. **Rev. salud pública**. 13 (1): 13-26, 2011, p. 15. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/rsap/v13n1/v13n1a02.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2023).

²³⁰ “O darwinismo social pode ser definido como a aplicação das leis da teoria da seleção natural de Darwin na vida e na sociedade humanas. Seu grande mentor foi o filósofo inglês Herbert Spencer (1820-1903), que inclusive criou a expressão ‘sobrevivência dos mais aptos’, que mais tarde também seria utilizada por Darwin. O darwinismo social considera que os seres humanos são, por natureza, desiguais, ou seja, dotados de diversas aptidões inatas, algumas superiores, outras inferiores. A vida na sociedade humana é uma luta ‘natural’ pela vida, portanto é normal que os mais aptos a vençam, ou seja, tenham sucesso, fiquem ricos, tenham acesso ao poder social, econômico e político; da mesma forma, é normal que os menos aptos fracassem, não fiquem ricos, não tenham acesso a qualquer forma de poder. Além disso, Spencer argumentava que o processo natural da seleção biossociológica das elites era prejudicado pelo Estado, com adoção de medidas sociais de ajuda aos pobres. Argumentava que a teoria científica da seleção natural mostrava que os inferiores, os menos aptos, deveriam morrer mais cedo e deixar menos descendentes.” Será muito diferente do que pensam alguns segmentos de setores conservadores da sociedade brasileira hoje? BOLSANELLO, Maria Augusta. *Darwinismo social, eugenia e racismo “científico”*: sua repercussão na sociedade e na educação brasileiras. **Educar**, Editora da UFPR. Curitiba. n.12, 1996, p. 154. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/sNH6RP4vvMk6wtPSZztNDyt/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 22 jul. 2021.

dinâmicos. Ou seja, inicialmente, se não houvesse uma indicação ou referência europeia nas análises, todo estudo não era muito prestigiado. E quem poderia ir à Europa estudar? Os filhos de fazendeiros, cafeicultores ou latifundiários – em outras palavras, os senhores e seus filhos, donos de escravos, os “opressores” sociais daquele tempo. Nesse contexto, de modo geral, essas relações de poder faziam com que o curso mais procurado na Europa fosse o de *Ciências Jurídicas e Sociais* – também conhecido como “Direito”. Quando voltavam formados poderiam receber vulgarmente o título de “doutor”, mesmo com o curso de Bacharel em Direito. Os resquícios dessas relações sociais ainda vigoram hoje no Brasil, com uma nobreza togada remanescente da Era Colonial.

Com a abolição da escravidão e o surgimento do trabalho assalariado, as relações e contextos sociais no Brasil mudam completamente. Os negros passam a ficar à margem da sociedade²³¹, se estabelecendo nas encostas dos morros e as maiores oportunidade de trabalho são oferecidas aos imigrantes europeus. Mas conforme o século XX se inicia, a sociedade brasileira vai se miscigenando e as desigualdades sociais se potencializam com a exclusão social e o aumento da pobreza. Por outro lado, de forma semelhante à resistência dos *Plebeus*²³² na história de Roma, enfrentando os privilégios Patrícios que os oprimiam, com o tempo, as camadas populares no Brasil foram ocupando espaços em passos curtos e lentos. É

²³¹ O Termo marginal surge neste contexto; quando as pessoas descendentes de escravos dão lugar às camadas populares, ficando à margem (limite) da sociedade. Atualmente ocorre uma vulgarização do termo marginal, como sendo uma pessoa que pratica crimes, que é “perigosa”. E essa condição pejorativa inferioriza tudo que está à margem da “sociedade” (como se pobre não fosse um ser social), inclusive sua cultura. “Vistas dentro desse contexto, as expressões *privação cultural e carência cultural*, resultam inadequadas, enquanto *deficiência cultural*, além de trazer uma carga pejorativa, compara de forma negativa: deficiente cultural seria aquele que tem pouco daquela cultura que alguns estabeleceram como a melhor e a mais desejável para todos. Foi, portanto, escolhida a expressão *marginalização cultural* porque, de um lado, não nega, diminui ou rejeita um tipo de cultura e, de outro, expressa melhor um processo que está sendo sofrido e não uma condição negativa, inerente e estática como parecem indicar os outros termos.” POPPOVIC, Ana Maria; ESPOSITO, Yara Lúcia; CRUZ, Léa Maria Chagas. *Marginalização Cultural: uma metodologia para seu estudo. Cadernos de Pesquisa* Dialnet, Fundação Carlos Chagas. n. 14, 1975, p. 12. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6209200>. Acesso em: 22 jul. 2021.

²³² Os Tribunais da Plebe surgem em um momento da História de Roma (séc. V a.c.) quando os plebeus passam a assumir um papel de maior importância na sociedade romana, podendo, inclusive se opor às decisões dos Magistrados. Inicialmente, os Plebeus eram dependentes e submissos aos Patrícios. Porém, com o passar do tempo, se tornaram influentes na sociedade romana a ponto de criarem leis, como as leis das 12 Tábuas e a Lei Canuleia, que passou a permitir o casamento entre Patrícios e Plebeus. FERRAZ, Manoel de Figueiredo. **Do tribuna da plebe**. São Paulo: Edusp, 1989. p. 27. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Z2pSrYV4GwC&oi=fnd&pg=PA7&dq=plebeus+romanos&ots=f7kBsYhIzp&sig=j5hSU0WSXUkh5qVyO_byLJ-SSzw#v=onepage&q=plebeus%20romanos&f=false. Acesso em: 23 jul. 2021.

o que *Milton Santos*²³³ afirma sobre a experiência do pobre: a experiência da escassez.

Logo, a partir do séc. XX, o Brasil enfrenta um tempo em que o oprimido passa a ter voz - mesmo como minoria - na pesquisa acadêmica e nos movimentos sociais. E essas intervenções, mesmo sendo lentas, geraram um desconforto e descontentamento social por parte da elite brasileira. Debates sobre o papel da família e a importância do mérito no acesso a algumas posições sociais, dão lugar à raiz de uma polarização no Brasil que tem seu auge nas eleições de 2018.

Em outras palavras, a mídia e o senso comum vêm apelando muito para uma responsabilidade e papel da família no processo em que o ser humano desenvolve autonomia. Por outro lado, a complexidade existente a respeito de uma análise do que é família hoje é polêmica e passível de estudos. Além disso, vivemos o tempo em que o choque de visões de mundo (com a polarização) causaram indiferença aos excluídos e necessitados. Um tempo em que se fala: “Bandido bom é bandido morto!”²³⁴. Será? Que contexto social esse bandido viveu durante sua infância e adolescência? Como mensurar quantas pessoas sairão de contextos sociais fragilizados como delinquentes ou “*peças de bem*”²³⁵ – trabalhando e tendo uma posição que poucos e poucas acessam na sociedade?

Então, um grande desafio é mensurar o porquê de algumas pessoas oriundas de espaços sociais periféricos acabarem se tornando delinquentes e outras, desses mesmos espaços, não. Logicamente, o fato de estarem no mesmo espaço geográfico – geralmente envolvendo desigualdades sociais – não é o suficiente para sustentar uma hipótese sólida e precisa que justifique a prática de crimes. Da mesma forma, um ambiente elitizado ou “seguro” não garante a formação de um grupo social que não

²³³ SÁ, Tersa. Pensar o espaço segundo Milton Santos, Marc Augée Manuel Castells. **IS Working Papers**. FCT – Fundação para Ciência e Tecnologia. Instituto de Sociologia. 3.ª Série, n.º 40, 2016, p.7. Disponível em: https://isociologia.up.pt/sites/default/files/working-papers/wp40_161114024922.pdf. Acesso em: 23 jul. 2021.

²³⁴ PUTTI, Alexandre. Dez afirmações de Bolsonaro que vão contra o que a Páscoa representa ao defender a tortura. **Carta Capital**. 21 abr. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/10-afirmacoes-de-bolsonaro-que-vaio-contra-o-que-a-pascoa-representa/>. Acesso em: 13 jul. 2021.

²³⁵ O termo “Pessoas de bem” tem sido muito citado e utilizado por setores conservadores da sociedade. “Inicialmente, ‘gente de bem’ era quem pedia o fim da corrupção. Mais recentemente, são aqueles que pedem ‘decência’ em exposições de arte e queimam simbolicamente intelectuais que defendem a justiça de gênero. São, por larga maioria, de acordo com pesquisa de institutos reconhecidos, brancos, de classe média, com educação superior. Em oposição, ‘gente de mal’ seria o grupo que tem um ‘não’ na frente de cada item de perfil listado acima.” **Carta Capital**. 14 dez. 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/gente-de-bem-precisamos-de-gente-201cdo201d-bem/>. Acesso em: 13 jul. 2021.

cometerá crimes. Então, em que medida um contexto social pode influenciar uma pessoa?

Entender a complexidade existente entre seres humanos e preceitos éticos e morais requer um trabalho extenso e difícil de mensurar com exatidão, não só pela análise das relações sociais em contextos socioculturais diversos no presente século, mas pela complexidade humana em si. Quer dizer, o ser humano é um ser relacional. E sua maneira de pensar e conviver em sociedade não depende apenas do contexto infantojuvenil, mas do que nos tornamos geneticamente – fruto de gerações anteriores. Ou seja, certas atitudes, comportamentos e escolhas que as pessoas fazem, pelo menos em parte, resulta de um contexto histórico que envolve os antepassados – em muitos casos envolvendo culturas e tradições perpetuadas com os movimentos que os povos foram fazendo durante a História. Por isso a complexidade. Pessoas de mesma classe social, em mesmo contexto urbano periférico, podem fazer escolhas diferentes, justamente por razões que vão além da consciência humana; mas que podem ser investigadas com a pesquisa. Marcos Alexandre, em seus estudos na área da Psicologia Social, afirma que:

A representação social torna-se um instrumento da Psicologia Social, na medida em que articula o social e o psicológico como um processo dinâmico, permitindo compreender a formação do pensamento social e antecipar as condutas humanas. Ela favorece o desvendar dos mecanismos de funcionamento da elaboração social do real, tornando-se fundamental no estudo das ideias e condutas sociais. Para Durkheim, o papel da Psicologia Social seria o de estudar “de que modo as representações se atraem e se excluem, se fundem umas com as outras ou se distinguem.” Por intermédio do aporte teórico da representação social, torna-se possível penetrar no cotidiano dos indivíduos, considerando seus valores e identidades culturais, buscando suas verdadeiras raízes e origens, proporcionando o descobrimento de aspectos antigos e novos de sua identidade.²³⁶

Os estudos sobre o processo de Colonização na América são vastos, e a análise da influência europeia na forma como as pessoas vivem e convivem em sociedade é importante para se entender como se estabeleceram essas relações sociais hoje. A condição de quem veio para o Brasil empoderado por um *ideal civilizador*²³⁷, empunhando armas e disparando canhões – como foi o caso dos

²³⁶ ALEXANDRE, Marcos. Representação Social: uma genealogia do conceito. **Comum**. Rio de Janeiro, v.10, nº 23, p. 130, julho / dezembro 2004. Disponível em: <https://www.sinpro-rio.org.br/imagens/espaco-do-professor/sala-de-aula/marcos-alexandre/Artigo7.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2021.

²³⁷ FILHO, Luís Francisco Carvalho. Impunidade no Brasil Colônia e Império. **Estudos Avançados**. São Paulo, v.18, n.51, p. 184, 12 jun. 2004. Disponível em:

portugueses - é diferente da condição de quem veio forçado, acorrentado - como os africanos. No caso dos alemães, mesmo vindo para o Brasil durante um período que se enfrentava dificuldades na Europa, vieram a convite e foram beneficiados pela *Lei de Terras*²³⁸ de 1824, quando a corte de Dom Pedro II concedeu regalias aos imigrantes de origem germânica, atomizadas em lotes padronizados de 25 a 30 hectares de terras por famílias.²³⁹

Será que em pouco mais de quinhentos anos de História – e no caso da escravidão, pouco mais de cem anos - essas condições não são influentes nas escolhas que as pessoas fazem entre delinquir ou não atualmente? Pode ser que não. Mas talvez possa ser esta uma hipótese que dialogue com a resposta do porquê de algumas pessoas, de mesmo contexto social, sejam mais temerosas às normas jurídicas e outras não.

Esta reflexão é importante pelo fato de haver um estado de arte vasto sobre o aumento da criminalidade no Brasil envolvendo as desigualdades sociais²⁴⁰ e a influência do meio social nesse processo. Por outro lado, há uma parcela conservadora da sociedade que reforça a questão de haver histórias de superação na periferia, de filhos e filhas de uma classe trabalhadora que conseguiu ascender socialmente pelo próprio mérito. Esse posicionamento legitima a ideologia, reforçada pelo senso comum, dentro de um linguajar popular, de que as pessoas que cometem crimes são “vadias” ou “sem vergonha”, pois “poderiam estar trabalhando e estudando em vez de roubar”²⁴¹. Contudo, não se pode descartar o fato de que muitas pessoas

<https://www.scielo.br/j/ea/a/d4ghqhFpNrLvQkLZ6Pxp5mf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 jul. 2021.

²³⁸ “Pode-se auferir que através da Lei de Terras ocorreu a transformação completa da terra em mercadoria no Brasil, concluindo o processo iniciado na Constituição Imperial de 1824, quando a fez propriedade privada individual, inalienável e transferível a quem não a utilizasse. A Lei de Terras aprofundou, assim, a propriedade privada absoluta no país legalizando diversas formas de apropriação privada e ilegal das terras e dificultando/bloqueando o acesso à terra aos camponeses e escravos no Brasil.” PRIETO, Gustavo Francisco Teixeira. Sob o império da grilagem. **Terra Brasilis** (Nova Série) [Online], n.8, p.12, 27 jun. 2017. Disponível em: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/2137>. Acesso em: 14 jul. 2021.

²³⁹ SEYFETH, Giralda. **Identidade Étnica, Assimilação e Cidadania: a imigração alemã e o Estado brasileiro**. XVII Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, MG, 22-25 out. 1993, p. 2-3. Disponível em: http://anpocs.com/images/stories/RBCS/26/rbcs26_08.pdf. Acesso em: 14 jul. 2021.

²⁴⁰ JUNIOR, Karlo Marques. A Renda, Desigualdade e Criminalidade no Brasil: uma análise Empírica. **Rev. Econ. NE**, Fortaleza, v. 45, n. 1, p. 34-46, jan./mar, 2014. Disponível em: <https://www.bnb.gov.br/revista/index.php/ren/article/view/62/42>. Acesso em: 14 jul. 2021.

²⁴¹ Quando me refiro ao linguajar popular, também me refiro a falas e posicionamentos do próprio ex-presidente Jair Messias Bolsonaro que foram ao encontro de um anseio social típico do Brasil: conservador, retrógrado e hipócrita! “Em nota, a Associação Nacional dos Magistrados da Justiça do Trabalho (Anamatra), entidade representativa de cerca de 4 mil juízes do Trabalho, afirmou que o presidente da República insiste em “condenar a infância e a adolescência brasileiras ao surrado

de classe baixa ascenderam socialmente não apenas por seu esforço próprio. Receberam ajuda em algum momento. Quer dizer, quando o Estado cria situações que beneficiam essas camadas populares, como políticas públicas que humanizam o capitalismo e trazem certo grau de bem estar social,²⁴² mesmo com muitas dificuldades, essas pessoas enfrentam os desafios e buscam uma formação acadêmica ou criam coragem para ousar e empreender, criando seu próprio negócio.

Não se pode negar que mesmo uma pessoa sendo “beneficiada” por alguma política pública, seu esforço e mérito, ao passar no vestibular ou atingir uma meta, foi necessário. Mas a condição dessa pessoa diante das contradições do mundo do trabalho e pertencendo a *classe das minorias*²⁴³ é diferente de uma pessoa que teve uma estrutura financeira e emocional já há cinco gerações, com um DNA de pessoas confiantes ou de boa autoestima. Enquanto desde sempre as Universidades foram ocupadas, em grande maioria, por pessoas brancas, que não precisam trabalhar e estudar, recebendo apoio dos pais com moradia, alimentação e transporte, a partir do século XXI as Universidades brasileiras foram tomadas por uma classe trabalhadora, de pessoas com um histórico de superação, resiliência e resistência a um sistema com *armadilhas da pobreza*²⁴⁴, que aprisiona e oprime as pessoas – que as condiciona a permanecer naquela posição social, por ser mais difícil ascender.

argumento do ‘ou trabalha, ou vai roubar’. Demonstra, assim, desconhecer por completo a realidade de mais de 2 milhões de crianças massacradas pelo trabalho em condições superiores às suas forças físicas e mentais, dos mais de 200 óbitos e das mais de 40 mil crianças e jovens que sofreram mutilações e deformações decorrentes de acidentes de trabalho entre 2007 e 2017”. LISBOA, Ana Paula. Entidades repudiam declaração de Bolsonaro sobre trabalho infantil. **Correio Braziliense**. 05 jul. 2019. Disponível em: <https://blogs.correiobraziliense.com.br/primeirainfancia/2019/07/05/entidades-repudiam-declaracao-de-bolsonaro-sobre-trabalho-infantil/>. Acesso em: 14 jul. 2021.

²⁴² É bom lembrar que, mesmo com todas as contradições e escândalos midiáticos, a partir do governo Lula se potencializou investimentos e políticas públicas voltadas às camadas populares, como a criação do FIES, Pró-Uni, Enem, e os incentivos do BNDS com juros baixos para a agricultura familiar e pequenas empresas. LOTTA, Gabriela. **Teoria e análises sobre implantação de políticas públicas no Brasil**. Brasília: Enap, 2019, 324p. Disponível em: [https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/4162/1/Livro_Teorias%20e%20An%3%a1lises%20sobre%20Implementa%3%a7%3%a3o%20de%20Pol%3%adticas%20P%3%ablicas%20no%20B](https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/4162/1/Livro_Teorias%20e%20An%3%a1lises%20sobre%20Implementa%3%a7%3%a3o%20de%20Pol%3%adticas%20P%3%ablicas%20no%20Brasil.pdf)rasil.pdf. Acesso em: 14 jul. 2021.

²⁴³ A partir da década de 1960, boa parte da classe trabalhadora se “aburguesou”, atingindo um patamar social que a levou a recuar como principal classe representativa das lutas sociais. Então, surge a *Classe das Minorias*, que não está associada ao aspecto quantitativo, mas qualitativo. Quer dizer, minoria não se refere a número de pessoas, mas ao grupo social que enfrenta dificuldades em acessar posições sociais privilegiadas ou um reconhecimento digno de uma pessoa que tem direito ao senso de humanidade, cidadania e pertencimento a determinado grupo ou identidade social. As minorias são compostas pelas pessoas que sofrem um histórico social de preconceitos e opressão. São os negros, mulheres, mendigos, homossexuais, entre outros. PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (Orgs.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.

²⁴⁴ O conceito *armadilha da pobreza* traz à tona a ideia do círculo vicioso que leva os pobres a terem dificuldades em ascender socialmente. Essa teoria “defende que, por um lado a desigualdade e a

Pensando nessa variante da armadilha da pobreza e na questão da influência do contexto social de marginalidade na vida dos adolescentes,

[...] parte-se de uma concepção sócio-histórica do ser humano, na qual este é produto e produtor de sua história, sempre segundo as possibilidades e limitações do contexto sociocultural do qual faz parte. Contudo, nossa experiência de trabalho aponta para o fato de que, como atores sociais, com frequência somos reprodutores irreflexivos dos condicionantes dessas situações. Daí a necessidade de um permanente trabalho de debate e, especialmente, autorreflexão crítica, que possibilite mudanças efetivas nos processos de interação social dos quais participamos na permanente dinâmica das relações sociais. [...] Assim, abertos ao questionamento e ao confronto, os jovens muitas vezes tornam-se depositários de problemas e conflitos, aos quais não têm possibilidades de responder adequadamente. Desinformados a respeito de sua condição de cidadãos, são facilmente desrespeitados em seus direitos, mesmo os mais elementares, tornando-se, também eles, reprodutores da violência de que são vítimas.²⁴⁵

Assim, a partir de uma análise sobre a influência do meio social como, de certa forma, determinante na formação integral do ser humano (determinismo do meio), a relação da reprodução da violência como um círculo vicioso é importante ser tratada nos contextos e fases da infância e adolescência.

4.3 INFÂNCIA, ADOLESCÊNCIA E CONTEXTO SOCIAL

As pesquisas sobre as fases da vida são amplas e há uma gama de achados sobre esta temática. Mas ainda pensando nas influências de circunstâncias externas

pobreza atuam como limites aos investimentos potenciais, e assim, desaceleram o crescimento sustentado da renda. Isto, por outro lado, atua aumentando a desigualdade e a pobreza de forma persistente ao longo do tempo, perpetuando o ciclo em forma de uma armadilha [...]. Esta linha de raciocínio concorda que a redução da pobreza poderia ser alcançada via políticas redistributivas, exibindo duas razões principais para isto. Uma com base na transferência de renda imediata dos ricos para os pobres que uma mudança distributiva progressiva poderia exercer diretamente sobre a redução da pobreza. A outra é a de que a pobreza será mais sensível ao crescimento, quanto mais equitativa for a distribuição de renda. Desta forma se somarão um impacto de curto prazo da redistribuição progressiva, e um de longo prazo, do incremento na sensibilidade da pobreza ao crescimento” – o que na “cultura” brasileira de sonegação de impostos é um grande desafio. MOREIRA, Renata Couto; BRAGA, Marcelo José; TOYOSHIMA, Silvia Harumi. Crescimento e Desigualdade: Prosperidade Versus Armadilhas da Pobreza no Desenvolvimento Econômico dos Estados Brasileiros. **Economia, Selecta**, Brasília (DF), v.11, n.4, p.143, dezembro 2010. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=armadilhas+da+pobreza&btnG=. Acesso em: 15 jul. 2021.

²⁴⁵ YÉPEZ, Martha A. Travesso; PINHEIRO, Verônica de Souza. Adolescência, Saúde e Contexto Social: esclarecendo Práticas. **Psicologia & Sociedade** da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Natal, v.14 n.2, p. 136, jul./dez.2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/WS4npPRyzDxbJv3xdHKmP9f/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 jul. 2021.

na formação integral do ser humano, refletir sobre a *infância* se torna necessário e de suma importância nos estudos sobre adolescência.

4.3.1 A infância e o contexto social

A infância é o período de maior importância na vida humana, pois reflete nas demais fases da vida. A primeira delas é a adolescência. E conceituar “infância” é um desafio, uma vez que o conceito de criança e de infância vem sofrendo mudanças “de acordo com visões de mundo peculiares a um determinado tempo e lugar. A ideia que temos hoje de criança não é um dado atemporal. Pode-se dizer que é uma ‘invenção’ da Modernidade.”²⁴⁶ Assim, pensando no conceito de criança como dinâmico, o Brasil considera criança “a pessoa até doze anos de idade incompletos”²⁴⁷.

Da mesma forma, pensar na infância relacionando com o leque teórico vasto sobre o que se entende por infância e o contexto social de crianças oriundas de uma classe trabalhadora é desafiador. Primeiro, pela contradição entre o que deveria ser o ideal nas fases da infância e o que, de fato, é a realidade de muitas famílias de baixa renda no Brasil. Segundo, por não haver uma preocupação que resulte em políticas públicas sólidas de erradicação da pobreza ou investimentos em educação. Quer dizer, termos já tratados, como “*darwinismo social*” e “*armadilhas da pobreza*”, são exemplos do que está impregnado na cultura e boa parte da política brasileira.

Na verdade, a formação integral do ser humano não pode ser medida ou mensurada apenas por questões financeiras ou relacionadas às classes sociais. Há, da mesma forma, uma série de fragilidades e contradições também relacionadas à formação integral de pessoas com alto poder aquisitivo. As faltas de referência materna e/ou paterna mais as novas configurações familiares e a inserção da mulher no mundo do trabalho fazem parte desse novo perfil social do século XXI. Nesse sentido, o dinheiro parece ser uma válvula de escape à falta de referências humanas, fortalecendo inconscientemente – e em muitos casos de maneira consciente - a banalização de atitudes desumanas na sociedade, que colocam em evidência o valor material na frente do humano.

²⁴⁶ PRISZKULNIK, Léia. A criança sob a ótica da Psicanálise: algumas considerações. **PSIC - Revista de Psicologia** da Vetor Editora, V. 5, n.1, 2004, p. 72. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psic/v5n1/v5n1a09.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2021.

²⁴⁷ Art. 2º da LEI N. 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 01 ago. 2021.

Esse perfil social coaduna muito bem com a ideia capitalista de livre mercado, de lucro acima de tudo – da onda neoliberal global a qual vem fazendo parte do imaginário e da realidade brasileira – que gera desigualdades, fome e miséria. Isso, por sua vez, seria não só aqueles e aquelas que têm o poder de decidir sobre a vida das pessoas de maneira direta, como o patrão, mas as pessoas que irão fortalecer nas redes sociais e no senso comum a valorização do mérito como único caminho para uma vida bem-sucedida.

Por outro lado, não se pode camuflar a realidade voltada às dificuldades envolvendo as camadas mais fragilizadas da sociedade. Quer dizer, é muito mais difícil acessar posições sociais privilegiadas não tendo um certo poder aquisitivo ou sem pertencer a nenhuma família poderosa, com um nome tradicional em determinado segmento social. Por isso a importância em se estudar a influência do contexto social na formação integral do ser humano, uma vez que um contexto que gere desigualdades sociais gritantes, de muita pobreza e miséria, tende a ser mais nocivo ao ser humano.

Assim, pensando no desenvolvimento humano desde a infância e no que se entende por aparelho psíquico, a Psicanálise aponta três partes como importantes nesse processo: o id, o ego e o superego. O id acompanha o ser humano já no nascimento e está relacionado ao prazer e fuga da dor. Ele faz parte da natureza humana e a criança logo apresenta uma familiaridade com esta fase quando sente o desconforto da fome ou dor física ou se sente saciada e relaxada com o leite materno, alimento, sono e com uma temperatura do corpo confortável.²⁴⁸ Certamente, já nesta fase, o contexto social e o meio em que a criança se encontra influencia em seu desenvolvimento. Ou seja, crianças inseridas em um contexto de má alimentação ou drogadição desde a gestação, tendem a ter problemas em seu desenvolvimento psíquico e cognitivo.

Na sua busca por satisfazer suas necessidades básicas, a criança resiste à frustração ou ao não cumprimento do seu querer e tenta ditar suas regras, suas exigências. Deseja uma solução imediata para suas necessidades mesmo sem a percepção se isto é possível ou não. Conforme vai crescendo, percebe cada vez mais que precisa adaptar-se às exigências e condições impostas pelo meio. Para esta nova função uma outra parte do seu aparelho psíquico entrará em funcionamento: o ego.

²⁴⁸ ERIKSON, Erik. **Infância e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971. p. 229-231.

Mais especificamente, o ego é responsável pela construção da identidade (do “eu” narcisista) de toda pessoa. Se inicia na infância, passa pela adolescência e acompanha as demais fases da vida. Na infância, se inicia com a percepção do dentro e fora (introjeção e projeção). Segundo Erikson²⁴⁹, na *introjeção* a criança sente uma certeza interna como resultado de uma bondade externa, como o auxílio da mãe saciando sua fome. Já na *projeção* a criança atribui um dano interno como resultado do externo. Ou seja, seria atribuir aos outros um mal que está nela, como a fome ou dor por falta de cuidados na fase em que a criança depende de alguém. Isso representa não apenas o desenvolvimento da confiança (fé) ou da frustração, mas do sentido das ações e fatos. Quer dizer, a frustração é saudável, mas precisa ter um significado social, um sentido.²⁵⁰ Assim, o ego tem funções como perceber, lembrar, pensar, planejar e decidir.

O pensamento de uma vertente clássica e europeia, como a de Erikson, precisa ser observada com certa cautela e criticidade. Não se pode esquecer que Erikson, mesmo sendo muito influente no estado de arte sobre o desenvolvimento humano, é um filho de seu tempo. Sua teoria não pode ser descartada, uma vez que é muito relevante a influência do meio no desenvolvimento humano. Por outro lado, a reflexão a ser feita é a respeito da realidade social brasileira a partir de uma teoria como a de Erikson. Será possível mensurar, a partir de Erikson, uma explicação para o aumento da delinquência no Brasil? Crianças e adolescentes influenciadas por um contexto de vulnerabilidade social, extrema pobreza e miserabilidade têm uma tendência à criminalidade? Pode ser que sim. Mas que estão vulneráveis a essa tendência, sem sombra de dúvidas, estão. Outra constatação pertinente se refere a formação ou aumento quantitativo de uma camada popular da sociedade que, devido

²⁴⁹ Erik Homburger Erikson nasceu na Alemanha em 1902 e faleceu em 1994, nos Estados Unidos. Foi para os Estados Unidos em 1933, fugindo do nazismo. Era filho de pais dinamarqueses; foi abandonado pelo pai e adotado por Theodor Homburger, pediatra judaico-alemão e acreditava que era seu verdadeiro pai. Foi psiquiatra - responsável pelo desenvolvimento da Teoria do Desenvolvimento Psicossocial na Psicologia. É um dos teóricos da Psicologia do Desenvolvimento. Era pesquisador e também professor universitário (Harvard). Se considerava um pós-freudiano e “estendeu as ideias da psicanálise por meio de estudos interculturais sobre criação dos filhos, biografias psicológicas de grandes homens e mulheres, e análise entre dinâmicas psicológicas e sociais. A teoria de Erikson sobre o desenvolvimento do ego durante o ciclo da vida tem sido enorme influência na psicologia e em campos relacionados. Ele é também o fundador da psico-história moderna.” FADIMAN, James; FRAGER, Robert. **Personalidade e crescimento pessoal**. São Paulo: Artmed, 2008. p. 195. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=UL7koDFT198C&oi=fnd&pg=PA9&dq=personalidade+e+crescimento+pessoal&ots=SeUNm4bKMj&sig=CRFdjL48gTeeFpZuhE4xBmaHRoY#v=onepage&q=personalidade%20e%20crescimento%20pessoal&f=false>. Acesso em: 02 ago. 2021.

²⁵⁰ ERIKSON, 1971, p. 228-229.

às carências apontadas por Erikson, terão mais dificuldades em acessar posições sociais privilegiadas.

Por exemplo, quando Erikson trata no seu estudo do estágio um, intitulado *confiança básica versus desconfiança básica*²⁵¹, entre zero e um ano de idade, quando a criança depende de alguém para sobreviver e se desenvolver, é o momento do desenvolvimento da confiança, ou seja, quando ela se sente segura no mundo a partir da sua relação com os pais ou responsáveis, os cuidadores. O contrário gera medo, insegurança e desconfiança – típico de muitas realidades periféricas no Brasil, conhecidas vulgarmente como comunidades, vilas e favelas. Conforme Erikson, o início de um desenvolvimento saudável deve ocorrer a partir de um equilíbrio entre a confiança e a desconfiança, para gerar na criança um sentimento de esperança e de que o perigo possa se fazer presente em algum momento.

A fase dois, *autonomia versus vergonha e dúvida*, entre dois e três anos, a criança desenvolve maior sensação de controle pessoal (corporal), além de um pouco de independência. A partir de decisões simples, como saber a hora de ir ao banheiro, escolher brinquedos ou ter preferência por algum tipo de roupa, a criança passa a ter um início de senso de autonomia, logicamente, com a ajuda dos cuidadores. Um equilíbrio entre autonomia, vergonha e dúvida, gera uma vontade na criança, que culmina na intenção dentro da razão e limites.²⁵²

Na fase três, *iniciativa versus culpa*, entre os quatro e cinco anos, Erikson aponta o início da criança se perceber como capaz de firmar seu poder e controle sobre o mundo, com a liderança em jogos e outras interações sociais. Crianças que chegam nessa fase bem-sucedidas, se sentem capazes de conduzir outras pessoas. Caso contrário, não atingindo essas habilidades, a criança chega nas outras fases da vida com um sentimento de culpa, dúvida e com falta de iniciativa.²⁵³ Assim, o questionamento a ser feito é: uma criança vinda de um contexto social carente, sem referência materna e/ou paterna, vítima de violências diversas, conseguiria adquirir qual resultado? A capacidade de conduzir outras pessoas ou um sentimento de culpa, dúvida e falta de iniciativa? Parece a segunda opção ser mais presente nestes contextos.

²⁵¹ ERIKSON, 1971, p. 227-231.

²⁵² ERIKSON, 1971, p. 231-234.

²⁵³ ERIKSON, 1971, p. 234-238.

A fase dos primeiros anos escolares, intitulada *Indústria (produtividade) versus inferioridade*, que vai dos seis aos onze anos, é responsável por gerar orgulho em algumas realizações e habilidades, a partir de interações sociais. Conforme Erikson, quando encorajadas e elogiadas por pais professores e colegas, as crianças desenvolvem um sentimento de competência e crenças nas suas habilidades. Caso haja pouco incentivo e encorajamento, tendem a duvidar das suas habilidades para serem bem-sucedidas. Novamente, Erikson acredita no equilíbrio entre produtividade e inferioridade para que a criança tenha um senso de competência e crença nas suas próprias capacidades.²⁵⁴

4.3.2 A Adolescência e o contexto social

Ainda caminhando na perspectiva de Erikson, a quinta fase do desenvolvimento psicossocial é justamente a da adolescência - que vai dos doze aos dezoito anos – a fase que ele chama *identidade versus confusão de papel*. Essa fase é que se desenvolve uma busca por identidade pessoal, independência e um sentido de si. O adolescente que recebe incentivo e reforço adequado na fase anterior e através da exploração pessoal, desenvolve um senso de si mesmo e uma sensação de independência e controle. Os que permanecem inseguros das suas crenças e desejos, vão se sentir inseguros e confusos sobre si mesmos e o futuro. Concluir essa etapa com equilíbrio torna-se saudável no desenvolvimento da fidelidade – a capacidade de viver de acordo com as normas e expectativas sociais.²⁵⁵

Os estudos sobre o desenvolvimento psicossocial são importantes na reflexão sobre as realidades de cada localidade, cada contexto social. E observando o que deveria ser o essencial, pode-se ter uma pequena noção do porquê da realidade de muitos e muitas adolescentes que enfrentam uma confusão de papéis e identidades. Ou seja, ao analisar as realidades de muitos adolescentes atualmente, a primeira percepção é lembrar do papel do Estado nesse processo. A segunda é lembrar da Função Social da Instituição Familiar e da Função Social da Escola. Na verdade, tudo se relaciona ao papel do Estado referente a falta de prioridades em se investir em Educação, em Políticas Públicas de orientação voltada ao controle de natalidade em comunidades carentes e pessoas em situação de extrema pobreza. Apenas lembrar

²⁵⁴ ERIKSON, 1971, p. 238-240.

²⁵⁵ ERIKSON, 1971, p. 240-242.

que é dever do Estado, por estar escrito na Constituição Federal de 1988 e nas demais legislações que garantem esse direito a pessoas em desenvolvimento, não é o suficiente na resolução desses problemas sociais.²⁵⁶

Os problemas sociais envolvendo as contradições dentro da própria família, como a falta de referência paterna e materna e o reflexo disso quando essas crianças e adolescente tornam-se adultos, são resultado de quatro gerações sem um olhar estatal responsável, que realmente queira projetar a sociedade brasileira a um desenvolvimento pleno – não apenas econômico. Vale lembrar que a Escola – também muito fragilizada durante a história do Brasil como um todo – não tem a função apenas de formar as pessoas discentes para uma profissão rentável. A *Função Social da Escola*²⁵⁷ é muito mais abrangente que apenas escolarizar. Quando a criança e adolescente frequenta a Escola, está desenvolvendo suas faculdades mentais; está na fase da sua formação integral.²⁵⁸

Quando a sociedade vive conflitos de identidade e de interesse, não vendo em membros da família ou na escola uma válvula de escape a se espelhar positivamente, vive-se o caos social de muitas comunidades carentes: a falta de sentido para a vida. E estudos mais sofisticados, que vão além da análise psicossocial, apontam a importância em se pesquisar o temperamento e o comportamento genético das pessoas como um todo, mas que podem auxiliar na análise das pessoas que resolvem partir para a delinquência, cometendo crimes cruéis – como os crimes hediondos. Tais estudos, podem confirmar mais uma hipótese do porquê de algumas pessoas em mesmo contexto sociocultural acabarem não apenas cometendo delitos, mas os realizarem de forma desumana e cruel. Esta abordagem é importante por a personalidade ser “a parte do campo da psicologia que mais considera as pessoas em sua totalidade, como indivíduos e seres complexos.”²⁵⁹ Com isso, mesmo o

²⁵⁶ MAIER, Monika. **Vínculos entre família e escola como fator de sustentabilidade institucional**. 2021. Monografia (Especialista) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades Est, São Leopoldo, 2021, p. 5-6.

²⁵⁷ RODRIGUES, V.S. **Função Social da Escola: a contribuição do projeto escola da vida**. 2019. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Teologia, Faculdades Est, São Leopoldo, 2019, p. 107-109. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/BR-SIFE/1005/rodrigues_vs_tmp.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 24 ago. 2021.

²⁵⁸ RODRIGUES, 2019, p. 107-109.

²⁵⁹ PERVIN, Lawrence A.; JOHN, Oliver P. **Personalidade, teoria e pesquisa**. 8. Ed. São Paulo: Artmed. 2008, p. 22-23. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=e0l4prXA69kC&oi=fnd&pg=PA8&dq=Personalidade,+teoria+e+pesquisa&ots=YTh8h0rWdA&sig=E5eERYHge8bB_Rq5Lfgkp6FXdN4#v=onepage&q=Personalidade%2C%20teoria%20e%20pesquisa&f=false. Acesso em: 24 ago. 2021.

contexto sociocultural sendo importante e influente na vida humana – e neste caso, na vida de adolescentes – não esgota as dúvidas e incertezas relacionadas ao caminho social percorrido. Por isso a importância em se analisar as relações que Erikson aponta sobre introjeção e projeção (dentro e fora); pois é na escultura da personalidade que vai se materializar essas relações. Mais especificamente,

a personalidade representa aquelas características da pessoa que explicam padrões consistentes de sentimentos, pensamentos e comportamentos. Esta é uma definição bastante ampla, que permite que nos concentremos em muitos aspectos diferentes da pessoa. Ao mesmo tempo, ela sugere que prestemos atenção a padrões consistentes de comportamento e a qualidades internas à pessoa, que explicam essas regularidades – em oposição, por exemplo, a focar qualidades no ambiente que explicam tais regularidades. As regularidades de interesse, para nós, envolvem pensamentos, sentimentos e comportamentos explícitos (observáveis) das pessoas. De particular interesse para nós é a maneira como esses pensamentos, sentimentos e comportamentos se relacionam entre si para formar o indivíduo único e peculiar.²⁶⁰

Assim, o questionamento a se fazer é se os estudos sobre a influência do contexto social e do perfil genético configuram um resultado evidente em dados estatísticos envolvendo pessoas presas apenas de uma classe social marginalizada. É evidente que o contexto sociocultural participa da formação de uma pessoa, a ponto de influenciar na sua personalidade de maneira positiva ou negativamente. As discussões envolvendo quem, de fato, fica preso no Brasil também são polêmicas e dividem opiniões. O que se sabe é que em classes sociais mais abastadas também há casos de desvios de personalidade e de crimes cruéis, mas com estratégias de execução e resultado mais sofisticadas – como, por exemplo, o mandante que “contrata” uma pessoa para matar alguém, ou para cometer outro tipo de crime. Por outro lado, é importante que haja algumas aproximações sobre a temática a respeito das contradições sociais envolvendo as pessoas em desenvolvimento (no caso os adolescentes), que estão à margem da sociedade e que têm mais dificuldades em acessar posições sociais dignas de qualquer cidadão, ou privilegiadas.

Os problemas sociais nas comunidades carentes são tão grotescos e complexos que, atualmente, já existe, além dos estudos sobre o temperamento e comportamento genético, um mapeamento desses delinquentes com perfil agravado – os que cometem crimes hediondos. Ou seja, quando uma pessoa adulta é presa e condenada por ter cometido um crime hediondo, ela comete falta grave caso se recuse

²⁶⁰ PERVIN & JOHN, 2008, p. 23.

a submeter-se ao procedimento de identificação do perfil genético.²⁶¹ As faltas graves incluem o preso em Regime Disciplinar Diferenciado (RDD), que acaba prejudicando o condenado durante a sua pena.²⁶² Essa exigência da Lei de Execução Penal divide opiniões pelo fato de muitos juristas e estudiosos do direito entenderem que fere o princípio da autoincriminação, ou seja, que nenhuma pessoa pode ser obrigada a se autoincriminar.²⁶³

Quanto à extração do DNA para identificação do perfil genético,

[...] o propósito maior transcende a ideia de individualização contundente e incontestável do acusado, visto que se trata de fase executória da pena, o objetivo consiste na criação de um banco de dados, que quando alimentado com as informações genéticas coletadas, propiciará mais eficiência e rapidez à fase investigatória. Na prática, o que se tem é a construção de uma rede de perfis genéticos, cuja propriedade encontra-se devidamente identificada no sistema, os quais são armazenados e mantidos em sigilo para que, havendo suspeita e uma investigação instaurada, se proceda à comparação dos materiais genéticos contidos em referido banco com os materiais genéticos colhidos em locais de crime.²⁶⁴

Pelo fato de ser uma legislação recente, a dúvida é se realmente essa rede de perfis genéticos será utilizada apenas em investigações criminais. Ao que parece, será possível mapear um perfil genético social, de delinquentes e seus descendentes de uma região inteira, podendo-se saber qual a probabilidade dessa genealogia se tornar um psicopata frio e calculista. O questionamento a se fazer é: será isso possível? É legal? Fere os Direitos Humanos? Será sigiloso? Essas respostas o tempo e a História poderão responder.

²⁶¹ Artigo 50º, Parágrafo VIII, da Lei de Execução Penal (Lei nº 7.210, de 1984), incluído pela Lei nº 13.964, de 2019 (Pacote Anticrime). BRASIL. Presidência da República. **Lei de Execução Penal nº 7.210 do ano de 1984**. Brasília: Planalto, 1984. 44p.

²⁶² Artigo 52º da Lei de Execução Penal (Lei nº 7.210, de 1984). BRASIL. Presidência da República. **Lei de Execução Penal nº 7.210 do ano de 1984**. Brasília: Planalto, 1984. 44p.

²⁶³ MILIOLI, Marcela Junkes. **Identificação obrigatória do perfil genético prevista na Lei de Execuções Penais**: um estudo do recurso extraordinário n. 973.837, à luz do princípio da presunção de inocência. Trabalho de Conclusão de Curso, (bacharelado) no curso de Direito da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC. Criciúma, 2019, p. 19-22. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/7112/1/MARCELA%20JUNKES%20MILIOLI.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2021.

²⁶⁴ MILIOLI, 2019, p. 28.

4.4 RELIGIOSIDADE E TATUAGEM

As abordagens e contatos com os adolescentes permitiram um mapeamento das religiões que se dizem vinculados, relacionadas à *matriz religiosa brasileira*²⁶⁵ e à *religiosidade matricial* ou *religiosidade popular*²⁶⁶. As demais tatuagens, estão associadas a questões culturais, representadas pela cultura de massa e/ou cultura pop.

O Gráfico 9 apresenta as respostas do questionário aplicado, sobre quais são as religiões dos adolescentes participantes da pesquisa. Consideram-se evangélicos pentecostais ou neopentecostais 64% dos adolescentes. Os católicos ficaram em 13%, Luteranos 3% e umbandistas 7%.

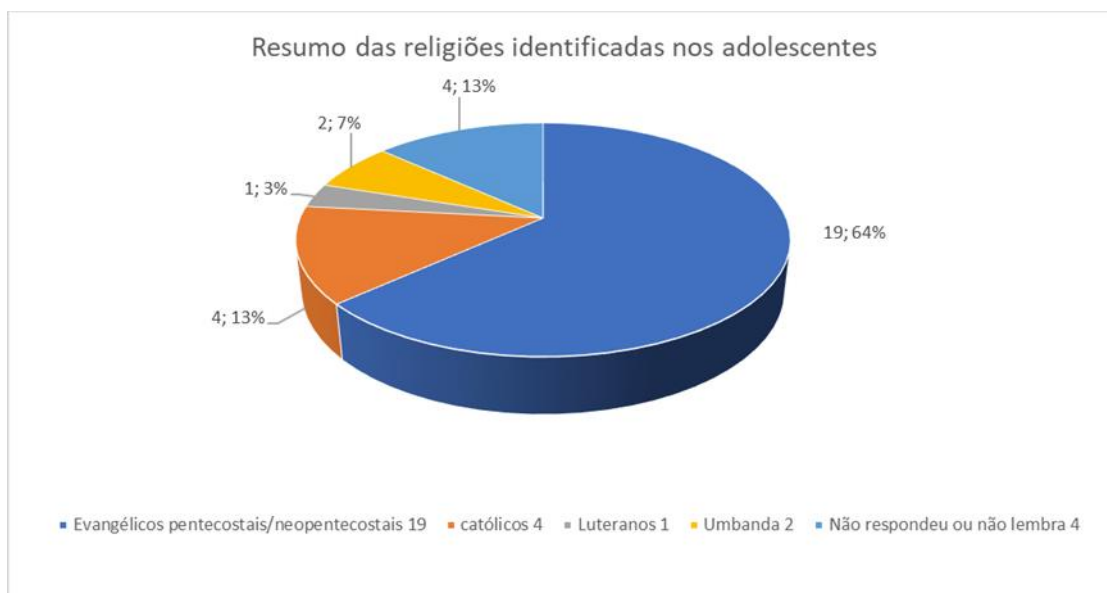


Gráfico 9 - As religiões dos adolescentes

Fonte: o autor

²⁶⁵ Adilson Schultz se utiliza de André Droogers e José Bitencourt Filho para considerar como **Matriz Religiosa** “as instituições que deram forma ao ethos religioso brasileiro: catolicismo, religiões indígenas, religiões afro-brasileiras e espiritismo”. (SCHULTZ, Adilson. **Deus está Presente – O diabo está no meio: o protestantismo e as estruturas teológicas no imaginário religioso brasileiro**. Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia da Faculdades Est (Tese de Doutorado). São Leopoldo: EST, 2005, p. 193.

²⁶⁶ **Religiosidade Popular** se refere “ao não-institucional; àquilo vivenciado no dia-a-dia em nível popular, aquilo que carece de legitimação social. A matriz marca o discurso e a prática religiosa recorrente em todas as camadas sociais e extratos éticos brasileiros. O sucesso ou fracasso de formações religiosas singulares dependeria, sobretudo, do aproveitamento simbólica dessa matriz, que está de tal forma arraigada na população, que não deixaria brechas para outras formações” (SCHULTZ, 2005, p. 193-194).

De modo geral, o gráfico 9 trata das religiões voltadas às instituições as quais os adolescentes consideram-se vinculados, ou seja, à matriz religiosa brasileira; não necessariamente as religiões que se identificam ou que se consideram pertencentes, como é o caso da *religiosidade popular*. Neste sentido, mesmo havendo diferença entre os conceitos *religiosidade*, *religião*, *espiritualidade*²⁶⁷ e *pertença religiosa*²⁶⁸, em muitos casos, se confundem.

Assim, pensando nas primeiras aproximações do conceito de **religião**, Gabatz, considera como “um sistema complexo de mitos, de dogmas, de ritos e de cerimônias.”²⁶⁹ Mais especificamente,

[...] é um sistema de orientação e um objeto de devoção; os símbolos religiosos evocam sentimentos de reverência e de admiração, além de estarem, em geral, associados a um ritual; na religião, encontramos também sentimentos, atos e experiências humanas em relação ao que se considera sagrado. No grande espectro de definições que podem ser levantadas para se entender o que é religião, encontrar-se-ão alguns elementos comuns, como a presença de mitos (especialmente mitos de origem e de fim), de ritos, de símbolos, da cultura e da congregação social de pessoas, além da associação que a religião pode ter com a espiritualidade, sem esquecer das normas morais sobre como lidar com a vida, com o mundo e com as pessoas.²⁷⁰

Conforme Schultz, a pertinência da Revelação de Deus é o que difere a religião de qualquer outra significação imaginária. Mesmo que a Sociologia e a Antropologia estejam interessadas em analisar as funções e o papel da religião nas suas estruturas simbólicas, “a teologia, sem considerar essas pertinências, lança-se

²⁶⁷ José Bittencourt Filho se utiliza de José Jorge de Carvalho (1994) para identificar quatro estilos principais de espiritualidade no Brasil: (1) *mística letrada* (2) *possessão ritualizada* (3) *espiritismo* e (4) *meditativo oriental* (FILHO, José Bittencourt. **A Matriz Religiosa Brasileira: Religiosidade e mudança social**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes; Petrópolis: Rio de Janeiro: Koinonia, 2003, p. 40).

²⁶⁸ A **pertença religiosa** pode, inclusive, ser dupla ou múltipla, já que “o trânsito religioso se dá, não apenas na migração de uma religião para a outra, mas também na recomposição simbólico-cultural de diferentes sistemas de crenças. Isso acontece em diferentes tipos de expressão religiosa: i) o que afirma determinada pertença e admite experimentar outras expressões religiosas, ii) o que, por motivos externos nem sempre confessáveis, declara uma religião mas exerce outra, iii) o que harmoniza e integra relativamente bem mais de uma tradição religiosa, iv) o que não adere uma religião específica, mas transita por mais de uma, e v) aquele que, mesmo mantendo a sua pertença religiosa, articula elementos simbólico-rituais de outras religiões” (RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. Dupla e múltipla pertença religiosa no Brasil. **Estudos de Religião**, v. 32, n. 3 • 93-115 • set.-dez. 2018 • ISSN Impresso: 0103-801X – Eletrônico: 2176-1078. 2018, p. 96. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/8655/6471>. Acesso em: 16 nov. 2023).

²⁶⁹ GABATZ, Celso. ZEFERINO, Jeferson. As contribuições de Émile Durkheim para compreender a Religião na Contemporaneidade. **Revista Correlatio**. Vol. 16. n. 2, UMESP, 2017, p. 349.

²⁷⁰ PINTO, Ênio Brito. Espiritualidade e Religiosidade: Articulações. **Revista de Estudos da Religião** dezembro / 2009 / p. 68-83. ISSN 1677-1222, p. 73. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv4_2009/t_brito.pdf. Acesso em: 01 mai. 2023.

ou abre-se para a análise dos vestígios do divino.”²⁷¹ Ou seja, a pesquisa teológica também leva em consideração não só a Sociologia e a Antropologia, mas a Psicologia - da mesma maneira que as outras ciências também levam em conta a teologia.²⁷² “Os dois lados da linha às vezes se misturam ou se engalfinham. Todavia, é notório que o lado mais forte do debate da religião, é o lado *imanente*”²⁷³ - aquilo que tem em si próprio o seu princípio e seu fim.

De um lado extremo, resistente à religião, encontram-se Marx e Freud; do outro, favorável à religião, encontra-se Rudolf Otto. Quando **Marx** descreve a religião como *ópio do povo* e reflexo da *alienação social e econômica* dos povos, não ataca a religião em si, mas o sistema religioso.²⁷⁴ Já **Freud**, por sua vez, não ataca o sistema religioso, como no caso de Marx, mas sustenta sua crítica ao *crente* - ou *paciente* - considerando-o como uma pessoa alienada. Para Freud, a religião é uma ilusão; ou melhor, uma falsa ilusão.²⁷⁵ No outro extremo, Rudolf Otto considera a “religião emanação da revelação de Deus, puro e genuíno reflexo de Deus, [...] totalmente *a priori*, não condicionado por nada humano, nem psicológico, nem sociológico, nem filosófico-ideológico.”²⁷⁶ Otto, em sua obra “O Sagrado”, trata do *numinoso*; o *outro irracional* - ou seja, algo que vai além da razão humana, além de uma compreensão racional. Ao se deparar com o *tremendum* de Deus, o ser humano percebe sua pequenez em relação à grandiosidade de Deus.²⁷⁷ Por outro lado, se tratando de Rudolf Otto, o importante é lembrar que o Sagrado precisa ser descolonizado.

Na intenção de uma aproximação com a religiosidade, a teoria mista no estudo da religião pode ser uma alternativa viável, na tentativa de encontrar um meio termo entre os extremos. Faz todo sentido encontrar em Clifford Geertz a compreensão mista de religião. Isto é, quando dialoga com a cultura, compreende religião como:

- (1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo

²⁷¹ SCHULTZ, 2005, p. 168.

²⁷² SCHULTZ, 2005, p. 170.

²⁷³ SCHULTZ, 2005, p. 170.

²⁷⁴ SCHULTZ, 2005, p. 170.

²⁷⁵ FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 48-51.

²⁷⁶ SCHULTZ, 2005, p. 169.

²⁷⁷ BRANDT, Hermann. Apresentação. In: OTTO, Rudolf. **O sagrado**: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2011. Tradução de Walter O. Schlupp. p. 13.

essas concepções com tal aura de fatualidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas.²⁷⁸

Além disso, se tratando de religião como aquilo que dá sentido à vida sem sentido, Castoriadis afirma que “a religião dá nome ao inominável, representação ao irrepresentável, lugar ao não localizável. [...] A religião é, por excelência, a apresentação/ocultação do Caos.”²⁷⁹ Mesmo considerando a definição tosca de “religião”, derivada do latim *religare*, religar, voltar a ligar a Deus, com base numa revelação de Deus, ainda assim há uma organização não só cultural e espiritual complexa, mas com uma razão social. Quer dizer, se tratando de adolescentes infratores, faz sentido, da mesma forma que será tratada a religiosidade, algumas aproximações com a questão das funções e papéis da religião.

Neste sentido, quando Gabatz analisa as contribuições de Dürkheim para compreender a religião na contemporaneidade, analisa ***as funções e o papel da religião na sociedade***, como um interesse nas suas estruturas simbólicas voltadas à coletividade.²⁸⁰ Ou seja, para Dürkheim, a religião é a responsável pela coesão social; “sem ela, a sociedade simplesmente não existiria. A religião necessariamente sofre transformações ao longo do tempo e de acordo com a cultura, mas jamais está ausente ou desaparecerá.”²⁸¹

É de se considerar o papel e as funções da religião na sociedade - ainda mais quando se trata de adolescentes infratores - simplesmente por ser uma das instituições que mais atuam paralelamente com o trabalho do Estado – e até mesmo quando ele não dá conta das inúmeras demandas sociais e suas contradições. Quer dizer, as diversas instituições religiosas não pagam impostos por se considerar a relevância e função social que exercem. E investigar como era a rotina familiar envolvendo a questão espiritual e religiosa dos adolescentes da Fase também foi um dos objetivos desta pesquisa, observado a partir do Gráfico 10.

²⁷⁸ GEERTZ, 1989, p. 104-105.

²⁷⁹ CASTORIADIS, 1987, p. 387 apud SCHULTZ, 2005, p. 174.

²⁸⁰ GABATZ, 2017, p. 340 e 352.

²⁸¹ DURKHEIM, 1989, p.477 apud SCHULTZ, 2005, 172.



Gráfico 10 - A rotina familiar envolvendo a questão espiritual e religiosa dos adolescentes da Fase

Fonte: o autor

A religião com mais adeptos envolvendo a família como um todo é a evangélica pentecostal, com 35%; umbanda, com 7% e Luteranos, com 4%. Depois, como aqueles que vão às vezes e finais de semana, ficaram católicos, com 10%; e evangélicos pentecostais, com 7% dos questionados. Além disso, 17% consideraram-se evangélicos que já frequentaram, mas não frequentam mais; e 4% não respondeu.

Assim, a partir das respostas do gráfico 10 é possível a constituição de um novo gráfico (Gráfico 11), separando as pessoas que já frequentaram ou frequentam alguma religião e os que não frequentam ou não responderam.

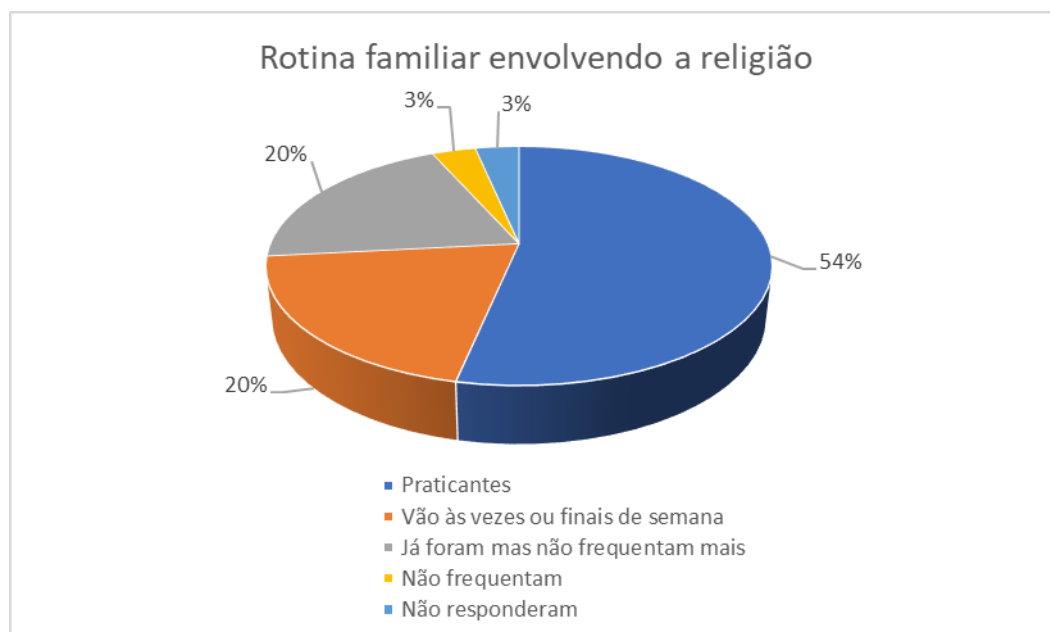


Gráfico 11 - Rotina familiar envolvendo a religião

Fonte: o autor

A partir do Gráfico 11, pôde-se constatar 54% dos adolescentes questionados como aqueles com uma rotina familiar presente, praticante e bastante envolvida com alguma Instituição religiosa. Ficaram em 20% os que vão às vezes ou finais de semana e os que já foram e não frequentam mais. Por último, ficou em 3% os que não frequentam nenhuma religião e os que não responderam. Logo, se somarmos todos que, de alguma forma, tiveram algum contato com alguma instituição religiosa, seriam 94% dos adolescentes questionados.

Retomando a discussão sobre o papel da religião, já no século XIX era motivo de debates e estudos entre pensadores clássicos da Europa como Émile Dürkheim, Max Weber e Karl Marx. Por outro lado, por hora, resolvemos analisar as contribuições de Dürkheim e Weber. Mais especificamente, Celso Gabatz e Jefferson Zeferino, ao analisarem *As contribuições de Émile Durkheim para Compreender a Religião na Contemporaneidade*²⁸², refletem sobre a religião no mundo contemporâneo e suas contradições. Segundo eles,

[...] a concepção entabulada por Émile Dürkheim acerca da religião é sublinhada por uma ideia bastante simples. Ela seria um produto social criado por indivíduos que agem e pensam de forma coletiva, interagindo e

²⁸² GABATZ, Celso. ZEFERINO, Jeferson. As contribuições de Émile Dürkheim para compreender a Religião na Contemporaneidade. **Revista Correlatio**. Vol. 16. n. 2, UESP, 2017, p. 339-355.

estabelecendo condições para que a vida em conjunto continue a existir. [...] Entre as questões suscitadas, segundo a perspectiva delineada por Dürkheim, é preciso destacar que o sagrado encontra-se diretamente vinculado às sociedades. As crenças religiosas seriam representações coletivas.²⁸³

Assim, a relação de Dürkheim com a religião não é uma análise do sagrado a partir de fenômenos sobrenaturais ou transcendentais, mas vinculada a preceitos coletivos, de natureza social. Em outras palavras, se uma religião não causa um impacto em favor da coletividade, ela perde a sua função social.

Dentro desta mesma perspectiva, *Max Weber* também considera a religião

“uma espécie particular de modo de agir em comunidade”, da qual se trata de estudar as condições e os efeitos. Weber não aborda as religiões prioritariamente como sistemas de crenças, mas como “sistemas de regulamentação da vida”, “que souberam reunir em torno de si massas particularmente importantes de fiéis” (SR, 331). A partir disso, Weber vai se interessar pelos comportamentos práticos dos indivíduos e pelo sentido que eles dão a sua conduta, e isso para melhor analisar o conjunto das consequências sociais que seu modo de se comportar acarreta (em sua relação com as diferentes esferas de atividade, particularmente a economia e a política).²⁸⁴

Além disso, a religião vinculada à função coletiva não elimina ou distingue outras formas de se experimentar ou definir religião. Ruben Alves traz uma contribuição importante e requintada sobre religião. Ou seja, conforma Alves,

E fácil identificar, isolar e estudar a religião como o comportamento exótico de grupos sociais restritos e distantes, Mas é necessário reconhecê-la como presença invisível, sutil, disfarçada, que se constitui num dos fios com que se tece o acontecer do nosso cotidiano. A religião está mais próxima de nossa experiência pessoal do que desejamos admitir. O estudo da religião, portanto, longe de ser uma janela que se abre apenas para panoramas externos, é como um espelho em que nos vemos. Aqui a ciência da religião é também ciência de nós mesmos: sapiência, conhecimento saboroso.²⁸⁵

Como a pergunta do questionário gerador do gráfico 11 se referia à rotina familiar envolvendo a religião, outras duas instituições, inevitavelmente, acabam fazendo parte do discurso: a *família* e a *escola*. E como nas histórias dos adolescentes participantes deste estudo, optamos pela breve comparação com as abordagens de Jessé Souza, ao fazer uma análise ao que chama de “*A ralé brasileira: quem é e como*

²⁸³ GABATZ, 2017, p. 340 e 352.

²⁸⁴ HERVIEU-LÉGER, Danièle; WILLAIME, Jean-Paul. (Org.). **Sociologia e Religião**. Abordagens clássicas. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2009, (Max Weber) p. 82.

²⁸⁵ ALVES, Ruben, **O que é Religião**. EDIÇÃO ES LOYOLA, São Paulo, Brasil, 1999, p.13.

vive”²⁸⁶, simplesmente, por haver *pontos de contato* entre a trama de Souza e as histórias dos adolescentes da Fase: *religião* (em sua maioria pentecostal e neopentecostal), *adolescência, delinquência, família e escola*.

Mais especificamente, Jessé Souza apresenta a trajetória de um jovem delinquente. Nesta abordagem, repleta de reflexões sobre as contradições entre o neopentecostalismo e a relação social da grande demanda de seus fiéis, aborda a história de “Carlos” – um jovem fiel da Igreja Universal do Reino de Deus, ex-presidiário e crente.

O interessante é que a trama se inicia por um aspecto antigo e batido no estado de arte de diversas áreas do conhecimento: a família. Como na grande maioria das famílias de baixa renda no Brasil, laços de parentescos fragilizados pelas condições sociais, tendem a uma gama de pessoas à margem da sociedade, vulneráveis socialmente, com suas histórias repetidas em diversas gerações.

Quando os papéis e/ou as referências paternas e maternas se confundem ou simplesmente se anulam, crianças geradas neste contexto perdem a noção da importância de prioridades, de responsabilidades. Ou seja, perdem, por exemplo, o entendimento da importância da escola – de ter uma rotina, uma tarefa doméstica, e por aí em diante. O contexto de crianças soltas ou “jogadas” com os avós, já debilitados, devido aos pais estarem trabalhando, tornam a casa ou família, um lugar não muito agradável.²⁸⁷

A escola, de modo geral, se torna relevante quando a criança experimenta sua casa como um lugar de vivências significativas. Somente essas vivências possibilitarão aquisição de ligações afetivas com a escola, uma vez que as melhores notas sempre são bem-vindas naquele ambiente – fora a falta de prioridade de investimentos em educação, que torna a escola, da mesma forma, um ambiente limitado, depredado, com merenda controlada e professores mal remunerados. Essa fragilidade financeira mais o desgaste e a desesperança, geram condições que

²⁸⁶ SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira**: quem é e como vive. Colaboradores André Grillo - Belo Horizonte: Editora UFMG, (Humanitas). 2009, 483 p.

²⁸⁷ SOUZA, 2009, p. 213.

professores e professoras, em muitos casos, sejam vistos como *infectuosos*²⁸⁸ e impacientes pelos alunos e alunas.²⁸⁹

Segundo Souza, quando a família é ausente, a rua se torna atraente às crianças e adolescentes. E um sentimento imediatista toma conta desses adolescentes a partir das suas vivências diárias, convivendo mais tempo do dia com os amigos da rua. O crescimento de um ideal de viver o agora, o hoje, sem planejamento, se direciona, aos poucos, a um hedonismo que chegará ao seu ápice com a delinquência. Esse contexto social, de ausência de normas, apesar dos discursos constantes de pais e avós, mas com a defasagem entre o discurso e a prática, leva o adolescente à repetência e evasão escolar.²⁹⁰

Esse contexto social, semelhante ao de muitos adolescentes da Fase, e que leva muitos outros adolescentes à delinquência, foi relatado por Jessé Souza, ao tratar da história de Carlos, ao afirmar que:

[...] foi pelos 15 anos que Carlos trocou o videogame pelo baile funk e pelas “cachorras”, a bolinha de gude na rua pelo bate-papo na esquina, e a correria atrás de pipas “laçadas” pela “correria” para passar umas “treta” e descolar um dinheiro. A exclusividade do lúdico na infância transforma-se, com a chegada da adolescência, na exclusividade do hedonismo, um lúdico que já passou pela puberdade. São aquelas mesmas tendências a sentir, pensar e agir focadas na satisfação imediata, cultivadas em Carlos durante a infância, que permanecem aqui, só que agora aplicadas a brincadeiras mais excitantes e mais perigosas: “as cachorras”, as brigas entre “facções”, as drogas, as “correria” da bandidagem.²⁹¹

A maneira como é apresentada a história de Carlos é comum em muitos adolescentes da Fase, que vivenciam experiências semelhantes. Esse contexto social de Carlos é o motivo de crítica de Jessé Souza a respeito da função social da religião, se tratando, especificamente, da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) – mas que também pode ocorrer em contextos de outras denominações. Quer dizer, a IURD, aproveitando-se de uma gama de pessoas com debilidades sociais semelhantes,

²⁸⁸ “que produz ou traz infecção. [Figurado] que deixa mancha ou nódoa”. **DICIONÁRIO Online de Português**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/infectuoso/>. Acesso em: 03 ago. 2020. Apesar do termo etimologicamente ser mais adequado ao contexto das Ciências da Natureza, considero relevante ser inserido no ambiente escolar, pelo simples fato de um professor ou professora ser muito marcante e importante na participação da formação integral das crianças. Os profissionais da saúde, por um erro, podem matar de vez uma pessoa. Uma pessoa docente, conforme o erro, “vai matando aos poucos as pessoas” – como uma infecção que ainda não tem cura. A recuperação requer um tempo muito grande, sem garantia de cura, e com sequelas sociais graves. Quer dizer, se enquadra bem com a trama de Jessé; erros estatais graves que repercutem em erros graves na família, na escola, na igreja – resultando em um contexto social caótico, como uma infecção.

²⁸⁹ SOUZA, 2009, p. 213-215.

²⁹⁰ SOUZA, 2009, p. 216.

²⁹¹ SOUZA, 2009, p. 218.

oferece uma “conversão mágica”, atribuindo problemas sociais a entidades espirituais (encostos) ou a problemas da alma, como ansiedade ou insegurança.²⁹²

Em outras palavras, Jessé questiona uma conversão que exalta como vitoriosa a pessoa que é bem-sucedida apenas financeiramente. Ou seja, uma fé que passa a se tornar a necessidade de contar com a sorte transformadora na virtude do “propósito com Deus”, através da oferta (voto) financeira em rituais da IURD.²⁹³ Esse debate e análise é interessante por a IURD já ser motivo de grandes embates teológicos nas Academias. Assim, em que medida a IURD cumpre a sua função social? O fato de Carlos, como muitas outras pessoas, serem atraídos por uma “experiência” imediatista, repleta de um discurso inclusivista, que não reflete sobre as experiências de vida das pessoas, mas as coloca como vítimas de *entidades*, tem enchido os templos da IURD. Além disso, a recusa em ter que enfrentar a polícia, os rivais de facções ou doenças geradas pelas drogas é objeto de medo da pessoa com essa tendência, não querendo mais ser identificada como delinquente.²⁹⁴

Por outro lado, não se pode esquecer a gama de visões ministeriais dentro do próprio movimento pentecostal e neopentecostal. Há muitas outras igrejas pentecostais e neopentecostais fazendo um excelente trabalho social e espiritual. Quando se fala em “crente” a primeira lembrança que a maioria das pessoas têm é de um ex-presidiário ou ex-prostituta, que se converte e luta contra práticas do seu passado mal vistas pela sociedade; ou pessoas vistas pelo senso comum como insipientes, ou seja, que não conseguem fazer uma leitura da realidade (homens vestindo terno e gravata e mulheres de vestido longo e capelo cumprido). O que se deve lembrar é que crente é toda pessoa que crê em algo. Ou seja, a fé é nata ao ser humano.²⁹⁵ Independe de uma instituição religiosa.²⁹⁶ Todavia, quando se fala em “crente”, o estereótipo construído no imaginário popular, reforçado pelas igrejas pentecostais é de pessoas solidificadas em *costumes e tradições*²⁹⁷, geralmente acompanhadas de um passado repleto de problemas sociais – tendo como último recurso a ajuda divina.

²⁹² SOUZA, 2009, p. 225.

²⁹³ SOUZA, 2009, p. 229.

²⁹⁴ SOUZA, 2009, p. 221-229.

²⁹⁵ ERIKSON, Erik. **Infância e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971. p. 227 a 253.

²⁹⁶ FOWLER, James. **Estágios da fé**. A psicologia do desenvolvimento e a busca de sentido. São Leopoldo: Sinodal, 1992. p. 9 a 40.

²⁹⁷ Identificadas pelas roupas que vestem (homens de terno e mulheres de saia ou vestido); ou pelo cabelo cumprido das mulheres.

Nesse viés, nosso objetivo é fazer algumas aproximações e reflexões sobre o papel da religião – representado pelas igrejas pentecostais – no processo de formação integral do ser humano. Uma coisa é certa: a maneira como a religião atua varia conforme o espaço geográfico, as culturas e as experiências dos povos na história. Países que enfrentaram guerras ou epidemias, por exemplo, como o caso de muitos países europeus – a ponto de serem reconstruídos - lidaram de maneira diferente com suas prioridades como Estados Nação e, por sua vez, com a religião. Outra indagação pertinente é a análise do porquê de tantos países desenvolvidos, com uma Educação de se invejar, aparentem não precisarem tanto de religião. A Educação substitui a Religião? Mesmo parecendo, acredito que não.

Problemas sociais impregnados na cultura brasileira, como o de fazer algo errado quando ninguém está vendo, independem da classe social. É possível observar desvios éticos em todas as classes. Entretanto, desvios que culminam em delitos que se perpetuam em gerações periféricas da sociedade, acabam criando um grupo de pessoas com dificuldades em lidar com suas limitações – como falta de estudo, discriminação racial, de classe, de gênero, entre outros.

Em contextos neoliberais, de descaso com a Educação, através de cortes e falta de investimentos, mais as privatizações e aumento do desemprego e da miséria no Brasil,²⁹⁸ parece que se apegar a Deus pode ser o único meio dessas pessoas conseguirem forças para seguir em frente. Neste sentido, a Religião parece sim cumprir sua função social; ou seja, quando a pessoa praticava crimes e, após a conversão, frequentando as reuniões de determinada instituição religiosa, deixa de delinquir.

Cristina Vital da Cunha, a partir de um viés semelhante ao de Jessé Souza, durante uma pesquisa em favelas do Rio de Janeiro, apresentou os recursos utilizados por lideranças religiosas, para avivar a fé das pessoas e orientá-las na vida em sociedade. Segundo Cunha,

[...] o recurso a imagens ou situações do cotidiano é um meio discursivo rotineiramente acionado por lideranças evangélicas em suas pregações. Usam as imagens do dia a dia como forma de orientar as condutas, de

²⁹⁸ COLL, Liana. **Aumento da miséria extrema, informalidade e desigualdade marcam os dois anos da Reforma Trabalhista:** mudanças trabalhistas de Temer, junto a medidas do governo Bolsonaro, acentuam precariedade no mundo do trabalho, analisam professores Ricardo Antunes e Andréia Galvão. 11 Nov. 2019 | 15:59, HUMANAS. Jornal da Unicamp. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/index.php/ju/noticias/2019/11/11/aumento-da-miseria-extrema-informalidade-e-desigualdade-marcam-os-dois-anos>. Acesso em: 08 ago. 2020, 15:15.

explicar os valores do cristianismo, de lembrar e atualizar a todo encontro o modo de ser do crente evangélico daquela igreja. Assim, a performance religiosa segue recompondo dinâmicas ao mesmo tempo religiosas e sociais, pois reavivam a fé e reafirmam papéis sociais de homens e mulheres, a expectativa social em relação ao crente, entre outros.²⁹⁹

São importantes os termos “*expectativa social em relação ao crente*” e “*reafirmam papéis sociais*”, uma vez que a pessoa dita “crente” seguidamente está em evidência pelos costumes e tradições, como a vestimenta, estilo do cabelo ou a necessidade em deixar clara sua conversão por um testemunho ou chavões evangélicos. Mais especificamente, a expectativa social em relação às pessoas crentes é a de que não podem ter comportamentos que envolvam certos desvios de caráter, como mentir, trair, se vingar, cometer crimes, etc - como se fossem pessoas imunes aos erros solidificados durante toda uma vida contextualizada por contradições sociais.

Assim, a confissão de fé e testemunho de um novo nascimento em Cristo deve ser seguido de uma mudança de vida, que ocorre por um viés também social. Por isso a necessidade em reafirmar papéis sociais, já que a presença de desigualdades sociais são realidade entre fiéis de comunidades carentes. Da mesma forma, essa direção das lideranças não foge do contexto bíblico

Entretanto, as comunidades não apresentam essa realidade. Dificilmente um pastor com formação teológica, branco, de classe média e morador de bairro elitizado terá uma performance duradoura pastoreando uma igreja de comunidade carente ou na favela – a menos que tenha uma história ou vocabulário que estabeleça um vínculo de afeto com aquelas pessoas. Nós nos identificamos com pessoas parecidas conosco. Por isso, uma missionária ex-prostituta na favela, que mudou suas atitudes e passou a viver o que a bíblia aponta como *em novidade de vida*³⁰⁰ terá uma aceitação maior pelos fiéis daquele contexto.

Cristina Vital da Cunha apresenta dados importantes observados em campo, trazendo não só o processo de formação das relações entre evangélicos e traficantes, mas relatos de pessoas que simpatizam com a igreja evangélica na favela. Segundo

²⁹⁹ CUNHA, Cristina Vital da. **Evangélicos em ação nas favelas cariocas**: um estudo socioantropológico sobre redes de proteção, tráfico de drogas e religião no complexo do Acará – 2009. 340f. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 2009, p. 206. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_a043a9b550884dbb3efa6af8600a86da. Acesso em: 06 ago. 2020.

³⁰⁰ ROMANOS 6:4.

Cunha, essas pessoas associam o aumento de templos evangélicos na favela a um tempo novo, orientado pela paz, tranquilidade e a *saída do mal*³⁰¹ daquelas comunidades. Além disso, a relação entre a chegada da igreja evangélica e certo progresso social é muito presente na fala de várias pessoas entrevistadas.³⁰²

O processo de envolvimento entre traficantes e evangélicos é muito criticado e polêmico entre pessoas e entidades de setores conservadores da sociedade. No entanto, a pesquisa de Cunha enfatiza a complexidade e persistência de lideranças evangélicas nesse processo, em que os traficantes passam, inicialmente, a simpatizar com a igreja evangélica na favela – antes da conversão propriamente dita. Ou seja, conforme Cunha,

[...] os traficantes, pela intensa evangelização, pelas missões de evangélicos em sua direção e, muitas vezes, pela identificação com a religião familiar se aproximavam das redes evangélicas para buscar proteção, para oferecer apoio e assim se sentirem colaboradores da obra de Deus! Para além dessa aproximação pontual, observei que, embora não houvesse traficantes que tenham, ao mesmo tempo, assumido a identidade no crime e na igreja, vários integram a rede evangélica de modo mais sistemático, participam semanalmente de cultos e demais atividades da igreja, recebem em suas casas “irmãos na fé”.³⁰³

Quando se vê uma liderança orando por traficantes que estão com suas armas a tiracolo, causa um certo estranhamento e impacto. Contudo, a fala presente entre essas lideranças pentecostais é de que fazem isso pelo simples fato de estarem *obedecendo a Deus*³⁰⁴. Além disso, conforme o trecho citado acima, os traficantes, inicialmente, se identificam com a religião evangélica, não tendo, ao mesmo tempo, assumido a identidade no crime e na igreja. Com isso, ao que parece, há um processo longo até que o delinquente entenda a seriedade da conversão - mesmo existindo

³⁰¹ Segundo Cunha, as pessoas participantes da pesquisa entendem a saída do mal representado pelo aumento do número de igrejas evangélicas a partir do final da década de 1990. Neste período, as imagens associadas às religiões de matriz africanas, aos poucos, foram sendo substituídas por passagens bíblicas pintadas em muros, placas e outdoors da favela. Isso ocorreu devido ao aumento de conversões nas comunidades e, conseqüentemente, o confronto dessas pessoas com a necessidade em desenvolver novos hábitos e condutas em sociedade. (CUNHA, 2009, p.256-276).

³⁰² CUNHA, 2009, p. 280-281.

³⁰³ CUNHA, 2009, p. 284-285.

³⁰⁴ A fala de uma líder missionária da favela de Acari/RJ (e a pesquisa aponta uma superioridade feminina nas igrejas evangélicas) é a seguinte: “É, vêm. Muitos deles [Traficantes] vêm aqui na quinta-feira, nós oramos por eles. Eles pedem: ‘Missionária Conceição, ora por mim’. E a gente ora porque a gente não é chamado pelo homem, a gente é chamado por Deus.” (CUNHA, 2009, p. 210-212).

críticas às pessoas da comunidade que, apesar de se identificarem como evangélicas, apresentam uma defasagem entre o discurso e a prática.³⁰⁵

Assim, o processo de conversão de um traficante é lento e trabalhoso; requer paciência e, quando ocorre, há uma tendência de o traficante abandonar a delinquência – tornando-se um crente ex-traficante - e sair da comunidade onde liderava o tráfico.³⁰⁶ E quanto aos adolescentes da Fase, por sua vez, não é diferente. Mesmo 94% já tendo passado pelo crivo religioso, não significa que a religião não tenha cumprido sua função social – uma vez que o processo de conversão de um jovem delinquente é lento, trabalhoso e abarca uma série de carências em sua formação integral. Antes dos adolescentes da Fase perderem suas liberdades, a religião estava e ainda está nas comunidades, permanece intervindo dentro da Fase (nos cultos religiosos), e permanecerá fora, quando os adolescentes retomarem suas liberdades de ir e vir.

Então, pelo fato de se tratar de uma Tese de doutorado em Teologia, não se pode cair no erro de depositar todos os problemas e defeitos destes jovens a uma falha apenas da religião, mas das demais instituições responsáveis por esta formação – como o Estado, a família e a escola. Assim, quando uma pessoa que apresenta qualquer desvio de caráter a ponto de cometer crimes, e passa pelo crivo religioso (se identificando com o divino), vindo a parar de delinquir por conta e influência da religião, pode-se dizer que, ainda com todas as contradições das instituições religiosas, a religião cumpriu sua função social.

4.4.1 Religiosidade Popular

Tratar da religiosidade popular é um tanto difícil e complexo, tamanha as nuances e misturas de ritos e crenças na diversidade cultural brasileira, que envolve as teias do *imaginário religioso* que constituiu o *inconsciente coletivo*. A dificuldade em mensurar a religiosidade popular é tão evidente que Schultz a considera como uma espécie de *nebulosa*, ou seja

Falar *imaginário religioso* em detrimento de *religião* preserva a ambígua relação do transcendente e do imanente, reconhece que existe algo de religioso que transcende as religiões – muitas vezes forjado a partir delas, mas não necessariamente controlado ou circunscrito a elas. A simultaneidade

³⁰⁵ CUNHA, 2009, p. 203.

³⁰⁶ CUNHA, 2009, p. 278-279.

de piedades, por exemplo: certamente as principais religiões do Brasil não reconhecerão como seu discurso a possibilidade de que uma pessoa possa ser, ao mesmo tempo, espírita e católica ou luterana, embora isso seja uma realidade constante quando se observa o *imaginário religioso*. Assim, ao olhar para o imaginário percebe-se que ele é formado tanto pelas significações teológicas das religiões instituídas – o catolicismo, a umbanda, etc – quanto por uma espécie de **nebulosa** que invade e instrui aquilo que se pensa sobre Deus e que se vive nos ritos e na piedade [...].³⁰⁷

A religiosidade popular se funda, inicialmente, com a chegada dos europeus no Brasil e o choque cultural com os povos originários; a mestiçagem envolvendo o catolicismo ibérico e as religiões das diversas nações indígenas brasileiras. Com a escravidão, as religiões africanas foram ressignificadas a partir do catolicismo – o que ocasionou um primeiro esboço do sincretismo religioso brasileiro. A partir do século XIX o espiritismo europeu e o catolicismo romanizado chegaram com nova roupagem à nebulosa religiosidade brasileira.^{308 309}

Entre fins do século XIX e meados do século XX, é a vez do movimento pentecostal e neopentecostal fazer parte da constituição dessa nova identidade que faz parte do imaginário religioso e, por sua vez, da religiosidade popular do Brasil. Mais especificamente, o movimento de expansão neopentecostal surge paralelamente com a vinda de igrejas históricas (Batistas) do sul dos EUA. Além disso, há todo um debate, envolvendo esta questão, que relaciona o racismo religioso à uma parcela neopentecostal. Não foram os neopentecostais que propagaram o racismo religioso, mas o próprio processo de conversão em massa das comunidades carentes e a repressão policial constituíra um senso comum que passa a discriminar tradições religiosas afro-brasileiras.

Com o fim da escravidão (1888), não houve no Brasil políticas públicas sérias preocupadas em inserir o negro na sociedade como pessoa digna, como pessoa cidadã. Passaram a ocupar as encostas dos morros, ficando à *margem da sociedade*³¹⁰. Esse fato histórico deu origem ao que conhecemos vulgarmente como favelas, comunidades carentes ou vilas. Hoje, no Rio de Janeiro, há quase mil e cem favelas em constante conflito entre traficantes e policiais. Além disso, devemos lembrar que o início dessas comunidades era marcado maciçamente pela presença

³⁰⁷ SCHULTZ, 2005, p. 193.

³⁰⁸ FILHO, José Bittencourt. **A Matriz Religiosa Brasileira: religiosidade e mudança social**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes; Petrópolis: Rio de Janeiro: Koinonia, 2003, p. 41.

³⁰⁹ SCHULTZ, 2005, p. 194.

³¹⁰ O termo à *margem da sociedade* ou *marginal* foi muito utilizado para descrever pessoas de comunidades carentes na década de 1990. Atualmente, utiliza-se com mais frequência o termo pessoas em estado de *vulnerabilidade social* ou *extrema pobreza*.

de *tradições religiosas de matriz africana*³¹¹, como a *Umbanda* e *Candomblé*. Porém, com a expansão neopentecostal, essa realidade vem sofrendo alterações.³¹²

O abandono da tradição religiosa originária de uma determinada cultura pela conversão em outra (como ao cristianismo), além de ter sido presente entre indígenas, foi presente entre os negros em diferentes territórios e épocas. Os indígenas, evangelizados pelos padres jesuítas, passam a ter medo de andar na mata à noite, pelo fato de haver satanás e seus demônios na escuridão da selva.³¹³ Os negros, quando ainda tinham o batuque e a capoeira nas senzalas – também como instrumento cultural e de resistência – enfrentam uma transformação cultural e religiosa quando se deparam com outras tradições religiosas, como o Islamismo (ainda no contexto africano) e o cristianismo na América pós-escravidão.

Os dados apresentam que 64% dos adolescentes questionados consideram-se pertencentes à igreja evangélica pentecostal e/ou neopentecostal, mesmo havendo uma maioria parda ou negra nos presídios brasileiros. Quanto a isso, é pertinente a reflexão sobre esse processo expansionista. Quer dizer, um fato intrigante é nos questionarmos do porquê de os negros convertidos ao cristianismo no sul dos EUA³¹⁴ não partirem para uma obra missionária de expansão do evangelho. Ou seja, porque o movimento missionário neopentecostal é, em grande maioria, branco? O movimento missionário pentecostal de 1911 teve uma significativa presença preta. Mas a onda

³¹¹ As religiões afro-brasileiras recebem nomes diferentes dependendo do lugar e do modelo de seus ritos. No Nordeste há o tambor-de-mina maranhense, o Xangô pernambucano e o Candomblé baiano. No Rio de Janeiro e São Paulo prevalecem a Umbanda e Candomblé; e no Sul, o Batuque gaúcho. Atualmente, a presença de tais religiões é mais dinâmica, presente em diferentes partes do território brasileiro.

³¹² CUNHA, Cristina Vital da. **Evangélicos em ação nas favelas cariocas: um estudo socioantropológico sobre redes de proteção, tráfico de drogas e religião no complexo do Acará** – 2009. 340f. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 2009, p. 269-270. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_a043a9b550884dbb3efa6af8600a86da. Acesso em: 10 Fev. 2022.

³¹³ DOMINGUES, Beatriz Helena. **As missões jesuítas entre os guaranis no contexto da Ilustração**. HISTÓRIA, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 44-69, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/znv4fFBMQX6r7JYqxZbpPYR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 fev. 2022.

³¹⁴ Não havia um interesse preto em expandir o evangelho com um movimento missionário por não compactuarem com os ideais expansionistas dos conservadores do sul dos EUA. Essas pessoas negras preferiram sobreviver ao sistema que até hoje as oprime, como é o caso da segregação social. Esses pretos passam a construir Igrejas, Escolas e Universidades destinada aos negros, como forma de sobrevivência ao racismo estrutural. (LUCAS, Cleber. **O Canto Forasteiro**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2021 (Live). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CR4rW0ApWWMF/>. Acesso em: 11 fev. 2022).

missionária de *igrejas históricas do sul dos EUA*³¹⁵, pós-guerra de secessão (1863), é marcada quando os republicanos conservadores americanos, derrotados pelo resultado da guerra e quebrados financeiramente, vêm para o Brasil reconstruir fortuna. Essa onda missionária, juntamente com os que chegariam na década de 1970³¹⁶ (neopentecostal) foi repleta por pessoas brancas, de direita e conservadoras; favoráveis à escravidão e com ideais voltados à intolerância religiosa sustentadas por um racismo estrutural e, no caso das religiões de matriz africana, *Afroteofobia*³¹⁷.

A complexa matriz religiosa brasileira, que acaba moldando a religiosidade popular, passa por uma transição econômica, cultural e política no Brasil pós-redemocratização - na qual o fator religioso não pode ser deixado de lado. Esta questão é bem descrita por José Bittencourt Filho, quando afirma que:

³¹⁵ O Sul agrário dos EUA é marcado pelo conservadorismo republicano e pela repressão aos pretos. É importante lembrar que todos os revolucionários da Revolução Americana tinham escravos. Pastores, missionários e juntas de missões tinham escravos. A Assembleia de 1845, na Geórgia, aponta a reivindicação dos pastores e missionários: “- Queremos nossos escravos! Deus nos deu nossos escravos! Está escrito na Bíblia!”. A partir de 1863, quando vêm para o Brasil, os relatos mudam: “-Aqui temos escravos, pacíficos”. Lembremos que, nesse tempo, vivíamos no Brasil a meta imperial de embranquecimento do Brasil em cem anos. Além disso, Generais Batistas do Sul dos EUA, vinculados à Maçonaria, farão alianças com o Império Brasileiro e, posteriormente, com membros da República Velha. Havia lojas maçônicas com nomes de pastores Batistas (LUCAS, 2021).

³¹⁶ A partir da década de 1970, mais especificamente 1977, chega ao Brasil uma nova onda missionária conservadora oriunda do Canadá (movimento “Nova Vida”) e missionários neopentecostais do sul dos EUA, conservadores, brancos e republicanos. Essa vertente é apoiadora do ex-presidente Donald Trump e até hoje celebram a “Festa dos confederados”, um movimento contrário ao fim da escravidão (LUCAS, 2021).

³¹⁷ “O termo foi criado pelo professor Jayro Pereira de Jesus para definir a relação que existe entre o racismo e a intolerância religiosa quando se trata das tradições de matriz africana. Define que as tradições de matriz africana não sofrem apenas com a intolerância religiosa, mas também com o racismo devido a origem racial da geocultura dessa espiritualidade. Outro termo empregado no mesmo sentido é racismo religioso, desenvolvido pelo advogado paulista, doutor em Direito Constitucional e ogan de candomblé Hédio da Silva Júnior. Entretanto, preferimos o termo afroteofobia à racismo religioso devido à dificuldade no entendimento por parte dos vivenciadores brancos. Segundo dados do Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, pouco mais de 51 por cento das pessoas que se identificaram como afroreligiosos, também se autodeclararam brancos. Por não sofrerem com o racismo pela cor da pele, muitos adeptos brancos não se sensibilizam pela luta antirracista e acabam por negar a existência do racismo religioso por não compreender bem o termo. Já o termo afroteofobia deixa bem claro essa questão.” (SILVEIRA, Hendrix Alessandro Anzorena. **Afroteologia: construindo uma teologia das tradições de matriz africana**. Tese (doutorado) – Faculdades Est. Programa de Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo, 2019, p.25. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/1017/1/silveira_haa_td196.pdf. Acesso em: 07 Fev. 2022). Estudos recentes apontam uma resistência à Antropologia como área do conhecimento responsável por se apropriar desta temática – como é o caso dos estudos do Dr. Hendrix Silveira, que procura se utilizar da teologia, acrescentando o termo “afro” na frente de teologia (*Afroteologia*) para designar a singularidade deste conceito. Hendrix Silveira, ao tratar do conceito Afroteologia, afirma que, “ao contrário da cultura Ocidental que se propõe uma práxis cotidiana a partir das considerações religiosas e teológicas, a Afroteologia é uma Teologia da Vivência, ou seja, a reflexão afroteológica é a posteriori; é da vivência nas comunidades tradicionais de terreiro que surge a afroteologia” (SILVEIRA, 2019, p.25).

No contexto da globalização, a situação brasileira é emblemática: temos o mago (Paulo Coelho) mais lindo do planeta; exportamos a Assembleia de Deus para Moscou, a Igreja Universal do Reino de Deus para Paris, e a Umbanda para o Cone Sul. Tudo isso sem contar o **mosaico religioso altamente complexo**, constituído pelas propostas e pelas sínteses religiosas mais inusitadas e a par disso, um apetite cada vez mais voraz das religiões institucionalizadas por fatias do poder estatal no País (e no Continente). Estaríamos assistindo à configuração de uma nova 'cristandade terceiro-mundista'? O mais importante é que **o indivíduo tem tomado para si a tarefa de moldar a própria síntese**, isto é, construir a sua **religiosidade privada**, com **elementos oriundos de diferentes experiências religiosas**, mesmo contraditórias.³¹⁸

Quando Filho considera que o indivíduo tem tomado para si a tarefa de moldar a própria síntese, ou seja, a sua religiosidade privada, com elementos oriundos de diferentes experiências religiosas, mesmo contraditórias, é justamente a sensação que se tem quando se observa as religiosidades dos adolescentes da Fase: cristãos que vão tomar passe na terreira; que não oram às entidades da Umbanda e sim a Deus; jovens que acreditam em tatuagens como amuletos; ou que consideram estar na Fase por ter esquecido de colocar a guia do batuque no dia em que caiu preso.

Além da constituição de uma religiosidade própria (privada) é possível observar, durante o processo, isto é, durante a medida socioeducativa, o auxílio da fé (vinculada a diferentes experiências religiosas) no desenvolvimento da resiliência. Assim, fé (experiências religiosas) e resiliência podem servir na hipótese de uma religiosidade singular, quando se pensa nas diferentes experiências religiosas, mesmo contraditórias, envolvendo estes adolescentes.

O Gráfico 12 apresenta o entendimento dos adolescentes sobre Deus ou Sagrado (teve que ser acrescentado na pergunta a expressão *aquilo que é poderoso, bom e sobrenatural*, para auxiliar no entendimento deles). As respostas estão relacionadas à religiosidade popular, isto é, chavões reproduzidos em igrejas cristãs. Então, ao que parece, não lhes faltou entendimento *do que é Deus*³¹⁹ e sim encontrar em suas experiências com o Sagrado uma saída que fosse significativa a ponto de, diante das adversidades e contradições socioculturais, encontrar maneiras que os impedissem de cometer algum ato infracional. Mas durante o convívio com os

³¹⁸ FILHO, 2003, p. 31-32.

³¹⁹ Um Deus bem singular à percepção sociocultural: um Deus que é brasileiro. (MUSSKOPF, André Sidnei. **Deus é brasileiro!** Mas que brasileiro? Gênero e religião nas artes. Portal Metodista de periódicos científicos e acadêmicos. Universidade Metodista de São Paulo. V.15, n.15, 2009, p. 26. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/view/677/678>. Acesso em: 01 dez. 2023).

adolescentes da Fase é possível observar que o desenvolvimento da resiliência ocorre, lentamente, e no tempo de cada adolescente.

Além disso, deve-se lembrar o fato de os adolescentes serem pessoas em desenvolvimento, e que, os adolescentes da Fase, mais que quaisquer outros, precisam desenvolver a *resiliência*³²⁰. E a fé em si (seja em pessoas de referência ou a partir de experiências religiosas) pode ser chave no desenvolvimento das capacidades de resiliência em adolescentes e jovens.³²¹

As respostas dos adolescentes no gráfico 12 estão fortemente relacionadas as suas experiências religiosas, vinculadas a religiosidade popular – tão presentes na cultura popular e nas realidades cotidianas das pessoas.

³²⁰ “A resiliência, entendida como a capacidade de superar as situações adversas, é um esforço do ser humano de todos os tempos. As contribuições de Freud e a psicanálise, especialmente os estudos do inconsciente e do desenvolvimento psicosssexual, ajudaram a pesquisar a vulnerabilidade do ser humano, os efeitos negativos e as repercussões traumáticas após certos fatores adversos ou situações críticas, abrindo espaço a análise das possibilidades ou não terapêuticas. Nas últimas décadas, porém, alguns pesquisadores observaram indivíduos e grupos que, sendo expostos a situações traumáticas, pessoais, familiares e sociais, conseguiam desenvolver-se bem e continuar crescendo, apesar desses acontecimentos adversos. Até observou-se que algumas crianças, adolescentes e adultos, não só são capazes de continuar projetando-se no futuro, mas também de aprender e sair fortalecidos com as adversidades ou situações traumáticas. O paradigma da resiliência, sem desconhecer a relevância dos estudos anteriores, propõe uma mudança de ótica, centrando a observação nas capacidades, dos indivíduos e grupos, de resistir e refazer-se após experiências de grandes sofrimentos. Em lugar de focar a observação nas fraquezas, sintomas, doenças, carências, tenta-se descobrir quais são os chamados “fatores de proteção” e os “pilares de resiliência”, isto é, as forças positivas do ambiente circundante e as capacidades pessoais para reagir e superar as adversidades da vida, a fim de fomentá-las e promovê-las.” LARROSA, Susana María Rocca. **A fé parece ser uma chave no desenvolvimento das capacidades de resiliência**. IHU On-line (Revista do Instituto Humanitas Unisinos), Edição 241 | 29 outubro 2007, p.01. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/1429-susana-rocca-2>. Acesso em: 15 Abr. 2023.

³²¹ “Em primeiro lugar, se destaca o papel de uma ou mais figuras significativas que garantem uma acolhida e aceitação incondicional. Este fator de proteção é válido para toda idade e cultura. Ter pessoas de confiança com quem pode contar, ter um entorno favorável, assim como uma rede de apoio à qual recorrer, são fatores que propiciam proteção (família, instituição educativa, organizações sociais, políticas ou religiosas). Olhando para a América Latina, para promover a resiliência, faltam ainda políticas públicas suficientes que contemplem as necessidades da juventude, começando pelas necessidades físicas básicas. Dentre as aptidões ou qualidades pessoais que podem ser consideradas pilares de resiliência, podemos citar: a necessidade de ter uma boa autoestima; a capacidade de sociabilidade e estabelecimento de vínculos; assumir responsabilidades suficientemente claras, elevadas e compatíveis com a situação desse ou desses jovens; o protagonismo, a iniciativa e a criatividade para resolver situações adversas; o senso de humor, e a importância fundamental do sentido da vida vinculado à elaboração de um projeto de vida, ou a vida espiritual ou religiosa” (LARROSA, 2007, p.02).

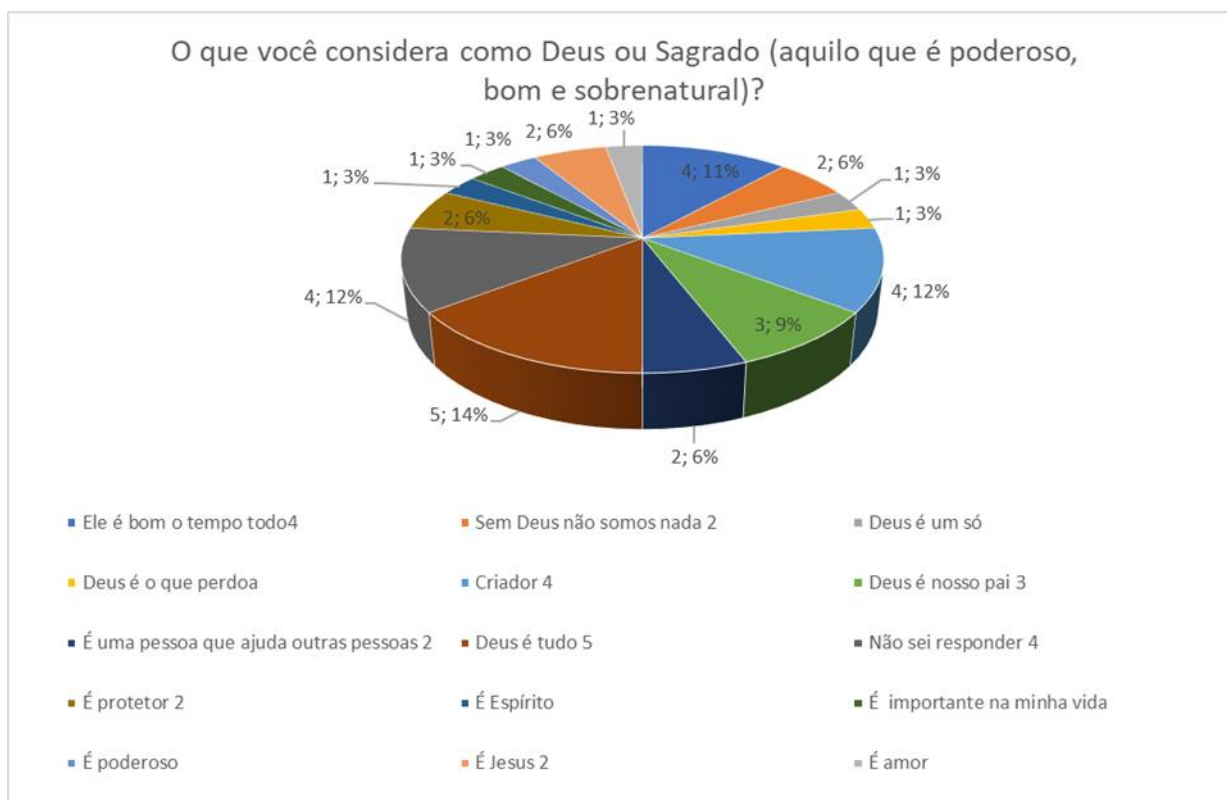


Gráfico 12 - Aquilo que consideram como Deus e Sagrado

Fonte: o autor

Ainda observando o gráfico 12, ficaram em 12% as respostas *Ele é bom o tempo todo* e 6%, respostas que apontam Deus como: *Jesus; uma pessoa que ajuda outras pessoas; protetor*, e que *sem Deus não somos nada*. Além disso, 3% das respostas entenderam Deus como: *o que perdoa; o que é amor; o que é espírito; o que é poderoso; o que é um só; e aquele que é importante na minha vida*. As respostas que identificaram Deus como sendo *nosso pai*, com 9% das respostas, são muito significativas, à medida que os adolescentes, em sua grande maioria, não têm o nome do pai no registro de nascimento, sem contar a questão de não terem conhecido o pai, ou não terem mais contato com o pai há muito tempo. Isso nos revela a hipótese de depositarem em Deus a carência da referência paterna em suas vidas. Aliás, muitas pessoas têm dificuldades em representar Deus como aquele que é Pai, justamente por isso: pela falta da presença e da referência paterna durante a infância e adolescência. Ficaram em 12% as respostas *não sei responder* e que apontam *Deus como o Criador*.

Não é por acaso a percepção e a maneira como os adolescentes da Fase definem Deus. O movimento missionário pentecostal e neopentecostal se expande

fisicamente, com a implantação de igrejas em favelas e comunidades, bem com virtualmente, com a sociedade de massa. Como se fosse uma espécie de “profeta”, José Bittencourt Filho explica este processo:

Desde a eleição de Fernando Collor, a participação de pentecostais na política institucional dos municípios, nos estados e no plano federal tende a consolidar-se. Os pentecostais continuam votando nos ‘seus’ candidatos, consoante a uma postura de defesa dos interesses corporativos. As lideranças incentivam essa postura, pois sabem que isso bem pode redundar na aquisição de concessões de emissoras de rádio e de televisão, terrenos para a construção de templos e prédios adjacentes e outras formas de acumulação patrimonial. Assim, o círculo se fecha: quanto mais patrimônio, mais canais de comunicação com as massas, maior possibilidade destes de formar opinião, mais prestígio, mais poder e melhores condições de barganha política. [...] Dessa maneira, realimentam as tendências reducionistas, utilitaristas e mágicas, enraizando ainda mais o confinamento da religião em nível subjetivo – fenômeno considerado típico destes tempos pós-modernos.³²²

Com isso, a conversão em massa, também descrita com o termo “avivamento”, ocorre a partir da *mediatização da religião*. A linguagem própria e a “lógica econômica que a caracterizam, já é a maior fonte de informações sobre a religião. Os shows-missas e os shows gospel, as transmissões sobre o Papa e sobre festas religiosas são as formas explícitas.”³²³

4.4.2 Religiosidades nas tatuagens dos entrevistados

Durante o primeiro capítulo, a tentação que se tinha durante a descrição etnográfica era apresentar as tatuagens presentes nas narrativas. Agora, por sua vez, será possível observar as tatuagens com a visão dos próprios adolescentes, dialogando com alguns autores. O primeiro adolescente digno de uma exposição da sua tatuagem é o jovem Elton. Tinha uma tatuagem da *nossa senhora* (Santa Católica) no braço direito, (conforme Figura 10) e uma *rosa dos ventos* no antebraço esquerdo. O jovem, católico praticante, relatou sempre frequentar as missas com a família; mas que agora frequenta às vezes e nos finais de semana. Disse que Deus é que o ajuda e que está sempre com ele. Quanto as suas tatuagens, relatou que a tatuagem da

³²² FILHO, 2003, p. 36-37.

³²³ MOREIRA, Alberto da Silva. O deslocamento do religioso na sociedade contemporânea. **Estudos de Religião**, Ano XXII, n. 34, 70-83, jan/jun. 2008, p.73. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6342560>. Acesso em: 23 nov. 2023.

santa nossa senhora é muito importante para ele, não só pelo símbolo da santa, mas que *fez a tatuagem para lembrar do avô já falecido, que tinha uma igual.*



Figura 10 - Jovem Elton com a tatuagem da Nossa senhora

Fonte: o autor

Apesar da tatuagem da *nossa senhora* fazer parte da crença do adolescente e de fazer parte do imaginário religioso e da religiosidade popular, o jovem tatua com a intenção de homenagear e lembrar da memória do avô. Apresenta uma forma de memória afetiva, formada por sentimentos capazes de conectar as pessoas ao passado e ao presente.³²⁴ Quando o jovem olha para a tatuagem, é como se pudesse acionar um gatilho capaz de acessar seu avô novamente.³²⁵

Além disso, segundo Déa³²⁶,

³²⁴ PROVESANO, Felipe Bonfante. **A memória afetiva na tatuagem**: análise da representação de pessoas. Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Publicidade e Propaganda, da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. ANIMA Educação. 2021, p. 13. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/20502/1/mem%c3%b3ria%20afetiva%20na%20tatuagem.pdf>. Acesso em: 29 out. 2023.

³²⁵ PROVESANO, 2021, p. 13-14.

³²⁶ “O artigo retrata as diversas possibilidades de se ler a linguagem pictórica da tatuagem, especialmente religiosa, em um mundo que encarcerou a religião privada como única forma legítima de se manifestar. Ao ser inscrita na pele a tatuagem age como forma privada de manifestação pública, dá visibilidade a um evento que não pode deixar de ser visto, já que o vestir e o desvestir do corpo é uma forma legítima não só de sedução, mas também de manifestação do ser corporal

Conversando informalmente com tatuadores no interior de São Paulo, descobri que **o que mais se inscreve em uma pele tem sido a imagem da Virgem Maria**, sob diversas expressões. Jesus vindo em segundo lugar. O fato, que precisa ser mais bem investigado, **pode expressar quanto a figura de Maria, mãe de Jesus, é popular entre os católicos. E pode expressar também formas de canalização de dependência com a figura materna, prefigurada na figura de Maria**. Sob um ponto de vista estritamente pessoal, arriscaria dizer que tatuar a figura de Maria na própria pele acaba numa reivindicação implícita (por parte do tatuado) de ser Jesus ou, de alguma forma, se equiparar a ele, mesmo que seja na forma de um super-herói.³²⁷

Neste mesmo caminho, ou seja, do acesso a entes queridos através da tatuagem como gatilho para afetividade e religiosidade, da mesma forma, encontra-se Djoni, que tinha tatuagens de *diamante com uma coroa e as palavras pai e mãe* (Figura 11), uma *mão com o terço e a pomba do Espírito Santo* (Figura 12 e 13), um *palhaço* e um *cifrão* de dinheiro. O contexto familiar envolvendo a religião era relacionado ao contexto evangélico, quando congregava com a mãe, de vez em quando. Sua esposa era da umbanda e Djoni não frequentava com ela. “- *O cara não tem nada contra, mas é a dela e não a minha. Eu participava dos culto aqui*”³²⁸, falou meio que não aprovando muito que a esposa era de uma religião de matriz africana.

Conforme o jovem, sua relação com Deus envolve a participação nos cultos dentro da Fase e através da oração. Suas tatuagens da pomba do Espírito Santo e do terço, as quais pesquisou no google para que o atuator as fizesse, não representam para ele um amuleto de proteção, mas uma forma de homenagem a Deus – da mesma forma que o diamante e a coroa servem para homenagear seus pais.

Tatuagens relacionadas ao afeto (como na Figura 11), não se tratam apenas de amores aos pais, mas a amores românticos e de laços entre casais. Envolve uma gama de representações e tatuagens, ou seja, “tatuar a mãe, a puta, o(a) esposo(a), a(o) irmã(o), amantes, enamoradas(os), diz respeito à polissemia do amor.”³²⁹

como interior (religião) e como exterior (pele). Um sentimento religioso que – embora difuso – acaba se manifestando como bandeira de visibilidade pública e não conflituosa em uma sociedade em que a visibilidade religiosa é quase sempre polêmica e conflituosa. ” (DÉA, Paulo F. Dalla. **Sobre a Linguagem religiosa da Tatuagem**. In: Linguagem, discurso e religião: diálogos e interfaces. Julia Cristina de L. Costa; Pedro Farias Francelino [Orgs.] Linguagem, discurso e religião: diálogos e interfaces. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, p. 49. Disponível em: <https://pedroejoaeditores.com.br/2022/wp-content/uploads/2022/05/Linguagem-discurso-e-religiao-1.pdf#page=50>. Acesso em: 19 nov. 2023).

³²⁷ DÉA, 2022, p. 53.

³²⁸ Resposta nº 05 de Djoni, durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

³²⁹ JEHA, 2019, p.320.



Figura 11 - Diamante com coroa representando homenagem (afeto) aos pais

Fonte: o autor



Figura 12 - A mão com o terço e o pombo representando o Espírito Santo

Fonte: o autor

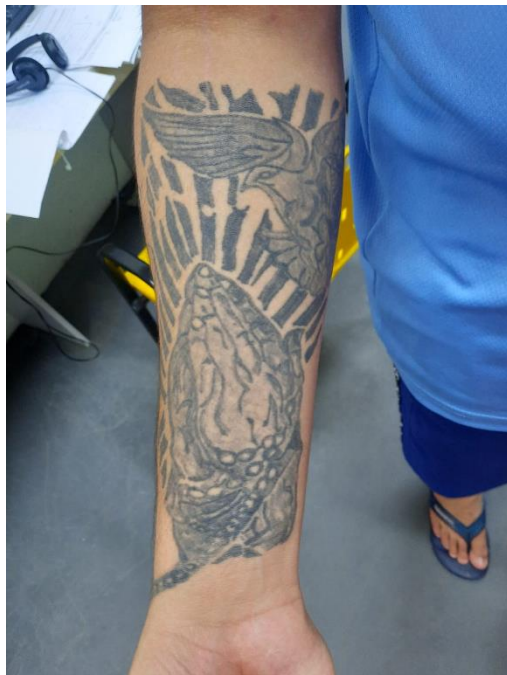


Figura 13 - Tatuagem da cruz junto do terço

Fonte: o autor

Quanto às tatuagens do terço (rosário) e das mãos em oração (figuras 12 e 13), Toscan faz a seguinte observação:

Comumente chama-se de Terço. Porém, o terço pertence ao Rosário, o qual é utilizado pelos católicos e, com denominações diferentes, em outras religiões. O nome rosário deriva de Rosa, e essa remete a Virgem Maria pela sua pureza. Assim, **as tatuagens do Rosário com a cruz na ponta nos fazem concluir que a pessoa que as escolheu é católico e também pode ser devoto de Maria.** [...] o Rosário está em conjunto com as mãos e seguido de um nome. As mãos estão em posição de oração, o que por si só gera outra interpretação. Juntar as mãos é um ato antigo de se posicionar em oração. Porém, para os devotos, esse ato está destinado à oração, às súplicas e à piedade. As mãos unidas recordam também o gesto antigo de atar ou amarrar as mãos dos prisioneiros, sendo por isso que os martirizados caminhavam com as mãos unidas na hora do sacrifício, em oração e entrega. **A união, nessa tatuagem, das mãos em oração com o terço nos indica devoção, súplica e piedade.**³³⁰

³³⁰ TOSCAN, Márcia. **O corpo indelével: tatuagens em presidiários.** Universidade Fernando Pessoa (Tese de Doutoramento). Porto: 2021, p. 140-141. Disponível em: <https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/10930>. Acesso em: 20 nov. 2023.

Da mesma forma, a tatuagem de pomba (Figura 13), além de representar o Espírito Santo, é popularmente associada à paz e à renovação espiritual.³³¹

O próximo adolescente, chamado Deivid, tinha bastantes tatuagens: tinha do *tio patinhas*; uma com o *nome da filha e da mãe*; uma dos *irmãos metralha*; uma do *grêmio*; uma de *letra de música*; uma *coruja* no pescoço (figura 14); uma com a palavra *família*; e uma frase religiosa no braço: “*A luz que me guia é mais forte que os olhos que me cercam*” (figuras 15 e 16), e logo abaixo da frase, havia a tatuagem de uma *cruz* (figura 14). O adolescente preferiu deixar claro que seu pai não era religioso, mas que frequentava a igreja Luterana com sua mãe durante a infância. Relatou que Deus, para ele, é tudo; o todo poderoso, maior de todas as divindades. Além disso, de todas as suas tatuagens, considerou sagrado em sua vida a tatuagem da coruja, pois, segundo seu entendimento, simbolizar a sabedoria.



Figura 14 - Coruja (sabedoria) e Cruz

Fonte: O autor

³³¹ Disponível

em:
https://www.google.de/search?q=significado+da+pomba+do+esp%C3%ADrito+santo+em+tatuagem&sca_esv=584265682&sxsr=AM9HkKm1Wh_Mdz6nLMAeGHFu7WMQj_5vug%3A1700566804475&ei=FJdcZeW9HN_21sQPIq-jsAc&ved=0ahUKEwjll7CCgdWCAxVfu5UCHZbXCHYQ4dUDCBE&uact=5&oq=significado+da+pomba+do+esp%C3%ADrito+santo+em+tatuagem&gs_lp=Egxnd3Mtd2l6LXNlcniM3NpZ25pZmljYWRvIGRhlHBvbWJhIGRvIGVzcMOtcmI0byBzYW50byBlbSB0YXR1YWdlbTIEECMYJ0jvP1D1DViwNXABeACQAQCYAb4BoAHIFaoBBDAuMTm4AQPIAQD4AQHCAgoQABhHGNYEGLADwglIECEY0AEYwwTCAgoQIRigARjDBBgKwglHECMYsAIYJ-IDBBgAIEGIBgGQBgg&scient=gws-wiz-serp

Em relação as suas tatuagens e o que simbolizam para o jovem Deivid, mesmo durante a aplicação do questionário ter considerado como sagrada em sua vida a tatuagem da coruja, por simbolizar a sabedoria, durante a entrevista, ficou em evidência a tatuagem da frase religiosa. Quando perguntei o porquê de tatuar a frase “*A luz que me guia é mais forte que os olhos que me cercam*” (Figuras 15 e 16), respondeu:

Achei que é o que acontece no dia a dia, na vida das pessoas hoje. Várias pessoas assim na volta do cara. Não desejam assim o bem da pessoa, sabe seu? A coisa mais forte vai proteger sempre. Gostei dessa frase: ‘*A luz que me guia é mais forte que os olhos que me cercam*’.³³²

Durante nossa conversa, quando o questionei se a referida frase fora feita com a intenção de homenagear Deus, o jovem disse que não. Ou seja, que era por uma questão de se sentir protegido por Deus, acreditando que, com aquela inscrição na pele, Deus sempre estaria com ele.

Apesar de a coruja possuir uma série de significados, como a sabedoria, o conhecimento (símbolo do magistério) e o misticismo,³³³ Silva e Passos se utilizam da guerra entre Atenas e Samos, para lembrar que os cativos atenienses eram marcados com um navio de guerra na testa e os de Samos com uma *coruja*, lembrando que “*marcas no corpo eram utilizadas como forma de identificar seus escravos. De forma semelhante, na guerra das facções criminosas é possível encontrar marcas de pertencimento.*”³³⁴

³³² Resposta nº 22 de Deivid durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

³³³ “A coruja simboliza a reflexão, o conhecimento racional e intuitivo. Na mitologia grega, Athena, a deusa da sabedoria, tinha a coruja como símbolo. A palavra inglesa para definir coruja é *owl*. Os gregos consideravam a noite o momento propício para o pensamento filosófico. Pela sua característica de animal notívago (noturno), era vista pelos gregos como símbolo da busca pelo conhecimento. Enquanto todos dormem a coruja fica acordada, com os olhos arregalados, vigilante e atenta aos barulhos da noite. Por isso, representa para muitas culturas uma poderosa e profunda conhecedora do oculto. A coruja tem a particularidade de conseguir girar o pescoço em até 270° para observar algo ao seu redor, permanecendo com o resto do corpo sem o menor movimento. A grande capacidade de visão e audição torna as corujas exímias caçadoras. Em muitas culturas indígenas, a coruja, devido também ao seu caráter noturno e discreto, é considerado como um animal que se encontra em contato direto com deuses e espíritos. É por isso que uma tatuagem de coruja também pode significar sua conexão com o mundo espiritual, servindo como guia para manter este vínculo em sua vida diária.” (REVISTA BRUTUS, **Significado da tatuagem de coruja**. Disponível em: <https://www.revistabrutus.com.br/significado-da-tatuagem-de-coruja/>. Acesso em: 21 nov. 2023).

³³⁴ SILVA, Gilberto Lúcio da; PASSOS, Maria Consuelo. Um lugar para chamar de seu: uso de tatuagens por adolescentes em programas socioeducativos. **Estudos de Psicanálise** | Belo Horizonte-MG | n. 46 | p. 67–76 | dezembro/2016, p. 68. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n46/n46a07.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2023.



Figura 15 - Frase religiosa e a cruz

Fonte: O autor



Figura 16 - Frase religiosa e a cruz

Fonte: o Autor

A frase “*A luz que me guia é mais forte que os olhos que me cercam*”, apesar de poucas referências acadêmicas, é muito popular nas redes sociais, incluindo o TikTok. Há muitas pessoas tatuando essa frase. E pela *forma como é interpretada*,³³⁵ parece típica de uma religiosidade popular, difícil de mensurar, podendo incluir muitas confessionalidades, espiritualidades ou filosofias de vida; e não vinculada a uma instituição oficializada. Quanto à tatuagem com o símbolo da *cruz*, segundo Jeha destaca que,

[...] **não é exclusivo da religião cristã**. Ele **também faz parte da religiosidade dos povos** habitantes das regiões do reino **do Congo** e adjacentes, e da macrorregião denominada **Angola**. A marca de cruz em indivíduos da África central, e depois em seus descendentes nascidos no Brasil e na África, tem uma série de significados. **É um dos símbolos mais usados nas tatuagens feitas pelas classes populares** – negras e brancas, escravizadas e livres – durante e depois do período escravista. **A cruz é encruzilhada de cultos cristãos e centro-africanos**.³³⁶

Outra tatuagem interessante foi a do adolescente Pedro, que tinha apenas uma tatuagem de *um anjo com uma metralhadora em uma mão e um saco de dinheiro em outra* (figura 17).

³³⁵ “Essas palavras refletem a crença de que, independentemente dos desafios e julgamentos que possamos enfrentar, a nossa própria intuição e força interior são as maiores fontes de orientação. Muitas vezes, a opinião dos outros pode nos influenciar, mas essa tatuagem nos lembra que a nossa luz interior é mais poderosa do que qualquer coisa que venha de fora. É um lembrete constante para confiarmos em nós mesmos e seguirmos nosso próprio caminho, independentemente das situações.” (RENATO, Kelvin. **Tatuagem, Significado, Força Interior**. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@kelvinsbarber/video/7276970715461471493>. Acesso em: 21 nov. 2023).

³³⁶ JEHA, 2019, p. 280-281.



Figura 17 - Anjo com saco de dinheiro e metralhadora

Fonte: o autor

Pedro, durante a infância, sempre frequentava as reuniões em cultos evangélicos com a mãe. Fez a seguinte afirmação: “-Nós ia na igreja e, de vez enquando, no candomblé, sabe? como ela ia nos dois, eu ia junto. Eu ia nos cultos na evangélica e no candomblé minha mãe pagava pra jogá e vê o futuro. E ia pra se benzê, sabe?”³³⁷. Pedro, inicialmente, tinha interesse nos cultos e sessões da terreira apenas para conhecer; mas depois reconheceu que aquele costume poderia lhe ajudar e trazer proteção. “-Eu tenho até uma guia também, eu tenho... de São Jorge, pá proteção...”³³⁸, afirmou, mesmo já tendo sido batizado na igreja evangélica quando criança. O interessante é que durante a aplicação do questionário, Pedro não descreveu essa experiência com o candomblé. Apenas na entrevista se sentiu à vontade para expressar essa situação. No questionário afirmou sempre ter ido à igreja evangélica com os pais. Então, a hipótese mais provável é de que outros adolescentes, se fossem entrevistados, provavelmente expressariam outras

³³⁷ Respostas nº 05 e 6 de Pedro, durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

³³⁸ Respostas nº 08 e 9 de Pedro, durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

confessionalidades, experiências religiosas e/ou espirituais, que não conseguiram revelar no questionário.

Ao entrar no assunto da tatuagem do anjo, o interesse inicial era sondar a origem. Mesmo se sabendo da existência do tipo de tatuagem e da variedade de formas relacionadas àquela imagem, o interessante era investigar se ele sabia disso.

Então, a partir da entrevista relatada na descrição etnográfica do primeiro capítulo, houve a seguinte conversa:

Tá e esse lance da tattoo, assim, qual que foi a parada? Essa tattoo foi uma criação tua, ou já existia? Não, é que tipo assim, ele tava com uma promoção sabe? Daí ele tinha várias tatuagem, sabe? Daí essa aqui tava. Daí eu gostei e pensei vou fazê, né? E o tatuador é daqui? É. Do bairro Mundo Novo. Sô dali. Ela era pronta. Só não sei se não foi ele que criou.

Tá, mas qual que é o lance que tu achou legal do anjo, assim? Tem alguma relação de proteção ou homenagem a Deus? Há... eu fiz porque eu gostei. **Eu acho que tipo eu fiz tipo como se fosse um anjo me protegendo sabe?** Eu ia fazê ela no pescoço, mas ia fica muito exposta. Daí eu decidi fazê na perna.³³⁹

Durante a conversa, pôde-se perceber que ele bateu o olho na tatuagem e gostou. Ele não sabia da existência dela no estado de arte das tatuagens. Conforme muitos disseram, “foi um lance de momento”, mais evidente e característico da adolescência. Além disso, salientou que a tatuagem do anjo também se relacionava a um sentimento de proteção, de um anjo o protegendo. Então, sobre essa questão de proteção de Deus através de um anjo ou através da guia de São Jorge, a partir da conversa, foi possível sondar sua percepção e inclinação ética. Queria entender se suas escolhas partiam apenas de um contexto social periférico, de necessidades básicas de sobrevivência, ou se, além disso, decidiu conscientemente entrar para o crime também por alguma vaidade e imaturidade, contando com a proteção divina. Ao entrar nesse assunto, o adolescente riu. Falou que na infância passou necessidades, mas que durante a adolescência via seus amigos com dinheiro e foi seduzido pelo sentimento de ter dinheiro a qualquer custo. Deixou claro que *não gostava de traficar*³⁴⁰, e sim de roubar carros (assalto a mão armada). E essa constatação veio através de uma pergunta que nem era direcionada à extração dessa informação. Ou seja, quando foi perguntado: “Se alguém fosse ler sobre a tua história, o que tu acharia legal não faltar?”, ele respondeu:

³³⁹ Perguntas e respostas nº 10 e 11 de Pedro, durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

³⁴⁰ Resposta nº 14 de Pedro, durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

Há... seu... que sô um guri bom, né... mas...né... e daí qué fazê coisa errada... Daí é bom pra aprendê né... Eu tava só fazendo coisa errada, tipo eu não ia só uma veis sabe? Numa semana eu ia umas duas veis, treis veis, fazê coisa errada (assalto) ... e não me ligava, sabe... que eu tava tipo ...ahahh,... tirando as coisa que alguém conquisto.. era tipo um serviço pra mim, sabe? Daí agora o cara pensa aqui dentro e pára pra pensá, sabe? Eu ia mais porque eles falavam né, tamo precisando de tal carro né. Eles diziam: vem, espera eles frear e te damo 2 mil, 1.500,00, tipo assim. Aí já imaginava o dinheiro né?. Aí já chamava os outros já... viu?... vamo!.³⁴¹

Conforme o relato de Pedro, a parte que ele diz *ser um guri bom*, foi bem curta – justamente a parte que se esperava mais dele; ou seja, compreender o que ele via de bom nele. Mas é impressionante como têm dificuldades em perceber suas qualidades. Se esse já é um exercício que faz as pessoas pensarem um pouco antes de responder, com pessoas encarceradas é ainda mais difícil, pois a culpa torna-se um fardo pesado. E quando se trata da relação com o sagrado, mais ainda. Muitos adolescentes da Fase já me perguntaram se Deus poderia perdoar o que fizeram – o que torna evidente essa dúvida e o peso da culpa.

Outra informação interessante no relato é que não refletia sobre estar “*tirando as coisa que alguém conquisto*”, e que as práticas delituosas que ele dizia ser *como um trabalho*, podem ser associadas a uma banalização do mal ou da violência, quando a pessoa está tão acostumada a fazer o que é errado, mesmo sabendo que é errado, que acaba perdendo o filtro moral. Sobre essa questão de refletir sobre suas atitudes, Pedro relatou que o início deste exercício foi na Fase. Que reflete durante suas orações a Deus, com suas leituras bíblicas e sempre lembrando da guia de São Jorge. Sobre essa questão, foi registrada a seguinte conversa:

E volta e meia, como é essa tua relação com Deus? Tu ora? Conversa com Deus? Simmm... eu tenho uma bíblia alí. E tenho minha guia de São Jorge e Ogum. **E tu conversava com São Jorge e Ogum, pedindo proteção?** Não, só usava mesmo... converso só com Deus. E isso me ajudava bastante, porque agora, a última veis quando eu entrei aqui sabe?, eu não tava usando ela (a guia). Tava na minha parede, sabe? Eu saí de casa e não tinha como pegá porque minha mãe tava trabalhando... daí podia tá usando ela.³⁴²

Pensando no que o jovem Pedro relata e fazendo a relação com sua tatuagem, a hipótese bem provável é de que realmente o dinheiro e a arma nas mãos do anjo, estejam relacionados, na pele (carne) do jovem, com a relação

³⁴¹ Resposta nº 21 de Pedro, durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

³⁴² Perguntas e respostas nº 17 de Pedro, durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

“ofício”/proteção. Ou seja, o relato transmite a sensação de que ele só caiu preso por conta de não estar com a *guia de proteção de São Jorge*, não parando para refletir no ato delituoso em si.

O exemplo de Pedro faz parte do imaginário religioso brasileiro e da religiosidade popular brasileira; pessoas que frequentam mais de uma religião e que fazem um **deslocamento simbólico** de elementos da cultura popular e do imaginário religioso coletivo, adaptando-os às suas necessidades e transformando-os em amuletos marcados na pele. Ou seja, “mais do que nunca, faz-se presente de modo até agressivo, a apropriação de símbolos alheios, assim como a constante perversão de símbolos.”³⁴³ Além disso, José Bittencourt Filho afirma que “*o indivíduo tem tomado para si a tarefa de moldar a própria síntese, isto é, construir a sua religiosidade privada, com elementos oriundos de diferentes experiências religiosas, mesmo contraditórias.*”³⁴⁴

A questão do anjo, parecido com o cupido, aparecer com uma metralhadora e um saco de dinheiro no lugar do arco e flecha, além de ser simbólico, reflete um deslocamento do símbolo em si. Assim, conforme Moreira (2008),

O deslocamento reforça outro aspecto fundamental da atual configuração do religioso nas sociedades modernas: a dinâmica crescentemente individualizada e subjetivada da experiência religiosa. Como os papéis, as pertinências, as referências e os pertencimentos se deslocam, o indivíduo fica cada vez mais o único responsável por, de acordo com seu gosto, sua conveniência e sua consciência, juntar as partes e costurar seu próprio sistema simbólico.³⁴⁵

Além disso, tratando-se da religiosidade popular, deslocamento religioso e da imitação ou importação de culturas, quando o religioso está imbricado na cultura, Moreira (2008) afirma que:

Está em processo um verdadeiro **deslocamento** ou uma **transformação do religioso**. Outras **instituições ou instâncias sociais assumem funções das instituições religiosas no campo cultural**, principalmente o complexo midiático-cultural, que envolve televisão, internet, cinema, revistas e literatura, esporte, publicidade e moda. **Estas instituições, todas do e para o mercado, também produzem símbolos, sentidos, crenças, explicações sobre o real, rituais e mitos, propõem valores, estilos de vida**, figuras para a **imitação**, a fidelidade e mesmo a devoção das pessoas. Este parece ser um traço fundamental da atual constelação. A religião não deve mais ser

³⁴³ FILHO, 2003, p. 37.

³⁴⁴ FILHO, 2003, p. 31-32.

³⁴⁵ MOREIRA, Alberto da Silva. O deslocamento do religioso na sociedade contemporânea. **Estudos de Religião**, Ano XXII, n. 34, 70-83, jan/jun. 2008, p.75. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6342560>. Acesso em: 23 nov. 2023.

procurada apenas em igrejas, templos e terreiros, onde ela se tematiza explicitamente, mas também lá onde ela não se chama de religião: **no culto ao dinheiro e ao corpo**, na eficiência administrativa e empresarial, no encantamento pela técnica e pelo design, no êxtase sonoro ou imagético, no mundo do esporte, das compras e dos astros midiáticos. **O religioso se desloca, desborda, extravasa, migra do que era tido tradicionalmente como o “próprio” do religioso: o espaço, o tempo e os modos de sua manifestação.** Alguns exemplos visualizam cotidianamente tais mudanças: o culto dos santos, sem desaparecer, deslocou-se para o culto dos ídolos do esporte e do pop-rock; **o encantamento migrou para a estética**, o design e a alta tecnologia; os acontecimentos midiáticos de massa se tornaram vetores da experiência religiosa; os tradicionais especialistas do sagrado são obrigados a concorrer com jornalistas, terapeutas, gurus do marketing e animadores de programas de tv.³⁴⁶

Neste caminho, as outras tatuagens não são muito diferentes. O adolescente em questão (Klaus), tinha uma tatuagem de uma *estrela de pentagrama ou signo de Salomão* (Figura 18), *cartas de baralho, cifras de música, o olho de Hórus* (Figura 19), a palavra *fé*, uma *sacola de dinheiro* e o *nome da mãe*. Sobre sua experiência religiosa ou espiritual durante a infância e adolescência, afirmou ser católico; “-tenho mais fé em Deus, mas minha mãe tem casa de religião. No caso minha mãe fazia tipo bagulho espiritual sabe... jogava carta, essas coisa...”³⁴⁷.

Sobre essa questão, se considera católico, diz ter fé em Deus, mas já participou das sessões na terreira de umbanda, por sentir-se protegido. Na verdade, além desse envolvimento na religião da mãe, **afirmou que a tatuagem do pentagrama ou signo de Salomão também lhe traz um sentimento de proteção, como se tivesse o corpo fechado.** A tatuagem com a palavra *mãe*, simboliza uma homenagem a sua mãe; e da palavra *fé*, da mesma forma, além de expressar sua gratidão quanto ao cuidado de Deus em sua vida, também é uma forma de homenagem a Deus.

³⁴⁶ MOREIRA, 2008, p. 72.

³⁴⁷ Respostas nº 4 e 5 de Klaus, durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.



Figura 18 - Pentagrama ou signo de Salomão

Fonte: o autor

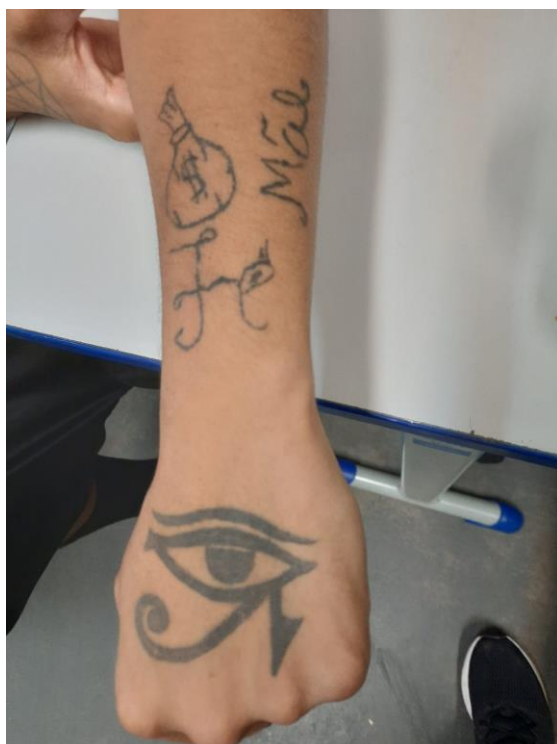


Figura 19 - Olho de Hórus

Fonte: o autor

Outra simbologia interessante é a que Klaus descreve sobre a tatuagem do **olho de hórus**: “-Báh, tipo, pra mim é o olho que vê tudo né seu... tipo quem tá, sei

lá, tramando alguma coisa pelo cara, assim, o cara sente... um bagulho assim...”³⁴⁸. Conforme o relato, não deixa de ser uma **proteção** com a sensação de um aviso de perigo.

Retomando a questão da religiosidade e suas tatuagens, além saber se ele frequentava os cultos dentro da Fase e, pelo fato da mãe pertencer à umbanda, era necessário saber se ele utilizava alguma guia de proteção. O jovem tinha uma guia e perdeu durante uma briga. Da mesma forma, frequentava os cultos dentro da Fase, quando passou a refletir sobre suas atitudes e desenvolver o sentimento de gratidão. Sobre essa questão, Klaus faz o seguinte relato: “-*Quinêm lá fora eu quase nem rezava né seu, tipo não agradecia pelo alimento, pela comida, esses bagulho. Aqui dentro eu agradeço por tudo né seu, pelo alimento, pelo café, pela saúde, pela vida, pela minha mãe*”³⁴⁹. Além disso, mesmo com uma narrativa longa sobre suas experiências e desafios, afirmou sentir-se protegido por Deus diante de situações de perigo que enfrentou enquanto praticava crimes.

O símbolo, popularmente conhecido como *pentagrama*, também é descrito no estado de arte como *signo de Salomão*, devido a uma das edições da *Clavícula de Salomão*³⁵⁰, “grimório popular que circulou na Europa e depois em suas colônias, principalmente a partir do século XVI até os dias de hoje”.³⁵¹ Ainda conforme Jeha,

Os signos de Salomão – normalmente estrelas de cinco pontas, mas que podem ter mais – **eram abundantemente usados como proteção ou magia na cultura e religiosidade portuguesa e europeias durante todo o período moderno**. Tal prática repercutiu nas colônias de Portugal e se difundiu em rituais católicos, nos de religiões afro-brasileiras e em diversas outras manifestações praticadas até hoje. **Todos os estudiosos da tatuagem portuguesa e brasileira** da passagem do século XIX para as primeiras décadas do XX **apontam os signos de Salomão como um dos motivos mais populares**. Ele era comumente chamado de “*sino saimão*” e outras variações. Hoje em dia a expressão mais comum é *cinco Salomão*. Entre outros usos, faz parte de canções de capoeira e pontos de umbanda.³⁵²

Quanto às atribuições do símbolo, não só na tatuagem, mas segundo a crença popular, “livra de quebranto (causado por mau-olhado); de bruxedo ou bruxaria, de

³⁴⁸ Resposta nº 19 de Klaus, durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

³⁴⁹ Resposta nº 30 de Klaus, durante a entrevista em 4 de janeiro de 2023.

³⁵⁰ Tinha o versículo de Cânticos 8:6 circularmente ao redor de uma estrela de cinco pontas numa das edições. O versículo dizia: *Coloca-me como selo sobre teu coração, como selo em teu braço, pois o amor é forte, é como a morte*. (JEHA, 2019, p. 282).

³⁵¹ JEHA, 2019, p. 282.

³⁵² JEHA, 2019, p. 282-284.

feitizaria (para as feiticeiras não molestarem as crianças), de ação do Diabo e de qualquer coisa ruim determinada ou indeterminada.”³⁵³

O pentagrama, visto na antiguidade entre os Sumérios (+-3.000 a.C.) e babilônios, tinha um significado astrológico. No século V a.C., o pentagrama passa a ter uma simbologia mística, vinculada à Pitágoras, representando os quatro elementos mais o quinto, o espírito (Figura 20). Em cada ponta, aparecia uma letra do nome da deusa da saúde, Hígia. No Egito, por sua vez, a estrela com cinco pontas amarelas era desenhada em um fundo azul no teto dos templos, e representava a deusa Nut, Mãe dos Céus.^{354 355}

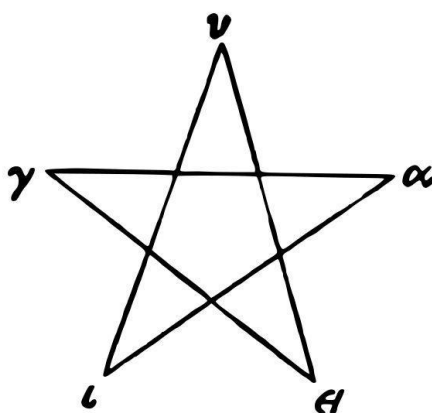


Figura 20 - Pentagrama místico

Fonte: Aventuras na história³⁵⁶

Assim, o pentagrama (ou signo de Salomão) passou por um trânsito alegórico na história, tendo diferentes significados e interpretações tanto na Antiguidade, quanto na *Idade Média, Moderna e Contemporânea*³⁵⁷. Invertido ou não, atualmente, pode

³⁵³ VASCONSELLOS, 1996, p. 79 apud JEHA, 2019, p. 286.

³⁵⁴ SAIONETI, Leandro. Por que o pentagrama invertido é o símbolo da magia negra? Ao longo dos séculos, símbolo foi associado a culturas antigas, à alquimia, ao cristianismo medieval, à Igreja de Satã e até aos Illuminati! História do Mundo Estranho. **Revista Super Interessante**. Atualizado em 26 abr 2023, 15h29 - Publicado em 21 dez 2017, 15h51. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/por-que-o-pentagrama-invertido-e-o-simbolo-da-magia-negra>. Acesso em: 23 nov. 2023.

³⁵⁵ AH, Aventuras na História. **O pentagrama sempre foi um símbolo satânico?** Com mais de 5 mil anos de criação, ele ainda hoje decora igrejas e mesquitas. Redação publicado em 21/02/2020, ÀS 09H00. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/historia-o-pentagrama-sempre-foi-um-simbolo-satanico.phtml>. Acesso em: 23 nov. 2023.

³⁵⁶ Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/historia-o-pentagrama-sempre-foi-um-simbolo-satanico.phtml>. Acesso em: 23 nov. 2023.

³⁵⁷ “Na Idade Média, cristãos europeus passaram a usá-lo como amuleto contra demônios, representando as cinco chagas de Cristo. Islâmicos o usaram como elemento decorativo - em mesquitas. Na Renascença, o alquimista alemão Heinrich Cornelius Agrippa (1486-1535) resgatou o

representar um símbolo místico ou ser uma referência simbólica e alegórica do satanismo (Figura 21); por isso os preconceitos e resistências ao símbolo por setores conservadores cristãos.

Quando utilizado invertido, o pentagrama é representado com a utilização da figura do Bode de Mendes. Estampado na capa do livro de LaVey, “remete às imagens de Pã e seus sátiros, figuras que mesclavam o humano com o animal, dotado de chifres, cascos e olhos oblíquos.”³⁵⁸ Sobre a simbologia do bode no pentagrama invertido (Figura 21),

[...] representa os Poderes das Trevas combinados com a fertilidade do Bode. Em sua forma mais “pura”, o pentagrama tem em seu interior a figura de um homem, coincidindo com as cinco pontas da estrela – três pontas para cima, duas para baixo – simbolizando a natureza espiritual do homem. No Satanismo, também se utiliza o pentagrama, porém como o Satanismo representa os instintos carnis do homem, o oposto da natureza espiritual, o pentagrama encontra-se “invertido” para que se acomode perfeitamente a cabeça do Bode – seus chifres, que representam a dualidade, voltados para cima em desafio.³⁵⁹

significado original dos cinco elementos. Essa é a interpretação do pentagrama, com a ponta para cima, no neopaganismo Wicca. Foi só no século XIX que surgiu a versão satânica, de cabeça para baixo, pelo ocultista francês Eliphas Levi. Ele afirmou que, se a ponta, que representa o espírito, fica para baixo, o pentagrama passa a simbolizar o domínio da matéria sobre as coisas elevadas, um símbolo de magia negra, no qual pode ser vista a face do bode Baphomet. (AH, Aventuras na História.” **O pentagrama sempre foi um símbolo satânico?** Com mais de 5 mil anos de criação, ele ainda hoje decora igrejas e mesquitas. Redação publicado em 21/02/2020, ÀS 09H00. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/historia-o-pentagrama-sempre-foi-um-simbolo-satanico.phtml>. Acesso em: 23 nov. 2023).

³⁵⁸ BARBIERI, Rafaela Arienti. Deus está morto. Satã vive: uma análise do satanismo em o bebê de rosemary (1968). **Revista Semina** V. 17, N.º 2, 2018 – ISSN 1677-1001 Artigo Recebido em 31/10/2018- Aprovado em 26/02/2019, p. 192. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/ph/article/view/9987/114114806>. Acesso em: 23 nov. 2023.

³⁵⁹ LAVEY, 1972, p. 159 apud BARBIERI, 2019, p. 192.



Figura 21 - Pentagrama satânico invertido (com o Bode)

Fonte: Aventuras na história³⁶⁰

Então, analisando a representação que o jovem Klaus dá ao seu pentagrama tatuado, ou seja, que *traz um sentimento de proteção, como se tivesse o corpo fechado*³⁶¹, é justamente a ideia de uma apropriação simbólica individualizada, vinculada à cultura popular e cultura pop – o que também não se descarta uma religiosidade popular - já que o adolescente não afirmou fazer parte do satanismo como instituição oficialmente religiosa. Aliás, isso é uma queixa dos *bruxos*³⁶² os quais buscam uma legitimação da bruxaria tradicional como uma religião oficial. Quer dizer,

³⁶⁰ Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/historia-o-pentagrama-sempre-foi-um-simbolo-satanico.phtml>. Acesso em: 23 nov. 2023.

³⁶¹ Na linguagem simbólica parece ser muito presente a representação de símbolos similares na luta entre o “bem e o mal”, entre o “certo e o errado”. Ou seja, o pentagrama com uma ponta para cima simboliza proteção dentro do misticismo; invertido, com uma ponta para baixo e as duas pontas para cima, é um símbolo apropriado pelo satanismo, vinculado à imagem antropomórfica do bode. Ambos também são muito utilizados na maçonaria. Outro exemplo desse dualismo e similaridade simbólica é muito presente em outras ocasiões. Me atendo apenas à questão simbólica e não teológica, Números 21:4 apresenta a história das serpentes abrasadoras. A passagem afirma que havia pessoas sendo picadas por serpentes no deserto. Deus manda Moisés construir uma serpente de bronze, e toda pessoa que foi picada por uma serpente no deserto (representando a maldição), quando olhasse para a serpente de bronze, seria curada. Teve que ser criado um símbolo idêntico como instrumento de salvação. Em João 3:14 Jesus fala: *Assim como Moisés levantou a serpente no deserto, é necessário que o Filho do Homem seja levantado*. Ou seja, símbolo da maldição e pecado: as serpentes abrasadoras no deserto AT e o primeiro Adão (homem); Símbolo da salvação: a serpente de bronze no AT e Jesus (Homem), o segundo Adão (Romanos 12:20).

³⁶² “Historicamente, há três tipos de bruxos: o feiticeiro, que pratica a magia simples, encontrado no mundo inteiro; o herege, de que se afirmava praticar diabolismo e que foi perseguido durante as caças às bruxas; e o neopagão. Os três grupos têm pouco em comum, salvo o designativo de ‘bruxo’. Dentre os três tipos, aquele das caças às bruxas surtiu o maior efeito histórico. A bruxaria

Uma das incompatibilidades entre a bruxaria tradicional e a bruxaria da cultura *pop* consiste em sua abordagem em relação à cultura dominante. A bruxaria da cultura *pop* é vaga o suficiente em estrutura e conteúdo para qualificar-se mais como um “estilo de vida” do que como uma “religião”. Move-se continuamente na direção da aceitação social por meio de sua reiterada exposição pública alimentada pelas versões midiáticas do próprio movimento (frequentemente superficiais e sensacionalistas). Os bruxos tradicionais, por outro lado, assumiram o compromisso de se fazer legitimar junto à sociedade como “uma religião entre as outras religiões”, com identidade formal, *status* e proteção legal. Nesse sentido, a emergência da “bruxaria como estilo de vida” da cultura *pop* distorce a imagem que os bruxos tradicionais desejam criar de si mesmos.³⁶³

Quanto à tatuagem do olho de Horus, *o olho que tudo vê*³⁶⁴, da mesma forma, Klaus a utiliza de maneira mística. Isto é, uma tatuagem com um símbolo que serve como amuleto de proteção - como o que vê e avisa de algum perigo; de alguém que possa estar tramando algo para prejudicar a pessoa – o que não foge do significado original do símbolo, representando a “onisciência” para os egípcios. Conforme Barros,

Esse olho onividente – que também passou a ser utilizado como talismã para autoproteção e como amuleto para a preservação e recuperação da saúde – apresenta-se como uma interessante construção simbólica que também desempenha o papel de uma ‘unidade múltipla’. Esta singular imagem – a um só tempo simples e complexa, unificada e fragmentada – apresenta tanto um uso simbólico direcionado para as crenças de que pode promover proteção para mortos e vivos, como uma dimensão conceitual que esclarece como os antigos egípcios percebiam e representavam a ideia de ‘onisciência’.³⁶⁵

européia histórica era um satanismo (adoração do Diabo) formado por elementos retirados da antiga feitiçaria, do paganismo, do folclore, da heresia, da teologia escolástica e dos julgamentos em tribunais locais, estatais e eclesiásticos.” (RUSSELL, Jeffrey B; ALEXANDER, Brooks. **História da Bruxaria**. Traduzido por Álvaro Cabral, Willian Lagos. – 2ª Ed.- São Paulo: Aleph, 2019, p. 241).

³⁶³ RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 232-233.

³⁶⁴ “O Olho de Horus – ou Udjat – já aparece como amuleto, objeto ou imagem pintada desde o Império Antigo (c. 2575 a 2134 a.C). O Livro dos Mortos o menciona no capítulo CXL, e até determina os materiais com os quais deveriam ser confeccionados os udjats para fins ritualísticos (no caso, recomenda que sejam feitos de lápis-lazúli ou de ametista banhada a ouro). Sua função, conforme designada nestes antigos textos egípcios, é eminentemente mágica e de proteção mortuária, de modo que os olhos de hórus aparecem aqui como objetos a serem dispostos sobre o peito da múmia ou como anéis funerários. Os olhos de Horus tanto protegiam os mortos na sua jornada no outro mundo, defendendo-os contra maus espíritos e ameaças sobrenaturais, como de certa maneira protegiam seus corpos do assédio dos próprios vivos, pois uma preocupação muito presente nos egípcios de hierarquia mais elevada era a de cuidar para que seus bens mortuários e corpos não fossem profanados por ladrões em busca das riquezas que eram enterradas junto aos mortos de alta dignidade. A múmia do jovem rei Tutankhamon (c. 1333-1323 a.C), por exemplo, apresentava todas as falanges dos vários dedos cobertas por anéis com olhos de Horus. [...] Vale lembrar ainda que, a partir de certo momento, os faraós passaram a utilizar na frente de suas coroas a imagem do Olho de Horus, ou mesmo maquiagem seus próprios olhos com olhos de Horus – o que reforça as ideias de ‘onisciência’, de vigilância e de um olhar justiceiro ao qual nada pode escapar, todas proporcionadas pela dimensão conceitual deste símbolo.” (BARROS, José D’Assunção. **O olho de Horus e outras imagens – Conceitos e linguagem simbólico-visual**. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. https://doi.org/10.14195/2183-6019_13_10. 2021, p. 192. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/mediapolis/article/view/9624/7371>. Acesso em: 24 nov. 2023).

³⁶⁵ BARROS, 2021, p. 192.

4.5 RESUMO DO CAPÍTULO

O caminho da desigualdade social reflete sobre a trajetória da constituição das classes sociais e de como é mais difícil um jovem pobre ascender socialmente. Mesmo setores conservadores da sociedade fortalecendo a questão do mérito, ou seja, de que se uma pessoa quiser, ela pode chegar em qualquer posição, as realidades e contradições sociais apontam o contrário. Além do mérito, são necessárias políticas públicas afirmativas para reduzir as desigualdades sociais.

Quanto aos estudos de Erikson, pôde-se perceber que crianças inseridas em um contexto de má alimentação ou drogadição desde a gestação, tendem a ter problemas em seu desenvolvimento psíquico e cognitivo. No estágio um, intitulado *confiança básica versus desconfiança básica*³⁶⁶, entre **zero e um ano** de idade, constatou que é necessário a criança depender de alguém para sobreviver e se desenvolver. É o momento do **desenvolvimento da confiança**, quando ela se sente segura no mundo a partir da sua relação com os pais ou responsáveis, os cuidadores. **O contrário gera medo, insegurança e desconfiança** – típico de muitas realidades e contextos não só dos adolescentes da Fase de Novo Hamburgo, mas de realidades periféricas do Brasil. Conforme Erikson, o início de um desenvolvimento saudável deve ocorrer a partir de um equilíbrio entre a confiança e a desconfiança, para gerar na criança um sentimento de esperança e de que o perigo possa se fazer presente em algum momento.

A fase dois, **autonomia versus vergonha e dúvida**, entre **dois e três anos**, a criança **desenvolve maior sensação de controle pessoal (corporal), além de um pouco de independência**. A partir de decisões simples, como saber a hora de ir ao banheiro, escolher brinquedos ou ter preferência por algum tipo de roupa, a criança passa a ter um início de senso de autonomia, logicamente, com a ajuda dos cuidadores. **Um equilíbrio entre autonomia, vergonha e dúvida, gera uma vontade na criança, que culmina na intenção dentro da razão e limites.**³⁶⁷

Na fase três, **iniciativa versus culpa**, entre os **quatro e cinco anos**, Erikson aponta o início da criança se perceber como capaz de firmar seu poder e controle sobre o mundo, com **a liderança** em jogos e outras interações sociais. Crianças que chegam nessa fase bem-sucedidas, se sentem **capazes de conduzir outras**

³⁶⁶ ERIKSON, 1971, p. 227-231.

³⁶⁷ ERIKSON, 1971, p. 231-234.

peessoas. Caso contrário, não atingindo essas habilidades, a criança chega nas outras fases da vida com um sentimento de culpa, dúvida e com falta de iniciativa.³⁶⁸ Assim, o questionamento a ser feito é: uma criança vinda de um contexto social carente, sem referência materna e/ou paterna, vítima de violências diversas, conseguiria adquirir qual resultado? A capacidade de conduzir outras pessoas ou um sentimento de culpa, dúvida e falta de iniciativa? Parece a segunda opção ser mais presente nestes contextos.

A fase dos primeiros anos escolares, intitulada **Indústria (produtividade) versus inferioridade**, que vai dos **seis aos onze anos**, é responsável por **gerar orgulho em algumas realizações e habilidades, a partir de interações sociais**. Conforme Erikson, **quando encorajadas e elogiadas por pais professores e colegas, as crianças desenvolvem um sentimento de competência e crenças nas suas habilidades**. Caso haja **pouco incentivo e encorajamento, tendem a duvidar das suas habilidades para serem bem-sucedidas**. Novamente, Erikson acredita no equilíbrio entre produtividade e inferioridade para que a criança tenha um senso de competência e crença nas suas próprias capacidades.³⁶⁹

A quinta fase do desenvolvimento psicossocial é justamente a da **adolescência** - que vai dos **doze aos dezoito anos** – a fase que ele chama **identidade versus confusão de papel**. Essa fase é que se desenvolve uma **busca por identidade pessoal, independência e um sentido de si**. O adolescente que **recebe incentivo e reforço adequado na fase anterior e através da exploração pessoal, desenvolve um senso de si mesmo e uma sensação de independência e controle**. Os que **permanecem inseguros das suas crenças e desejos, vão se sentir inseguros e confusos sobre si mesmos e o futuro**. Concluir essa etapa com equilíbrio torna-se saudável no desenvolvimento da **fidelidade – a capacidade de viver de acordo com as normas e expectativas sociais**.³⁷⁰

Então, quando a sociedade vive conflitos de identidade e de interesse, não vendo em membros da família ou na escola uma válvula de escape a se espelhar positivamente, vive-se o caos social de muitas comunidades carentes: a falta de sentido para a vida. E estudos mais sofisticados, que vão além da análise psicossocial, apontam a importância em se pesquisar o temperamento e o comportamento genético

³⁶⁸ ERIKSON, 1971, p. 234-238.

³⁶⁹ ERIKSON, 1971, p. 238-240.

³⁷⁰ ERIKSON, 1971, p. 240-242.

das pessoas como um todo, mas que podem auxiliar na análise das pessoas que resolvem partir para a delinquência ou não.

Tais estudos, podem confirmar mais uma hipótese do porquê de algumas pessoas em mesmo contexto sociocultural acabarem não apenas cometendo delitos, mas os realizarem de forma desumana e cruel. Esta abordagem é importante por a personalidade ser “a parte do campo da psicologia que mais considera as pessoas em sua totalidade, como indivíduos e seres complexos.”³⁷¹ Com isso, mesmo o contexto sociocultural sendo importante e influente na vida humana – e neste caso, na vida de adolescentes – não esgota as dúvidas e incertezas relacionadas ao caminho social percorrido. Por isso a importância em se analisar as relações que Erikson aponta sobre introjeção e projeção (dentro e fora); pois é na escultura da personalidade que vai se materializar essas relações. Mais especificamente,

a personalidade representa aquelas características da pessoa que explicam padrões consistentes de sentimentos, pensamentos e comportamentos. Esta é uma definição bastante ampla, que permite que nos concentremos em muitos aspectos diferentes da pessoa. Ao mesmo tempo, ela sugere que prestemos atenção a padrões consistentes de comportamento e a qualidades internas à pessoa, que explicam essas regularidades – em oposição, por exemplo, a focar qualidades no ambiente que explicam tais regularidades. As regularidades de interesse, para nós, envolvem pensamentos, sentimentos e comportamentos explícitos (observáveis) das pessoas. De particular interesse para nós é a maneira como esses pensamentos, sentimentos e comportamentos se relacionam entre si para formar o indivíduo único e peculiar.³⁷²

Quanto às religiosidades e tatuagens, as abordagens e contatos com os adolescentes permitiram um mapeamento das religiões que se dizem vinculados, relacionadas à *matriz religiosa brasileira*³⁷³ e à *religiosidade matricial* ou *religiosidade popular*³⁷⁴. As demais tatuagens, estão associadas a questões culturais, representadas pela cultura de massa e/ou cultura pop.

³⁷¹ PERVIN, Lawrence A.; JOHN, Oliver P. **Personalidade, teoria e pesquisa**. 8. Ed. São Paulo: Artmed. 2008, p. 22-23. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=e0l4prXA69kC&oi=fnd&pg=PA8&dq=Personalidade,+teoria+e+pesquisa&ots=YTh8h0rWdA&sig=E5eERyHge8bB_Rq5Lfgkp6FXdN4#v=onepage&q=Personalidade%2C%20teoria%20e%20pesquisa&f=false. Acesso em: 24 ago. 2021.

³⁷² PERVIN & JOHN, 2008, p. 23.

³⁷³ Adilson Schultz se utiliza de André Droogers e José Bitencourt Filho para considerar como **Matriz Religiosa** “as instituições que deram forma ao ethos religioso brasileiro: catolicismo, religiões indígenas, religiões afro-brasileiras e espiritismo”. (SCHULTZ, Adilson. **Deus está Presente – O diabo está no meio: o protestantismo e as estruturas teológicas no imaginário religioso brasileiro**. Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia da Faculdades Est (Tese de Doutorado). São Leopoldo: EST, 2005, p. 193.

³⁷⁴ **Religiosidade Popular** se refere “ao não-institucional; àquilo vivenciado no dia-a-dia em nível popular, aquilo que carece de legitimação social. A matriz marca o discurso e a prática religiosa

A partir do questionário, pôde-se perceber que se consideram evangélicos pentecostais ou neopentecostais 64% dos adolescentes. Os católicos ficaram em 13%, Luteranos 3% e umbandistas 7%. De modo geral, a sondagem permitiu uma observação das religiões institucionalizadas, as quais consideram-se vinculados, ou seja, à matriz religiosa brasileira; não necessariamente as religiões que se identificam ou que se consideram pertencentes, como é o caso da *religiosidade popular*. Neste sentido, mesmo havendo diferença entre os conceitos *religiosidade*, *religião*, *espiritualidade*³⁷⁵ e *pertença religiosa*³⁷⁶, em muitos casos, se confundem.

Na intenção de uma aproximação com a religiosidade, a teoria mista no estudo da religião provou ser a alternativa mais viável. Faz todo sentido encontrar em **Clifford Geertz** a compreensão mista de religião. Isto é, quando dialoga com a cultura, compreende religião como:

(1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas.³⁷⁷

As contribuições de Dürkheim para compreender a religião na contemporaneidade foram importantes, à medida que analisa ***as funções e o papel da religião na sociedade***, como um interesse nas suas estruturas simbólicas voltadas à coletividade.³⁷⁸ Ou seja, para Dürkheim, a religião é a responsável pela

recorrente em todas as camadas sociais e extratos éticos brasileiros. O sucesso ou fracasso de formações religiosas singulares dependeria, sobretudo, do aproveitamento simbólica dessa matriz, que está de tal forma arraigada na população, que não deixaria brechas para outras formações” (SCHULTZ, 2005, p. 193-194).

³⁷⁵ José Bittencourt Filho se utiliza de José Jorge de Carvalho (1994) para identificar quatro estilos principais de espiritualidade no Brasil: (1) *mística letrada* (2) *possessão ritualizada* (3) *espiritismo* e (4) *meditativo oriental* (FILHO, José Bitencourt. **A Matriz Religiosa Brasileira: Religiosidade e mudança social**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes; Petrópolis: Rio de Janeiro: Koinonia, 2003, p. 40).

³⁷⁶ A ***pertença religiosa*** pode, inclusive, ser dupla ou múltipla, já que “o trânsito religioso se dá, não apenas na migração de uma religião para a outra, mas também na recomposição simbólico-cultural de diferentes sistemas de crenças. Isso acontece em diferentes tipos de expressão religiosa: i) o que afirma determinada pertença e admite experimentar outras expressões religiosas, ii) o que, por motivos externos nem sempre confessáveis, declara uma religião mas exerce outra, iii) o que harmoniza e integra relativamente bem mais de uma tradição religiosa, iv) o que não adere uma religião específica, mas transita por mais de uma, e v) aquele que, mesmo mantendo a sua pertença religiosa, articula elementos simbólico-rituais de outras religiões” (RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. Dupla e múltipla pertença religiosa no Brasil. **Estudos de Religião**, v. 32, n. 3 • 93-115 • set.-dez. 2018 • ISSN Impresso: 0103-801X – Eletrônico: 2176-1078. 2018, p. 96. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/8655/6471>. Acesso em: 16 nov. 2023).

³⁷⁷ GEERTZ, 1989, p. 104-105.

³⁷⁸ GABATZ, 2017, p. 340 e 352.

coesão social; “sem ela, a sociedade simplesmente não existiria. A religião necessariamente sofre transformações ao longo do tempo e de acordo com a cultura, mas jamais está ausente ou desaparecerá.”³⁷⁹

É de se considerar o papel e as funções da religião na sociedade - ainda mais quando se trata de adolescentes infratores - simplesmente por ser uma das instituições que mais atuam paralelamente com o trabalho do Estado – e até mesmo quando ele não dá conta das inúmeras demandas sociais e suas contradições. Quer dizer, as diversas instituições religiosas não pagam impostos por se considerar a relevância e função social que exercem. E investigar como era a rotina familiar envolvendo a questão espiritual e religiosa dos adolescentes da Fase também foi um dos objetivos desta pesquisa.

Assim, religião com mais adeptos envolvendo a família como um todo foi a evangélica pentecostal, com 35%; umbanda, com 7% e Luteranos, com 4%. Depois, como aqueles que vão às vezes e finais de semana, ficaram católicos, com 10%; e evangélicos pentecostais, com 7% dos questionados. Além disso, 17% consideraram-se evangélicos que já frequentaram, mas não frequentam mais; e 4% não respondeu.

Ao separar as pessoas que já frequentaram ou frequentam alguma religião das que não frequentam ou não responderam, pôde-se constatar 54% dos adolescentes questionados como aqueles com uma rotina familiar presente, praticante e bastante envolvida com alguma Instituição religiosa. Ficaram em 20% os que vão às vezes ou finais de semana e os que já foram e não frequentam mais. Por último, ficou em 3% os que não frequentam nenhuma religião e os que não responderam. Logo, se somarmos todos que, de alguma forma, tiveram algum contato com alguma instituição religiosa, seriam 94% dos adolescentes questionados.

Quanto às religiosidades dos adolescentes da Fase, quando Filho (2003) considera que *o indivíduo tem tomado para si a tarefa de moldar a própria síntese*, ou seja, a sua *religiosidade privada, com elementos oriundos de diferentes experiências religiosas, mesmo contraditórias*, é justamente a sensação que se tem quando se observa as religiosidades dos adolescentes da Fase: cristãos que vão tomar passe na terra; que não oram às entidades da Umbanda e sim a Deus; jovens que acreditam em tatuagens como amuletos; ou que consideram estar na Fase por ter esquecido de colocar a guia do batuque no dia em que caiu preso. Além da constituição de uma

³⁷⁹ DURKHEIM, 1989, p.477 apud SCHULTZ, 2005, 172.

religiosidade própria (privada) é possível observar, durante o processo, isto é, durante a medida socioeducativa, o auxílio da fé (vinculada a diferentes experiências religiosas) no desenvolvimento da resiliência. Assim, fé (experiências religiosas) e resiliência podem servir na hipótese de uma religiosidade singular, quando se pensa nas diferentes experiências religiosas, mesmo contraditórias, envolvendo estes adolescentes.

As respostas dos adolescentes estão fortemente relacionadas as suas experiências religiosas, vinculadas a religiosidade popular – tão presentes na cultura popular e nas realidades cotidianas das pessoas.

Ainda observando o gráfico 12, ficaram em 12% as respostas *Ele é bom o tempo todo* e 6%, respostas que apontam Deus como: *Jesus; uma pessoa que ajuda outras pessoas; protetor*, e que *sem Deus não somos nada*. Além disso, 3% das respostas entenderam Deus como: *o que perdoa; o que é amor; o que é espírito; o que é poderoso; o que é um só; e aquele que é importante na minha vida*. As respostas que identificaram Deus como sendo *nosso pai*, com 9% das respostas, são muito significativas, à medida que os adolescentes, em sua grande maioria, não têm o nome do pai no registro de nascimento, sem contar a questão de não terem conhecido o pai, ou não terem mais contato com o pai há muito tempo. Isso nos revela a hipótese de depositarem em Deus a carência da referência paterna em suas vidas. Aliás, muitas pessoas têm dificuldades em representar Deus como aquele que é Pai, justamente por isso: pela falta da presença e da referência paterna durante a infância e adolescência. Ficaram em 12% as respostas *não sei responder* e que apontam *Deus como o Criador*.

Quanto as religiosidades dos adolescentes entrevistados, apesar da tatuagem da *nossa senhora* fazer parte da crença do adolescente Elton e de fazer parte do imaginário religioso e da religiosidade popular, o jovem tatua com a intenção de homenagear e lembrar da memória do avô. Apresenta uma forma de memória afetiva, formada por sentimentos capazes de conectar as pessoas ao passado e ao

presente.³⁸⁰ Quando o jovem olha para a tatuagem, é como se pudesse acionar um gatilho capaz de acessar seu avô novamente.³⁸¹

As tatuagens de Djoni, da coroa no diamante com o nome do pai e da mãe, relacionam-se à memória afetiva aos pais. Já “a união, nessa tatuagem, das mãos em oração com o terço nos indica devoção, súplica e piedade”.³⁸² Da mesma forma, a tatuagem de pomba (figura 13), além de representar o Espírito Santo, é popularmente associada à paz e à renovação espiritual.³⁸³

Em relação as tatuagens do jovem Deivid e o que simbolizam para ele, mesmo durante a aplicação do questionário ter considerado como sagrada em sua vida a tatuagem da coruja, por simbolizar a sabedoria, durante a entrevista, ficou em evidência a tatuagem da frase religiosa “*A luz que me guia é mais forte que os olhos que me cercam*”, bastante popular entre jovens e adolescentes. Foi constatado que a tatuagem de cruz, além de ser “um símbolo mais usado nas classes populares [...], não é exclusivo da religião cristã”.³⁸⁴

Sobre a tatuagem de Pedro (anjo com a metralhadora em uma mão e o saco de dinheiro em outra), pensando no que o jovem relata e fazendo a relação com sua tatuagem, a hipótese bem provável é de que realmente o dinheiro e a arma nas mãos do anjo, estejam relacionados, na pele (carne) do jovem, com a relação “ofício”/proteção. Ou seja, o relato transmite a sensação de que ele só caiu preso por conta de não estar com a *guia de proteção de São Jorge*, não parando para refletir no ato delituoso em si; e que o anjo serve como um amuleto de proteção.

³⁸⁰ PROVESANO, Felipe Bonfante. **A memória afetiva na tatuagem**: análise da representação de pessoas. Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Publicidade e Propaganda, da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. ANIMA Educação. 2021, p. 13. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/20502/1/mem%c3%b3ria%20afetiva%20na%20tatuagem.pdf>. Acesso em: 29 out. 2023.

³⁸¹ PROVESANO, 2021, p. 13-14.

³⁸² TOSCAN, Márcia. **O corpo indelével**: tatuagens em presidiários. Universidade Fernando Pessoa (Tese de Doutorado). Porto: 2021, p. 140-141. Disponível em: <https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/10930>. Acesso em: 20 nov. 2023.

³⁸³ Disponível em: https://www.google.de/search?q=significado+da+pomba+do+esp%C3%ADrito+santo+em+tatuagem&sca_esv=584265682&sxsrf=AM9HkKm1Wh_Mdz6nLMAeGHFu7WMQj_5vug%3A1700566804475&ei=FJdcZeW9HN_21sQPIq-jsAc&ved=0ahUKEwjll7CCgdWCAxVfu5UCHZbXCHYQ4dUDCBE&uact=5&oq=significado+da+pomba+do+esp%C3%ADrito+santo+em+tatuagem&gs_lp=Egxnd3Mtd2l6LXNlcnAiM3NpZ25pZmljYWRvIGRhiHBvbWJhIGRvIGVzcMOtcmI0byBzYW50byBlbSB0YXR1YWdlbTIEECMYJ0jvP1D1DViwNXABeACQAQCYAb4BoAHIFaoBBDAuMTm4AQPIAQD4AQHCAgoQABhHGNYEGLADwglIECEYoAEYwwTCAgoQIRigARjDBBgKwgiHECMYsAIYJ-IDBBgAIEGIBgGQBgg&scIent=gws-wiz-serp

³⁸⁴ JEHA, 2019, p. 280-281.

O exemplo de Pedro faz parte do imaginário religioso brasileiro e da religiosidade popular brasileira; pessoas que frequentam mais de uma religião e que fazem um **deslocamento simbólico** de elementos da cultura popular e do imaginário religioso coletivo, adaptando-os às suas necessidades e transformando-os em amuletos marcados na pele. Ou seja, “mais do que nunca, faz-se presente de modo até agressivo, a apropriação de símbolos alheios, assim como a constante perversão de símbolos.”³⁸⁵ Além disso, José Bittencourt Filho afirma que “*o indivíduo tem tomado para si a tarefa de moldar a própria síntese, isto é, construir a sua religiosidade privada, com elementos oriundos de diferentes experiências religiosas, mesmo contraditórias.*”³⁸⁶

Quanto ao jovem Klaus, a tatuagem do pentagrama ou signo de Salomão lhe traz um sentimento de proteção, como se tivesse o corpo fechado. Da mesma forma, a tatuagem do olho de Horus, *o olho que tudo vê*, Klaus a utiliza de maneira mística. Isto é, uma tatuagem com um símbolo que serve como amuleto de proteção - como o que vê e avisa de algum perigo; de alguém que possa estar tramando algo para prejudicar a pessoa – o que não foge do significado original do símbolo, representando a “onisciência”.

³⁸⁵ FILHO, 2003, p. 37.

³⁸⁶ FILHO, 2003, p. 31-32.

5 CONCLUSÃO

O relato etnográfico³⁸⁷ do primeiro capítulo contemplou as seis visitas na Fundação de Atendimento Socioeducativo (FASE) de Novo Hamburgo. Além de apresentar como ocorreu a coleta de dados, ou seja, a descrição densa e minuciosa dos dados coletados em campo, serviu como uma “abordagem de investigação científica para demonstrar como esta abordagem de pesquisa traz algumas contribuições importantes ao campo das pesquisas qualitativas”³⁸⁸.

Assim, o presente capítulo foi desenvolvido a partir de um estudo, pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo de quarenta adolescentes da FASE de Novo Hamburgo. Holisticamente, observou-se os modos como esses adolescentes conduzem suas vidas, com o objetivo de revelar o significado cotidiano, nos quais as pessoas agem.³⁸⁹

Além do desafio de estar inserido em um campo delicado, cheio de burocracias, desconfianças e insegurança com a integridade física, preferimos fazer uma abordagem mais holística possível - “como nos diria Paulo Freire, falar com eles e não sobre eles, e isso é uma tarefa muito difícil, se não, quase impossível.”³⁹⁰

Pôde-se contemplar a ideia de que a temática envolvendo tatuagens vem sendo estudada por pesquisadores e está presente em diversos nichos e camadas sociais. Mesmo sabendo que ela já existe desde a presença dos primeiros seres humanos na Terra³⁹¹, a tatuagem “parece ter sido inventada diversas vezes, em diferentes momentos e lugares do planeta, em todos os continentes, com maior ou menor variação de propósitos, técnicas e resultados”³⁹².

³⁸⁷ “Etnografia é a escrita do visível. A descrição etnográfica depende das qualidades de observação, de sensibilidade ao outro, do conhecimento sobre o contexto estudado, da inteligência e da imaginação científica do etnógrafo.” (MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 54. ISBN 978-85-7879-190-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf>. Acesso em: 30 set. 2023).

³⁸⁸ MATTOS, 2011. p. 49.

³⁸⁹ MATTOS, 2011, p.51.

³⁹⁰ MATTOS, 2011, p.64.

³⁹¹ MATIAS, Anne Karine. SIMÕES, Anne Augusta Rocha; GALVÃO, Luis Carlos Cavalcante. **Entre Tatuagens e Criminosos**. ISSN: 2224-4131. Depósito legal: 2005-5822. 2014, p. 02. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5472800>. Acesso em: 14 out. 2023.

³⁹² LISE, Michelle Larissa Zini; GAUER, Gabriel José Chittó; NETO, Alfredo Cataldo. Tatuagem: aspectos Históricos e Hipóteses sobre a origem do Estigma. **Brazilian Journal of Forensic Sciences, Medical Law and Bioethics** 2(3):294-316 (2013). Disponível em: <https://www.bjfs.org/bjfs/bjfs/article/view/493/2159>. Acesso em: 10 mar. 2022.

Além disso, ficou evidente que o corpo como elemento de expressão humana deve ser observado, uma vez que além da existência humana ser corporal, pode-se destacar a corporeidade humana “como fenômeno social e cultural, motivo simbólico, objeto de representação e imaginário”.³⁹³

Quanto às tatuagens e a questão simbólica, além da questão e representação genética, ou seja, fora dos limites do organismo do indivíduo, consideramos pertinente a contribuição de Geertz, quando aponta a influência de contextos socioculturais na formação humana envolvendo, inclusive, aspectos da religião. Isto é, se tratando de símbolos religiosos em contextos culturais, “os símbolos religiosos formulam uma congruência básica entre um estilo de vida particular e uma metafísica específica (implícita, no mais das vezes) e, ao fazê-lo sustentam cada uma delas com a autoridade emprestada do outro”.³⁹⁴ Por isso, ficou evidente haver entre os adolescentes da Fase uma cópia de símbolos como um todo; ou envolvendo uma tatuagem de cunho religioso, apenas por uma determinada pessoa se identificar e tomar “emprestada” do outro.

Foi constatado que a maioria dos adolescentes questionados ou afirma *gostar e apresentar interesse* em ter uma tatuagem (37%) ou resolveu ter por achar *bonito* (27%). *Não responderam* 10%; e 7% afirmou ter feito *por impulso, lance de momento* ou *para homenagear a mãe*. Ficaram em 3% aqueles que resolveram ter uma tatuagem *por influência de amigos, para lembrar da família, por destacar no corpo* ou por ser algo que *se leva para a vida toda*.

Observando as respostas, pôde-se perceber que há uma *imitação simbólico-cultural*, quando se toma emprestado do outro;^{395 396} além disso, o compartilhamento de “memórias em comum cria e fortalece o senso de pertencimento comunitário, o que faz com que não só estes indivíduos que estiveram longe de seus lares possam ainda se sentir parte daquele núcleo social, mas também cria um novo laço comunitário entre eles.”³⁹⁷ Ou seja, tais formas de representação e outras variáveis em comum, além de representadas por formas imagéticas, tem o valor estético por si só, que com o passar

³⁹³ LE BRETON, 2011a, p. 07 apud MACEDO, 2014, p. 153. (MACEDO, Sybele. Corpo e Marca: Tatuagem como forma de subjetivação. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, 14(1): 152-161, abril., 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v14n1/14.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2022.

³⁹⁴ GEERTZ, 1989, p. 104.

³⁹⁵ GEERTZ, 1989, p. 104.

³⁹⁶ JUNG, 2015, p. 28.

³⁹⁷ PROVESANO, 2021, p. 18.

do tempo podem tornar-se também um caráter de valor maior ou menor, seja ele diretamente representativo ou não.³⁹⁸

Mesmo Mardones considerando que a avalanche de imagens desvaloriza o imaginário e os símbolos, preferimos considerar que, além de desvalorizar, ela manipula o imaginário coletivo, trazendo a reboque uma inversão premeditada da realidade cultural. Quer dizer, crianças e adolescentes que não têm acesso aos produtos que o mercado oferece, passam a condicionar a posse desses produtos à felicidade ou sentido para a vida. Mais especificamente, “a imagem se transforma em instrumento a serviço da fuga de si mesmo e da imersão no mundo dos produtos e das marcas, da simulação e da guerra comercial dos objetos.”³⁹⁹

Quanto aos achados, as tatuagens como um todo, apresentam **as relações socioculturais dos adolescentes divididas em quatro categorias**, relacionadas a um estilo de vida. Ou seja, as tatuagens que expressam **elementos considerados sagrados e/ou religiosos**⁴⁰⁰ para eles; as que fazem parte do **cotidiano**⁴⁰¹ - relacionadas ao lazer, mas também com momentos de reflexão e busca de sentido; as que demonstram um alvo, como um **sonho de vida**⁴⁰² – que neste caso é ter muito dinheiro; e os **obstáculos ou inimigos**⁴⁰³ que ameaçam o alcance de tais objetivos, ou seja, o Estado, representado pela polícia.

Sobre a **polêmica questão do crente poder ou não se tatuar**, ficou evidente que empregar Levítico 19:28 para não recomendar ou proibir tatuagens hoje parece

³⁹⁸ PROVESANO, 2021, p. 18.

³⁹⁹ MARDONES, 2006, p. 23.

⁴⁰⁰ São as tatuagens com palavras de nomes de entes queridos, como mãe, pai, filhos; palavras e frases religiosos, como *Fé, Deus, “A luz que me guia é mais forte que os olhos que me cercam”*; bem como tatuagens com elementos explicitamente religiosos, como *Cruz, mão com o terço, nossa senhora, pentagrama, olho de hórus, etc.*

⁴⁰¹ As vicissitudes cotidianas relacionam-se às paixões presentes nas vidas dos adolescentes; àquelas que realizam em momentos de lazer e que têm prazer em expor, como: frases do time do coração (*grêmio*); frases de automotivação, como *“Tudo passa”, “Chora agora, ri depois”*; *Cifras de música e cartas de baralho*. Além disso, há uma apologia ao uso e consumo de cannabis (maconha), com tatuagens de *folha de maconha* e a inscrição *“4:20”* pm que, conforme o adolescente tatuado, simboliza o horário de fumar maconha. O consumo de maconha, além do prazer do efeito da erva visa anestesiar as condições sociais que viviam em liberdade, remetendo-os a uma reflexão ou planejamento de ações futuras, sejam lícitas ou ilícitas. Da mesma forma, as tatuagens de *bússola* e *rosa dos ventos* podem significar ou um adolescente que teve que buscar orientação e sentido sozinho (e que talvez ainda busque, como que estivesse se salvando), ou remetem a um grito de socorro por sentido para a vida, por salvação.

⁴⁰² O que consideramos como uma busca ou sonho de vida são expressados nas tatuagens dos adolescentes voltadas ao dinheiro, como: *Cifrão ou saco de dinheiro, Tio Patinhas, Irmãos Metralha, anjo com saco de dinheiro* e frases como *“Fique rico ou morra tentando”*.

⁴⁰³ Os quatro adolescentes com tatuagens de *palhaço* expressam o descontentamento com a polícia. Tatuagens de palhaço, de modo geral, simbolizam que o tatuado é matador de policial ou que compactua com a morte de policiais.

ser inadequado exegeticamente, pois se desconsidera o contexto histórico-cultural do versículo, uma postura típica de leituras fundamentalistas da Bíblia. Além disso, por que Levítico 19:28 é válido hoje enquanto outras proibições do Pentateuco não o são? Outra questão relacionada refere-se à validade da lei mosaica para as pessoas cristãs hoje. Gordon Fee e Douglas Stuart elucidam: “*Somente aquilo que é explicitamente renovado da lei do Antigo Testamento pode ser considerado parte da ‘lei de Cristo’ no Novo Testamento [...]*”.⁴⁰⁴ Em relação às tatuagens não há nenhuma proibição implícita ou explícita no Novo Testamento.

Por outro lado, uma pergunta que surge a partir de Apocalipse 19:16 “Um nome está escrito sobre seu manto e sobre sua coxa: *Rei dos reis e Senhor dos senhores*.”⁴⁰⁵ Como foi feita essa inscrição na coxa de Jesus? Pode-se dizer que é uma tatuagem? Uma leitura mais atenta desse versículo deixa evidente que o “nome” não está diretamente escrito sobre a coxa de Jesus, mas na parte do manto que cobre a coxa (ou seja, o *kai* é apositivo, indicando que coxa redefine manto).⁴⁰⁶ Por conseguinte, não se trata de uma “tatuagem celestial” como traduções como a Bíblia de Jerusalém dão a entender.

Inicialmente, um dos maiores questionamentos deste estudo, girava em torno das contradições entre o que é tatuado no corpo de uma pessoa e sua prática de vida; posteriormente, em contato com o Estado de Arte sobre o assunto, percebe-se que ***não há uma obrigatoriedade em existir uma congruência entre a tatuagem e o que a pessoa aparentemente é,***⁴⁰⁷ ***como uma lógica simbólica,***⁴⁰⁸ ou seja, entre a tentativa de projetar um ideal de vida através de imagens e símbolos tatuados (o EU ideal) e o que a pessoa realmente é de verdade (o EU real). Um exemplo disso é possível ser visto não apenas em reclusos de baixa renda, com tatuagens religiosas contrárias aos atos que culminaram em crimes; mas em pessoas de classe média e alta que também acabam se tatuando com dizeres religiosos contrários às suas vivências e escolhas criminosas.

⁴⁰⁴ FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lês?**: um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica. 4. ed. rev. e ampl.. São Paulo: Vida Nova, 2022. p. 141.

⁴⁰⁵ A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2000. p. 2163.

⁴⁰⁶ OSBORNE, Grant R. **Apocalipse**: comentário exegético. São Paulo: Vida Nova, 2014. p. 767; KOESTER, Craig R. **Revelation**: a new translation with introduction and commentary. New Haven: Yale University Press, 2014. p. 759.

⁴⁰⁷ JEHA, 2019, p. 235-242.

⁴⁰⁸ GEERTZ, 1989, p. 105.

As tatuagens do Tio Patinhas, além de representarem o pertencimento a um grupo, foi considerada sagrada para um dos adolescentes participantes da pesquisa – o que evidenciou a **subjetivação**, quando nem todos os símbolos explicitamente sagrados são considerados sagrados para as pessoas tatuadas. Além de projetarem no corpo algo que gostariam que fosse um ideal de vida (Eu ideal), pode ocorrer o sentido inverso, como algo que faz parte do “EU real”, do inconsciente das tatuagens. E a relação das tatuagens do Tio Patinhas com o capitalismo, e a reprodução inconsciente da violência sofrida, ficou evidente na pesquisa.

Ainda quanto a ideia de subterrâneo da tatuagem vinculada ao inconsciente, o os dados apresentaram o que os adolescentes julgam suas tatuagens terem relação. Ao comparar o Gráfico 1 (o que as tatuagens simbolizam para os adolescentes tatuados) com o Gráfico 6 (o que julgam suas tatuagens terem relação) é possível identificar questões subterrâneas da linguagem simbólica imbricadas nos dados. Quer dizer, mesmo que 25% dos adolescentes tenham respondido (no gráfico 1) que suas tatuagens não simbolizem nada sagrado em suas vidas, no gráfico 6, quando respondem o que consideram ter relação suas tatuagens, inconscientemente, apontam elementos sagrados e uma espiritualidade ou religiosidade no subterrâneo de suas tatuagens – o que poderíamos descrever como um *subterrâneo religioso das tatuagens*, no campo da inconsciência ou no inconsciente das tatuagens.

O caminho da desigualdade social refletiu sobre a trajetória da constituição das classes sociais e sobre como é mais difícil um jovem pobre ascender socialmente. Mesmo setores conservadores da sociedade fortalecendo a questão do mérito, ou seja, de que se uma pessoa quiser, ela pode chegar em qualquer posição, as realidades e contradições sociais apontam o contrário. Além do mérito, são necessárias políticas públicas afirmativas para reduzir as desigualdades sociais.

Quanto aos estudos de Erikson, pôde-se perceber que crianças inseridas em um contexto de má alimentação ou drogadição desde a gestação, tendem a ter problemas em seu desenvolvimento psíquico e cognitivo. Esta foi a intenção de relacionar ou “conversar” Erikson com a pesquisa. Quer dizer, conforme estudava Erikson, além de perceber faltas e fragilidades nas fases da minha infância e adolescência, percebi uma identificação com os adolescentes participantes deste estudo. Mais especificamente, quando Erikson trata da fase dos primeiros anos escolares, intitulada **Indústria (produtividade) versus inferioridade**, que vai dos **seis aos onze anos**, afirma ser responsável por **gerar orgulho em algumas**

realizações e habilidades, a partir de interações sociais; ou seja, **quando encorajadas e elogiadas por pais professores e colegas, as crianças desenvolvem um sentimento de competência e crenças nas suas habilidades.** Caso haja **pouco incentivo e encorajamento, tendem a duvidar das suas habilidades para serem bem-sucedidas.** No caso das pessoas participantes da pesquisa, conforme Erikson, deveria ter ocorrido um equilíbrio entre produtividade e inferioridade para que essas criança tivessem⁴⁰⁹ um senso de competência e crença nas suas próprias capacidades.⁴¹⁰

Da mesma forma, a quinta fase do desenvolvimento psicossocial é de suma importância, justamente por ser a fase da **adolescência** - que vai dos **doze aos dezoito anos** – a fase que ele chama **identidade versus confusão de papel**. Essa fase é que se desenvolve uma **busca por identidade pessoal, independência e um sentido de si**. O adolescente que **recebe incentivo e reforço adequado na fase anterior e através da exploração pessoal, desenvolve um senso de si mesmo e uma sensação de independência e controle**. Os que **permanecem inseguros das suas crenças e desejos, vão se sentir inseguros e confusos sobre si mesmos e o futuro**. Concluir essa etapa com equilíbrio torna-se saudável no desenvolvimento da **fidelidade – a capacidade de viver de acordo com as normas e expectativas sociais**⁴¹¹ - o que não se pôde observar entre os adolescentes sujeitos deste estudo, já que estão com suas liberdades limitadas por não terem conseguido viver de acordo com algumas normas e “acordos” (leis) sociais.

Quando a sociedade vive conflitos de identidade e de interesse, não vendo em membros da família ou na escola uma válvula de escape a se espelhar positivamente, vive-se o caos social de muitas comunidades carentes: a falta de sentido para a vida. E estudos mais sofisticados, que vão além da análise psicossocial, apontam a importância em se pesquisar o temperamento e o comportamento genético das pessoas como um todo, mas que podem auxiliar na análise das pessoas que resolvem partir para a delinquência ou não.

⁴⁰⁹ A intenção não é emitir julgamentos. Pode haver adolescentes da FASE que se julguem competentes e confiantes nas suas habilidades; mas observando suas atitudes e, pelo fato de estarem com suas liberdades limitadas, inconscientemente, não têm senso de si mesmo nem sensação de independência e controle.

⁴¹⁰ ERIKSON, 1971, p. 238-240.

⁴¹¹ ERIKSON, 1971, p. 240-242.

Tais estudos, podem confirmar mais uma hipótese do porquê de algumas pessoas em mesmo contexto sociocultural acabarem não apenas cometendo delitos, mas os realizarem de forma desumana e cruel. Esta abordagem é importante por a personalidade ser “a parte do campo da psicologia que mais considera as pessoas em sua totalidade, como indivíduos e seres complexos.”⁴¹² Com isso, mesmo o contexto sociocultural sendo importante e influente na vida humana – e neste caso, na vida de adolescentes – não esgota as dúvidas e incertezas relacionadas ao caminho social percorrido.

Quanto às religiosidades e tatuagens, as abordagens e contatos com os adolescentes permitiram um mapeamento das religiões que se dizem vinculados, relacionadas à *matriz religiosa brasileira*⁴¹³ e à *religiosidade matricial* ou *religiosidade popular*⁴¹⁴. As demais tatuagens, estão associadas a questões culturais, representadas pela cultura de massa e/ou cultura pop.

A partir do questionário, pôde-se perceber que se consideram evangélicos pentecostais ou neopentecostais 64% dos adolescentes. Os católicos ficaram em 13%, Luteranos 3% e umbandistas 7%. De modo geral, a sondagem permitiu uma observação das religiões institucionalizadas, as quais consideram-se vinculados, ou seja, à matriz religiosa brasileira; não necessariamente as religiões que se identificam ou que se consideram pertencentes, como é o caso da *religiosidade popular*. Neste

⁴¹² PERVIN, Lawrence A.; JOHN, Oliver P. **Personalidade, teoria e pesquisa**. 8. Ed. São Paulo: Artmed. 2008, p. 22-23. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=e0l4prXA69kC&oi=fnd&pg=PA8&dq=Personalidade,+teoria+e+pesquisa&ots=YTh8h0rWdA&sig=E5eERYHge8bB_Rq5Lfgkp6FXdN4#v=onepage&q=Personalidade%2C%20teoria%20e%20pesquisa&f=false. Acesso em: 24 ago. 2021.

⁴¹³ Adilson Schultz se utiliza de André Droogers e José Bitencourt Filho para considerar como **Matriz Religiosa** “as instituições que deram forma ao ethos religioso brasileiro: catolicismo, religiões indígenas, religiões afro-brasileiras e espiritismo”. (SCHULTZ, Adilson. **Deus está Presente – O diabo está no meio: o protestantismo e as estruturas teológicas no imaginário religioso brasileiro**. Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia da Faculdades Est (Tese de Doutorado). São Leopoldo: EST, 2005, p. 193.

⁴¹⁴ **Religiosidade Popular** se refere “ao não-institucional; àquilo vivenciado no dia-a-dia em nível popular, aquilo que carece de legitimação social. A matriz marca o discurso e a prática religiosa recorrente em todas as camadas sociais e extratos éticos brasileiros. O sucesso ou fracasso de formações religiosas singulares dependeria, sobretudo, do aproveitamento simbólica dessa matriz, que está de tal forma arraigada na população, que não deixaria brechas para outras formações” (SCHULTZ, 2005, p. 193-194).

sentido, mesmo havendo diferença entre os conceitos *religiosidade*, *religião*, *espiritualidade*⁴¹⁵ e *pertença religiosa*⁴¹⁶, em muitos casos, se confundem.

Na intenção de uma aproximação com a religiosidade, a teoria mista no estudo da religião provou ser a alternativa mais viável. Faz todo sentido encontrar em **Clifford Geertz** a compreensão *mista de religião*⁴¹⁷.

As contribuições de Dürkheim para compreender a religião na contemporaneidade foram importantes, à medida que analisa ***as funções e o papel da religião na sociedade***, como um interesse nas suas estruturas simbólicas voltadas à coletividade.⁴¹⁸ Ou seja, para Dürkheim, a religião é a responsável pela coesão social; “sem ela, a sociedade simplesmente não existiria. A religião necessariamente sofre transformações ao longo do tempo e de acordo com a cultura, mas jamais está ausente ou desaparecerá.”⁴¹⁹

É de se considerar o papel e as funções da religião na sociedade - ainda mais quando se trata de adolescentes infratores - simplesmente por ser uma das instituições que mais atuam paralelamente com o trabalho do Estado – e até mesmo quando ele não dá conta das inúmeras demandas sociais e suas contradições. Quer dizer, as diversas instituições religiosas não pagam impostos por se considerar a relevância e função social que exercem. E investigar como era a rotina familiar

⁴¹⁵ José Bittencourt Filho se utiliza de José Jorge de Carvalho (1994) para identificar quatro estilos principais de espiritualidade no Brasil: (1) *mística letrada* (2) *possessão ritualizada* (3) *espiritismo* e (4) *meditativo oriental* (FILHO, José Bittencourt. **A Matriz Religiosa Brasileira: Religiosidade e mudança social**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes; Petrópolis: Rio de Janeiro: Koinonia, 2003, p. 40).

⁴¹⁶ A ***pertença religiosa*** pode, inclusive, ser dupla ou múltipla, já que “o trânsito religioso se dá, não apenas na migração de uma religião para a outra, mas também na recomposição simbólico-cultural de diferentes sistemas de crenças. Isso acontece em diferentes tipos de expressão religiosa: i) o que afirma determinada pertença e admite experimentar outras expressões religiosas, ii) o que, por motivos externos nem sempre confessáveis, declara uma religião mas exerce outra, iii) o que harmoniza e integra relativamente bem mais de uma tradição religiosa, iv) o que não adere uma religião específica, mas transita por mais de uma, e v) aquele que, mesmo mantendo a sua pertença religiosa, articula elementos simbólico-rituais de outras religiões” (RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. Dupla e múltipla pertença religiosa no Brasil. **Estudos de Religião**, v. 32, n. 3 • 93-115 • set.-dez. 2018 • ISSN Impresso: 0103-801X – Eletrônico: 2176-1078. 2018, p. 96. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/8655/6471>. Acesso em: 16 nov. 2023).

⁴¹⁷ Isto é, quando dialoga com a cultura, compreende religião como: “(1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de fatalidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas” (GEERTZ, 1989, p. 104-105).

⁴¹⁸ GABATZ, 2017, p. 340 e 352.

⁴¹⁹ DURKHEIM, 1989, p.477 apud SCHULTZ, 2005, 172.

envolvendo a questão espiritual e religiosa dos adolescentes da Fase também foi um dos objetivos desta pesquisa.

Assim, a religião com mais adeptos envolvendo a rotina familiar como um todo foi a evangélica pentecostal, com 35%; umbanda, com 7% e Luteranos, com 4%. Depois, como aqueles que vão às vezes e finais de semana, ficaram católicos, com 10%; e evangélicos pentecostais, com 7% dos questionados. Além disso, 17% consideraram-se evangélicos que já frequentaram, mas não frequentam mais; e 4% não respondeu.

Ao separar as pessoas que já frequentaram ou frequentam alguma religião das que não frequentam ou não responderam, pôde-se constatar 54% dos adolescentes questionados como aqueles com uma rotina familiar presente, praticante e bastante envolvida com alguma Instituição religiosa. Ficaram em 20% os que vão às vezes ou finais de semana e os que já foram e não frequentam mais. Por último, ficou em 3% os que não frequentam nenhuma religião e os que não responderam. Logo, se somarmos todos que, de alguma forma, tiveram algum contato com alguma instituição religiosa, seriam 94% dos adolescentes questionados.

Quanto às religiosidades dos adolescentes da Fase, quando Filho considera que *o indivíduo tem tomado para si a tarefa de moldar a própria síntese*, ou seja, a sua *religiosidade privada, com elementos oriundos de diferentes experiências religiosas, mesmo contraditórias*, é justamente a sensação que se tem quando se observa as religiosidades dos adolescentes da Fase: cristãos que vão tomar passe na terreira; que não oram às entidades da Umbanda e sim a Deus; jovens que acreditam em tatuagens como amuletos; ou que consideram estar na Fase por ter esquecido de colocar a guia do batoque no dia em que “caiu preso”. Além da constituição de uma religiosidade própria (privada) é possível observar, durante o processo, isto é, durante a medida socioeducativa, o auxílio da fé (vinculada a diferentes experiências religiosas) no desenvolvimento da resiliência. Assim, fé (experiências religiosas) e resiliência podem servir na hipótese de uma religiosidade singular, quando se pensa nas diferentes experiências religiosas, mesmo contraditórias, envolvendo estes adolescentes.

As respostas dos adolescentes estão fortemente relacionadas as suas experiências religiosas, vinculadas a religiosidade popular – tão presentes na cultura popular e nas realidades cotidianas das pessoas.

Quanto à compreensão dos adolescentes sobre Deus (gráfico 12), ficaram em 12% as respostas *Ele é bom o tempo todo* e 6%, respostas que apontam Deus como: *Jesus; uma pessoa que ajuda outras pessoas; protetor; e que sem Deus não somos nada*. Além disso, 3% das respostas entenderam Deus como: *o que perdoa; o que é amor; o que é espírito; o que é poderoso; o que é um só; e aquele que é importante na minha vida*. As respostas que identificaram Deus como sendo *nosso pai*, com 9% das respostas, são muito significativas, à medida que os adolescentes, em sua grande maioria, não têm o nome do pai no registro de nascimento, sem contar a questão de não terem conhecido o pai, ou não terem mais contato com o pai há muito tempo. Isso nos revela a hipótese de depositarem em Deus a carência da referência paterna em suas vidas. Aliás, muitas pessoas têm dificuldades em representar Deus como aquele que é Pai, justamente por isso: pela falta da presença e da referência paterna durante a infância e adolescência. Ficaram em 12% as respostas *não sei responder* e que apontam *Deus como o Criador*.

Quanto as religiosidades dos adolescentes entrevistados, apesar da tatuagem da *nossa senhora* fazer parte da crença do adolescente Elton e de fazer parte do imaginário religioso e da religiosidade popular, o jovem tatua com a intenção de homenagear e lembrar da memória do avô. Apresenta uma forma de memória afetiva, formada por sentimentos capazes de conectar as pessoas ao passado e ao presente.⁴²⁰ Quando o jovem olha para a tatuagem, é como se pudesse acionar um gatilho capaz de acessar seu avô novamente⁴²¹- além da importação ou imitação simbólica, já que o avô tinha a mesma tatuagem da Nossa senhora.

As tatuagens de Djoni, da *coroa no diamante com o nome do pai e da mãe*, relacionam-se à memória afetiva aos pais. Já “a união, nessa tatuagem, das mãos em oração com o terço nos indica devoção, súplica e piedade”.⁴²² Da mesma forma, a tatuagem de pomba (figura 13), além de representar o Espírito Santo, é popularmente

⁴²⁰ PROVESANO, Felipe Bonfante. **A memória afetiva na tatuagem**: análise da representação de pessoas. Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Publicidade e Propaganda, da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. ANIMA Educação. 2021, p. 13. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/20502/1/mem%c3%b3ria%20afetiva%20na%20tatuagem.pdf>. Acesso em: 29 out. 2023.

⁴²¹ PROVESANO, 2021, p. 13-14.

⁴²² TOSCAN, Márcia. **O corpo indelével**: tatuagens em presidiários. Universidade Fernando Pessoa (Tese de Doutorado). Porto: 2021, p. 140-141. Disponível em: <https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/10930>. Acesso em: 20 nov. 2023.

associada à paz e à renovação espiritual, no imaginário religioso e na religiosidade popular.⁴²³

Em relação às tatuagens do jovem Deivid e o que simbolizam para ele, mesmo durante a aplicação do questionário ter considerado como sagrada em sua vida a tatuagem da *coruja*, por simbolizar a sabedoria, durante a entrevista, ficou em evidência a tatuagem da frase religiosa “*A luz que me guia é mais forte que os olhos que me cercam*”, bastante popular entre jovens e adolescentes. Foi constatado que a tatuagem de cruz, além de ser “um símbolo mais usado nas classes populares [...], não é exclusivo da religião cristã”.⁴²⁴

Sobre a tatuagem de Pedro (anjo com a metralhadora em uma mão e o saco de dinheiro em outra), pensando no que o jovem relata e fazendo a relação com sua tatuagem, a hipótese bem provável é de que realmente o dinheiro e a arma nas mãos do anjo, estejam relacionados, na pele (carne) do jovem, com a relação “ofício/proteção”. Ou seja, o relato transmite a sensação de que ele só caiu preso por conta de não estar com a *guia de proteção de São Jorge*, não parando para refletir no ato delituoso em si; e que o anjo serve como um amuleto de proteção.

O exemplo de Pedro faz parte do imaginário religioso brasileiro e da religiosidade popular brasileira; pessoas que frequentam mais de uma religião e que fazem um **deslocamento simbólico** de elementos da cultura popular e do imaginário religioso coletivo, adaptando-os as suas necessidades e transformando-os em amuletos marcados na pele. Ou seja, “mais do que nunca, faz-se presente de modo até agressivo, a apropriação de símbolos alheios, assim como a constante perversão de símbolos.”⁴²⁵ Além disso, José Bittencourt Filho afirma que “*o indivíduo tem tomado para si a tarefa de moldar a própria síntese, isto é, construir a sua religiosidade*

⁴²³ Disponível em:
https://www.google.de/search?q=significado+da+pomba+do+esp%C3%ADrito+santo+em+tatuagem&sca_esv=584265682&sxsrf=AM9HkKm1Wh_Mdz6nLMAeGHFu7WMQj_5vug%3A1700566804475&ei=FJdcZeW9HN_21sQPIq-jsAc&ved=0ahUKEwjll7CCgdWCAxVfu5UCHZbXCHYQ4dUDCBE&uact=5&oq=significado+da+pomba+do+esp%C3%ADrito+santo+em+tatuagem&gs_lp=Egxnd3Mtd2l6LXNlcniM3NpZ25pZmljYWRvIGRhlHBvbWJhIGRvIGVzcMOtcmI0byBzYW50byBibSB0YXR1YWdlbTIEECMYJ0jvP1D1DViwNXABeACQAQCYAb4BoAHIFaoBBDAuMTm4AQPIAQD4AQHCAgoQABhHGNYEGLADwglIECEYoaEYwwTCAgoQIRigARjDBBgKwglHECMYsAIYJ-IDBBgAIEGIBgGQBgg&scient=gws-wiz-serp.

⁴²⁴ JEHA, 2019, p. 280-281.

⁴²⁵ FILHO, 2003, p. 37.

privada, com elementos oriundos de diferentes experiências religiosas, mesmo contraditórias."⁴²⁶

Quanto ao jovem Klaus, a tatuagem do pentagrama ou signo de Salomão lhe traz um sentimento de proteção, como se tivesse o corpo fechado. Da mesma forma, a tatuagem do olho de Horus, *o olho que tudo vê*, Klaus a utiliza de maneira mística. Isto é, uma tatuagem com um símbolo que serve como amuleto de proteção - como o que vê e avisa de algum perigo; de alguém que possa estar tramando algo para prejudicar a pessoa – o que não foge do significado original do símbolo, representando a “onisciência”.

Durante o processo de pesquisa sobre tatuagens e símbolos religiosos na adolescência, pôde-se perceber uma ruptura com formas hipoteticamente tradicionais ou esperadas de tatuagens e símbolos religiosos. Quer dizer, ficou bem nítida a subjetivação no que se refere a tatuagens, linguagem simbólica e corpo. A cultura popular, dialogando com a religiosidade popular trouxe à tona não só a percepção de uma descolonização do sagrado, mas do corpo em si. Mais especificamente, cada adolescente passa a ser ou representar uma tatuagem, simplesmente por ser uma marca social, com seus corpos simbolizando a terra ou solo fértil que anda - tendo a tatuagem como “eucaristia”. Assim, a teologia percebida durante o convívio com os adolescentes da Fase, além de remeter à insegurança, medo, abandono e violência - provocado por contradições sociais – é, notadamente, uma teologia da esperança, do amor e saudade de entes queridos, da alegria de viver e da busca de sentido. É uma teologia da resistência e da resiliência.

⁴²⁶ FILHO, 2003, p. 31-32.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2000.

ADAM, Júlio César. Teologia em movimento: perspectivas da teologia prática como hermenêutica da religião vivida a partir do cinema brasileiro. **Numen**: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 21, n.1, jan./jun. 2018, p. 114-128). Disponível em:

file:///C:/Users/Vagner/Documents/Faculdades%20EST/Doutorado/Doutorado%20EST%202021%20%201/Doutorado%20Est%202020%201/Minha%20Tese%20e%20monografias/Monografia%20II/Textos%20parte%20II/22121-Texto%20do%20artigo-87779-1-10-20190206.pdf. Acesso em: 17 out. 2022.

AH, Aventuras na História. **O pentagrama sempre foi um símbolo satânico?** Com mais de 5 mil anos de criação, ele ainda hoje decora igrejas e mesquitas.

Redação publicado em 21/02/2020, ÀS 09H00. Disponível em:

<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/historia-o-pentagrama-sempre-foi-um-simbolo-satanico.phtml>. Acesso em: 23 nov. 2023.

ALEXANDRE, Marcos. Representação Social: uma genealogia do conceito.

Comum. Rio de Janeiro, v.10, nº 23, p. 130, julho / dezembro 2004. Disponível em: <https://www.sinpro-rio.org.br/imagens/espaco-do-professor/sala-de-aula/marcos-alexandre/Artigo7.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2021.

ALVES, Ruben, **O que é Religião**. EDIÇÃO ES LOYOLA, São Paulo, Brasil, 1999.

ANDRADE, Paula. **O encarceramento tem cor**. Conselho Nacional de Justiça (CNJ). 9 de julho de 2020, p. 01. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/o-encarceramento-tem-cor-diz-especialista/>. Acesso em: 01 mai. 2023.

BARBIERI, Rafaela Arienti. Deus está morto. Satã vive: uma análise do satanismo em o bebê de rosemary (1968). **Revista Semina**. V. 17, N.º 2, 2018 – ISSN 1677-1001 Artigo Recebido em 31/10/2018- Aprovado em 26/02/2019, p. 192. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/ph/article/view/9987/114114806>. Acesso em: 23 nov. 2023.

BARROS, José D'Assunção. **O olho de Horus e outras imagens – Conceitos e linguagem simbólico-visual**. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

https://doi.org/10.14195/2183-6019_13_10. 2021, p. 192. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/mediapolis/article/view/9624/7371>. Acesso em: 24 nov. 2023.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BENETI, Antônio. Tatuagem e laço social. **Opção Lacaniana online** nova série. Ano 3. Número 7. março 2012. ISSN 2177-2673. p. 06. Disponível em:

http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_7/Tatuagem_e_laco_social.pdf. Acesso em: 21 mai. 2022.

BÍBLIA de Estudo de Genebra. 2 ed. Barueri, SP: **Sociedade Bíblica do Brasil**; São Paulo: Cultura Cristã, 2009. p. 1574-1575.

BÍBLIA ON-LINE, Disponível em: <https://www.bibliaon.com/tatuagem/>. Acesso em: 20 set. 2022.

BITTENCOURT, Ana M. S. **A Pré-História do Minho**: do Neolítico à idade do Bronze. In: PEREIRA, Paulo (org.). *Minho traços de identidade*. Universidade do Minho. Braga, 2009, p. 70. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/16902>. Acesso em: 16 jul. 2021.

BOBSIN, Oneide. **O subterrâneo religioso da vida eclesial**: escuta pastoral. *Reflexão*, Campinas, 41(2):179-197, jul./dez., 2016. Disponível em: <http://seer.sis.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reflexao/article/view/3765>. Acesso em: 22 jun. 2020.

BOLSANELLO, Maria Augusta. **Darwinismo social, eugenia e racismo “científico”**: sua repercussão na sociedade e na educação brasileiras. *Educar*, Editora da UFPR. Curitiba. n.12, 1996, p. 154. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/sNH6RP4vvMk6wtPSZztNDyt/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 22 jul. 2021.

BRASIL. Presidência da República. **Lei de Execução Penal** nº 7.210 do ano de 1984. Brasília: Planalto, 1984. 44p.

BURKE, Peter. **A Nova História, seu passado e seu futuro**. Capítulo introdutório do livro *A escrita da História: novas perspectivas* / Peter Burke (org.); trad. de Magda Lopes - São Paulo: Editora UNESP. 1992, p.02. Disponível em: https://etnohistoria.fflch.usp.br/sites/etnohistoria.fflch.usp.br/files/Burke_Nova_Historia.pdf. Acesso em: 17 Abr. 2023.

COLL, Liana. Aumento da miséria extrema, informalidade e desigualdade marcam os dois anos da Reforma Trabalhista: mudanças trabalhistas de Temer, junto a medidas do governo Bolsonaro, acentuam precariedade no mundo do trabalho, analisam professores Ricardo Antunes e Andréia Galvão. 11 Nov. 2019 | 15:59, HUMANAS. **Jornal da Unicamp**. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/index.php/ju/noticias/2019/11/11/aumento-da-miseria-extrema-informalidade-e-desigualdade-marcam-os-dois-anos>. Acesso em: 08 ago. 2020, 15:15.

CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência Religiosa**: uma introdução à fenomenologia da religião. Tradução de Carlos Maria Vásquez Gutierrez — 3 ed — São Paulo : Paulinas, 2010, p. 113-118.

CUNHA, Cristina Vital da. **Evangélicos em ação nas favelas cariocas**: um estudo socioantropológico sobre redes de proteção, tráfico de drogas e religião no complexo do Acarí – 2009. 340f. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 2009, p. 206. Disponível em:

http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_a043a9b550884dbb3efa6af8600a86da. Acesso em: 06 ago. 2020.

DARWIN, Charles. **A Origem das Espécies**: no meio da seleção natural ou a luta pela existência na natureza. vol. 1, tradução Dr. Mesquita Paul. 2003. 572 p.

Disponível em:

https://www.academia.edu/4592143/1A_Origem_das_Esp%C3%A9cies_Aos_Leitores_NOT%C3%8DCIA_HIST%C3%93RICA_COM_RESPEITO_AOS_PROGRESSOS_DA_OPINI%C3%83O_RELATIVA_%C3%80_ORIGEM_DAS_ESP%C3%89CIAS?auto=download&email_work_card=download-paper. Acesso em: 22 jul. 2021.

DÉA, Paulo F. Dalla. **Sobre a Linguagem religiosa da Tatuagem**. In: Linguagem, discurso e religião: diálogos e interfaces. Julia Cristina de L. Costa; Pedro Farias Francelino [Orgs.] Linguagem, discurso e religião: diálogos e interfaces. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, p. 49. Disponível em:

<https://pedroejoaoeditores.com.br/2022/wp-content/uploads/2022/05/Linguagem-discurso-e-religiao-1.pdf#page=50>. Acesso em: 19 nov. 2023.

DEL PRIORE, Mary. **História do cotidiano**. São Paulo: Contexto, 2001. p. 03.

DEL PRIORE, Mary. História do Cotidiano e da Vida Privada. CARDOSO, Ciro Flamarion S. [et al]. **Domínios da História**. Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 259-274.

DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. In: DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otávio; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. p. 74.

DICIO, **Dicionário On Line da Língua Portuguesa**. Disponível em:

<https://www.dicio.com.br/subterraneo/>. Acesso em: 30 ago 2022.

DICIONÁRIO Online de Português. Disponível em:

<https://www.dicio.com.br/infectuoso/>. Acesso em: 03 ago. 2020.

DURKHEIM, E. **O suicídio**. São Paulo/Lisboa: Martins Fontes/Presença, 1977.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso. – São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 13.

EMPIS, Luisa de Jesus. **Ted Bundy**: Estudo de Caso. ISPA: Instituto Universitário de Ciências psicológicas, sociais e da vida. Dissertação de Mestrado em Psicologia clínica. 2013, p. 12-20. Disponível em:

<https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2544/1/14312.pdf>. Acesso em: 01 out. 2022).

ERIKSON, Erik. **Infância e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971. p. 229-231.

FADIMAN, James; FRAGER, Robert. **Personalidade e crescimento pessoal**. São Paulo: Artmed, 2008. p. 195. Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?hl=pt->

BR&lr=&id=UL7koDFT198C&oi=fnd&pg=PA9&dq=personalidade+e+crescimento+pe
ssoal&ots=SeUNm4bKMj&sig=CRFdjL48gTeeFpZuhE4xBmaHRoY#v=onepage&q=
personalidade%20e%20crescimento%20pessoal&f=false. Acesso em: 02 ago. 2021.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lês?:** um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica. 4. ed. rev. e ampl.. São Paulo: Vida Nova, 2022. p. 141.

FERRAZ, Manoel de Figueiredo. **Do tribunado da plebe.** São Paulo: Edusp, 1989. p. 27. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Z2pSrnyV4GwC&oi=fnd&pg=PA7&dq=plebeus+romanos&ots=f7kBsYhlzP&sig=j5hSU0WSXUkh5qVyO_byLJ-SSzw#v=onepage&q=plebeus%20romanos&f=false. Acesso em: 23 jul. 2021.

FERREIRA, Jessica Kelly Sousa. **Estudo do tipo etnográfico e tecnologias: descrição densa de aulas como o uso de dispositivos móveis e facebook no ensino médio.** Universidade Estadual da Paraíba. IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB, 2014, p. 02. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enid/2014/Modalidade_1datahora_04_11_2014_19_47_15_idinscrito_434_46fe4e560dac404d9b19e2d561246cc3.pdf. Acesso em: 04 abr. 2024.

FILHO, José Bitencourt. **A Matriz Religiosa Brasileira:** Religiosidade e mudança social. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes; Petrópolis: Rio de Janeiro: Koinonia, 2003, p. 41.

FILHO, Luís Francisco Carvalho. Impunidade no Brasil Colônia e Império. **Estudos Avançados.** São Paulo, v.18, n.51, p. 184, 12 jun. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/d4ghqhFpNrLvQkLZ6Pxp5mf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 jul. 2021.

FOWLER, James. **Estágios da fé. A psicologia do desenvolvimento e a busca de sentido.** São Leopoldo: Sinodal, 1992. p. 9 a 40.

FRANÇA, Vera; DORNELAS, Raquel. No bonde da Ostentação: o que os “rolezinhos” estão dizendo sobre os valores e a sociabilidade da juventude brasileira. **Revista Ecopós** | issn 2175-8689 | comunicação e gosto | v. 17 | n. 3 | 2014 | dossiê. Submetido em: 10/09/2014. Aceito em: 25/10/2014. Disponível em: https://ecopos.emnuvens.com.br/eco_pos/article/view/1384/2531. Acesso em: 23 out. 2023.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão.** Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 48-51.

GABATZ, Celso. ZEFERINO, Jeferson. As contribuições de Émile Dürkheim para compreender a Religião na Contemporaneidade. **Revista Correlatio.** Vol. 16. n. 2, UESP, 2017, p. 339-355.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas,** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas, 2014, p. 128 – 138.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Guanabara – Rio de Janeiro, 1988, p. 28.

GOMES, Thaywane do Nascimento AMPARO, Deise Matos do. Narrativas na carne: as tatuagens dos jovens na socioeducação. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Universidade de Brasília. **Estudos de Psicologia**, 27(1), janeiro a abril de 2022, 46-56. DOI: 10.22491/1678-4669.20220005ISSN (versão eletrônica): 1678-4669 Acervo disponível em <http://pepsic.bvsalud.org>. p. 52. Disponível em: <https://submission-pepsic.scielo.br/index.php/epsic/article/view/21629/1055>. Acesso em: 07 Set. 2023.

HANASHIRO, Darcy Mitiko Mori; CARVALHO, Sueli Galego de. Diversidade Cultural: panorama atual e reflexões para a realidade brasileira. **REAd – Revista Eletrônica de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Edição 47 v. 11 n. 5, set-out 2005, p. 4-5. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4011/401137448001.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2021.

HARTLEY, John E. **Leviticus**. Dallas: Word Books, 1992. p. 320.

HERVIEU-LÉGER, Danièle; WILLAIME, Jean-Paul. (Org.). **Sociologia e Religião**. Abordagens clássicas. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2009, (Max Weber) p. 82.

INDICA. **Tv**. Disponível em: <https://viureview.com.br/filme/1122-fique-rico-ou-morra-tentando>. Acesso em: 23 out. 2023.

JEHA, Silvana. **Uma História da Tatuagem no Brasil**: do século XIX à década de 1970. São Paulo: Veneta, 2019, 352p.

JUNG, Carl Gustav, 1875-1961. **A vida simbólica**: escritos diversos / C.G. Jung; tradução Edgar Orth ; revisão técnica de Jette Bonaventure. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

JUNIOR, Karlo Marques. A Renda, Desigualdade e Criminalidade no Brasil: uma análise Empírica. **Rev. Econ. NE**, Fortaleza, v. 45, n. 1, p. 34-46, jan./mar, 2014. Disponível em: <https://www.bnb.gov.br/revista/index.php/ren/article/view/62/42>. Acesso em: 14 jul. 2021.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva**: um guia para pesquisa de campo. [Tradução de] Tiago de Abreu e Lima Flerêncio; [Revisão de] Bruno César Cavalcanti. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes; Maceió, Alagoas: Edufal, 2013.

KOESTER, Craig R. **Revelation**: a new translation with introduction and commentary. New Haven: Yale University Press, 2014. p. 759.

LARROSA, Susana María Rocca. **A fé parece ser uma chave no desenvolvimento das capacidades de resiliência**. IHU on-line (Revista do Instituto Humanitas Unisinos), Edição 241 | 29 outubro 2007, p.01. Disponível em:

<https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/1429-susana-rocca-2>. Acesso em: 15 Abr. 2023.

LE BRETON, 2011a, p. 07 apud MACEDO, 2014, p. 153. (MACEDO, Sybele. Corpo e Marca: Tatuagem como forma de subjetivação. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, 14(1): 152-161, abril., 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v14n1/14.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2022. LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Katálisis**, Florianópolis, v. 10, n. esp., p. 37-45, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0410spe.pdf>. Acesso em: 14 out. 2012.

LISBOA, Ana Paula. Entidades repudiam declaração de Bolsonaro sobre trabalho infantil. **Correio Braziliense**. 05 jul. 2019. Disponível em: <https://blogs.correiobraziliense.com.br/primeirainfancia/2019/07/05/entidades-repudiam-declaracao-de-bolsonaro-sobre-trabalho-infantil/>. Acesso em: 14 jul. 2021.

LISE, Michelle Larissa Zini; GAUER, Gabriel José Chittó; NETO, Alfredo Cataldo. Tatuagem: aspectos Históricos e Hipóteses sobre a origem do Estigma. **Brazilian Journal of Forensic Sciences, Medical Law and Bioethics** 2(3):294-316 (2013). Disponível em: <https://www.bjfs.org/bjfs/bjfs/article/view/493/2159>. Acesso em: 10 mar 2022.

LOTTA, Gabriela. **Teoria e análises sobre implantação de políticas públicas no Brasil**. Brasília: Enap, 2019, 324p. Disponível em: https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/4162/1/Livro_Teorias%20e%20An%c3%a1ises%20sobre%20Implementa%c3%a7%c3%a3o%20de%20Pol%c3%adticas%20P%c3%ablicas%20no%20Brasil.pdf. Acesso em: 14 jul. 2021.

LÖWY, Michael. **O Capitalismo como Religião**. Versão editada da conferência de Michael Löwy na USP no dia 29 de setembro. Tradução de Luiz Roberto Mendes Gonçalves. Publicado na Folha de São Paulo, Caderno Mais, domingo, 18 de setembro de 2005. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/48350935/michellowyocapitalismocomoreligion-libre.pdf?1472281450=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DO_CAPITALISMO_COMO_RELIGIAO.pdf&Expires=1686516662&Signature=QCIB95IDl3deOjNC9mCEbD9IHlupBF3G9tLOvPMXwn4LE1s1zdg63rotctoYSowNdg6~Zu-9ZE3YRsbY58ukVmKYt2nPHivRIGoBSobS3sZ-eX4K1jyrFOJUE-dX3IUeL0IGNJkljkbjRpHhW33MTt2J1NJn~IQsT7OkfAPO0SJQpVoZOlx2KK1p1CMhn80XC~n5xCYMTtGIB7O5zWTNZdAm4JeF~xxFDAAevCWZqfYOhd79pyValZYdF9iDYYdwOfeFWfN97qBcP~HuKidXTiNWn85tkq07za~6UmRCunbTK8QZ3a~7VnCI0fhQ-PZu7~ET1E1Wp3Wi9GjJ~2MkVA__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 11 jun. 2023.

MACHADO, Igor José de Renó. **Sociologia Hoje**. 2 ed. São Paulo: ática, 2016, p. 136.

MAIER, Monika. **Vínculos entre família e escola como fator de sustentabilidade institucional**. 2021. Monografia (Especialista) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades Est, São Leopoldo, 2021, p. 5-6.

MAGUMA. **O Deus Dinheiro**. São Paulo: Boitatá, 2018.

MARCELINO, Fernando César. **A mensagem por trás da imagem: estudos da tatuagem à luz da análise do discurso**. 380p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://adelpa-api.mackenzie.br/server/api/core/bitstreams/2b1eb0d5-4879-4585-8a0d-02d2a296308d/content>. Acesso em: 22 out. 2023.

MARDONES, José Maria. **A vida do símbolo: a dimensão simbólica da religião**. – São Paulo Paulinas, 2006, p.31.

MATIAS, Anne Karine; SIMÕES, Anne Augusta Rocha; GALVÃO, Luis Carlos Cavalcante. **Entre Tatuagens e Criminosos**. ISSN: 2224-4131. Depósito legal: 2005-5822. 2014, p. 02. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5472800>. Acesso em: 14 out. 2023. MILGROM, Jacob. **Leviticus: a book of ritual and ethics**. Minneapolis: Fortress Press, 2004. p. 242.

MENEZES, Pedro. **Anomia**. Toda Matéria. Professor de Filosofia, Mestre em Ciências da Educação. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/anomia/>. Acesso em: 26 Abr. 2024.

MILIOLI, Marcela Junkes. **Identificação obrigatória do perfil genético prevista na Lei de Execuções Penais: um estudo do recurso extraordinário n. 973.837, à luz do princípio da presunção de inocência**. Trabalho de Conclusão de Curso, (bacharelado) no curso de Direito da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC. Criciúma, 2019, p. 19-22. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/71112/1/MARCELA%20JUNKES%20MILIOLI.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2021.

MOREIRA, Alberto da Silva. O deslocamento do religioso na sociedade contemporânea. **Estudos de Religião**, Ano XXII, n. 34, 70-83, jan/jun. 2008, p.75. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6342560>. Acesso em: 23 nov. 2023.

MOREIRA, Renata Couto; BRAGA, Marcelo José; TOYOSHIMA, Silvia Harumi. Crescimento e Desigualdade: Prosperidade Versus Armadilhas da Pobreza no Desenvolvimento Econômico dos Estados Brasileiros. **Economia, Selecta**, Brasília (DF), v.11, n.4, p.143, dezembro 2010. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=armadilhas+da+pobreza&btnG=. Acesso em: 15 jul. 2021.

MUSSKOPF, André Sidnei. **Deus é brasileiro! Mas que brasileiro? Gênero e religião nas artes**. Portal Metodista de periódicos científicos e acadêmicos. Universidade Metodista de São Paulo. V.15, n.15, 2009, p. 26. Disponível em:

<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/view/677/678>. Acesso em: 01 dez. 2023.

NETTO, Geraldino Alves Ferreira. **Tatuagem**: uma escrita do inconsciente? Este artigo está publicado no livro “Semiótica Psicanalítica, Clínica da Cultura”, de Lúcia Santaella e Fani Hisgail (Org.), Editora Iluminuras, 2013, São Paulo, S.P. Criado: 01 Agosto 2016 | Atualizado: 01 Agosto 2016. Associação Livre. Ensino continuado de psicanálise. 2016, p. 02. Disponível em: <https://www.associacaolivre.com.br/blog/artigo/tatuagem-uma-escrita-do-inconsciente>. Acesso em: 01 nov. 2023.

O GLOBO. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CjEOzGrjfcU/>. Acesso em: 28 set. 2022.

OSBORNE, Grant R. **Apocalipse**: comentário exegético. São Paulo: Vida Nova, 2014. p. 767;

PADILHA, Alexandre. **Homem se entrega à polícia após ser filmado sufocando o enteado**: padrasto de menino de 4 anos foi encaminhado para o 76º DP, em Niterói, informou site. Diário de São Paulo. Colaborador Publicado em 16/09/2022, às 22h49. Disponível em: <https://spdiario.com.br/noticias/policia/homem-se-entrega-a-policia-apos-ser-filmado-sufocando-o-enteado.html>. Acesso em: 26 set. 2022.

PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (Orgs.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.

PAVAN, Maria Ângela; SILVA, Josimey C. Tatuagem: cultura de massa e afirmação subjetiva incorporadas. **Revista Signos do Consumo** – V. 2, N.1, 2010, p. 70. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/signosdoconsumo/article/view/44362/47983>. Acesso em: 02 nov. 2023.

PERVIN, Lawrence A.; JOHN, Oliver P. **Personalidade, teoria e pesquisa**. 8. Ed. São Paulo: Artmed. 2008, p. 22-23. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=e0I4prXA69kC&oi=fnd&pg=PA8&dq=Personalidade,+teoria+e+pesquisa&ots=YTh8h0rWdA&sig=E5eERyHge8bB_Rq5Lfgkp6FXdN4#v=onepage&q=Personalidade%2C%20teoria%20e%20pesquisa&f=false. Acesso em: 24 ago. 2021.

PINHO, Mírian Ximenes. **O rito (fúnebre) individual do neurótico em tempos de dessocialização da morte e do luto**: uma leitura psicanalítica das tatuagens *in memoriam*. Tese (Doutorado – Programa de Estudos Pós-Graduados de Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, 2015. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/17124/1/Miriam%20Ximenes%20Pinho.pdf>. Acesso em: 04 out. 2022.

PINTO, Ênio Brito. Espiritualidade e Religiosidade: Articulações. **Revista de Estudos da Religião**. dezembro / 2009 / pp. 68-83 ISSN 1677-1222, p. 73.

Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv4_2009/t_brito.pdf. Acesso em: 01 mai. 2023.

POPPOVIC, Ana Maria; ESPOSITO, Yara Lúcia; CRUZ, Léa Maria Chagas. Marginalização Cultural: uma metodologia para seu estudo. **Cadernos de Pesquisa Dialnet**, Fundação Carlos Chagas. n. 14, 1975, p. 12. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6209200>. Acesso em: 22 jul. 2021.

PRIETO, Gustavo Francisco Teixeira. Sob o império da grilagem. **Terra Brasilis** (Nova Série) [Online], n.8, p.12, 27 jun. 2017. Disponível em: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/2137>. Acesso em: 14 jul. 2021.

PRISZKULNIK, Léia. A criança sob a ótica da Psicanálise: algumas considerações. **PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora**, V. 5, n.1, 2004, p. 72. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psic/v5n1/v5n1a09.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2021.

PROVESANO, Felipe Bonfante. **A memória afetiva na tatuagem**: análise da representação de pessoas. Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Publicidade e Propaganda, da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. ANIMA Educação. 2021, p. 13. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/20502/1/mem%c3%b3ria%20afetiva%20na%20tatuagem.pdf>. Acesso em: 29 out. 2023.

PUTTI, Alexandre. Dez afirmações de Bolsonaro que vão contra o que a Páscoa representa ao defender a tortura. **Carta Capital**. 21 abr. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/10-afirmacoes-de-bolsonaro-que-va-contra-o-que-a-pascoa-representa/>. Acesso em: 13 jul. 2021.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. Dupla e múltipla pertença religiosa no Brasil. **Estudos de Religião**, v. 32, n. 3 • 93-115 • set.-dez. 2018 • ISSN Impresso: 0103-801X – Eletrônico: 2176-1078. 2018, p. 96. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/8655/6471>. Acesso em: 16 nov. 2023.

REVISTA BRUTUS, **Significado da tatuagem de coruja**. Disponível em: <https://www.revistabrutus.com.br/significado-da-tatuagem-de-coruja/>. Acesso em: 21 nov. 2023.

RODRIGUES, Cleber. **MC Guimê e Cara de Sapato devem ser ouvidos nesta semana sobre acusação de importunação sexual no BBB**. CNN Brasil. 20/03/2023 às 10:51 | Atualizado 20/03/2023 às 12:18. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/mc-guime-e-cara-de-sapato-devem-ser-ouvidos-nesta-semana-sobre-acusacao-de-importunacao-sexual-no-bbb/>. Acesso em: 23 jun. 2023.

RODRIGUES, V.S. **Função Social da Escola**: a contribuição do projeto escola da vida. 2019. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Teologia, Faculdades Est, São Leopoldo, 2019, p. 107-109. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/BR->

SIFE/1005/rodrigues_vs_tmp.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 24 ago. 2021.

RUSSELL, Jeffrey B; ALEXANDER, Brooks. **História da Bruxaria**. Traduzido por Álvaro Cabral, Willian Lagos. – 2ª Ed.- São Paulo: Aleph, 2019, p. 241.

SÁ, Tersa. Pensar o espaço segundo Milton Santos, Marc Augée Manuel Castells. IS Working Papers. FCT – Fundação para Ciência e Tecnologia. **Instituto de Sociologia**. 3.ª Série, n.º 40, 2016, p.7. Disponível em: https://isociologia.up.pt/sites/default/files/working-papers/wp40_161114024922.pdf. Acesso em: 23 jul. 2021.

SAIONETI, Leandro. Por que o pentagrama invertido é o símbolo da magia negra? Ao longo dos séculos, símbolo foi associado a culturas antigas, à alquimia, ao cristianismo medieval, à Igreja de Satã e até aos Illuminati! História do Mundo Estranho. **Revista Super Interessante**. Atualizado em 26 abr 2023, 15h29 - Publicado em 21 dez 2017, 15h51. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/por-que-o-pentagrama-invertido-e-o-simbolo-da-magia-negra>. Acesso em: 23 nov. 2023.

SALDANHA, L. G. **(Re) significação da tatuagem através da moda**. 129p. Monografia (Bacharelado em moda) – Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2011, p. 19.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo : Brasiliense, 2006. - (Coleção primeiros passos ; 110) 12ª reimpr. da 16ª. ed. de 1996. p. 23.

SANTOS, Laurício Antônio Tissot dos. **Na pele de Goi tatto**. Texto elaborado a partir do artigo “Na pele de Goi tatto”, de Laurício Antonio Tissot dos Santos, sob orientação da Profª Drª Ivana Nicola, para a disciplina História da Arte 3 (2003), curso de Artes Visuais Licenciatura, Instituto de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande. Disponível em: http://www.sabercom.furg.br/bitstream/1/1432/1/Uma_breve_historia_da_tatuagem_revisado_.pdf. Acesso em: 14 out. 2023.

SCHOLLES, Flávio. **Biografia**. VRS 873, KM 7. Nº 98 - São José do Herval Morro Reuter/Rs – Brasil © 2023. Atelier Flávio Scholles. Todos os direitos reservados, p.12. Disponível em: <https://www.fscholles.net/biografia.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2023.

SCHULTZ, Adilson. **Deus está Presente – O diabo está no meio**: o protestantismo e as estruturas teológicas no imaginário religioso brasileiro. Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia da Faculdades Est (Tese de Doutorado). São Leopoldo: EST, 2005, p. 193.

SEYFETH, Giralda. **Identidade Étnica, Assimilação e Cidadania**: a imigração alemã e o Estado brasileiro. XVII Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, MG, 22-25 out. 1993, p. 2-3. Disponível em: http://anpocs.com/images/stories/RBCS/26/rbcs26_08.pdf. Acesso em: 14 jul. 2021.

SILVA, Gilberto Lúcio da; PASSOS, Maria Consuelo. Um lugar para chamar de seu: uso de tatuagens por adolescentes em programas socioeducativos. **Estudos de Psicanálise** | Belo Horizonte-MG | n. 46 | p. 67–76 | dezembro/2016, p. 68. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n46/n46a07.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2023.

SILVA, Vagner Gonçalves da; REIS, Letícia Vidor de Souza; SILVA, José Carlos da. **Antropologia e seus espelhos: a etnografia vista pelos observados**. FFLCH-USP, 1994. p. 28.

SKLAR, Jay. **Leviticus: an introduction and commentary**. Nottingham: Inter-Varsity Press, 2013. p. 250.

SOUZA, Elza Maria de; ABRÃO, Fernanda Pires da Silva; ALMEIDA, Janayana Oliveira. Desigualdade Social, Delinquência e Depressão: Um Estudo com Adolescentes em Conflito com a Lei. **Rev. salud pública**. 13 (1): 13-26, 2011, p. 15. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/rsap/v13n1/v13n1a02.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2023.

SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Colaboradores André Grillo - Belo Horizonte: Editora UFMG, (Humanitas). 2009, 483 p.

SOUZA, Fernando Lucas Garcia de. **Da Margem a moda: o processo de desmarginalização da tatuagem - um olhar a partir da prática contemporânea da tatuagem na cidade De Três Lagoas – MS. Democracias e ditaduras no mundo contemporâneo**. XII Encontro da Associação Nacional de História. Seção Mato Grosso do Sul. 13 a 16 de outubro de 2014. UFMS/CPAQ – Aquidauana –MS. 2014, p. 07. Disponível em: http://www.encontro.ms.anpuh.org/resources/anais/38/1410013896_ARQUIVO_Damargemamoda-FernandoGarcia.pdf. Acesso em: 20 out. 2023.

TAMIR, Avraham; BÉVIA, Francisco Ruiz. **El símbolo do infinito**. Departamento de Engenharia Química, Ben-Gurion University of the Negev (Israel) e Departamento de Engenharia Química, Universidade de Alicante (Espanha). Disponível em: https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/36741/1/El_simbolo_de_infinito.pdf. Acesso em: 26 jun. 2023.

TEIXEIRA, Saul. **Unidade da Fase em Porto Alegre retoma Curso Básico de Tatuagem**: iniciativa é realizada em parceria com a Defensoria Pública e conta com apoio do Ministério Público. Publicação: 06/10/2023 às 10h52min. Secretaria de Sistemas Penal e Socioeducativo. Fundação de Atendimento Socioeducativo – FASE, RS. Disponível em: <https://www.fase.rs.gov.br/unidade-de-fase-em-porto-alegre-retoma-oficina-de-tatuagem>. Acesso em: 22 out. 2023.

THEODORO, Juliana. **O que são Arquétipos?** Significados © 2011-2022. 7Graus. Disponível em: <https://www.significados.com.br/arquetipo/>. Acesso em: 12 out. 2022).

TOSCAN, Márcia. **O corpo indelével: tatuagens em presidiários.** Universidade Fernando Pessoa (Tese de Doutorado). Porto: 2021, p. 140-141. Disponível em: <https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/10930>. Acesso em: 20 nov. 2023.

VIANA, Alexandra Peixoto; PEIXOTO, Maria Angélica; VIANA, Nildo. **As Aventuras de Karl Marx contra o deus dinheiro.** Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Inhumas, Brasil Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil. 5ª Jornada Internacional de História em Quadrinhos. 22 a 24 de agosto de 2018. Escola de Comunicação e artes da USP. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/anais2ajornada/anais5asjornadas/q_historia/alexandra_et_al.pdf. Acesso em: 11 jun. 2023.

VIANA, Nildo. **Tio Patinhas a saga de um capitalista.** Universidade Federal de Goiás. 9ª Arte - São Paulo, vol. 4, n. 1, 1º semestre/2015 p.35. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/nonaarte/article/view/136973/132750>. Acesso em: 09 jun. 2023.

WALTON, John H.; MATTHEWS, Victor Harold; CHAVALAS, Mark W. **The IVP Bible background commentary: Old Testament.** Downers Grove: InterVarsity Press, 2000. p. 144.

YÉPEZ, Martha A. Travesso; PINHEIRO, Verônica de Souza. Adolescência, Saúde e Contexto Social: esclarecendo Práticas. **Psicologia & Sociedade** da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Natal, v.14 n.2, p. 136, jul./dez.2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/WS4npPRyzDxbJv3xdHKmP9f/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 jul. 2021.